



VOLUME 63

**LUZIANE DE ASSIS RUELA SIQUEIRA
MARIA ANGÉLICA CARVALHO ANDRADE
GILEAD MARCHEZI TAVARES
(orgs.)**

Cartas femininas

Por uma escrita afetiva



Esta obra foi selecionada para integrar a “Coleção Pesquisa Ufes”, a partir de Chamada Pública feita pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) aos programas de pós-graduação da universidade.

A seleção teve por base pareceres que consideraram critérios de inovação, relevância e impacto.

O financiamento da Coleção foi viabilizado por meio do Programa de Apoio à Pós-Graduação (Proap) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e de recursos do Tesouro Nacional.



**Universidade Federal
do Espírito Santo**



Editora Universitária – Edufes

Filiada à Associação Brasileira
das Editoras Universitárias (Abeu)

Av. Fernando Ferrari, 514
Campus de Goiabeiras
Vitória – ES · Brasil
CEP 29075-910

+55 (27) 4009-7852
edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor

Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-reitor

Roney Pignaton da Silva

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Valdemar Lacerda Júnior

Chefe de Gabinete

Aureo Banhos dos Santos

Diretor da Edufes

Wilberth Salgueiro

Conselho Editorial

Ananias Francisco Dias Junior, Eliana Zandonade,
Eneida Maria Souza Mendonça, Fabrícia Benda
de Oliveira, Fátima Maria Silva, Gleice Pereira,
Graziela Baptista Vidaurre, José André Lourenço,
Marcelo Eduardo Vieira Segatto, Margarete Sacht
Góes, Rogério Borges de Oliveira, Rosana Suemi
Tokumaru, Sandra Soares Della Fonte

Secretaria do Conselho Editorial

Douglas Salomão

Administrativo

Josias Bravim, Washington Romão dos Santos

Seção de Edição e Revisão de Textos

Fernanda Scopel, George Vianna,
Jussara Rodrigues, Roberta Estefânia Soares

Seção de Design

Ana Elisa Poubel, Juliana Braga,
Samira Bolonha Gomes, Willi Piske Jr.

Seção de Livraria e Comercialização

Adriani Raimondi, Ana Paula de Souza Rubim,
Dominique Piazzarollo, Marcos de Alarcão,
Maria Augusta Postinghel



Este trabalho atende às determinações do Repositório Institucional do Sistema Integrado de Bibliotecas da Ufes e está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Para ver uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>.



Diretor da Graúna Digital

Thiago Moulin

Supervisão

Laura Bombonato

Seção de edição e revisão de textos

Carla Mello | Natália Mendes | José Ramos
Manuella Marquetti | Stephanie Lima

Seção de design

Carla Mello | Bruno Ferreira Nascimento

Projeto gráfico

Edufes

Diagramação e capa

Bruno Ferreira Nascimento

Revisão de texto

MC&G Editorial

Ilustrações

Raphaela Denin Rocha Marques

Fotografia da capa por

Punnarong em

<https://istockphoto.com>.

Esta obra foi composta com
a família tipográfica Crimson Text.

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C322 Cartas femininas [recurso eletrônico] : por uma escrita afetiva /
Luziane de Assis Ruela Siqueira, Maria Angélica Carvalho
Andrade, Gilead Marchezi Tavares (organizadoras). - Dados
eletrônicos. - Vitória, ES : EDUFES, 2023.
358 p. : il ; 21 cm. - (Coleção Pesquisa Ufes ; 63)

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7772-550-2

Modo de acesso: <https://repositorio.ufes.br/handle/10/774>

1. Feminismo. 2. Mulheres. 3. Cartas. I. Siqueira, Luziane de
Assis Ruela. II. Andrade, Maria Angélica Carvalho. III. Tavares,
Gilead Marchezi. IV. Série.

CDU: 159.9

Elaborado por Ana Paula de Souza Rubim – CRB-6 ES-000998/O

**LUZIANE DE ASSIS RUELA SIQUEIRA
MARIA ANGÉLICA CARVALHO ANDRADE
GILEAD MARCHEZI TAVARES
(orgs.)**

Cartas femininas

Por uma escrita afetiva

 **EDUFES**

Vitória, 2023

Vitória, 20 de novembro de 2020

Prezada,

Iniciamos esta conversa com lembranças de um tempo vivido, um tempo onde trocávamos diálogos no formato de cartas, uma forma de manter conexões com amigos e amigas distantes, geograficamente, mas próximos do coração. Como nos diz Galeano, recordar vem do latim re-cordis, voltar a passar pelo coração. Desejamos neste livro voltar a passar esta experiência de escrever cartas por novos afetos, como forma de (re)conectar com amigos e amigas.

Em tempos tão difíceis como o que estamos vivendo, escrever cartas para nos "lembrar do que não podemos esquecer", nos parece essencial para fazer frente aos poderes que vêm produzindo individualismo, isolamento e solidão. Buscamos, na composição deste livro, resistir aos "infantes da alma", como nos diz Bata (2015).

Compreendemos que nós, mulheres, vivenciamos múltiplos desafios de ser mulher hoje, desafios que foram vivenciados por mulheres desde a antiguidade, que se atualizam em novos corpos na contemporaneidade. Temos muito a dizer acerca desses desafios de nos constituirmos como mulheres em diversos espaços, mas ao mesmo tempo, lidamos com uma

espaço limitado para as nossas narrativas. Buscamos
nos ouvir pela leitura de cartas que narrem a
experiência dos modos como você, querida mulher,
lida com os desafios cotidianos, quais as estratégias
de sobrevivência e resistência são construídas numa
constituição de um corpo feminino que insiste
em existir!

Agora, convidamos você, querida mulher e amiga,
a compor este livro - resistência, conosco!

Sua participação será na escrita de uma carta
(formato descrito nas Instruções para Autoras), com
um relato individual (ou coletivo), narrando como
é ser mulher hoje: os desafios e os modos de
resistência que você percebe habitar em seu corpo,
em suas reflexões, em suas inquietações.

Agradecemos a parceria e a ajuda!

Beijos,

Angelica, Gilvân e Lour

Expressamos nossa imensa gratidão:
às mulheres-autoras das cartas afetivas,
às mulheres que nos antecederam,
às mulheres que estão conosco, ao lado,
às que nos seguirão, na continuidade das lutas e apostas.
À PRPPG/Ufes, pela publicação desta obra.

Prefácio

Ae aea ae, aea ae, aea eeh

Pa, pa, pa, papa....

Ae aea ae, aea ae, aea eeh

Pa, pa, pa, papa....

María, María, es un don, es el sueño

El dolor y una fuerza que nos alerta

Una mujer que merece vivir y amar

Como otra mujer del planeta

Este livro tem muita, muita, água... não me refiro à tinta... mas às lágrimas que o escreveram e às lágrimas de quem vai estar com ele. São lágrimas de alegria, lágrimas de tristeza, lágrimas que caem para molhar a vida, que ajudam a explicar os dias que foram e os que virão. Lágrimas do tempo, que nos permitem viver mais.

Elas juntas viram mais que um livro, viram um rio, correnteza, espuma, arrastam margens, têm ritmo, dançam no vento, espalhando seus sons e cheiros... elas viram mar. Sim, cada gota que desce responde ao chamado íntimo da terra. Dizem: sim! Algumas pessoas denominam esse chamado de lei da gravidade, mas aprendi, lendo este livro, que se trata de uma lei de pertencimento. Nós pertencemos intimamente à terra: umas às outras.

Pertencer hoje não é tarefa fácil, mas aqui esse chamado íntimo foi respondido com cartas lançadas ao mar. Cartas escritas por mulheres para o mundo. O convite de escrever cartas chega em um tempo no qual as lonjuras são imensas, as dores não são aconchegadas em um abraço largo, elas se ajeitam, como podem, nas brechas que conseguimos encontrar entre uma virtualidade e outra, fazendo com que as lágrimas escorram lentamente ou pulem dos olhos para afirmar o pertencimento.

María, María es el sol, es calor, es sudor,
Y una lágrima que corre lenta
De una gente que ríe cuando debe llorar
Y no vive, apenas aguanta

São as cartas que nos fazem estar perto e chegar perto. As cartas são escritas do tempo, de um tempo que pulsa forte e nos pede que mudemos o mundo, que — de uma vez por todas — façamos parte da terra. Possamos dormir e acordar coladas ao planeta, percebendo sua respiração — como expande, hummmmmm, e contrai, hammmmm —, fazendo com que o mundo entre mais em nós produzindo (os) sentidos. Cada uma encontrou sua forma de responder. O curioso é que estamos escritas nestas palavras. Elas se dirigem a nós. Elas falam de nós. Elas falam conosco, respiram-nos.

Pero hace falta la fuerza
Hace falta la raza
Hacen falta las ganas siempre
Dentro del cuerpo y las marcas
Maria Maria confunde dolor y alegría
Pero hace falta la maña
Hace falta la gracia
Hacen falta los sueños siempre
Dentro la piel y esas marcas
Posee la extraña manía de creer en la vida

Ae aea ae, aea ae, aea eeh

Estas cartas existem para nos lembrar que a terra nos convida sempre, não desiste de nós. Ela nos chama, mantém-nos colados a ela. A gravidade, mais que uma lei, é seu convite convicto para pertencer intimamente à terra. As cartas que foram escritas aqui foram forjadas em corpos colados e, por isso, capazes de partilhar histórias

e com elas fazer a terra existir um pouco mais. A lei da gravidade é essa lei de pertencimento, da experiência radical de estar juntas, de sermos livres, porque podemos dançar redondo nesse chão. Eu gostaria de ter conseguido transcrever um monte de frases para espalhar pelo prefácio, queria mostrar que estas cartas são sobre você, sobre mim, sobre nós. Não consegui sozinha, preciso de vocês para isso. Recortem, copiem, leiam de novo, todos os pedacinhos que lhe falam, que conversam contigo.

Una mujer que merece vivir
y amar como otra mujer del planeta
Ae aea ae, aea ae, aea eeh
De una gente que ríe cuando debe llorar
Y no vive, apenas aguanta

Ae aea ae, aea ae, aea eeh

Pa, pa, pa, papa....

Enquanto li o livro, assim como enquanto escrevo este prefácio, escuto Mercedes Sosa em meu corpo. Ela canta para mim na voz de minha mãe, seu tambor faz com que meu coração compasse nesse ritmo ancestral e coletivo. Ao trazer a letra da música para cá, surpreendi-me com a frase “Y no vive, apenas aguanta”. Mas a música não termina aí. O tambor segue e nos convida à roda. Para aguentar, porque estamos em roda e ali afirmamos a vida do planeta todo. Cada lágrima colada aglomera o mundo e nos faz pertencer mais.

Sigamos, hermanas! Las gracias son muchas! Nosotros somos muchas!

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 2021.

Alexandra Tsallis.

Sumário

Apresentação	23
---------------------------	-----------

Luziane de Assis Ruela Siqueira

Maria Angélica Carvalho Andrade

Gilead Marchezi Tavares

PARTE 1: CARTAS GERACIONAIS

Cartas às Lus.....	29
---------------------------	-----------

Luziane de Assis Ruela Siqueira

Luiza Ruela Siqueira

Escritos sobre ancestralidade: uma carta para Iku e para as mulheres que me constituíram.	35
---	-----------

Luizane Guedes Mateus

Sobre Tecnologias de Sobrevivência.....	39
--	-----------

Referências	41
--------------------------	-----------

Do ventre à vida: uma carta feminista.....	43
---	-----------

Fernanda Cô e Gomes Tardin

Jamine Ronacher Passos Silva

Bárbara Sthefany de Paula Lacerda

Maria Angélica Carvalho Andrade

Referência.....	53
------------------------	-----------

Carta às meninas de hoje, as mulheres do amanhã	54
--	-----------

Adriana Ilha da Silva

Referências	62
--------------------------	-----------

Carta aberta às juventudes 63

Andreina del Rocío Saá Calle

Juliana Amaral Dias Cordeiro

Luziane de Assis Ruela Siqueira

Maria Elisabeth Bussular Franquini

Marina Francisqueto Bernabé

Referências 69

Carta a uma jovem pesquisadora 70

Alana Araujo Corrêa Simões

Camila Tobio Emmerich

Jéssica Mariana Parrilha da Silva

Referências 79

Sobre lembrar e esquecer nos atos de cuidado entre mulheres 81

Ana Lucia Coelho Heckert

Referências 92

**Carta para as meninas, mulheres da minha vida, Cristina (76 anos),
Flora (16 anos) e Sol (6 anos) 94**

Alexandra Tsallis

Carta à Helena em tempos de calmaria 100

Ethel Leonor Noia Maciel

PARTE 2
CARTAS RACIAIS E TERRITORIAIS

Carta à Conceição Evaristo	108
---	------------

Rita de Cássia Duarte Lima

Referência.....	117
-----------------	-----

Con-versas fronteiriças: experiências e conexões formativas de mulheres da Abya Yala	118
---	------------

Antonella Barone

Ileana Wenez

Marcia Roxana Cruces Cuevas

Referências	128
-------------------	-----

A fuga de Cazaleah	130
---------------------------------	------------

Patrícia Duarte Deps

As nascidas e criadas: protagonismo das mulheres quilombolas na periferia urbana.....	140
--	------------

Jeanine Pacheco Moreira Barbosa

Denise Barbieri Biscotto

Manuella Ribeiro Lira Riquieri

Rita de Cássia Duarte Lima

Marly Rodrigues Gabriel

Maria Angélica Carvalho Andrade

Primeiras palavras.....	140
-------------------------	-----

A carta	142
---------------	-----

Referências	151
-------------------	-----

As nascidas e criadas: histórias e saudações quilombistas	154
--	------------

Olindina Cirilo Nascimento Serafim

Carta em resposta à comadre Joelma.....	155
---	-----

Referências	158
-------------------	-----

O canto do Uirapuru na terra do Sol Nascente.....	160
--	------------

Yumi

Carta às intelectuais negras: tecendo fios de pesquisa-vida com as mulheres cujos passos vêm de longe.....	166
---	------------

Ketle Silva

Referência.....	171
-----------------	-----

Ritmar, sambar e cartografar: movimentos insurgentes de mulheres re-existem	173
--	------------

Carla de Souza Campos

Marcia Roxana Cruces Cuevas

Referências	181
-------------------	-----

O uirapuru canta, mas quem estará disposto a escutá-lo? Carta para irmã Cleusa Carolina Rody Coelho.....	183
---	------------

Renata Bomfim

Flores, lamas e pedaços de um recolhimento.....	190
--	------------

Giovana Xavier

Referências	193
-------------------	-----

PARTE 3

CARTAS DE AMOR E DOR

Amor entre mulheres: a aposta no erro como a liberdade de um corpo errante..... 195

Marina Francisqueto Bernabé

Luziane de Assis Ruela Siqueira

Rebeca Lyssa Ferrarez Gôlo

Joyce Maia Duval

Referências..... 203

Sujando as palavras: uma carta endereçada àquelas que temem o fantasma da puta 205

Adriely Clarindo

Referências 214

Uma carta, múltiplos olhares – costurando escritas de tramas aborteiras..... 216

Antonella Barone

Bárbara Cunha

Eulália Veloso

Isabela Fonseca

Juliana Lobo

Marina Jacobs

Marina Schuwarten

Yvie Sarmento

Nota Ética..... 216

O desenrolar da trama: sobre a potência de tecer encontros..... 219

Outros modos de sentir e pensar o aborto: uma aposta ética e política.... 220

(Em)tramados coloridos: alguns desfechos..... 224

Referência.....	225
A Carta Surda.....	227
<i>Shirley Vilhalva</i>	
Não há limite entre o desejo, o querer e o prazer!.....	235
<i>Shirley Vilhalva</i>	
Mulher: despert-a-dor.....	238
<i>Thaís Gusmão Lima</i>	
<i>Erika Maria Sampaio Rocha</i>	
<i>Jeanine Pacheco Moreira Barbosa</i>	
<i>Maria Angélica Carvalho Andrade</i>	
Carta à mulher que dorme em mim	238
Referências	245
Maternidades possíveis – uma escrita entre vozes	246
<i>Ivana Carneiro Botelho</i>	
<i>Sabrina Ribeiro Cordeiro</i>	
Introdução	246
Referências	253
As trabalhadoras de saúde: atualizando memórias de uma luta coletiva	254
<i>Stephania Mendes Demarchi</i>	
<i>Jeanine Pacheco Moreira Barbosa</i>	
<i>Maria Cristina Silva Medeiros Corrêa</i>	
<i>Maria Angélica Carvalho Andrade</i>	
Notas das autoras:	262
Referências	263

Carta às gestantes de alto risco.....	266
--	------------

Mayara Ciciliotti da Silva

Referência.....	270
------------------------	------------

O que ninguém viu e ouviu, mas foi dito: a mulher e a Zika	271
---	------------

Camila Marchiori Pereira

Sibelle Maria Martins de Barros

Maria Angélica Carvalho Andrade

Referências	279
--------------------------	------------

Mulheres-educadoras-trapezistas no grande espetáculo da vida-educação	280
--	------------

Maria Angélica Carvalho Andrade

Rita de Cássia Duarte Lima

Ana Claudia Pinheiro Garcia

Eliane de Fátima Almeida Lima

Jeanine Pacheco Moreira Barbosa

Introdução	280
-------------------------	------------

Referências	289
--------------------------	------------

Cartas marcadas pelo peso do corpo nas entrelinhas de vidas femininas	291
--	------------

Manuella Ribeiro Lira Riquieri

Breve contextualização	291
-------------------------------------	------------

Referências	296
--------------------------	------------

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz”	297
--	------------

Ana Rita Vieira de Novaes

Ser mulher	297
Males do corpo e da alma	299
Vai dar tudo certo!	301
O tratamento	304
Nasce uma nova mulher	305
Referências	305

Sororidade no direito: gritos por justiça..... 307

Thainá Pacheco Moreira Barbosa

Jeanine Pacheco Moreira Barbosa

Carmem Cristina Araújo de Souza

Layla Bolzan Lindoso

Maria Angélica Carvalho Andrade

A Carta	307
Referências	317

Quando meus silêncios se juntam ao de mais mulheres

se torna coro..... 319

Ana Paula Figueiredo Louzada

Danielen Fernandes Brandão

Stéfani Martins Pereira

Referências	327
-------------------	-----

Carta a todas as mulheres do mundo 328

Maria Elizabeth Barros de Barros

Referências	340
-------------------	-----

Sobre as mulheres-autoras..... 342

Adriana Ilha da Silva.....342

Adriely Clarindo342

<i>Alana Araujo Corrêa Simões</i>	342
<i>Alexandra Tsallis</i>	343
<i>Ana Claudia Pinheiro Garcia</i>	343
<i>Ana Lucia Coelho Heckert</i>	343
<i>Ana Paula Figueiredo Louzada</i>	343
<i>Ana Rita Vieira de Novaes</i>	343
<i>Andreina del Rocío Saá Calle</i>	344
<i>Bárbara Sthefany de Paula Lacerda</i>	344
<i>Camila Marchiori Pereira</i>	344
<i>Camila Tobio Emmerich</i>	344
<i>Carla de Souza Campos</i>	344
<i>Carmem Cristina Araújo de Souza</i>	344
<i>Danielen Fernandes Brandão</i>	345
<i>Denise Barbieri Biscotto</i>	345
<i>Eliane de Fátima Almeida Lima</i>	345
<i>Erika Maria Sampaio Rocha</i>	345
<i>Eulália Stefânia Silva Veloso</i>	346
<i>Ethel Leonor Noia Maciel</i>	346
<i>Fernanda Cô e Gomes Tardin</i>	346
<i>Giovana Xavier</i>	346
<i>Heloísa Bárbara Cunha Moizéis</i>	347
<i>Ileana Wenez</i>	347
<i>Isabela Valverde Fonseca</i>	347
<i>Ivana Carneiro Botelho</i>	347
<i>Jamine Ronacher Passos Silva</i>	348
<i>Jeanine Pacheco Moreira Barbosa</i>	348
<i>Jéssica Mariana Parrilha da Silva</i>	348
<i>Joyce Maia Duval</i>	348
<i>Juliana Amaral Dias Cordeiro</i>	349
<i>Juliana Aguilera Lobo</i>	349
<i>Kettle Silva</i>	349
<i>Layla Bolzan Lindoso</i>	349
<i>Luiza Ruela Siqueira</i>	349

<i>Luizane Guedes Mateus</i>	350
<i>Zuziane de Assis Ruela Siqueira</i>	350
<i>Manuella Ribeiro Lira Riquieri</i>	350
<i>Marcia Roxana Cruces Cuevas</i>	350
<i>Maria Angélica Carvalho Andrade</i>	351
<i>María Antonella Barone</i>	351
<i>Maria Cristina Silva Medeiros Corrêa</i>	351
<i>Maria Elizabeth Barros de Barros</i>	351
<i>Maria Elisabeth Bussular Franquini</i>	351
<i>Marina Francisqueto Bernabé</i>	352
<i>Marina Jacobs</i>	352
<i>Marina Schuwarten Furbino de Pinho</i>	352
<i>Marly Rodrigues Gabriel</i>	352
<i>Mayara Ciciliotti da Silva</i>	353
<i>Olindina Cirilo Nascimento Serafim</i>	353
<i>Patrícia Duarte Deps</i>	353
<i>Rebeca Lyssa Ferrarez Gôlo</i>	353
<i>Renata Oliveira Bomfim</i>	353
<i>Rita de Cássia Duarte Lima</i>	354
<i>Sabrina Ribeiro Cordeiro</i>	354
<i>Sibelle Maria Martins de Barros</i>	354
<i>Shirley Vilhalva</i>	354
<i>Stéfani Martins Pereira</i>	355
<i>Stephania Mendes Demarchi</i>	355
<i>Thainá Pacheco Moreira Barbosa</i>	355
<i>Thaís Gusmão Lima</i>	355
<i>Yumi</i>	355
<i>Yvie Cristhine Sarmiento Silva dos Santos</i>	355
 Sobre a mulher-ilustradora	 356
<i>Raphaela Denin Rocha Marques</i>	356
 Sobre as mulheres-organizadoras	 356

Luziane de Assis Ruela Siqueira.....356

Maria Angélica Carvalho Andrade356

Gilead Marchezi Tavares357

Apresentação

Luziane de Assis Ruela Siqueira
Maria Angélica Carvalho Andrade
Gilead Marchezi Tavares

Como apresentar este livro? Um livro composto de cartas. Um livro composto de cartas femininas. Um livro em que o feminino comparece com toda a sua vitalidade, potência, sofrimento, diversidade, alegria. O feminino que arrisca exercícios de resistência e liberdade, que inventa e cria os contornos do ser mulher, que afirma a direção para a produção das lutas cotidianas e históricas. Um livro que traceja caminhos acompanhando o movimento ético, estético e político, no qual o feminino está em constante constituição. Um livro que busca encontrar-se com o devir-mulher pela escrita de cartas.

Tudo começa pelo meio... No meio do trabalho de ensino, de pesquisa, de extensão, na entrada num trabalho remoto, no meio de uma pandemia e um pandemônio, no entre trabalhos profissionais e de cuidadoras (seriam diferentes?): *um convite*. Uma carta com um convite numa arte em vermelho. Vermelho de sangue, da

menstruação, do parto, da VIDA que transita em nossos corpos femininos inundados de memórias. Essa vida pede para falar e ser ouvida, essa vida pede por compartilhamento de experiências. Às vezes, ela não pede, ela exige! Porque é urgente, porque está à flor da pele, porque há emergências a serem cuidadas. O convite foi um dispositivo de cuidado entre nós para os tempos em que vivemos. Em meio à perda de quase 500 mil vidas, convidamos a uma parada para olhar-mo-nos. Como estamos? Como chegamos até aqui? O que desejamos às gerações futuras?

Um livro composto de cartas não é um livro para nostalgias, saudade de um tempo em que o mundo girava mais lento. A carta é o instrumento mais potente de convocação às afetações, à saída de um corpo apático. Nunca paramos de escrever cartas. Fazemos-as em sigilo, nos cadernos, nas folhas soltas, no verso de boletos de cobrança, nos e-mails, nos WhatsApp, nos *directs*, nos Messenger. Não, definitivamente nunca deixamos de escrever cartas. Às vezes, elas não chegam ao destinatário, porque são escritas para nós mesmas. Por outras, elas chegam e chegam mansas ou ferozes, tímidas ou diretivas.

Talvez, este livro composto por cartas, instrumento de afetações, escritas apenas por mulheres, possa ser um dispositivo experiencial para quem o ler. Um dispositivo que responde à pergunta “o que pode uma mulher?”.

Encontrarão no livro cartas escritas por mulheres diversas e múltiplas. São 30 cartas, que dividimos em três capítulos: “1 – Cartas geracionais”, “2 – Cartas raciais e territoriais” e “3 – Cartas de amor e dor”. A divisão dos capítulos deve ser pensada apenas como uma distinção, nunca como uma separação ou distanciamento, pois as cartas se conectam, tangenciam-se, agenciam-se. São todas cartas especiais e, por isso, fazer tal divisão em capítulos foi uma tarefa muito difícil. Podemos dizer que as cartas femininas são transversais, articulam-se entre si sem qualquer grau de hierarquização e sem, tampouco, qualquer homogeneização.

No capítulo que intitulamos de “Cartas geracionais”, fomos guiadas por uma convocação a pensar o tempo como duração, ou seja, a partir do seu caráter de passagem que mantém passado, presente e futuro como indiscerníveis e como coexistentes entre si. Assim, o presente, como campo instável, contém as forças de diferenciação que se instauram com a memória e a perspectiva do futuro. Uma carta de amor de mãe para filha, uma resposta afetuosa de filha para mãe, ambas conectando passado-presente-futuro. Os sentidos sendo aguçados e invocando a ancestralidade. A perspectiva de uma criança no útero que representa toda a luta feminista, as memórias, as dúvidas e as certezas maternas envolvidas no processo de criar uma nova mulher. A experiência infantil que guarda o tempo e funciona como dispositivo de formação, aliando-se à produção de saber. A afirmação da vida que se expressa no cotidiano de cuidados de uma filha à sua mãe portadora de Alzheimer. Uma carta escrita neste momento de turbilhão a uma mulher do futuro para que a fumaça do tempo não nos faça esquecer o que sentimos e passamos no agora. Cartas de afetos intensos às meninas de hoje que serão as mulheres do amanhã. Assim, nesse capítulo, tentamos juntar cartas em que a tradição comparece como memória, como acolhimento às mulheres por virem para que possam fazer e ser diferentes.

Em “Cartas raciais e territoriais”, a tentativa foi nos lançar no movimento do espaço-tempo das cartas, permitindo-nos uma deriva entre experiências de constituição de identidades femininas em processos históricos e em territórios diversos. Práticas sociais e territoriais tão longe e tão perto... Aproximar estas cartas diz da produção de uma zona de vizinhança que possa transformar as fronteiras em limiares e as identidades em performatividades. Na zona de vizinhança, encontramos a política da amizade que perfaz o encontro com Conceição Evaristo, suas histórias e escrevivências. As experiências formativas de mulheres em situação de trânsito entre territórios que produzem um comum entre elas, mulheres diversas e complexas de Abya Yala. Uma personagem que protagoniza lutas agonísticas ao ser obrigada a

deixar o quilombo no norte do estado do Espírito Santo (ES) e ir em busca de sobre-viver numa comunidade periférica de Vitória (ES), sem perder de vista a afirmação da ancestralidade das mulheres quilombolas. A carta de uma Nikkei que nos conta a jornada ao Japão, os desafios, os preconceitos, a persistência e os sonhos que precisam resistir. A afirmação da importância da produção intelectual de mulheres negras em todas as partes do mundo. Uma carta de agradecimento às mulheres negras, herdeiras de Tia Ciata, que possibilitam a existência do samba na Grande Santo Antônio (Vitória-ES) e vivem através de sua força ancestral esperando, coletivizando e resistindo aos desafios da contemporaneidade. Para ouvirmos o canto do uirapuru — o grito dos excluídos —, uma carta à irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, freira que há 35 anos foi martirizada e morta por defender os índios na Amazônia. Uma carta que apresenta a fundamental tarefa de acolher os silêncios para que se transformem em ideias, ideias de mulheres negras que precisam, cada dia mais, serem registradas por elas mesmas, nas suas muitas primeiras pessoas. Quem sabe a multiplicidade dessas cartas femininas possa nos fazer sentir certa vizinhança com a singularidade comum a todas nós.

No último capítulo, “Cartas de amor e dor”, nossos corpos, nossos ventres, nossos sexos, nossos modos de sentir e lutar são narrados com a perspicácia de quem sabe que constituímos uma polifonia. Muitas vozes que afirmam nossa existência política, que ama e sofre. Vozes que não podem ser silenciadas, uma vez que se expressam também nos gestos, nas ações, nos sentidos, nos movimentos de vir a ser neste mundo sempre *com* uma mulher. Uma carta que trata do amor entre mulheres, apostando na liberdade de um corpo feminino errante. Esgarçando as possibilidades em que uma puta pode falar e desfrutando das posições de prostituta e pesquisadora, leremos noutra carta não apenas as dores e experiências inusitadas correntes à prostituição, como o clamor pela necessidade de coalizão entre nós, distintas mulheres, a fim de solapar os silenciamentos e os estigmas que nos assombram. Assim também, uma carta nos encoraja a palavrarmos o que

tem sido silenciado secularmente, novos modos de gestar o sentir e o pensar sobre o aborto. Uma carta que reflete as emoções e sentimentos de uma mulher surda, descendente do povo indígena, professora, escritora, poetisa, militante nas causas surdas e pesquisadora sobre língua de sinais indígenas. O questionamento da invisibilidade do trabalho doméstico e da ideia de que esse seja destino natural das mulheres. Os fragmentos de cartas que retratam, num ano pandêmico, intensas trocas afetivas entre duas mulheres, mães, negras, psicólogas, que buscam reinventar no plano coletivo os sentidos e possibilidades de um maternar outro. Uma carta revela a dolorosa experiência materna na luta diária pela garantia de seus direitos e de seus filhos, enfrentando obstáculos decorrentes de uma política de saúde precária. A carta de uma mulher-mãe-educadora que se equilibra diariamente com pilhas de livros na cabeça, tarefas domésticas e de cuidado, tentando ter tudo sob controle, sem o direito de vacilar. O compartilhamento de experiências vividas por duas mulheres obesas que têm a vida marcada pela sua condição corporal. Cartas que dão voz aos silêncios e que fazem gritar as experiências de horror ao qual muitas mulheres são submetidas. E cartas que buscam criar uma fresta, um lampejo de luz, um respiro, enfim, uma possibilidade de reencantar o mundo. Poderíamos dizer que todas são cartas que nos fazem lembrar que nós mulheres sempre estivemos na linha de frente da vida e da morte, do amor e da dor.

Sim, este é um livro de afetações. Trata-se de um livro com a presteza de tocar e, assim, fazer-nos sentir... Uma experiência enovada que seja, mas que possa forjar novos territórios existenciais, mundos novos em que caibam e, ao mesmo tempo, transbordem a expressão das singularidades. As cartas são e não são pessoais. Nós temos uma história pessoal, uma linha do tempo, talvez. Mas toda história comporta vozes em conflito, nuances divergentes, lembranças obscurecidas. As mulheres que contam aqui suas histórias fazem-na por meio da memória viva, a memória que é a atualização de modos de ser, sentir e pensar de múltiplas mulheres. As vozes de uma multidão que tem a urgência de ser ouvida.

Parte 1:

Cartas geracionais



Cartas às Lus

Luziane de Assis Ruela Siqueira

Luiza Ruela Siqueira

Carta à Luiza

Sempre achei lindos os bordados de minha avó, apesar de não ter talento para fazer igual. Faltava-me destreza nas mãos, olhar apurado e paciência para tecer ponto a ponto o desenho imaginado. Lembro das tentativas de me ensinar, puxando linhas do tecido, duas linhas para alinhar por vez! Tentativa frustrada, pois o meu bordado insistia em não ficar igual, meus dedos teimavam em buscar quatro, cinco por vez...

Sempre achei lindas as pinturas de minha mãe, apesar de não ter dom para a pintura. Porcelanas, telas, panos de prato, toalhas, de tudo ela pintava. Eu não era afeita aos pinceis, eles não se acomodavam bem em minhas mãos, faltava-me sensibilidade de artista para amalgamar cores, intensidades, nuances. Lembro de vê-la pintando, produzindo uma linda dança, na qual bailavam seus longos dedos.

Encantava-me com a potência das tintas em suas mãos, as imagens que formavam, o processo de transformar a tela em branco em algo belo.

Sempre achei linda a dedicação de ambas à Maria, Nossa Senhora. Faltava-me o mergulho na fé. Uma era da Legião de Maria, a outra, consagrada à Comunidade de Vida. Apesar do amor mariano habitar em mim, não tinha a mesma intensa dedicação de alma.

Das heranças de minhas ancestrais, identifico a mesma sensibilidade no cuidar. Ambas cuidavam no jeito mineiro de acolher com o conforto da comida e do café. Talvez, falte-me a destreza com as panelas, apesar de herdar a rapidez de minha mãe. Talvez, falte-me tempo de cozinha, mergulhada no trabalho e no cotidiano da vida.

Escrever sobre minha avó me faz remexer o baú das lembranças: das violetas cultivadas na base da conversa, como se amigas fossem. Dos doces, da especialidade do pudim de leite condensado com uma calda de açúcar que nunca consegui reproduzir. Da força de uma mulher que pariu sete filhos e cuidou de mais um monte. Força que fazia as diferenças sumirem, reunindo todos aos domingos. Força de unir-se ao homem amado e escolhido, até o fim da vida, renovada nos terços rezados em uma única voz. E, no fim, a lembrança dos anéis lilás que peguei no ar, na alucinação de uma mente e de uma vida que tinha cumprido seu prazo neste planeta.

Escrever sobre minha mãe é habitar as lembranças em um baú que parece afundar nas profundezas do tempo, borrando as memórias, como que querendo apagar as marcas da vida. Da recente conversa, do amor não vivido, das dores, do casamento, dos filhos, da intensidade retomada da vida, hoje vejo a luz balançando ao sabor do vento, enfraquecendo, tal como uma vela que luta para permanecer acesa diante da escuridão.

Escrevo esta carta para você, minha filha. Para que não se esqueça de lembrar que você herda a força, a sensibilidade, o cuidar, a fé, a aposta no amor. Você também não tem jeito para o bordado, como eu. Mas desenha e lida com a cores, produzindo um bailado com suas mãos, como sua avó. Penso que muito do que as mulheres

de nossa família viveram habita aí em você, em uma memória que é herdada, compartilhada pela conexão entre nós.

Mas não só de arte e fé vivemos nós, mulheres de seu passado-presente. Vivências de muito trabalho, de um corpo, que, por ser feminino, era visto como múltiplo: para a lida, para servir, para ser usado, para ser admirado, para ser violado. Escrevo hoje como quem conversa, como quem divide para que você não passe pelos mesmos caminhos. Como quem cuida, como quem ama.

Sabe, nós mulheres fomos ensinadas a ser múltiplas, o que era (e é) visto como virtude, algo natural, inerente a ser mulher. Compreenda que isso é uma produção patriarcal sobre nós, para justificar opressões, abusos, sobrecarga de trabalho e acúmulo de funções. Tenho encontrado algumas autoras que falam disso e de muitas questões importantes que tratam de nós, dos femininos e dos feminismos, como Silvia Federici, Gayatri Spivak, Gloria Anzaldúa, Margareth Rago. Tem outras autoras que falam de mulheres com vivências diferentes das nossas, com violências mais cruéis, que marcam a alma e os corpos, que precisam ser lidas e ouvidas, como Angela Davis, Grada Kilomba, Lélia Gonzales, Patrícia Collins, vou lhe passar umas dicas de livros para você ler — tenho aprendido muito com elas. Algumas outras falam de forma literária e poética, como você tem ouvido de sua professora de Literatura, formas de escrita. Vou lhe contar sobre Conceição Evaristo. E sobre Alice Ruiz e seus poemas e letras de música. Todas essas mulheres me inspiram na leitura como encontro e acontecimento, não sou mais a mesma depois de “ouvi-las” nos textos, livros, poemas.

Isto é algo entre nós duas: o gosto pela leitura, a capacidade que sempre me encantou de degustar uma leitura, criando mundo, personagens, lugares, quase que tocando o que lia. Lembra dos livros que eu lia quando você era pequena? Aquele das mil e uma noites, o da bruxa, em que eu fazia as vozes, ensaiando a docência em mim?

E o mais importante do encontro com essas leituras: compreender que as mulheres produzem conhecimento, ciência, pensamento!

Porque esta é uma outra “verdade”: os homens são mais racionais, portanto, são mais afeitos à intelectualidade. Nós? Somos emocionais, passionais... Vamos juntas romper com isso, porque vejo em você um desejo de conhecimento importante. Da mesma intensidade que você adora descobrir novas músicas e bandas, e isso é lindo em você, tenha orgulho dessa sua habilidade e de seus desejos.

Temos muito em comum. E temos muitas diferenças. Você começa a tatear o mundo, ainda inocente em algumas coisas, como os olhares lascivos que lançam para o seu corpo. Sinto-me muito mal de te “alertar” para as violências dos olhares. Mas não fazemos isso de forma ingênua, conversamos para que você saiba enfrentar e lutar por um mundo mais possível para nós. Outra “verdade” que nos disseram é que as mulheres sempre competem entre si. Que a verdadeira amizade só os homens possuem. Com isso, nós nos afastamos umas das outras, enfraquecemo-nos. A quem será que interessa esse enfraquecimento de nossas conexões? Podemos, sim, aliar-nos, conectar-nos, fortalecer-nos. Nós duas e as diferentes e múltiplas mulheres que nos circundam. Podemos construir pontes, ferramentas, dispositivos, armas para as lutas cotidianas.

Veja bem, minha filha, se remexo no meu baú de memórias, não é para lhe ensinar a viver. É para compartilhar vivências, é para você acreditar que você pode tudo: pode ser quem você quiser, pode fazer o que desejar, sem medos, sem pressão, sem querer atender demandas externas. Você pode degustar o mundo e pode, principalmente, errar. Em tudo, conte com a força de quem habita em seu corpo, como lembrança, como sangue, como fogo, conectada a você como uma mulher que se (re)cria neste mundo. Força, estaremos sempre juntas, eu, você, as mulheres de nossa família e as mulheres que encontraremos no caminho!

Te amo profundamente, beijos, sua mãe, Lu.

Carta à Luziane

Realmente, não tenho o talento de bordar e, discordando de você, também acho que não tenho muito jeito com as cores. Mas a conexão entre as mulheres de nossa família se entrelaça muito mais forte que um fio de lã. Somos todas mulheres resistindo e sobrevivendo aos obstáculos impostos a nós, e não há nada mais forte que isso.

Reconheço em minha avó e bisavó (apesar de não ter a conhecido) a força que tiveram, abdicando tanto de si e de seu futuro para os filhos. Tendo o trabalho como única opção, e não os estudos. Mas vendo você hoje, mãe, percebo que o esforço delas permitiu a formação da profissional admirável que você é.

A mesma paixão que minha avó possui pela arte e pelo cozinhar (e que realmente, não acho que seja um nível que você alcance) eu percebo em você lecionando. Quantas vezes já não me deparei emocionada vendo você ensinar, mesmo sendo nova demais para entender algumas abordagens. “Luiza já assistiu mais aulas que muitos alunos meus”, provavelmente, e não me importaria de assistir todas novamente. Seus encontros podem não ser pinturas iguais às da minha avó, mas, da mesma forma que eu poderia admirá-las por horas, eu poderia vê-la ensinando.

Talvez, seus alunos não saibam, mas a Lu que eu vejo todos os dias de manhã não é muito distante da Lu que lembra o nome e rosto de todos aqueles que já ensinou e também faz questão de abraçá-los. Você é simplesmente você o tempo todo. Não há uma “Luziane professora” ou uma “Luziane mãe”, há uma “Lu” que abrange isso tudo. Ora tratando os alunos como seus próprios filhos, ora me ensinando sobre psicologia e me fazendo questionar tudo.

Com essas mulheres tão incríveis, vem uma insegurança. Vou ser capaz de escrever mais um capítulo dessa história? O que vão achar quando lerem? Vou sequer chegar aos pés da minha mãe? A necessidade de honrar a história das mulheres que já foram me persegue constantemente. Quero fazer a diferença igual você, trabalhar com pautas importantes, esbanjar carinho e cuidado com todos,

ter o coração maior do que cabe no peito, se deixar afetar tanto, ser mãe. Espero que a Luiza, adolescente chorona de 16 anos, chegue cada vez mais perto da mulher que você é. Afinal, eu também tenho Lu no nome.

Seguiremos sempre juntas, beijos, Luiza.

*Escritos sobre
ancestralidade: uma
carta para Iku e para
as mulheres que me
constituíram.*

Luizane Guedes Mateus

Diziam os mais velhos que Olodumare, o Deus maior, determinou que Obatalá criasse os homens para que eles povoassem o Ayê – o mundo visível. Não foi em um ato de misericórdia ou amor que o Deus determinou que o ser humano fosse criado, muito pelo contrário; Olodumare o fez em um momento de vaidade, do qual em algumas ocasiões arrependeu-se amargamente.

Para criar os homens, Obatalá os moldou a partir de um barro primordial; para isso pediu a autorização de Nanã, a venerável Orixá que tomava conta daquele barro. Os seres humanos, depois de moldados, recebiam o emi – sopro da vida – e vinham para a terra; aqui viviam, amavam, geravam novos homens, cultuavam as divindades. Aconteceu, porém, que o barro do qual Obatalá moldava os homens foi acabando. Logo não haveria a matéria primordial, e a questão foi levada a Olodumare; este convocou os Orixás para que apresentassem uma alternativa para o caso. Como ninguém pensasse uma solução, Olodumare determinou que se estabelecesse um ciclo. Depois de certo tempo vivendo no Ayê, os homens deveriam ser desfeitos, retornando à matéria original, para que novos homens pudessem, com parte da matéria restituída, ser moldados. Resolvido o dilema, restava saber de quem seria a função de tirar dos homens o sopro da vida e conduzi-los de volta ao todo primordial – tarefa necessária para que outros homens viessem ao mundo. Vários Orixás argumentaram que seria extremamente difícil privar os homens do convívio com a família, com os amigos e a comunidade. Foi então que Iku, até então calado, ofereceu-se para cumprir o designo do Deus maior. A partir daquele momento tornou-se imprescindível para que se mantivesse o ciclo da criação, mas também ficou conhecido como o Orixá da morte. Desde então vem todos os dias ao Ayê para escolher os homens e mulheres que devem ser reconduzidos ao Orum. Seus corpos devem ser desfeitos e o sopro vital retirado, para que, com aquela matéria, outros homens possam ser feitos – condição imposta para a renovação da existência. Dizem que, ao ver a restituição dos homens ao barro, Nanã chora; suas lágrimas então amolecem a matéria-prima e facilitam a tarefa da moldagem de outros homens. Iku é, desde então, o único Orixá que tem a honra de baixar na cabeça de todas as pessoas que um dia passaram pelo Ayê, pois ele as conduz a volta ao todo primordial, reafirmando mais que a morte, mas o mistério maior - a possibilidade de outras e outras vidas. Assim

diziam os mais velhos, que jamais vestiam luto - a morte é uma passagem de outras e outras vidas... (ORIXÁS, 2018, s/p).

Passava um pouco das 23h quando iniciei a escrita desta carta. A princípio não tinha certeza a quem seria endereçada, a única certeza era a necessidade da escrita. Trezentos mil mortos, esse era o número repetido exaustivamente na TV; trezentos mil mortos no Brasil, vítimas da Covid-19. Eu me pego pensando em como seria se vocês estivessem por aqui, em como minhas preocupações estariam redobradas, mas vocês não estão. E isso ora parece dor, ora parece alívio; Iku — o orixá da morte — havia levado todas há alguns anos, e a pandemia não poderia mais tocá-las com as mãos da morte. Quando a ansiedade relacionada à Covid-19 insistiu em me permear, percebi a quem é endereçada esta carta... às mulheres que me constituíram e que já não estão mais aqui... ou estão?!

Querida Lhe contar, minha tia, que as coisas deram certo... cresci, dizem que amadureci e já não corro mais os riscos que se apressavam em me colocar na beira do abismo; nem sei mais se acredito em abismos, mas sei que você e tantas outras que me constituíram adorariam saber disso — Irene, Maria, Almezinda, Aracy. Esta “carta – ancestralidade” é para vocês.

Talvez, estes escritos sejam sobre como vocês se lançaram para a vida, de forma a garantir, para muitas de nós, a possibilidade de vencer a sina da morte prematura, da invisibilidade da vida de meninas-jovens pretas, da morte mesmo em vida, quando somos a base de uma pirâmide de desigualdades ou quando estamos no “topo” de todos os índices de violência — somos mulheres negras vivas, porque vocês foram mulheres negras vivas!

Ainda não sei se realmente sobrevivi ao abismo; a morte parece nos tocar agora por meio da doença, mas, como uma boa filha de Iansã e Obaluaê, não tenho medo das guerras, conheço a peste e a solidão. Esta carta, ancestralidade, para além do abismo e da doença, é sobre mulheres — mulheres negras que conheceram a peste e a solidão.

Quantas trouxas de roupa foram lavadas e passadas para a branquitude, para que estivéssemos aqui, vivas?! Quantas manifestações de racismo, sexismo e de ódio foram necessárias enfrentar?! Faço essas perguntas sempre que me vejo desafiada, sempre que preciso recordar que meu corpo preto não é só meu, ele habita vocês e todas as outras.

Meu corpo preto é ancestral. Ele é também feito daquelas que sucumbiram nas lavouras, no período da escravidão¹, daquelas que se lançaram ao mar por não aceitarem a submissão e a separação de suas famílias em África — meu corpo preto é memória maldita².

Escrever para e sobre vocês é, acima de tudo, entender que a vida não se finda na morte, que vida preta é ancestral, é continuidade. Como resultado dessa ancestralidade, posso escrever com vocês, sobre vocês e para vocês... porque vocês são presença em mim, mesmo que fisicamente não estejam mais aqui.

Escrever e contar histórias de mulheres lavadeiras, costureiras, passadeiras e enfermeiras, mas também curandeiras, benzedeiras, parteiras. Eu, sobrinha de Irene e Aracy, neta de Maria, filha dos afetos

1 “A maioria das meninas e das mulheres, assim como a maioria dos meninos e dos homens, trabalhava pesado na lavoura do amanhecer ao pôr do sol. No que dizia respeito ao trabalho, a força e a produtividade sob a ameaça do açoite eram mais relevantes do que questões relativas ao sexo. Nesse sentido, a opressão das mulheres era idêntica a dos homens. Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas” (DAVIS, 2016, p. 19).

2 “As memórias malditas e perigosas dos vencidos – aquelas que não constam nos livros oficiais e que o Estado tenta incessantemente fazer desaparecer – ainda hoje insistem em nossos corpos. São histórias que fazem parte de nossas vidas e que continuam em nós, marcadas a ferro e fogo” (COIMBRA, 2021, p. 27).

e macumbarias de Almezinda, filha de santo de Iansã... são essas as “donas” para quem direciono esta carta.

SOBRE TECNOLOGIAS DE SOBREVIVÊNCIA...

Não me conformo com a mutilação de uma vida pacificada para caber na caixa de um mundo já estabelecido. Sinto a faísca da vida que me incendeia nos encontros
(COIMBRA, 2021, p. 168).

A toalha estendida embaixo da mesa velha de madeira abriga uma pequena criança, que brinca com algumas bonecas brancas doadas — ainda não existiam bonecas negras naquela história-memória. Ao lado, um cachorro de porte médio caramelo observa seus movimentos, cuida para que todas as vezes que a menina tombe o corpo para fora da toalha seja de novo colocada lá. Para isso, ele late, sacode a cabeça e faz movimentos estranhos, até que uma das senhoras de lenço na cabeça e suor escorrendo no rosto perceba que a menina fugiu ao espaço que lhe foi reservado — a menina sempre foge, escapa aos espaços que lhe são reservados.

Assim, segue toda a manhã... enquanto uma senhora passa a pilha de roupas sobre a “mesa abrigo”, outra conserta pequenas peças na máquina de costura; enquanto isso, a criança, de uns dois ou três anos, é “guardada” ali embaixo, de modo que não saia dos olhos das mulheres negras e, ao mesmo tempo, elas possam garantir o sustento da família, que é gerenciada, organizada e cuidada por elas.

Mulheres negras marcadas a ferro e fogo! A história eurocêntrica, linear e retilínea nos dirá que os arranjos familiares matriarcais contemporâneos serão atravessados pela desestrutura, pela ausência paterna, pela fragilidade de laços afetivos e pela “carência” econômica e social. A história não linear, aquela permeada por idas e vindas, ensinou-me que são núcleos familiares nos quais mulheres que, para além do lugar de liderança e manutenção da vida que exercem,

partilham vivências, compartilham saberes, contam e recontam suas histórias, a fim de formar e fortalecer outras mulheres.

A cena da criança embaixo da mesa enquanto as matriarcas exercem suas atividades me foi descrita muitas vezes, com orgulho, pelas senhoras donas desta carta. Mulheres que cuidavam das gerações mais novas, para que as jovens do grupo pudessem estudar, trabalhar e construir outros caminhos. Eu era a criança vigiada pelo cachorro caramelo embaixo da mesa — minhas tias, minha avó e uma de nossas vizinhas eram as mulheres que mantinham esses cuidados para que uma das nossas pudesse superar a sina dos trabalhos domésticos destinados às mulheres negras e pobres. Seguimos fugindo aos espaços que nos são reservados — na vida acadêmica, na vida profissional, na vida afetiva.

Mesmo sem saber o que era empoderamento, elas já entendiam que o conceito se tratava de algo coletivo, e não individualizado. O caminho para produzir empoderamento passava por possibilitar que algumas conseguissem se mover, para mover toda a estrutura da qual faziam parte³.

Mas mover estruturas dói. Mover estruturas passa por um processo de desconstrução dos ditos “corpos guerreiros que resistem a tudo” e construção de corpos possíveis, corpos que, por vezes, precisam caminhar pelo acostamento da história para sobreviver, viver.

Talvez, porque falar sobre mover estruturas seja também falar de vivências de incontáveis violências, e falar/escrever sobre violências dói; falar/escrever sobre negritude permeada pelo racismo também dói; falar de mulheres negras marcadas por histórias de violências, talvez, seja a linha sempre tênue entre dor e resistência, entre força e cansaço.

3 Angela Davis disse que, “quando as mulheres negras se movimentam, toda a estrutura política e social se movimenta na sociedade, exatamente porque, estando na base, o movimento das mulheres negras desestrutura e desestabiliza as rígidas e consolidadas relações desiguais de poder no sistema capitalista” (DAVIS, 2018, p. 9).

Mas essas são também histórias que foram passadas de mães para filhas, tias e avós para sobrinhas, netas, subvertendo toda forma de violência e reafirmando a vida; vida, que, mesmo no inferno, vaza. Vida cercada de sabedoria que me foi passada de forma oral e que, para não ser perdida, registrei ontem, registro hoje nesta carta-texto, registrarei amanhã. Como diria a Ialorixá Mãe Stella de Oxóssi, o que a gente não registra, o vento leva⁴. É por isso e para isso que escrevo...

Foi assim que cresci e me fortaleci, afastando-me dos abismos, entendendo o lugar do feminino como lugar de liderança, lugar por onde resistir é fundamental para existir, não como heroínas de um tempo, porque nos negamos a individualizar e escolher representações para nossas histórias, mas como comunidade, uma comunidade de mulheres pretas⁵.

REFERÊNCIAS

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Fragmentos de Memórias Malditas**: Invenção de Si e de Mundos. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. **A Liberdade é Uma Luta Constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

4 Entrevista concedida por Mãe Stella de Oxóssi, em 23/10/2014, ao *Portal G1 Bahia*, à repórter Danutta Rodrigues, acerca da Festa Literária Internacional de Cachoeira – Flica, na qual foi a grande homenageada.

5 “É fundamental resistir à representação da história como o trabalho de indivíduos heroicos, de maneira que as pessoas reconheçam hoje sua potencial agência como parte de uma comunidade de luta sempre em expansão” (DAVIS, 2018, p. 19).

ORIXÁS. [S. l.], 7 dez. 2018. Facebook: Comunidade Ori-xás. Disponível em: <https://www.facebook.com/page.orixas/posts/1488575947953504/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

Do ventre à vida: uma carta feminista

*Fernanda Có e Gomes Tardin
Jamine Ronacher Passos Silva
Bárbara Sthefany de Paula Lacerda
Maria Angélica Carvalho Andrade*

Querida mamãe,

Esta carta está levando quase nove meses para ser escrita e eu quero lhe contar algumas lições que tenho aprendido. Escrevo deste lugar escurinho e morno, envolvida por uma batida constante de tambor. Aliás, descobri recentemente que esse tambor é o seu coração. Está chegando a hora do nosso nascimento e o nosso tamborzinho está tão forte como o seu! Imagino que sua barriga deva estar bem pesada e que não deve ser fácil dormir durante a noite. Às vezes, posso sentir que você está ansiosa ou preocupada com a nossa chegada. Desde os dois meses aqui dentro, nós percebemos o mundo fora do útero. No início, eu não compreendia seu medo e ansiedade

e sinto que também posso falar isso pela minha irmã gêmea. Mas, agora, as coisas estão fazendo mais sentido para mim. Parece que o mundo te assusta um pouco, mamãe.

Aceito minha responsabilidade nesse seu peso, mamãe. Desde que fomos geradas, sempre fui a mais agitada. E agora, que o nascimento se aproxima, sou a mais curiosa, a que quer saber sobre tudo, talvez, eu seja a mais confusa. Minha irmã Anne está sempre serena, muito mais calma, fica tranquilamente aguardando a hora de nascer. Ela é mesmo graciosa como o significado do nome dela. Mãe, você precisa ver como ela consegue boiar e se mover com tanta facilidade nesse líquido amniótico, num espaço tão apertadinho! Quando começo com as minhas perguntas, ela me diz que na hora certa saberemos de tudo o que for preciso e que não há necessidade de se antecipar. Por favor, não entenda como se eu estivesse me lamentando. Não lamento, mas quase enlouqueço diante de tamanha serenidade da minha irmã. Apesar do meu nome significar “promessa divina”, “Deus é abundância”, acho que não sou tão sábia e espiritualizada como ela. Ela parece até que já é uma discípula da Monja Cohen!

Sei que estou sempre inquieta, mamãe. Já tenho mil perguntas sobre este mundo que logo, logo, conhecerei. E você, mamãe, é o meu termômetro, é o meu sinalizador, é a minha luz. É você, mãezinha, que vai nos ensinando, mesmo eu e Anne estando ainda aqui dentro de você, como deve ser o mundo aí fora. Nós te sentimos, mamãe! Quando você canta um longo hino ou uma canção de ninar, enquanto nos faz carinho, através da massagem na sua barriga, sei que está calma e feliz. Nós adoramos sentir o seu contato, mamãe! Mas, se algo a perturba ou entristece, posso sentir seu coração batendo forte e acelerado. Nesse momento, eu e Anne sofremos com sua ansiedade e ficamos preocupadas com você. Às vezes, percebo que durante o trabalho ou fora da segurança de nossa casa isso acontece com mais frequência, apesar de ainda não entender bem os motivos. São tantas informações que é difícil organizar os meus pensamentos! Sinto como se o trabalho fosse um ambiente desafiador

e a nossa casa, a sua paz. Para nós, você é isso, paz e segurança. Às vezes, sinto que você está se preocupando muito com a nossa chegada, como se quisesse nos segurar um pouco mais no seu útero. Mas a gente não quer que a senhora fique agitada com isso, mamãe, queremos transmitir paz para você também. O mundo lá fora pode ser difícil, mas nos sentimos fortes igual a você!

Duas meninas vão nascer! Que coisa maravilhosa! Todos dizem isso a você! Sinto que você fica orgulhosa e reconheço que me enche de orgulho também, sinto até minhas bochechas corarem. Mas observo que quando lhe perguntam como você vai dar conta de dois bebês, você sempre responde que não sabe ao certo, mas que vai dar conta, que vai ter ajuda e que as coisas irão se ajustar com o tempo. Eu gosto quando você diz que é a primeira vez que será mãe, então você também não tem resposta para tudo, que está em um processo de aprendizado. Anne te acha um pouco ousada demais, o que eu não concordo. Parece que as pessoas, até mesmo as mulheres (veja só!), querem respostas certas sobre a maternidade. E até eu já estou entendendo que ser mulher e mãe deve ser algo muito poderoso e belo, mas de forma alguma deve ser fácil. Mãe, sei que não tenho muita experiência em assunto nenhum, mas eu acredito em você! E sinto que a gente conseguirá aprender juntas. Eu sei que a curiosidade de buscar o saber não vai faltar!

Sinto que você está satisfeita com o seu trabalho, posso sentir que trabalhar te deixa feliz e segura, mesmo em dias mais turbulentos. Quando eu penso em você, mamãe, eu vejo uma mulher realizada e independente. Já conversei com Anne sobre isso, e eu e minha irmã também aspiramos ser assim. Anne, que é uma dorminhoca, disse-me que até já sonhou com isso! Quando lhe perguntam se você deixará seu trabalho após o nosso nascimento, percebo a firmeza da sua resposta quando diz que vai parar enquanto as meninas precisarem, mas, assim que possível, estará de volta! Como sei que trabalhar com o que gosta te faz feliz, torço muito para que seus planos deem certo e mantenho uma atitude de gratidão pelo seu exemplo.

Nós duas concordamos que você nos ensina lições valiosas! Mas, para o plano todo dar certo, o papai tem de ser sempre seu parceiro. Eu fiquei triste em saber que nem todas as meninas que estão para nascer terão um papai presente igual a gente. Eu vejo as suas preocupações enquanto aguarda o nosso nascimento e não consigo deixar de lado minha empatia pelas “mães solo”. Torço que todas tenham o empoderamento que sinto em você, mamãe, e que elas recebam apoio de outras pessoas queridas. Já te escutei dizendo que a trajetória da mulher não é fácil e o apoio é fundamental, especialmente em um momento de mudança como a gestação.

Com relação ao papai, eu e Anne percebemos que ele divide com você as tarefas de casa e não deixa você se cansar neste final de gestação. Inclusive, parece que ele está pegando uma carga até mais pesada. Isso nos deixa tão contentes! O papai não olha para isso como uma ajuda extra, mas como divisão de obrigação e logo cedo eu já percebi o poder por trás desse pensamento. Infelizmente, eu também percebi que o mundo criou um estereótipo de papais que “ajudam” como prêmio para uma mulher, como uma raridade na sociedade e não simplesmente um homem cumprindo um dever básico. Se um dia eu tiver filhos, vou ensinar a eles que não é só sobre retornar ao trabalho, mas sobre criar juntos as filhas que vocês geraram, durante o tempo que for necessário. Talvez, no tempo das nossas avós, os pais nem fossem tão participativos, mas acho que você está certa, mamãe, em afirmar que o papai vai compartilhar com você as responsabilidades e os cuidados conosco. O melhor de tudo é que ele está todo orgulhoso dessa sua fala! Acho que vocês formarão uma grande dupla, serão verdadeiros parceiros.

Mamãe, saiba que você é um arco-íris na nossa vida! Você é luz em todas as suas dispersões e cores, um símbolo de esperança que traz a promessa que vamos sempre estar seguras no abrigo do seu abraço. É mágico ouvir sua voz, que parece vir de todos os lados ao mesmo tempo! Sua voz nos acalma. Gostamos especialmente quando você conversa conosco antes de dormir e diz que poderemos ser o

que quisermos quando crescermos. Eu e minha irmã falamos muito sobre isso. Anne quer ser bailarina ou professora, ainda está indecisa. Eu penso que ser astronauta deve ser muito emocionante! Mas acho que também poderia ser médica, advogada, tatuadora, atriz... Nossa! São tantas coisas maravilhosas que poderemos ser! Será que consigo ter mais de uma profissão? Tipo, uma astronauta médica, que, quando não estiver no espaço, curte um teatro e tem muitos outros hobbies na Terra? Quero conquistar o mundo, mamãe. Não quero sentir que existem limites aos meus desejos, quero ter a oportunidade de ultrapassar todas as barreiras impostas pelo mundo. E quando eu falhar, sei que vou aprender e seguir em frente mais forte. Eu acho que nós, mulheres, não podemos ser definidas por uma coisa apenas. Quando eu te chamo de luz, em todas as suas dispersões, é porque a cada frequência você vibra com qualidades e talentos diferentes. Eu jamais conseguiria te resumir com apenas uma palavra, assim como nenhuma outra mulher.

Ah! Preciso lhe contar o que eu andei pensando. Eu não sei se quero casar e ter filhos, talvez sim, talvez não. Minha irmã acha que vai se casar. Eu ainda vou pensar melhor a esse respeito. Já ouvi você dizer, mamãe, que muitas mulheres preferem não se casar e que não é preciso se casar para ser feliz. Uma coisa tenho certeza, quero crescer e aprender a me virar sozinha, não quero depender de ninguém. Para me virar sozinha, sei que terei de aprender muitas coisas. Sei que cometerei muitos e muitos erros. Anne diz que a gente não pode controlar o que acontece conosco. Eu concordo em parte com essa afirmativa dela, mas acredito que se eu não puder mudar algo, posso, pelo menos, mudar a maneira como penso e tentar encontrar novas soluções para o que eu não puder mudar.

Vejo que você lê muito, mamãe, sobre todos os assuntos. Eu pretendo ler sobre tudo que eu puder, para estar sempre aprendendo alguma coisa nova. Eu acredito quando você diz que a leitura faz a gente viajar sem sair do lugar, conhecer outras culturas e outros povos. Além de brincar com este saco que nos envolve e beber este

líquido doce, eu e Anne viajamos muito com as histórias que você conta pra gente. Além disso, concordo quando você diz que a leitura também faz a gente ser mais crítica. Essa é a parte que Anne não valoriza muito e eu acho muito bobinha por isso.

A propósito, eu já me sinto uma menina questionadora e pretendo continuar assim como mulher. Afinal, as minhas perguntas desde seu ventre são poucas em comparação com as que vou ter quando colocar os pés no mundo. Eu percebi que sou muito assim, eu observo (já que ainda não posso experimentar) e a partir dos meus questionamentos eu construo a minha interpretação. Anne acha que eu questiono até demais! Mas como que ela quer que eu aprenda sem desafiar? Sem arriscar olhar entre as linhas da vida? Tem dias que ela fica cansada das minhas perguntas e até chora baixinho. Eu nem ligo, nesses momentos, eu fico brincando com o cordão umbilical! Eu sinto que, com cada pergunta, eu aprendo mais e mais sobre este mundo misterioso que me aguarda. Em uma ocasião, ouvi você conversando sobre o feminismo e como você pretende criar suas filhas. Achei interessantíssimo! Eu já percebi que a pressão sobre as mulheres, desde muito jovens, deve ser grande e confesso que tem horas que eu tenho medo. Não sei como vou lidar com certas situações. Eu já te ouvi conversando com suas amigas, falando que jamais pode chorar no seu ambiente de trabalho. Que se mostrar frágil pode ser perigoso para a sua imagem, para uma médica, uma cientista, uma mulher com um cargo social tradicionalmente visto como superior. Essa não é uma ideia fácil de digerir, porque os momentos de tristeza são inerentes à vida, então, pra mim, mostrar estar triste não significa fragilidade, faz parte do ser humano. Mas eu percebi que, às vezes, as mulheres sofrem mais com essa questão, preocupam-se muito com a imagem, porque sabem como foi difícil a luta para conquistar o nosso espaço e, mesmo assim, constantemente estão correndo atrás da representação igualitária ao homem. Imagino o quão cansativo isso deve ser! Vai ser bom poder conversar com você sobre essas questões desde bem pequena. É ótimo ter uma mãe que pensa

em criar as filhas dando liberdade em suas escolhas e valorizando o feminino, antes mesmo de elas nascerem!

Ouçõ você dizer que nós, mulheres, não devemos nos preocupar em sempre agradar a todos. Entendo que muitas de nós foram criadas assim, obedientes, boazinhas e sempre agradando a todos. Espero que as pessoas não se assustem com o meu jeito. Eu não quero ser silenciada, mamãe. Eu quero poder transbordar, quero ser marcante e quero ser feliz! Eu noto que já tenho uma personalidade, penso bastante, questiono e até duvido de certas coisas. Anne também observa e comenta sobre a minha personalidade forte desde que completamos três meses aqui dentro do útero. Na verdade, pensando bem, eu duvido de tudo. Eu amo chegar às minhas próprias conclusões. A minha irmã disse que, com certeza, eu vou ser cientista ou advogada. Ela falou que isso combina com o meu jeito e a gente riu muito! É tão legal a forma que a gente entende uma e a outra, somos completamente diferentes, mas, ao mesmo tempo, completamo-nos. Ela está me ajudando muito a entender tudo que estamos observando do mundo aí fora. Acho que buscarei ser eu mesma quando crescer, com honestidade e sem me preocupar em agradar as pessoas em todas as ocasiões. Afinal, sempre teremos pessoas que concordam com as nossas atitudes e outras que condenam o nosso jeito. Eu já percebi que isso é uma realidade inevitável da vida! Como você sempre diz, é impossível agradar a todos, uns gostam da gente, e outros, nem tanto.

Mamãe, devo revelar que eu e Anne temos uma excelente audição! Conseguimos ouvir todas as conversas aí de fora. Acho interessante quando conversa com a vovó sobre os costumes da nossa família, sobre os nossos parentes mais distantes e nossos antepassados. O mais legal é a interpretação de mundo que a senhora tem em comparação com a vovó. A vovó tem uma ótima memória e se lembra de muitos detalhes da família, de como chegaram a esta cidade e de como viviam antigamente. Imagino que conversarei muito com ela sobre nossa família, assim saberei realmente de onde venho e terei imenso orgulho disso. O mundo mudou muito, mas as nossas origens

é um assunto de extrema importância. Quando eu penso em origem, só consigo imaginar o seu amor, mas eu sei que o mundo é vasto e que a nossa história se estende além das fronteiras do seu ventre.

Outro dia, fiquei preocupada quando você se aborreceu conversando com suas amigas. Acho que comentaram sobre o seu corpo mais gordinho na gestação, sobre a sua roupa estar curta demais para uma gestante. Enfim, mulheres criticando outra mulher, repetindo comportamentos tóxicos que, certamente, já foram direcionados a elas também, em outras ocasiões. Aí, eu lembrei de uma conversa que você teve quando eu era menor que a palma da sua mão. Era com uma amiga sua e você estava pensando em doar algumas roupas, preocupada em não se enquadrar com seu novo perfil de “mãe”, pensando no julgamento de outras pessoas. Mas hoje eu entendo que o “ser mãe” não é definido pelas escolhas de roupa e que a mulher não precisa mudar a forma que se veste. A roupa pode ser curta, longa, colada, solta, cheia de brilho ou tons fechados que você, mamãe, continuará sendo a nossa mãe, que inclusive nos enche de muito orgulho. O que me deixou muito feliz foi ouvir sua conversa com a vovó semanas depois, dizendo que nos ensinará desde o nosso nascimento que as mulheres são bonitas e que podem ser gordas, magras, negras, brancas, altas ou baixas e continuarem bonitas. E quanto às nossas roupas, lembro-me que disse que vamos nos vestir como quisermos! Mamãe, sua voz chega até os nossos ouvidos com muita clareza, e eu e Anne comentamos sobre o nosso sentimento de gratidão por sua proteção e cuidado.

Não quero ter vergonha do meu corpo, mamãe. Ainda sou bebê, mas, no futuro, terei corpo de menina e depois corpo de mulher. Penso em praticar esportes, como nadar, correr e jogar bola. Deve ser muito bom! Sei que o papai joga futebol muito bem e vou querer aprender com ele. Mas também vou querer usar todos os laçarotes que você vem fazendo para mim e minha irmã usarmos. Ficaremos tão bonitas! Anne está ansiosa para usar os laços rosas que você tanto fala, mas eu posso confessar uma coisa? Estou até curiosa para saber

como é essa cor rosa, mas meu coração bate mais forte quando ouço falar da cor azul. Mamãe, você disse que o mar estava tão claro quanto o céu azul naquele dia que foi a praia e desde então não paro de imaginar como deve ser esse azul. Parece ser bem lindo já que a natureza usa tanto. Será que não tem um laço azul para mim, mamãe? Afinal, ser mulher é algo tão vasto, que sinto que poderei fazer de tudo um pouco, e assim mesmo não haverá apenas uma coisa que irá me definir.

Ouçó você conversar com o papai sobre quantas mulheres morrem neste país, vítimas da violência provocada por seus maridos e namorados. Quando vocês começaram a falar sobre isso, eu não entendi porque alguém faria isso com a sua parceira. Eu e Anne ficamos com muito medo! Anne até chorou. Eu não chorei, mas tenho horror de pensar nisso! Só consigo me tranquilizar quando você diz que nos criará conversando conosco sobre esses temas tão difíceis, mas tão importantes, como violência dentro das famílias e dos relacionamentos. Acredito, como você, mamãe, que conversar sobre isso desde pequenas nos ajude a perceber situações que nos coloquem em risco, para que possamos perceber e nos desvencilhar destas situações o quanto antes. Precisamos muito, eu e minha irmã, ser protegidas dos vários tipos de violência, por meio da informação e do diálogo, que começarão em nossa casa.

Sabe, mamãe, ontem, você estava ouvindo uma música que me fez pensar muito sobre o fato de que as mulheres não são melhores que os homens, nem os homens são melhores que as mulheres. Eles são diferentes, mas, acima de tudo, devem se respeitar, seja em um relacionamento amoroso, de amizade ou de trabalho. Ainda lembro da letra da música “Mais uma boca”, de Fátima Guedes, que dizia “vai ver como [ela] está cansada, e teve o seu filho sozinha sem chorar, porque a dor maior o futuro é quem vai dar” e, por isso, ele é “pai de mais uma boca” que não valoriza a sua esposa da forma que deveria. Isso me deixou triste, porque parece que muitas mulheres passam por isso. Por outro lado, mamãe, eu fico aliviada, porque eu sei

que o meu papai é diferente. Ele já me dá tanto carinho, mesmo sem me conhecer. Sabe o que estou pensando? Eu quero crescer e poder ajudar, de alguma forma. Talvez, como um tipo de porta-voz para mulheres, ainda não tenho certeza, mas nunca quero deixar de lutar pelos meus princípios.

Sei que existem pessoas de todos os tipos, de muitas raças e cores, com corpos diferentes e pensamentos diferentes. Na verdade, acho que não deve haver ninguém igual no mundo e a diferença é a nossa realidade. A diferença é normal. Sou muito feliz por nascer em um lar onde se respeita e se abraça todas as pessoas, independentemente de sua religião, sua cor ou orientação sexual. Eu acho que nisso você tem vantagens por ser médica. Você tem contato com tantas pessoas diferentes, mamãe! Se eu for médica também, quero ser amiga dos seus pacientes, quero aprender, igual a você, a ter empatia por todas as pessoas, a tentar interpretar o mundo com todas as cores que ele proporciona. Sinto-me privilegiada, pois tenho uma mãe com opiniões fortes e que irá me estimular a pensar e também ter as minhas próprias opiniões. Ler o mundo não é nada fácil, mas eu sei que você irá me guiar durante a caminhada e a gente vai aprender muitas coisas juntas. Eu fico impressionada, eu já acho você tão sábia, mas todo dia eu percebo que você aprende coisas novas. A cada dia, percebo que você quebra e constrói conceitos, e eu quero muito aprender isso. Quero ter um coração aberto para aceitar mudanças e coragem para mudar as minhas opiniões conforme vou vivendo. Assim, acredito que terei uma base bem formada e uma mente aberta para tudo o que vier pela frente, tudo o que me for apresentado. Conto com você, mamãe, nesta jornada de aprendizado.

Posso confessar algo, mamãe? Às vezes, tenho um pouco de medo. Todo dia eu aprendo algo novo com você, todo dia temos experiências diferentes e, com isso, eu percebi que o mundo consegue ser belo e cruel ao mesmo tempo. Fico um pouco ansiosa pensando no meu papel neste mundo. Como eu e minha irmã vamos se encaixar? Eu sei que você ainda vai nos ensinar muito, mas me

preocupo de como vou reagir às situações conflituosas da vida. Será que vou conseguir ser uma grande mulher igual a você? Quando eu crescer, quais serão os problemas da minha época? São tantas perguntas, não vejo a hora de compartilhar todas com você. Espero não te assustar com as minhas ideias, vou tentar segurá-las um pouco até eu conseguir usar melhor as palavras. Até lá, vou continuar organizando todas em meu pensamento.

Mamãe, sinto-me abençoada por estar com você por todo este tempo, aproveitando o máximo do seu aconchego e do seu amor, até me faz pensar em ficar aqui para sempre. Às vezes, quero ficar pra sempre no conforto do seu ventre, mas não foi para isso que viemos, pelo contrário, este é só um delicioso período de transição. Depois do nascimento é que nos tornaremos viventes, neste mundo tão complexo e tão apaixonante. Sabia que eu estou aprendendo a sorrir? Estou treinando para lhe oferecer meu primeiro sorriso! Quero degustar cada aspecto da vida, quero vencer minhas batalhas e quero ser uma mulher empoderada, igual a você, mamãe. Ah! Quero ainda lhe contar que eu sou encantada por música e poesia como você. Nós ainda não nascemos, mas saiba que você, mamãe, já é e sempre será a nossa maior inspiração, para que possamos nascer já sabendo ser quem somos.

Estou ansiosa para estar com você.

Eliza

REFERÊNCIA

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas:** um manifesto. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Carta às meninas de hoje, as mulheres do amanhã

Adriana Ilha da Silva

Esta carta eu dedico às meninas de hoje, pelas quais “eu tenho medos bobos e coragens absurdas”¹, um amor imensurável. Vocês serão as mulheres do amanhã e continuarão a ser as Agathas, Alices, Marias, Rebecas e Yamins, dentre tantas outras. E sempre serão as minhas afilhadas, quando me chamarem de “dindinha” ou “dinda”; sobrinhas quando me chamarem de “tia”; amigas quando me chamarem de “Adriana”, “Drica” ou “Dri”.

Hoje, dia 8 de março de 2021, nós, mulheres, da contemporaneidade continuamos a pulsar a resiliência, resistimos às intempéries e persistimos na luta por direitos, Direitos Humanos, direito trabalhista, direito reprodutivo, direito sobre o nosso próprio corpo, direito à emancipação social; e contra a hegemonia do patriarcado, machismo, racismo estrutural, desigualdade de gênero e social, que matam e/ou oprimem as mulheres de todo o mundo.

Somos resilientes, resistimos e persistirmos lutando por nós e por vocês, meninas de hoje! E lutaremos por todas! Esta é uma luta nossa, coletiva, cheia de empatia e de solidariedade! Se eu puder deixar uma lição de vida para vocês é que nunca desistam de lutar para se alcançar a equidade sobre as questões de identidade, gênero, classe, étnico-racial e de defesa do meio ambiente! E se no futuro próximo tudo isso já for conquistado, defendam a sua garantia e efetivação plena, sem distinção! Juntas somos, e vocês continuarão a ser, mais fortes!

Hoje o dia amanheceu muito bonito, ensolarado, com o céu de um azul anil. É um daqueles dias que nós iríamos marcar um piquenique na praia ou montaríamos uma piscina no quintal para tomar banho até a hora do almoço. Depois, como de costume, esperaríamos o sol ficar menos quente, ou, como diríamos, “baixar um pouco”, e seguiríamos a trilha do parquinho. Há também uma brisa gostosa, que no balanço, na gangorra, escorredor ou no caminho de areia iria acalentar nossa agitação, fazer flutuar nossos cabelos e soprar nossos risos e gargalhadas.

Mas estamos em casa, cada uma em sua casa, brincando sós, estudando remotamente, e eu as vendo e percebendo crescer com a ajuda da tecnologia digital, videoconferência ou por entregas de bolo de pote, tipo delivery, para comemorarmos seus aniversários. Toda a demonstração de afeto passou a se concentrar em nossos olhares, os quais não estão cobertos com as máscaras. A distância, tão necessária neste momento de pandemia, é diminuída pela imagem e pelo som das vozes. As fotos das festas agora são prints de vídeo chamadas nos celulares.

Os fins de 2019 e o ano de 2020 já se findaram e agora 2021 está passando em nossa vida e parece que ainda não aprendemos que “cada um de nós é responsável por tudo e por todos os seres humanos”².

O que parecia ser um rápido momento de separação agora parece ser eterno, com o vai e vem de ondas de um vírus, que se transforma mais rápido em suas múltiplas variantes, do que as ações de saúde a

serem dotadas pelos governos, como a testagem em massa ou a campanha de vacinação, da qual vocês vão se lembrar do ícone Zé Gotinha.

O processo de polarização com que vem sendo tratada essa doença, o novo coronavírus, a Covid-19, denominado de Sars-CoV-2, será estudado por vocês daqui um tempo nas escolas, seja nas matérias de História, Ciências, Política, Geografia no ensino fundamental e médio. E outros aspectos serão acrescidos ao debate, quando vocês, mulheres do amanhã, ingressarem nas salas de aula das universidades, seja para sentar nelas ou à frente delas.

E vejo em cada uma de vocês um protagonismo, um potencial e possibilidades de vida sem igual. Agora, não tenho como conter as lágrimas, lembrando e imaginando algumas das cenas que já vi e, quem sabe, poderei presenciar ainda:

As Helenas (verdadeiras “Felícias”), ao brincarem com as suas gatas (Mel, Luar, Céu e Estrelinha), deslumbrando serem veterinárias, médicas. E ao desenharem, dizendo que serão mestres, professoras...

As Alices desejando serem artistas, dançarinas, cantoras de ópera (ao gritar, só imagino que lindo soprano daria), motoristas e lideranças fortes: “Titia diana, vai embora não, deixa então eu dirigir o seu carro? Eu dirijo, titia diana, pode tirar a mão do volante! [risos]”...

As Yamins, atletas, ginastas, representando o Brasil nas Olimpíadas, recebendo no pódio da vida a medalha de ouro... E me perguntando: você consegue fazer isso, tia? E ela fazendo seus movimentos acrobáticos e piruetas. Eu somente fazendo o movimento da cabeça, acenando de um lado para o outro, para dizer que não. Esse foi um dos motivos de voltar a praticar o exercício físico, mas escolhi o Kickboxe, por enquanto...

As Marias, ahhh, as Marias, brincando com os seus quebra-cabeças, imagino o que construirão no futuro. Serão psicólogas, arquitetas, astronautas? Ainda não sabem dizer meu nome, mas adoram brincar e sempre abrem um sorriso sem igual...

As Rebecas amam os instrumentos, desde uma panela a um teclado. Elas extraem músicas aos meus ouvidos. Os ruídos e barulhos

são as demonstrações concretas de quem ainda está em fase exígua de desenvolvimento da coordenação motora e de testar a paciência dos adultos...

As Agathas vivem a ver o mar, nadam em piscinas, apreciam os animais marinhos e não têm medo de nada, passam a mão até em filhote de jacaré! Será que virou jacaré depois de tomar a vacina? Quando vocês tiverem idade suficiente entenderão a metáfora e a analogia... Adoram gritar palavras de ordem de caráter político... xxxx livre!

No presente, eu tenho somente uma certeza, a de que vocês serão as mulheres do amanhã! Serão o que quiserem ser e estarão onde quiserem estar! Porque o “segredo da felicidade e o cúmulo da arte é viver como todo mundo e ser como ninguém”³.

E sim, eu pretendo apoiá-las nesse caminho das possibilidades da vida, ouvi-las e me fazer ouvir, refletir e fazê-las refletir! Acima de tudo, conviver e aprender com a diversidade que se apresenta entre todas vocês, meninas de hoje e mulheres em construção! Trata-se da dialética feminina, pois, mesmo sendo “da mesma matéria, das mesmas ondas, que estamos no mesmo sentido”⁴, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”².

Aqui, começa a minha história como mulher, a minha e de diversas mulheres. Somos fortes, mas também choramos. Abraçamos, mas também precisamos de abraços, de acolhimento, de amizades verdadeiras e amores eternos. E nas nossas possibilidades de vida, precisamos de muito amor, tanto a nós mesmas, como de quem nos rodeia. Parafraseando Frida Kahlo, se eu pudesse dar a vocês alguma coisa na vida, eu as daria a capacidade de se verem através dos meus olhos, para que vocês percebessem o quanto são especiais para mim.

Neste momento de tanta luta pelo enfrentamento à pandemia de Covid-19, somos guerreiras e cuidamos de quem amamos. E é por amá-las e querer cuidá-las sempre que compartilho a minha experiência de autocuidado e tratamento de câncer de mama.

Vocês são muito jovens para entenderem por agora o processo de superação que a dindinha, tia e amiga está passando, mas quando se tornarem mulheres do amanhã, tenho a certeza de que não faltará empatia e solidariedade às outras mulheres que também passarão por isso.

Todos os anos, esta mulher da contemporaneidade aqui vai aos médicos para realizar os exames periódicos, entre os meses dos aniversários das Helenas e Yasmins (janeiro e fevereiro). E no ano de 2020 não foi diferente. Entretanto, fora declarada, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a pandemia de Covid-19. Como vocês, meninas de hoje, eu tive que ficar em casa, em quarentena. Assim, seguiu-se as incertezas, as buscas e a criação de novos protocolos de biossegurança para o enfrentamento do vírus e sua transmissão. E todas as campanhas: fique em casa!

Somente após os meses de aniversário das Alices e Agathas (agosto), eu pude remarcar os exames de mamografia e ultrassonografia mamária. Realizei os exames no mês de aniversário das outras Alices (outubro) e obtive o resultado no aniversário das Marias (novembro).

Em dezembro, após passar por todas vocês completarem mais um ano de vida, inclusive as Rebecas (setembro), eu escutei da médica que me acompanha por mais de dez anos o que nenhuma mulher gostaria de ouvir: “Adriana, apareceu algo diferente no seu exame desta vez, vamos ter que investigar”. Ela me pediu licença e, automaticamente, pegou o telefone e ligou para outra médica e começou a falar do meu exame, que gostaria muito que um novo exame (pulsão para biópsia) fosse realizado por ela, que prontamente concordou.

Eu (a dindinha, tia e amiga de agora) tenho um plano de saúde, coletivo, junto ao sindicato da minha categoria profissional, apesar de haver uma política de saúde muito importante no Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS). Mas esse conhecimento vocês já vão ter tido quando lerem esta carta, especialmente por aquelas que decidiram seguir suas vidas profissionais no campo da saúde.

Mas continuemos aqui. Os exames foram solicitados ao plano de saúde e os resultados levados à unidade de atendimento para liberação do novo exame, cujo prazo seria de cinco dias úteis. Ao sair dali, eu liguei para uma amiga para contar tudo o que eu ouvi da médica. Ela, como sempre, ouviu-me e se solidarizou comigo. Ao chegar em casa, contei para mais alguns amigos bem próximos.

Entretanto, o tempo foi passando, comemoramos as festividades de fins de ano remotamente, sem os almoços e jantares costumeiros, sem os amigos “oculto” e da “onça”, sem o Karaokê, ou seja, sem a aglomeração, sem os abraços e toda toque de afeto.

Confesso que cada dia a mais de espera pela autorização do exame me deixava muito ansiosa e, logo, entrei em contato com o atendimento do plano, para que as providências fossem agilizadas e tomadas, considerando a urgência de estar com uma doença crônica, cujo diagnóstico e tratamento mais rápidos são melhores remédios para a cura.

Enfim, o exame estava autorizado e fui realizá-lo no mês de aniversário das Helenas (janeiro), tendo o resultado no dia 19 do mesmo mês. Não abri o exame sozinha, tive a companhia de um amigo, que me disse: vamos lá! E não havia mais dúvida, o veredicto estava dado: “CARCINOMA”. Nem preciso dizer que enviei o exame para todos os amigos da área da saúde. Apesar do resultado, o retorno é que era de fácil tratamento diante de suas características e que daria tudo muito certo! Todos estavam na torcida. Para os outros amigos, contei pessoalmente ou por telefone, incluindo os meus familiares.

Quero dizer para vocês, meninas, que não há nada melhor do que o amor e o carinho dos amigos e dos nossos familiares. Havia uma rede de acolhimento, parecia que eles tinham feito uma escala por dia e horário para que em nenhum momento eu me sentisse sozinha ou desamparada. Eu recebia mensagens, ligações e, dentro da minha “bolha”, abraços, carinhos gastronômicos e um turbilhão de ondas de amor e energias positivas. Por exemplo, uma amiga que acorda bem cedo, logo me enviava um Zap: “Bom dia, tudo bem por

aí?” E ela repetia entre duas a três vezes ao dia. E assim, eu olhava as mensagens e as respondia. A forma principal de comunicação em tempos pandêmicos.

Caso eu demorasse um pouco para responder às mensagens, a chuva de ligações vinha logo em seguida. É um cuidado comigo, do início até agora, que eu não sei como agradecer a essas pessoas fantásticas, especiais e que amo muito! Meu mundo hoje gira em torno da palavra: GRATIDÃO!

Depois do resultado, no dia seguinte, eu retornei ao consultório da médica ginecologista, que, com toda a paciência do mundo e um olhar acolhedor e solidário, explicou-me tudo sobre o exame. Ela, como sempre, muito cuidadosa comigo, já tinha pesquisado qual seria o melhor profissional para tratar do meu caso, e assim agendei a consulta tão esperada com o mastologista. No mesmo dia, fui buscar os exames, acompanhada de uma amiga e de um amigo, que não me deixaram só nem por um minuto. Era a escolta do carinho!

Na mesma semana, fui ao consultório do médico, acompanhada de outra amiga, e lá tive todas as informações necessárias para o que viria dali para frente, especialmente, a próxima etapa: a cirurgia. Nesse momento, a ficha começou a cair e percebi que o meu corpo pedia socorro e a mente também. Mas o apoio e a escuta dos meus medos foram essenciais para a preparação dessa fase.

Lembrei por ora da orientação enfática do médico: “você não pode pegar Covid, você precisa se isolar mais até a cirurgia”. Isso foi o que mais me entristeceu, pois, mesmo em contato com poucos amigos, agora eu teria de os ter a distância. Mesmo o meu amigo que já dividia a casa comigo teria de ficar em isolamento. A cada telefonema feito para comunicar a minha situação, eu chorava. Ficar longe de todas as pessoas que amo foi o golpe mais baixo dessa doença em tempos pandêmicos. A minha única angústia e ansiedade era quando isso tudo iria terminar!

Mas quem tem amigos tem tudo na vida. Certa vez um amigo muito querido me escreveu, em uma carta uma frase de Mário

Quintana: “A amizade é uma paixão que dura para sempre” ou em outra versão “A amizade é o amor que nunca morre”. É isto: eu sou apaixonada pelos meus amigos e também por vocês, meninas de hoje! Eu amo todos! E eu, que sempre cuidei, agora recebia o cuidado de cada um à sua maneira, com o seu jeito próprio de sentir e de estar comigo, em mais uma jornada que se iniciou e se prolongará por um bom tempo.

Enfim, no mês de aniversário de outras Helenas e Yasmin, eu operei e tenho me recuperado muito bem! Mas tenho outras etapas que agora fazem parte do meu cotidiano: a radioterapia (15 sessões), fisioterapia oncológica e a terapia hormonal (protocolo de cinco anos). Em tempos de tanta ausência de empatia e solidariedade para tantos, especialmente, em relação à Covid-19, eu tenho profissionais de saúde que estão cuidando de mim com uma humanidade sem tamanho! E é o que queremos para todas as meninas e mulheres da contemporaneidade e do futuro!

Foi por isso que hoje resolvi contar nas minhas redes sociais todo o meu processo de superação, para dar força às outras mulheres que, como eu, estão passando por isso e dizer a elas que “em todas as lágrimas há uma esperança”³. Resolvi escrever esta experiência a vocês para que ela não se perca, mas floresça.

Espero estar bem e, totalmente, recuperada para estar na vida de cada uma de vocês até chegar à fase que se tornarão mulheres e lerão esta carta, porque “cada tic-tac é um segundo da vida que passa, foge, e não se repete. E há nele tanta intensidade, tanto interesse, que o problema é só saber vivê-lo”.

Por isso, ao querer abraçá-las e beijá-las, seja pela primeira vez ou mais e mais vezes, eu resolvi acreditar que “nada é absoluto. Tudo muda, tudo se move, tudo gira, tudo voa e desaparece” e “se existe vida após a morte, não me esperem, porque eu não vou”, não por agora! Tenho muito a viver, a brincar e a sonhar com as meninas de hoje que se tornarão as mulheres do amanhã.

REFERÊNCIAS

LISPECTOR, Clarice. Frases de Clarice Lispector. **Pensador**, [s. l.], [2020?]. Disponível em: https://www.pensador.com/frases_de_clarice_lispector/. Acesso em: 20 mar. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: A Experiência Vivida. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIR, Simone de. Frases de Simone de Beauvoir. **Pensador**, [s. l.], [2020?]. Disponível em: https://www.pensador.com/autor/simone_de_beauvoir/. Acesso em: 20 mar. 2021.

KAHLO, Frida. Frases de Frida Kahlo. **Pensador**, [s. l.], [2020?]. Disponível em: https://www.pensador.com/frida_kahlo_frases/. Acesso em: 20 mar. 2021.

Carta aberta às juventudes

Andreina del Rocio Saá Calle
Juliana Amaral Dias Cordeiro
Luziane de Assis Ruela Siqueira
Maria Elisabeth Bussular Franquini
Marina Francisqueto Bernabé

Queridas e queridos jovens,

Somos um grupo de mulheres, professoras, psicólogas e estudantes de Psicologia, nascidas em diferentes lugares, de idades, classes e orientações sexuais diversas, que vêm se propondo a refletir acerca dos modos de vida que são atrelados a ser mulher na nossa sociedade, neste caso, mais especificamente na mídia. Temos pensado sobre os registros que as personagens do gênero feminino foram apresentadas a nós, em nossas infâncias e juventudes. Refletimos quais personagens das histórias infantis e do entretenimento habitam nossas memórias, marcando e, por vezes, limitando nossos afetos e nossos corpos. Indagamos quais modos de ser mulher compareceram nas pistas do que foi sendo definido como “feminino” e “masculino”.

Aliás, questionamos quais modos de ser mulher que habitam em nós, pois elas evidenciam determinadas concepções de gênero, que foram construídas também a partir desses dispositivos midiáticos que nos propomos a ressaltar nesta carta.

Propomos esta carta como um convite: como as mulheres vêm sendo retratadas na sociedade contemporânea? Com ênfase nas histórias infantis de princesas das últimas décadas que são direcionadas às crianças e aos jovens, refletimos: como essas narrativas contribuem para a construção do *ser mulher* na contemporaneidade? Como essa construção impõe restrições entre os gêneros, reproduzindo lugares estáticos e modos de vida socialmente aceitos ou refutados?

Em um mundo que vivencia um tempo que parece não caber tudo que temos desejo de fazer, pode ser difícil parar para pensar, sentir, refletir — um mundo em que não vivemos os encontros como experiência, onde tudo se passa, mas quase nada *nos passa, nos toca* (LARROSA, 2014). Fazemos o convite de cultivar a conversa como arte do encontro, como experiência de uma escuta sensível, que busca ir além do que está naturalizado como verdade em nós, indo além das definições binárias e gendradas de comparecem no “isso é coisa de menina ou de menino”.

Às vezes, é difícil iniciar uma conversa, assim, optamos por falar de nós, trazendo nossas memórias e as marcas de uma cultura que habita os nossos corpos.

Algumas de nós, enquanto *millennials*⁶, vimos uma grande mudança na forma que as tecnologias, o acesso e o volume de informações midiáticas chegam na sociedade, desde o *vhs*⁷ até o *streaming*⁸ e as mídias sociais. Vimos pequenas e grandes revoluções se consolidarem no mundo, tanto na geopolítica, com a primavera árabe e

6 Pessoas nascidas entre 1980-1996.

7 Sigla que significa Home Studio System ou “Sistema Doméstico de Vídeo”, em português.

8 Forma de consumir filmes, séries, vídeos, músicas etc. por transmissão online.

os protestos de 2013, quanto às *hashtags* do movimento #metoo⁹ — dando luz à luta das mulheres que, justamente, dão corpo e forma às representações femininas que buscamos analisar.

É inegável que somos tão nostálgicas quanto quem nos antecedeu, os que abriram a caixa de pandora, *boomers*¹⁰. No decorrer dos anos e com a massificação, vimos que os produtos são frequentemente adaptados e reinseridos no mundo das tecnologias midiáticas. Questionamo-nos se essas mudanças são percebidas pela juventude de hoje, se há escolhas nas tecnologias de gênero que perpassam as mídias ou se as representações gendradas ressoa com as suas identificações.

Partimos do princípio de que esses produtos gendrados são influenciados e influenciam as jovens e os jovens em seus processos formativos, visto que capturam um certo *zeitgeist*¹¹ do momento em que são criados. Do outro lado da moeda, ao consumir essas imagens, somos marcados por elas. É preciso afirmar, com isso, no entanto, que essas representações não são um reflexo absoluto ou mesmo fiel do que é ser mulher, habitar um corpo mulher em toda sua complexidade e diversidade, ainda mais em tempos como esses, nos quais os conceitos de gênero têm se expandido e se subvertido de forma a tentar abraçar esse universo aberto que é o escopo da feminilidade.

A partir disso, iniciamos nossa empreitada procurando em nós quais foram as imagens que nos marcaram ao crescer, buscando mergulhar em nossas próprias memórias. Foi um filme ou um seriado específico ou foi um conjunto do que nos tocou na época? Cada geração tem os clássicos e os estelares que inovaram o pensar e o olhar de cada um de nós, assim uma mulher forte, corajosa e inteligente podia ter um lugar em importantes discussões. Porém, será que naquela

9 #metoo é um movimento internacional, descentralizado, que fala contra o abuso sexual e a cultura do estupro.

10 Pessoas nascidas durante o chamado Baby Boom, entre 1946-1964.

11 Palavra em alemão para o clima intelectual de uma época.

época já tínhamos noção de que o nosso envolvimento com certos *fandoms*¹² nos acompanharia e impactaria até hoje?

Discussões que quebraram alguns estereótipos do que é ser mulher, dos nossos corpos, abrindo portas a reflexões e inquietações acerca das incoerências entre o que víamos como retratos do feminino e o que habitava em nossos corpos e afetos. Podemos perceber que, dentro dessas discussões, conceitos importantíssimos vêm sendo discutidos, com cada vez mais camadas, interlocuções e questionamentos.

Um exemplo de um seriado que foi muito consumido, lançado há quase 30 anos e que continua sendo consumido atualmente, é *Friends*. É notório que a narrativa do seriado perpassa determinado grupo social, que, sem fazer qualquer crítica a ele, reforça modos de vida e valores que são vendidos como uma realidade possível e alcançável à população. Assim como anunciam valores e modos de vida específicos, em que as personagens vão ditando a maneira adequada de ser homem e ser mulher, com conteúdo preconceituoso, que reafirma lugares hegemônicos e nocivos que devem ser questionados. Entretanto, ele ainda é consumido atualmente, o que evidencia um possível desejo, identificação e a reprodução das configurações de relacionamento, masculinidade e feminilidade dominantes.

Poderíamos também falar das princesas, que comparecem como uma imposição no imaginário infantil restrito às meninas. Afinal, é socialmente desejado que as mulheres se tornem princesas, que precisam se adequar e submeter a determinadas vestimentas e principalmente à procura por um príncipe encantado. Conforme essa imposição ficcional, dessa forma, seríamos respeitadas, amadas e desejadas como pessoa na sociedade. Nas princesas da Disney, apresentadas desde a década de 30 e reapresentadas nos anos 90 e começo dos 2000, na sua maioria eram grandes exemplos da “dependência de uma mulher a um homem para ser salva”. Ou, ainda, retratavam

12 De forma resumida, é um grupo de fãs de determinada coisa em comum.

uma menina que simplesmente faz o que outros falam para fazer, chegando até a modificar e deixar sua vida para seguir seu príncipe, meta máxima ser alcançada: casar e ser feliz para sempre!

Pensemos no caso da Ariel, a pequena sereia (1989): uma princesa que vivia tranquila no mar até se apaixonar, deixando sua calma vida nas águas para morar na terra com um homem que conheceu em um dia. Muitos falam: isso é amor! Mas não conseguimos acessar nenhuma conversa que fizesse alusão a como seria sua vida a partir da sua mudança de vida. Sua história já estava escrita, ela moraria em um palácio na terra, deixaria de ser sereia, deixaria de cantar — marca indelével de ser sereia, para, após todo seu sacrifício, ter o almejado final feliz, ao lado do sonhado, esperado e desejado príncipe. O que fica silenciado? O conceito de que um relacionamento demanda comunicação e compreensão com seu parceiro ou parceira, dando a ideia de que, para sermos felizes, um dos dois (a mulher, neste caso e em muitos outros que conhecemos) teria de renunciar a toda sua vida para passar a viver a vida do outro. Questionamo-nos: será que é isso que queremos de verdade? O que somos ensinadas a desejar? E quais formas de ser mulher são possíveis na sociedade?

Assim como presenciamos as mudanças nas tecnologias, podemos também falar de como as princesas hoje estão diferentes. Se nos anos 90, começo dos 2000, elas dependiam de um príncipe para salvá-las, hoje as histórias vêm mostrando mudanças, por vezes, sutis, outras vezes, mudanças paradigmáticas.

Tomemos como exemplo o filme *Frozen* (2013), o qual trata sobre o amor entre irmãs, o príncipe, além de ser o vilão, é deixado de lado. O mesmo acontece em *Moana*, onde a protagonista busca mudar a história de sua ilha e a figura de um príncipe nem aparece. As histórias de princesas estão mudando, mostrando que uma mulher não precisa depender de um homem para “se salvar”, ela mesma pode fazer isso! Particularmente, gostaríamos de destacar o filme *Mulan* (1998), que apresenta uma mulher que vai à luta para salvar seu país, que acaba lutando também contra os ideais da época e de sua cultura.

Mulan nos mostra outra forma de ser mulher, em que o cuidado e a fragilidade não são sinônimos de feminilidade. A força e a luta, mesmo com os percalços, parecem-nos uma ruptura ao modo princesa que é imposto.

No entanto, nem tudo mudou, muitas vezes as histórias mantêm um final romantizado e idealizado, em que a felicidade está condicionada a um modo de ser princesa. Entendam bem, queremos e podemos ser felizes! Mas queremos ter o direito de escolher o **nosso** final feliz! Queremos ser livres!

Adichie (2015), em seu livro *Sejam todos feministas*, aborda que meninos e meninas são criados de forma diferentes. Para a autora, ensinamos as meninas a se encolherem perante o sexo masculino. Unimo-nos ao pensamento da autora, compreendendo que não podemos nos diminuir diante dos homens, nós mulheres já sofremos demais e durante séculos com essa repressão. Uma repressão histórica que se atualiza nas histórias que nos são ainda contadas, nos modos como ainda insistem em nos retratar nas mídias e na cultura. Está na hora de mudar, de ensinarmos as crianças sobre igualdade, principalmente igualdade de gênero, para que as histórias das princesas dependentes não voltem a acontecer. Apostemos nas insurgências e resistências, nas histórias que ousam profanar o lugar único produzido/naturalizado para a mulher: esposa, mãe, trabalhadora etc.

Como reflexão, trazemos Lauretis (1994), que nos convida a pensar o gênero se apropriando do conceito de *difference* proposto por Derrida, não a partir de pares de opostos, como: bem/mal, claro/escuro, cima/baixo, assim, o feminino não precisa ser o oposto do masculino e nem suas representações. Nessa proposta de olhar e pensar o gênero, cada um pode ser definido por si mesmo. A autora apresenta que, por muito tempo, a mulher tem sido vista e representada como o oposto do homem como se fosse o negativo de uma foto. Dessa forma, as possibilidades de ocupar um corpo gendrado seriam extremamente limitadas, construindo-se naquilo que o outro *não é*. Nesta carta, queremos convidar vocês, jovens, a compartilhar

conosco seus questionamentos, ideias, posicionamentos, sentimentos e o que mais desejarem, sobre as diversas formas que todo espectro de gênero têm sido trabalhados em obras da cultura pop¹³. Buscamos refletir e compartilhar como/se elas nos incentivam a pensar nossas subjetividades para além das caixas pré-fabricadas, se elas produzem *difference*...

Está feito o convite, esperamos nos encontrar em breve!

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-241.

13 Cultura pop pode ser definida como cultura industrializada ou industrial.

Carta a uma jovem pesquisadora

Alana Araujo Corrêa Simões

Camila Tobio Emmerich

Jéssica Mariana Parrilha da Silva

Querida/o/e leitora/e,

Sim, você mesmo. Pode parecer estranho endereçarmos a carta para tanta gente e ao mesmo tempo só para você. Meninas, incluindo a criança que fomos e somos, pesquisadoras e a todos que vivem, sentem e presenciam os efeitos da pesquisa no Brasil. Ou seja, você também. Seja você se encontre ou não neste universo da pesquisa acadêmica. Esta carta é direcionada a quem se interessar pelo que as experiências de três pesquisadoras têm a dizer. É, na verdade, uma possibilidade de conversa, assim como a conversa que começou entre as autoras.

Precisamos lhe confessar que ao nos depararmos com o convite de escrever uma carta para você, sobre “a experiência de ser

pesquisadora”, já de início nos perguntamos: como iremos falar de uma vivência sem considerar a pluralidade de pesquisadoras? Como iremos escrever uma única carta a partir de três experiências tão singulares? Afinal, somos três e cada uma de nossas experiências são múltiplas.

Bom, depois de muito conversarmos, entendemos alguns riscos que estaríamos correndo ao escrever. Primeiramente, não queríamos incorrer no risco da extrema pessoalidade e especificidade de nossas experiências, na qual preencheríamos esta carta com queixas e conselhos. Não queremos lamentar nossa posição e nem te aconselhar, pois não acreditamos que a nossa experiência seja certa ou errada. No entanto, apostamos na possibilidade de que você possa extrair da leitura desta carta uma sabedoria, um direcionamento ou, quem sabe, um aprendizado...

Também decidimos não lhe contar sobre uma experiência generalizada de “ser pesquisadora”, pelo simples motivo de não acreditarmos na existência desse lugar a priori. E que qualquer direção nesse sentido seria criar uma representação genérica e totalizante. Consideramos, assim, a existência das diferenças colocadas para as pesquisadoras: áreas de conhecimento e pesquisa, questões de classe, de raça, de sexualidades diversas, de pesquisadoras com e sem útero, mães, de idade, de pesquisadoras com deficiências, advindas do ambiente rural e do urbano e tantas outras singularidades. Por isso, não nos caberia falar de uma experiência que atravessasse todas as pesquisadoras, mas somente de nossa experiência.

Para entendermos como conseguiríamos lhe escrever, tomamos como referência metodológica o texto “‘Meu lugar é no cascalho’: políticas de escrita e resistências” (OLIVERIA *et al.*, 2019), no qual essa dicotomia do que é de todas e do que é “nosso” se desfaz aos poucos quando percebemos que os trechos que escrevemos não tocam só a nós. Quiçá por isso, valha compartilhá-los.

A incumbência de criar o que dizer para você tem sido nosso trabalho, de forma que, para lhe facilitar, criamos uma personagem

ficcional: uma jovem pesquisadora. Jovem pesquisadora, pois está no começo de sua empreitada, embora não saibamos exatamente quando isso seria... Mas, calma, que já chegaremos lá. Aqui, falaremos de uma pesquisadora, mas não qualquer pesquisadora e nem de todas. Pode ser que você se aproxime ou não das experiências dela, mas ela pode lhe contar de experiências que existem: de afetos e construções presentes no caminhar de uma jovem pesquisadora desde muito cedo. Calma, não é uma personagem de “mentira”. Ainda somos nós, mas também somos ela.

Outro detalhe importante que precisamos confessar é que ela não foi criada da noite para o dia, mas segue em montagem e desmontagem “num contínuo e inacabado desenho” (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 181) não só até o ponto-final, mas também com você. Portanto, é uma personagem feita a partir da composição de elementos misturados entre nossos afetos. Foi o que nos permitimos nesse período nas trocas de nossas escritas e conversas. Uma escrita autobiográfica que rompe com a dicotomia entre corpo-experiência e neutralidade-ciência (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Dessa forma, a jovem pesquisadora, talvez, tenha sido uma maneira de brincar com o reconhecimento de ser pesquisadora. Embora nós três já estejamos no meio de um percurso acadêmico na pós-graduação em Psicologia, lembramos, a princípio, como não é nada fácil sonharmos em sermos pesquisadoras. O que expressa muito do mundo em que vivemos, em que, pelo menos, há alguns poucos anos atrás, logo imaginávamos um pesquisador na imagem de um cientista homem cisgênero, branco e grisalho. A partir daqui, iremos te conduzir em uma viagem pelas memórias da jovem pesquisadora, carregadas de afetos e reflexões acerca de suas experiências ao longo de seu percurso com a pesquisa. Desde muito tempo atrás, quando pesquisar não se chamava pesquisar...

Antes de ser uma prática de trabalho, o pesquisar é uma experiência infantil da jovem pesquisadora. E, antes de ser qualificado enquanto ato de pesquisa pelas instituições formais, o pesquisar

se chamava curiosidade para ela. Nunca foi fácil para uma menina curiosa se autorizar ao direito de se “meter” em empreitadas de pesquisa. Frases e insinuações como “você é muito para frente” ou “vou cortar as suas asinhas” se faziam presentes. Existia um saber que nunca foi o lugar dela, mesmo não sabendo ao certo que saber era esse. Nunca foi lugar de meninas para frente. E se em algum momento foi, existia uma limitação muito bem estabelecida.

Quando criança, em uma noite de natal, a jovem pesquisadora e seu irmão recebem um presente cada. O presente de seu irmão era um jogo de alquimia com muitos tubos de ensaios, receitas e produtos químicos. A jovem pesquisadora ganha uma boneca. Ela não se lembra da boneca ou de como se sentiu ao recebê-la, não por não gostar de bonecas. Não sei se ela se esqueceu por não tê-la marcado ou por ter sido extremamente marcada pelo jogo de alquimia. Queriam que o irmão dela fosse cientista, achavam o jogo muito perigoso pra ela. Hoje ela se pergunta se o perigo seria dela se tornar cientista. (trechos de memórias das autoras, 2021).

Entretanto, mesmo a alquimia não sendo o jogo da jovem pesquisadora, existiam lugares que eram dela e que eram de pura apropriação subversiva. Mesmo nas brincadeiras de “panelinha”, lugar “apropriado” para ela, já entendia o saber por trás da brincadeira. O saber da alquimia.

A jovem pesquisadora, com seus brinquedos de utensílios da cozinha, brincava vez ou outra com misturas de materiais comestíveis e não comestíveis. Assim, permitia que sua fantasia a levasse para experiências gastronômicas reais, apesar de já entender que aquilo não era de comer. Misturava areia branca com água e tinha o seu arroz. Em uma outra brincadeira, inventava roteiros e alquimias. Engarrafava flores e misturava com água e cosméticos para fazer perfumes. Perfumes que talvez não fossem usados

e não possuíam estudo algum sobre cosmetologia, mas aquela brincadeira já cheirava bem. Um cheiro de novidade e de pesquisa. (trechos de memórias das autoras, 2021).

A jovem pesquisadora, ao olhar para essa cena, conforta-se na beleza que é encontrar uma força naquela criança que foi e que ainda é. Será que já não pensava em ser cientista? Também percebe que há sempre a possibilidade de pesquisar de tudo, inclusive conhecimentos que nem chegam na tal universidade, que descobrira mais tarde. Mas é importante que exista a oportunidade de sonhar, sabe? Porque, de uma forma ou de outra, estamos fazendo essa alquimia o tempo todo, mesmo que não seja mais de brincadeira. Mas precisamos senti-la. E como adultos sentem pouco por muitas vezes, né? Ou não se permitem, justamente porque imagina-se que ao adulto caiba apenas responsabilidades sérias e duras. Muitas imposições e escudos. Talvez, na verdade, uma das imposições seja justo a de sentir pouco... Mas o que isso tem a ver com pesquisar? É que nessas *pesquisas-alquimias*, sejam elas de qualquer natureza, precisamos sentir para ver onde desemboca nosso esforço, certo? E a jovem pesquisadora aprende, com a criança que foi, a brincar junto e sentir o cheiro daquilo que fez para ver, afinal, se a invenção cheira bem.

Passado algum tempo, sendo alfabetizada e inserida no processo de escolarização, a curiosidade foi ganhando consistência. E pôde ser guiada no caminho do pesquisar por meio de livros, mestras/es e amigas/os que compartilharam com ela dessa caminhada. Mas uma coisa a jovem pesquisadora já percebia: os números nunca foram para ela. A ela e a outras jovens pesquisadoras, cabiam as matérias letradas. Diziam que eram humanas. Ficava admirada e impressionada quando uma delas decidia brincar com números. Como se fosse um grande feito, quase que impossível, pelo fato de serem meninas.

No ensino médio de sua escolarização, dividiam-se entre futuras médicas, veterinárias, professoras, psicólogas, nutricionistas; e

futuros engenheiros, matemáticos, químicos, físicos, economistas e por aí vai. Ao sentir essa divisão, a jovem pesquisadora não julga o valor dos números superior ao das letras, mas entende quais lugares de pesquisa já estavam sendo colocados para ela e para suas jovens colegas. Um lugar que não era de escolha pelas profissões das letras e do cuidado, mas de impossibilidade de desejar os números. (trechos de memórias das autoras, 2021).

Ao escolher seu caminho de pesquisa, marcado pela sensibilidade da escuta, outros desafios passam a contestar novamente a legitimidade de seu desejo. A jovem pesquisadora já sentiu isso de muitas formas. Seja quando foi calada por manifestar sua opinião frente a um homem, explicitamente ou com um simples desdém. Ou quando o saber acadêmico a silencia nos colocando em lugares comuns e estereotipados. Querem que nos esqueçamos do saber da alquimia e do corte de nossas asas para fazer-nos caber nos lugares sempre reservados a nós.

Diante de uma certa tradição acadêmica a que nos remetemos, moderna e positivista, o conhecimento verdadeiro seria passível de ser alcançado somente “com o emprego dos procedimentos e do método da ciência” (KASTRUP, 1999, p. 30). Kastrup (1999) nos ajuda a pensar outras vertentes filosóficas que colocam em questão esses paradigmas que se afirmam invariáveis através do tempo. Elas contribuem para questionar o corpo do pesquisador como meramente observador numa posição de neutralidade. Grada Kilomba (2019) vai dizer, sobre a neutralidade, que ela é, na verdade, uma posição de poder. Se a razão ocupa todo o espaço do saber, lembrar das marcas do corpo e do mundo em nós é ainda pouco científico e sem importância para esse tal “saber acadêmico”.

Assim, a questão de “ser mulher” torna-se algo tão presente para a jovem pesquisadora que se torna quase necessário passar por essa construção enquanto problema, seja qual for o seu tema central de pesquisa. Diante disso, importa mais os desvios que fazemos na afirmação de legitimidades científicas que *cheiram bem*, do que caber num

saber acadêmico que silencia nossa fala. E são muitos os desvios. É sobre driblar eventuais dificuldades nas possibilidades que ela e suas companheiras vão forjando juntas.

O tempo também nos coloca muitas marcas que limitam seu lugar de passear pela pesquisa. A jovem pesquisadora se lembra do tempo que passa se ocupando de tarefas que não deveriam ser só das mulheres e o sentimento constante de correr contra o tempo para se manter alinhada às curiosidades que ainda passam por ela. Entre essas tarefas, percebia uma divisão injusta entre pesquisa, cuidados de casa, trabalhar e realizar procedimentos estéticos impostos a nós que, por muitas vezes, faziam-se sem sentido. Em sua casa, isso era muito evidente.

Sua mãe se ocupava dos afazeres domésticos e se entristecia por não receber ajuda da jovem pesquisadora. Percebia que a sua mãe não conseguia realizar outras coisas além dos cuidados com a casa, com seus filhos e com sua aparência. O que já era trabalho à beça. Muitas vezes, se sentia cobrada por seguir seus estudos e não poder ajudar a sustentar tantos afazeres como sua mãe. Não conseguia se fazer uma “mulher de verdade”, que dava conta de tudo e ainda pesquisava. (trechos de memórias das autoras, 2021).

A jovem pesquisadora se lembra com um misto de culpa e gratidão: pôde sonhar com os estudos, pois a mãe cumpria os deveres do lar. O que isso diz sobre ela? O que isso diz sobre sua construção como mulher que acredita na emancipação de outras mulheres? Será que falhou? Então percebe, mais uma vez, que as mulheres dão passos mais largos, pois são apoiadas por outras mulheres. Seja uma mãe, uma avó, uma irmã, uma tia, uma amiga, uma companheira, uma filha, uma professora, uma outra pesquisadora. Nunca foi possível, na verdade, caminhar só e ainda não é, ainda bem.

A jovem também assistia com muita atenção a suas colegas pesquisadoras que eram mães e via de perto o estreitamento dessa divisão de tempo.

Durante a sua graduação, percebia a quantidade de sobrecarga com a maternidade que passava pelas suas professoras e colegas pesquisadoras. Adquiriam a reputação de serem irresponsáveis por faltarem compromissos, precisarem de licenças e prorrogações por causa de suas responsabilidades com a maternidade. Muitas vezes, a própria jovem pesquisadora também questionava a legitimidade dessas faltas e imprevistos das outras mulheres. (trechos de memórias das autoras, 2021).

A partir desse trecho, pensa na importância de uma rede de apoio e das condições de acesso e permanência na universidade para que as suas companheiras possam seguir pesquisando. E, assim, ela também. E por falar em seguir pesquisando, ela segue em um processo de escrita solitário que vive no mestrado. E percebe que é preciso ficar só para escrever, mas aí lembra-se, quando escreve, quantas escrevem junto com ela? Quantas referências carrega? Sejam elas outras escritoras ou mulheres presentes por laços afetivos, afinal, quantas carregam com nós tudo isso?

Trouxemos memórias da jovem pesquisadora, pois ela constantemente retorna a referências de si própria nessa caminhada como forma de sustentar seu desejo. Ela precisa se lembrar. É o seu próprio compromisso com o processo de implicação que afeta seu corpo e resgata suas memórias, até para que consiga persistir e insistir, pois enfrentará constantemente frustração e desilusão nessa jornada. É preciso dar passagem às quebras de idealização de um lugar como pesquisadora. A jovem pesquisadora entende que tanto a curiosidade e o desejo, quanto a angústia e a solidão também precisam compor o espaço da escrita. Acolher eles como antigos conhecidos que precisam visitar, mas que também têm a hora de partir.

O desencanto também faz parte da caminhada da jovem pesquisadora, mas ela procura encará-lo com honestidade e cuidado, dar lugar para que ele atravesse o saber. Usá-lo para que não transborde em todas as suas dimensões, mas que também não passe despercebido,

pois também compõe essa caminhada. O lugar de dar passagem à morte de algo em si para que algo possa nascer por meio do encontro com a pesquisa.

Talvez, ela tenha aprendido a transformar fragilidades esperadas em potências que possam ser compartilhadas. “Não ande só”, eles disseram, “é perigoso”, eles reforçaram. As jovens pesquisadoras que vos falam entenderam o recado e resolveram se fazer em bando, existir em bando, pesquisar em bando, escrever em bando. Construir potência em suas representatividades mais diversas, inclusive quando sós.

Ao longo da escrita desta carta, vimo-nos em torno de questões — nosso lugar, onde o saber acadêmico nos cabia ou não... Remetemo-nos a afetos que indicam limites postos nessa relação com o saber, que vêm de diferentes formas para a jovem pesquisadora. Conseguimos trazer alguns afetos e, ao nos depararmos com eles, sentimos a necessidade de afirmar onde não queremos caber.

Este tempo em que constituímos outras referências como representações acadêmicas e midiáticas, que hoje já apresentam campanhas de incentivo para meninas serem pesquisadoras, continua apresentando limites reais. Ao vermos diferentes fatores impedindo o acesso à educação pública de qualidade, assim como às demais políticas públicas que garantiriam uma seguridade saudável para bancar o processo do pesquisar, perguntamo-nos novamente: será que já é o nosso lugar? Ou qual lugar está sendo forjado para nós? Se afirmamos aqui a diversidade da jovem pesquisadora e uma escrita que passa através do corpo, precisamos reafirmar a importância de garantir que essa diversidade possa aparecer no universo acadêmico com políticas equitativas.

Os desafios que enfrentamos nessa jornada nos fazem lembrar do bando e das redes. Justo em um momento pandêmico da Covid-19 tão crítico como o que estamos passando enquanto escrevemos esta carta, que impõe a necessidade de isolamento social. Entre reverberações deste período em nossas vidas e pesquisas, foi possível compartilhar afetos virtualmente e seguir nesta aposta.

Caminhamos aqui por memórias e dimensões felizes e conflituosas da jovem pesquisadora. Ela se constitui em um processo sem arestas, sem linearidade. Mas é contínua, porque começa a aprender sobre o que é ser pesquisadora, ao mesmo tempo que compreende que quando se chega com o corpo carregado de experiências não se chega só. A jovem pesquisadora somos nós, trilhando caminhos incipientes, matando curiosidade e se autorizando pouco a pouco a serem chamadas de pesquisadoras. Mas é difícil! Insistimos em cobranças infinitas, ao invés de criações possíveis. Essa elaboração se faz com uma desconfiança de quem entende que certos lugares são majoritariamente ocupados por homens, mas não deveriam ser. Acreditamos nessa empreitada, mas jamais poderíamos romantizá-la.

Principalmente na atual realidade da gestão fascista do cenário macropolítico brasileiro, na qual o desejo de mortificação de qualquer movimento de transformação predomina. Nesse sentido, a potência da emancipação das mulheres e a potência criativa do pesquisar são alguns dos principais alvos de ataque. Apesar do desejo de um governo genocida, tornamo-nos mais necessárias do que nunca por sermos fortes vetores de mudanças.

A jovem pesquisadora, talvez, também esteja aí desse lado, um tanto tímida, receosa ou ávida e faminta. E por isso convidamos você a criar seus próprios personagens, aqueles que sejam capazes de sustentar uma sede de saber, de ser, de participar, de contribuir, de trabalhar, de pesquisar, de estudar e de resistir.

Com sinceridade e muitos afetos, jovens pesquisadoras.

REFERÊNCIAS

KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo** – uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas: Papirus, 1999.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares *et al.* “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. **Fractal**: Revista de Psicologia Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas, Niterói, v. 31, n. esp., p. 179-184, set. 2019.

Sobre lembrar e esquecer nos atos de cuidado entre mulheres

Ana Lucia Coelho Heckert

Escrever cartas é um exercício de partilha das experiências que nos atravessam e das indagações que nos habitam. Vivemos um tempo de pandemia da Covid-19 com muitos assombros e inquietações, lidamos todos os dias com um tempo que escorrega por entre nossos dedos. Um dia de cada vez tem sido o mote da vida de muitas brasileiras. E as brasileiras pobres e negras, que já viviam nessa corda bamba, hoje veem as dificuldades aumentarem e crescerem. Eu sou uma mulher branca, forjada na branquitude¹⁴, com muitos privilégios. Ainda que seja oriunda de uma família pobre, ter nascido branca abriu caminhos para mim que não existiriam, caso fosse uma mulher negra.

14 A esse respeito, ver Schucman (2020).

Pois bem, sou uma mulher branca, de classe média, professora universitária aposentada. Nasci no estado do Rio de Janeiro e mudei para Vitória-ES, em 1993, quando me tornei professora do curso de Psicologia da Ufes. Durante 27 anos, construí uma carreira docente e andei por muitos caminhos. Atuei na graduação, na pós-graduação, fiz pesquisa e extensão, militei no nosso sindicato que é a Adufes, participei de muitas lutas fora da universidade e dentro dela. Parte de minha família continuou morando em Nova Friburgo. Na verdade, uma pequena família com quatro mulheres (eu, minha mãe, minha irmã Luciana Heckert e minha sobrinha Luiza Heckert) e dois homens (os dois genros de minha mãe).

Minha mãe se chama Dalva e hoje é conhecida como Dadá. Uma mulher batalhadora, guerreira, que lutou muito para que tivéssemos uma vida mais confortável do que foi a sua. Perdeu o pai com 17 anos, ajudando a minha avó a criar seus 5 irmãos mais novos. Sempre se virou fazendo bordados, tricô e, mais tarde, tornou-se merendeira de escola pública em Friburgo. Casou aos 20 anos e ficou viúva com 46 anos. Educou-nos para que fôssemos autônomas e independentes e usou mil estratégias para que as duas filhas concluíssem um curso de graduação.

As dificuldades da vida lhe trouxeram muitos aprendizados e muitos sofrimentos. Viveu processos depressivos e não pôde se cuidar, porque precisava lutar para garantir melhores condições de vida para suas filhas. A partir dos 65 anos, começou a ter atitudes muito estranhas: sentia-se perseguida, seu humor se alterava muito facilmente, isolava-se da família em alguns momentos, qualquer barulho a incomodava profundamente. Após muita insistência, conseguimos que aceitasse ajuda e passou a ser acompanhada por uma psiquiatra. Pouco depois, recebemos o diagnóstico de que estava em curso o início de um processo de Alzheimer.

Dadá morava em Friburgo e residia sozinha em seu apartamento. Ter sua casa, morar sozinha, decidir como ia viver eram questões fundamentais para minha mãe. Por várias vezes, antes de sabermos

do Alzheimer, fez-me prometer que eu jamais a retiraria sua casa. Mas o Alzheimer chegou, alguns anos depois, chegou o Parkinson, e ambos foram trazendo muitos limites para sua autonomia e mobilidade. Minha mãe continuou morando em seu apto em Friburgo, mas a partir de certo momento precisando de acompanhamento permanente. Contamos com três funcionárias, com a supervisão direta de minha irmã, e a presença constante das irmãs Gracinha e Lurdinha e do afeto do irmão Manoel. Mulheres cuidado de mulheres, tendo apoio do genro Cláudio e dos sobrinhos, das amigas queridas que estavam sempre por perto, das cuidadoras e, principalmente, de D. Antonia que esteve ao seu lado nessas travessias difíceis. Mantivemos Dadá em sua casa enquanto foi possível, mas suas perdas iam crescendo e chegamos à situação de limite, Dadá teria de viver com uma das filhas. Os serviços de saúde em Friburgo para acompanhar os seus problemas de saúde eram precários, então decidimos propor à Dadá vir para Vitória-ES, morar comigo e com seu genro Beto e aqui buscar outras abordagens no cuidado à sua saúde.

Esta introdução visa localizar as leitoras e leitores desta minha carta. Compartilho com vocês a experiência singular de cuidar de Dadá, com os desafios de saúde que lida diariamente. A partir de 1993, passei a morar há mais de 400 km de distância da Dadá e, mesmo indo com muita frequência à sua casa, quem acompanhava seu cotidiano era minha irmã, meu cunhado e as irmãs de Dadá. Em 30 de dezembro de 2014, minha mãe veio morar conosco e, a partir daí, vivi e lido diariamente um processo de outramento, que muitas vezes me retira o fôlego, mas que me fez lidar, no concreto da experiência, com os cuidados que a situação do Alzheimer conjugada ao Parkinson requerem.

Decidi fazer dessa experiência o conteúdo de minha carta, uma vez que me fez revirar certezas, buscar caminhos e desnaturalizar em meu cotidiano certo lugar de incapacidade e infantilização que os idosos são colocados, especialmente aqueles que têm sua mobilidade ou parte de suas memórias alteradas. Narro aqui algumas passagens que

temos vivenciado. Os artigos e pesquisas que li sobre o assunto mostram que a maioria das pessoas que cuida de idosos com Alzheimer é constituída por mulheres. São ainda as mulheres colocadas neste lugar criado pelo patriarcado como as que têm por função cuidar de idosos, de crianças, dos afazeres domésticos.

Como professora de um curso de Psicologia e voltada à formação de psicólogos para atuarem com políticas públicas, eu insistia em minhas aulas que aprender implica deslocamento e que nada está dado de uma vez para sempre. O trabalho docente permitiu que eu acesse experiências muito ricas e inusitadas, oportunizando um intenso aprendizado que fez minha existência variar. Dentre elas, ter acompanhado a produção da dissertação de Cleilson T. dos Reis¹⁵, defendida em 2010, que tratou da velhice e de seus modos de vida. Nesse momento, entre 2008 e 2009, minha mãe começou um processo de cuidado que nos levou ao diagnóstico do Alzheimer. Acompanhar esse trabalho, ler sobre os idosos e seguir os rastros das estratégias de resistência que forjavam ajudaram para que mais tarde tivesse algumas ferramentas em minha maleta.

Larrosa, um dos autores que gosto muito, diz que a experiência é aquilo que nos atravessa, fazendo a vida se deslocar e desviar. A experiência é imprevisível, imprescritível e indizível (LARROSA, 2011).

Porque a abertura que a experiência dá é a abertura do possível, mas também do impossível, do surpreendente, do que não pode ser. Por isso a experiência sempre supõe uma aposta pelo que não se sabe, pelo que não se pode, pelo que não se quer. A experiência é um talvez. Ou, o que é o mesmo, a experiência é livre, é o lugar da liberdade (LARROSA, 2011, p. 19).

A experiência é sempre coletiva e, por mais que a vivenciemos em nossos cotidianos, ela escapa a nós mesmos. Muitas são as vozes

15 Estou fazendo referência à dissertação de Reis (2010).

e os sotaques que nos acompanham na vida. E na experiência nos deparamos com zonas de não saber, com naturalizações e impasses. Convocamos saberes de outros lugares para lidar com situações singulares e inusitadas que requerem novas ferramentas. Então, é na experiência que nos tornamos outros, que somos convocadas a transitar por territórios nada familiares.

Receber o diagnóstico de um familiar com Alzheimer nos lança imediatamente em um campo pantanoso em que são acentuadas exclusivamente as perdas, as faltas, as impossibilidades. Somos apresentadas a um enredo em que lidaremos com um sujeito que não saberá mais de suas histórias, de suas amigas, de seus gostos e rechazos. Neste caminho, parece que temos muito a lamentar e pouco a criar ou inventar, somos lançadas na impotência e na paralisia. Porém, aprendi e aprendo que a experiência com o Alzheimer requer uma abertura ao imprevisível, ao que não poderá mais ser dito de certo modo e ao que jamais se pode prescrever de forma absoluta. Somos, portanto, convocadas a experimentar.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2016, p. 25).

Posso afirmar que essa experimentação com minha mãe ampliou minha existência, mostrou que o meu quintal é maior do que o mundo (Manoel de Barros). Nesse processo, fui convocada permanentemente

a criar caminhos, entendendo que também o Alzheimer mostra que a vida é variação e sempre cria frestas para escoar e se afirmar. Como Reis (2010) aponta em sua dissertação, a experiência do envelhecer é singular e plural. Porém, é tratada na maioria dos casos por práticas de cuidado que tutelam, infantilizam e sufocam os exercícios de autonomia e de liberdade. Usando autores como Deleuze, esse trabalho de Reis (2010, p. 70) aponta que a velhice pode ser um tempo em que nos livramos do que incomoda, do que não suportamos, em que “[...] se pode recusar o que não se quer.” Minha mãe não se tornou incapaz, não virou um bebê, não ficou muda e perdeu sua história. Ao contrário disso, vive um outro momento de sua vida em que pode dizer o que sente e pensa, tem preferências, alegre-se e se emociona, fica sobressaltada, não aceita qualquer coisa, recusa o que não lhe agrada. Não se tornou uma incapaz, não deixou de viver.

Então, escrevo esta carta para você que pode estar vivendo essa experiência, para você que ouviu falar sobre isso ou para você que vai trabalhar com idosos. Especialmente para você que pode ainda pensar que o Alzheimer é um tempo de apagamento, limitações e penumbras.

Quando decidimos que Dadá passaria a viver em Vitória, fomos orientadas pelo médico que a acompanhava em Friburgo para que seu novo quarto fosse o mais parecido possível com o quarto de sua casa anterior. Trouxemos suas roupas, seus objetos pessoais, suas muitas fotos, seus santinhos e terços, alguns enfeites de seu quarto, seus lençóis e travesseiros. Arrumamos o quarto o mais aconchegante possível e com a disposição de móveis semelhantes ao anterior. Preparamos o banheiro com barras para ajudar no banho e no uso do vaso sanitário, retiramos tapetes da casa e outros móveis que poderiam trazer situações de perigo. Deixamos o número de telefone da nova casa com amigas e familiares. A provocação era manter seus vínculos com amigos e familiares e criar aqui outras possibilidades de vida. E Dadá chegou a Vitória e nossa vida mudou. Não foi fácil, não é fácil, mas é desafiador e potente e pode ser alegre.

De início, antes de Dadá chegar, pedi ajuda à minha colega Luzimar, que no ano de 2020 morreu, porque foi contaminada pela Covid-19. Essa colega era professora do curso de Enfermagem da UFES e solicitei que me indicasse profissionais para darem continuidade aos cuidados da saúde de minha mãe. Foi então que indicou que eu procurasse o Centro de Referência de Atendimento ao Idoso (Crai)¹⁶, vinculado à secretaria municipal de saúde de Vitória-ES, e me apresentou à assistente social Olga Nascimento que atua nesse equipamento. Fiz contato, explicaram quais os procedimentos necessários para que minha mãe fosse acolhida pelo Crai. Primeiro, deveria procurar a Unidade Básica de Saúde do meu bairro, cadastrar minha mãe e pedir que fosse avaliada pela Equipe de Saúde da Família. Após essa avaliação, ela seria encaminhada pela UBS para o Crai. E assim fiz.

Eu diria a vocês que a maioria do que aprendi, a maior parte das estratégias de cuidado que são dirigidas à minha mãe, eu e minha família aprendemos com o Crai. Sem esse equipamento e essa política pública, a vida de minha mãe não teria a alegria e o brilho que tem. Dadá criou um vínculo muito forte com a médica que a atende há 6 anos, Dr.^a Arlene Modenesi, e com as profissionais da equipe multidisciplinar que a acompanham, como Adriana Liporati que é terapeuta ocupacional. Nesse Crai, aprendi que a autonomia de minha mãe estava em primeiro lugar e eu não poderia esquecer em momento algum que ela tinha vontades, histórias e sentimentos que não poderiam ser silenciados. Depois do primeiro atendimento no Crai, fomos tomar um café em uma cafeteria. Dadá pediu que eu pegasse dinheiro em sua bolsa e comprasse flores para as profissionais do Crai, porque eram maravilhosas. E assim seguimos com o Crai ao nosso lado há 6 anos.

16 O Crai é um equipamento que conta com equipe multidisciplinar com médico geriatra, enfermeira, assistente social, fisioterapeuta, psicólogos, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, técnicos de enfermagem, nutricionista e funcionários administrativos que atendem idosos residentes em Vitória-ES, que apresentam agravos na saúde e comprometimentos em sua capacidade funcional.

A cada momento os desafios mudam. A assistente social Olga Nascimento me apresentou aos grupos de familiares de Alzheimer, aos textos, sites e cartilhas sobre essa questão e orientava acerca dos direitos e do trabalho da equipe. Todos os atendimentos devem ser acompanhados por um familiar do idoso. No início, o desafio foi garantir que Dadá caminhasse e lidasse com os problemas que o Parkinson traz. Ao mesmo tempo, fui orientada pela terapeuta ocupacional e pela assistente social acerca dos estímulos que minha mãe deveria receber em função do Alzheimer. Nas consultas, Dr.^a Arlene orientava sobre como lidar com minha mãe: nunca se esqueça de perguntar qual roupa quer usar, convidar para tomar banho, perguntar sobre o que quer comer, dar dicas de quem está chegando mencionando o nome, nunca perguntar se ela lembrava de algo ou alguém e a regra de ouro, que nem sempre eu lembrava, não confrontar. Dadá passou a fazer fisioterapia em nossa casa e no Crai, passamos a ir semanalmente ao centro de convivência do idoso para que ela fizesse oficinas de pintura em tecido e crochê. Compramos alguns jogos e fizemos outros para trabalhar atenção, memória, leitura e escrita. Dadá participava e participa ainda das atividades da casa. Há 6 anos, andava com ou sem bengalas pela casa, lavava louça, fazia bolinho de chuva, ensinava-me a fazer frango caipira e doce de mamão. Hoje, sua mobilidade foi muito reduzida em função do Parkinson, agora se movimenta pela casa com ajuda de uma cadeira de rodas.

Lump, nossa cadela salsichinha, tornou-se sua grande companheira e protege Dadá não deixando estranhos se aproximarem, latindo quando acha que ela está em perigo. E Dadá se tornou seu porto seguro, deita no cantinho dos pés de Dadá, quando está com medo dos trovões. Minha mãe durante boa parte de sua vida não se aproximou de cães e tinha muito medo. A relação de cumplicidade e troca com Lump mudou tudo isso, e até em sua cama essa cadela pode ficar.

A cada momento, vou percebendo que as maiores dificuldades para vivenciar as mudanças de minha mãe vêm de minha parte. Não

foi fácil entender que minha mãe não conseguia caminhar com segurança e que a cadeira de banho seria necessária. Não foi fácil entender que ela responde a muitas de minhas perguntas com seu olhar. Nesses seis anos, assisti a vídeos, li teses¹⁷ e artigos, aprendendo que no lugar de tentar convencer minha mãe de alguns fatos, eu deveria entrar nas histórias que me contava, na realidade que fabricava.

As orientações que recebi me ensinaram que poderia experimentar esse momento da vida de minha mãe convivendo com as adversidades e buscando caminhos. Espalhei bilhetes pela casa em que escrevia “estamos em Vitória”, em seu quarto colocamos um grande calendário que marcava os dias e assinalava datas importantes. As fotos dos irmãos, das filhas, da neta, de sobrinhos, da mãe, de primas queridas foram colocadas em seu quarto.

Enquanto Dadá conseguia caminhar com segurança, descermos as escadas de nosso prédio para ir ao Crai semanalmente, e no retorno para casa, íamos tomar café em alguma padaria para comemorar aquele dia. Comprávamos revistas semanalmente para ler sobre receitas e variedades. Durante o período em que se localizava no tempo e no espaço, continuou recebendo o jornal impresso em Nova Friburgo para saber notícias de sua cidade. Até o ano de 2019, voltou à sua cidade todos os anos para passar o Natal com sua família e ver suas amigas. Em janeiro de 2020, antes da pandemia, comemorou seus 80 anos junto de sua família e de suas amigas. Recebe anualmente visitas da filha e da neta, do irmão e das irmãs, de alguns sobrinhos, das primas queridas e de algumas amigas nossas. Gosta de pintar as unhas, de colocar anel e batom.

Conviver com Alzheimer nos faz criar histórias e estratégias o tempo todo. Foi assim que aprendi também como agir nos momentos em que me pedia para ir embora para sua casa. Toda tarde, por

17 Eu recomendaria a tese de Feriani (2017). Recomendo, ainda, o vídeo produzido pela Fiocruz intitulado Alzheimer: mudanças na comunicação e no comportamento (ALZHEIMER..., 2017).

volta das 17 horas, Dadá me procurava dizendo que estava na hora de ir embora, e isso ocorria também quando estava em sua casa, em Friburgo. Fui orientada por Dr.^a Arlene a não confrontar e mudar o foco da conversa dizendo que já iríamos embora, mas que antes era melhor tomar café com bolo. Em outras ocasiões, essa estratégia não funcionou. Certa vez, passeando em Friburgo, tive de sair de sua casa, dar uma volta até a esquina e retornar para sua casa. Dadá estava angustiada e pedia para voltar para casa, estando em sua casa.

Depois de um período, esse estranhamento passou e não mais pediu para ir embora. Eu percebia que essa situação gerava angústia e ficava ao seu lado. Brincava, contava uma situação que havia ocorrido, pedia sua ajuda para alguma coisa, entendi que não podia deixá-la sozinha nesses momentos. Aos poucos, entendi que não era a casa de sua infância em São José, não se referia à casa de Friburgo ou a de Vitória. Era uma casa, artigo indefinido, um lugar que se sentisse confortável e acolhida.

Outra experiência que quero partilhar é o temível dia em que nossas mães não nos reconhecem mais como suas filhas. Mesmo sendo leitora de Deleuze, Guattari e Foucault. Embora entenda que as identidades muitas vezes são formas fixas e sedentárias que constroem para balizar nossa existência, eu temia muito que um dia Dadá não me reconhecesse como filha. E esse dia chegou.

Certa tarde, estávamos em seu quarto conversando, quando Dadá afirmou que iria embora, começando a arrumar sua bolsa se despedindo. Eu disse que era cedo para ir embora, que ficasse um pouco mais. Respondeu que não podia ficar longe de casa à noite, justificando que sua mãe (minha avó) não gostava que se ausentasse. Ria, tinha um olhar de cumplicidade diferente comigo, parecia se remeter a outro tempo e lugar. Num átimo de segundo, percebi que algo muito singular se passava, até que ela perguntou: sua mãe deixa você ficar longe de sua casa à noite?

O temível dia havia chegado, meu coração acelerou, uma profusão de pensamentos chacoalhavam em minha cabeça. Mas, ao mesmo tempo, não podia deixá-la sozinha no quarto e ir para outro lugar

chorar. E Dadá se mostrava decidida a ir embora. Foi então que perguntei: você quer que eu peça à tua mãe para você dormir aqui? Ela esboçou um sorriso maroto e respondeu que não sabia se sua mãe permitiria, alegou que não tinha camisola e nem escova de dentes para dormir em minha casa. Fui tirando de cena os obstáculos, peguei uma camisola e escovas de dente novas, dizendo que podia emprestá-la, e indaguei se desejava que eu telefonasse para sua mãe pedindo permissão para que dormisse em minha casa. Dadá concordou, eu peguei o telefone e encenei uma conversa com minha avó, que já havia morrido há muitos anos. No enredo criado por mim, sua mãe havia concordado que dormisse longe de casa, desde que fosse embora no outro dia.

Não tive tempo e nem condição para chorar e, nos próximos dias, fui percebendo que eu não era Ana, sua filha. Entendi que eu era sua prima e que assim deveria me comportar. Óbvio que a confusão era grande e eu esquecia e a chamava de mãe. Ela retrucava rindo, dizendo: deixa sua mãe saber disso, ela não vai gostar. Foi então que propus um acordo. Pedi autorização para chamá-la de mãe quando estivesse com ela, justificando que eu ficava com saudades da minha mãe. Dadá sorriu e respondeu: se isso te faz feliz, por mim tudo bem. Curioso é que eu conversava com ela sobre a Ana, sua filha. Aí percebi que a Ana existia, que ela amava a filha, mas que esse rosto havia escapado. Lembrei do Deleuze e de seu texto sobre a rostidade e fui viver essa experiência de não ser Ana, filha de Dadá. São sinais sutis que me mostram quando a Ana sai de cena. Nessas horas, ela tem outra relação comigo, um pouco mais cerimoniosa, mas, ao mesmo tempo, sem as obrigações que esse lugar de mãe coloca.

Aprendi com isso que não estar no lugar de sua filha não implica que não me ame. Ao contrário, faço críticas à Ana e essas são todas repelidas por Dadá. Ana existe em seus afetos e isso é tudo, isso é muito.

Muitas histórias não são mais narradas por Dadá e eu narro para minha mãe aquelas que sei e lembro. As memórias extensivas que lhe escapam também trouxeram alívio e serenidade. Dadá viveu

processos muito difíceis em sua vida que trouxeram danos seríssimos à sua saúde, como depressão e algumas fobias. Pois essas lembranças foram embora, e Dadá não arrasta mais situações que a fizeram sofrer. Há uma serenidade e uma alegria que hoje experimenta e que não vi em grande parte de sua vida. Portanto, nem sempre a perda de memória implica sofrimento, pode ser exercício de liberdade.

Estar perto de Dadá me faz maior do que fui antes, como diz o Dani Black¹⁸. Soube de histórias que não sabia, aprendi estratégias inusitadas, vejo que a memória dos afetos ainda permanece, pois sabe os nomes de amigas e familiares que ama muito. Dadá retomou movimentos que estava com dificuldades de fazer, como se alimentar com autonomia, segurando talheres e copo, fazer perguntas relacionadas ao que estamos conversando com ela, dizer que tal doce está uma delícia, a piscar os olhos para zombar de algo etc. Vamos nos alegrando com essas miudezas, vendo que cada um de nós sempre cria atalhos e vieiras para fazer a vida se expressar. Aprendi com essa mulher a me fazer independente, a gostar de liberdade, a gostar de ler e de escrever, a detestar injustiças, a ter sonhos. E nós seguiremos de mãos dadas, porque as memórias são coletivas e não lineares, vão e voltam, relampejam, afinam e desafinam, como disse Guimaraes Rosa acerca da vida. E quando as memórias de Dadá fogem, sabemos que há uma rede de afetos a lembrar as histórias tecidas e que jamais devem ser negadas ou apagadas e passamos a inventar com Dadá outras memórias.

REFERÊNCIAS

ALZHEIMER: mudanças na comunicação e no comportamento | Trailer. [S. l.]: Fiorocruz, 2017. 1 vídeo (2min.). Disponível em: <https://youtu.be/BvNTi-SfuKE>. Acesso em: 30 set. 2020.

18 Estou aqui me referindo à música “Maior”, de autoria de Dani Black. Essa música foi cantada pelos profissionais do Crai em uma das festas de Natal, em que eu e minha mãe participamos antes da pandemia do Covid-19.

FERIANI, Daniela Moreno. **Entre sopros e assombros**: estética e experiência na doença de Alzheimer. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2017.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444>. Acesso em: 30 set. 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

REIS, Cleilson Teobaldo dos. **A velhice como intervenção nos modos de vida**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**. São Paulo: Veneta, 2020.

Carta para as meninas, mulheres da minha vida, Cristina (76 anos), Flora (16 anos) e Sol (6 anos)

Alexandra Tsallis

Este cenário da pandemia tem me roubado poética. Tem me feito ser dura, irritadiça, incoerente, fora de controle. Tenho tido poucos momentos em que me encontro comigo. Um desses momentos é trabalhando, escrevendo esta carta. Pensando nas coisas que vou aprendendo pela vida como mãe de vocês, como filha da minha mãe, como mulher. Construindo utopias de um mundo alegre, muitas vezes difícil de encontrar. Esse mundo parece existir por pequenos períodos de tempo. Parece se esconder de mim. Talvez, em cantinhos de meu corpo, em cantinhos da minha vida. É estranho, mas tem sido assim nestes meses. Parece que ao estarmos convivendo

demais e de maneira muito isolada, perde-se a beleza do encontro. Ficamos diante de repetições muito chatas.

Gostaria que esta carta fosse leveza, mas não é. Estou embaraçada em ser mulher, mãe e não me perder de mim. Em tentar garantir que vocês não se perdam de vocês (como se isso fosse possível...). Esta carta, a escrevi um monte de vezes na cabeça e só hoje consigo me sentar para, de fato, redigi-la. Começo trazendo para cá uma história vivida há mais de 10 anos. Eu a apresentei em um congresso que não me lembro muito mais qual foi. Trago esta história, pois há algo nela que sempre intrigou e ainda intriga.

“É importante para mim não somente pensar em civilizar (educar) as crianças, mas também me deixar civilizar por esse outro povo, que são elas.

Dito isso, passo ao vivido. Se pudesse intitular o vivido seria: “A outra face de civilizar crianças” ou “O processo civilizatório ao contrário”.

Flora e eu caminhamos de mãos dadas na rua quando voltamos da escola, alternamos períodos de silêncio e conversas. Em geral, ficamos entregues às vontades daquele dia. Há sempre um momento em particular que ela solta minha mão — quando passamos por um jasmim mangueira. Não sei como, mas essa árvore tem flores o ano todo. Ela sempre recolhe as que ainda permanecem belas no chão e as dá de presente pra mim. Eu agradeço com alegria, ponho-as no cabelo, levo-as na mão até chegarmos em casa, coloco-as em um vasinho.... enfim, assim é nosso retorno da escola para casa. É bonito seu gesto, ela apenas as entrega a mim como se aquilo fosse necessário: passar por flores no chão ao lado de alguém significa dá-las de presente. Flora não o faz somente comigo, mas também com outras pessoas que ela gosta.

No domingo, passamos por outra árvore, que também tinha entregue suas flores ao chão, ela, novamente, recolheu algumas e as deu de presente para mim. Eu as recebia com alegria como sempre. Dessa vez, eu as coloquei nos meus cabelos. Seguimos caminhando

e ela subitamente me fez uma pergunta: “Mamy, por que você nunca me deu uma flor?” Senti um silêncio indescritível diante daquela pergunta. Eu já lhe dei flores em outras ocasiões, mas não naquela. A interrogação procedia, ela tinha razão de me fazer aquela pergunta.

Enquanto eu a olhava, tinha uma cascata de questões na cabeça: se fosse ela uma outra pessoa qualquer, que ao caminhar, ao meu lado, sempre me desse flores? Se eu fosse uma antropóloga tentando entender uma cultura desconhecida e, durante minhas caminhadas, ao lado dos(as) nativos(as), eles(as) tivessem esse gesto, o que eu teria feito? Suponho que teria retribuído o gesto. Que lugar é esse que damos aos filhos(as) e às crianças que tomam sempre como referência a nós mesmos enquanto centro? Talvez, um adultocentrismo, sei lá. A pergunta que ela tinha me feito possuía um grau de simplicidade gigantesco. Claro, que de imediato me desculpei, mas isso era muito pouco, pelo menos para mim, frente ao deslize que vinha cometendo.

Seguimos caminhando em silêncio, ela com a leveza de quem vive e eu com um nó na garganta por jamais ter percebido algo que me parecia, a partir daquela pergunta, tão trivial. Decidi parar, abaixar-me e lhe dizer (naquele momento meus olhos estavam cheios de lágrimas) desculpas novamente. “Flora, de fato, nunca tinha percebido o que isso queria dizer.” Mais uma vez, com um desprendimento característico desse povo, respondeu-me: “Ah, tudo bem. Você não tinha percebido que eu gostava de flores.” Meu Deus, conviver com crianças é realmente viver-com, viver-com-a-vida.

A falta de reciprocidade que ela, gentilmente, ajudava-me a perceber era algo que me fazia pensar em quem civiliza quem...

Passadas algumas semanas, hoje, segunda-feira de Carnaval, estamos brincando na cama enquanto o despertar inicia o dia, ela faz com suas pequenas mãos dois elefantinhos, eu faço o mesmo. Brincamos de manada em língua de tromba. Subitamente, percebo que ela muda de forma os dedos. Pergunto: “O que houve com os elefantes?” Ela responde: “Nada, eles só estão fantasiados de formiga.” Claro, é Carnaval, continuamos a brincar... Eu penso que mundo

maravilhoso é este onde os elefantes se fantasiam de formigas?! Eu vivo um mundo encantado, onde a realidade pode outra coisa quando é civilizada por crianças.

Acabo de terminar uma aula em que os/as estudantes disseram como não estão dando conta, sentem-se exaustos/as. Eu, tranquilamente, acolhi essa sensação, sei do que estão falando. Conheço isso em meu corpo, em minha vida.

Justo antes de terminar a aula (on-line, pois é a aula possível no momento), pensei: eles/as vão agora se dedicar às disciplinas que não abrem diálogo para isso. Senti-me levantando de uma cadeira, em nome da alegria, e deixando um espaço vazio para que eles/as o preencham com a famosa opressão acadêmica. Minutos finais da aula. Não quis deixar isso para lá: “Por favor, usem esse tempo que abrimos para garantir alegria e não para gastar com mais opressão.” Ter dito isso está em relação com perceber que podemos passar ao largo de lindezas, sem nos deixar ficar nelas. É triste isso, mas acontece e produz efeitos: ficamos mais tempo vivendo coisas chatas, com a suposta ideia de que vamos nos livrar delas, para viver as coisas legais depois. Mas, de fato, as coisas legais passam, enquanto estamos dando conta das chatas. Não sei explicar bem, mas isso tem relação com equívocos do mundo, do jeito como ele anda. As relações vão sendo permeadas por opressão, falta de cuidado, de gentileza, em nome de coisas que moram depois disso, mas que, sinceramente, nunca as vi. Vou aumentando a exigência, perdendo a vida, enquanto tento me livrar.

Para compor alguma resistência a esse processo. Rapidinho, comecei a escrever esta carta. Para não a deixar passar. Para não a deixar para depois, quando tivesse me livrado do chato. Resolvi fazer o contrário, abandonar o chato e escrever. Suspeito que muitas pessoas, em particular, mulheres, sintam essa pressão. Quero falar dela para vocês só para registrar isso, para que vocês possam lembrar, caso esqueçam. Somos treinadas para aguentar de tudo. Isso é muito ruim de viver. Precisa ser combatido nos mínimos detalhes do cotidiano.

Hoje, por leituras e proposições feministas, estranho essa posição de naturalizar a chatice. Percebo isso se criando na relação de vocês, minhas filhas, comigo. Falam de má maneira comigo, apostam todos os dias em furar combinados e que eu vou aguentar. Mãe aguenta tudo, assim dizem por aí. Não! Eu não quero aguentar tudo. E, de fato, não aguento tudo. Desejo que vocês também não aguentem tudo. Saibam parar, aprendam a abandonar e interrogar as exigências. Tenho falado muito disso com vocês, pois espero, dessa forma, desnaturalizar esse processo entre nós.

Quero que a civilização alegre — do viver e morrer em contato com a terra — alcance-nos. Que não nos deixemos sós, que as flores da rua sejam colhidas e distribuídas.

Flora quando era pequena fazia isso. Na época, parecia-me ser algum interesse dela em particular. Hoje, Sol faz a mesma coisa: recolhe flores caídas na rua e as oferece a quem está por perto. Fico me perguntando o que isso significa. Por que as crianças fazem isso? Ao que elas estão dispostas, quando param tudo, agacham-se, recolhem as flores no chão e as oferecem. Minha mãe aos 77 anos, em pleno estado de Alzheimer, também faz isso. Há algo de importante aí e não pessoal... não é algo que está na infância da Flora e da Sol ou no adoecimento de minha mãe, é algo que está na disposição ao passar pelas flores caídas no chão. O que é isso? Que política está em jogo?

Arrisco uma resposta: é estar disposta a parar. Interromper um fluxo e se deter diante da beleza oferecida pela terra. Agachar-se. Colher. Distribuir isso ao mundo. Fazer cada uma dessas coisas em absoluta dedicação. Não há depois, há agora. A terra oferece. Você recebe ou não. É uma política de pausa. Enunciado assim, não parece algo muito sofisticado. Uma flor cai da planta. Você está passando por ali. Uma agachadinha e pronto. A terra se multiplica e oportuniza a distribuição em forma de cores, cheiros e beleza.

Entretanto, o mundo no qual vivo hoje para pouco diante disso. Na maior parte das vezes, ele segue, os chamados apontam para outras coisas, que não isso. A impressão que tenho é que se colocarmos em

uma balança: agachar-se para pegar flores e distribuir, de um lado, e pagar contas, ir ao supermercado, do outro, pesa mais o lado das “obrigações importantes”. Nesse equilíbrio, não paramos nunca, as flores ficarão lá, caídas no chão. A terra insiste em nos criar pausa, mas parece que nos deixamos civilizar pouco por ela.

Nessa história, quem morre é o agora, morre a presença, vivemos para nos livrar, e não para cultivar a alegria. Quando as obrigações importantes ocupam todas as cadeiras, nós ficamos sem ter onde sentar para descansar, para viver. Isso eu aprendi com vocês, Flora, Mamy e, agora, com a Sol.

Consgo contar para vocês a história, mas não é fácil parar nas flores, agachar-me e distribuir. Do desafio de parar, sei o seguinte: vou apressada, pensando em tarefas, não vejo as flores. Do desafio de agachar-me: tenho as mãos ocupadas, sinto o corpo indisponível para esse movimento. Do desafio de distribuir: penso como seria lindo, mas tenho tantas coisas que me livrar, que fica para depois. Quando me percebo escrevendo isso logo lembro do Dalai Lama falando: “as grandes inimigas dos processos de mudança são as boas justificativas”. Por elas serem boas, desistimos dos desafios. Escrevo para parar, escrevo para que nos lembremos de não desistir, pelo contrário, insistir...

Paradinha no amor imenso por vocês,
Alexandra

Carta à Helena em tempos de calma

Ethel Leonor Noia Maciel

Escrevo a você ainda em um momento de turbilhão, mas decidi escrever esta carta agora, pois a fumaça do tempo pode impedir que eu não seja fiel aos fatos, e a você, Helena, quero deixar o relato com primorosos detalhes. Quero falar do que não se pode ver à luz do dia, daqueles sentimentos que te encontram à noite pelos cantos, furtivo e camuflado. Quero lhe falar sobre as máscaras desse tempo.

Já lhe peço perdão antecipado, Helena, pelo muito que talvez não diga. Não porque não queira, mas porque, na ânsia de lhe contar detalhes, posso me perder neles. Sim, eu faço isso. Às vezes, sem querer, às vezes, tendo a certeza de que são nos detalhes que a vida se encontra e que a história tal como a vivemos ganha sentido neste mundo.

Tentarei começar do começo, ainda que o tempo ganhe dimensões das quais nunca imaginei e o começo pode ser apenas um ponto

de inflexão. É assim, são tempos pandêmicos e tempos pandêmicos são estranhos. Ganham forma, ganham textura e sentimentos.

Espero que esta carta chegue até você em tempos de calma-ria. Sim, tempos de calmaria, repito a palavra, pois ela me traz neste momento boas lembranças. Aquelas memórias na qual conhecemos a felicidade da monotonia. Sabemos como o dia começa, quais os afa-zeres que nos esperam e sabemos que nossa cama à noite nos aco-llherá para um sono tranquilo. Mas o tempo pandêmico é outro. Há um excesso de novidade que nos cansa, há estímulos frequentes, há a exaustão das notícias. E essas combinações levam embora a felicidade da monotonia que experienciamos apenas em tempos de calmaria.

Faço esse preambulo para te preparar e para que compreenda o que tens agora. Desfrute este momento. Você é a mulher do futuro. Eu sonhei com você tantas vezes. Eu vi sua imagem e me iluminei com seu sorriso. Você sempre esteve comigo e é a você que dedico minha vida. Mas não quero ficar sentimental, novamente, os deta-lhes. Respiro profundamente para lhe contar minha história e espero que me veja como eu te vejo agora.

O ano é 2020. Preciso lhe dar alguns detalhes desse ano. Cele-bramos a chegada de 2020 com a esperança de quem acolhe o mais glorioso dos tempos. Aquele em que, finalmente, uma conjunção de elementos se alinharia perfeitamente e estaríamos de braços dados com o melhor de nós. Mas não foi assim que aconteceu.

Aqui, neste pequeno ponto do planeta, em um estado pequeno, em um país periférico, tínhamos finalmente eleito uma mulher para o mais alto cargo em nossa universidade. A universidade Helena, nesse tempo, era um local de encantamento. A tradição desde a Academia, fundada em 387 a.C. por Platão no bosque de Academos próximo a Atenas, e que muitos creditam como a primeira universidade, pas-sando pela primeira universidade a seguir o conceito moderno que surgiu durante o século V, e foi conhecida como a universidade de Nalanda, em Bihar, Índia, até a Universidade de Bolonha, fundada na Itália, em 1088, que ainda é a universidade mais antiga do mundo

ainda em funcionamento, nesse meu tempo. Conto-lhe um pouco da história para te situar no muito que nós mulheres fomos apartadas desses encantamentos ao longo dos séculos.

E aqui chegamos no século XXI e ainda apartadas. Chegar a qualquer posição de liderança e poder ainda requer muitos sacrifícios, e, mesmo quando chegamos, eles ainda nos são negados, se não pensamos como os líderes gostariam ou se não seguimos um modelo no qual os homens concordem. Assim é. Recorda-te de suas antecessoras, lembre-se sempre das Helenas que te antecederam, a de Eurípedes e a de Homero. O feminino descrito por meio do filtro masculino. Ou, em muitos momentos, o próprio filtro masculino em tantas mulheres desse tempo. Mas quando penso em você, eu te imagino com a inteligência sagaz de tantas “Helenas”, mas sem as amarras que as impediram de também navegar, protagonizar e viver encantamentos. Eu sempre te vejo tecendo sua própria vida, assim como a deseja.

Voltemos a 2020. Esse era definitivamente “o ano”. Estaríamos onde o destino tantas vezes nos negou, e depois de muitas batalhas, muitas perdas e muitas vencidas, uma mulher iria, por fim, dirigir o local dos encantos. Aquele em que vamos para nos encontrar, para vencer nosso destino e nos tornar quem de fato somos.

Vou precisar fazer outro atalho. Tínhamos nesse tempo um governante que pensava que as mulheres precisavam ser mulheres. É um conceito estranho. Precisarei te explicar, pois tenho certeza de que ele já não vigora no ano de 2101. Por aqui, meninas usavam rosa e meninos usavam azul. Meninas brincavam de boneca e meninos de desafios lógicos. Meninas escolhiam profissões para meninas e meninos escolhiam outras mais adequadas. Ainda que tenhamos lutado nos últimos 40 anos do século XX e mais 20 anos no século XXI, esses conceitos ainda estavam arraigados. Quando essas meninas queriam fazer algo diferente ou tinham atitudes consideradas inadequadas, elas poderiam ser mortas. Sim, Helena, mortas. A palavra feminicídio foi criada para descrever exatamente essa aberração deste período. Depois de sermos queimadas nas fogueiras por séculos,

internadas em hospícios, foi o feminicídio que passou a ser também utilizado dentro de processos legais. Sei que pode te chocar essa história, posso até ouvir o lamento de horror preso em sua garganta, mas assim aconteceu. Elas morriam quando queriam uma vida melhor, morriam quando escolhiam deixar o tédio de suas vidas e quando se apaixonavam por pessoas consideradas inapropriadas. O casamento era uma assinatura de posse e por pessoa inapropriada, era sempre alguém que não tinha seu contrato de posse. Feminicídio era isso, morrer por ser mulher, mas precisamente por não ser a mulher que os homens queriam que fossem. Tristes tempos. E nesse ano pandêmico, o feminicídio cresceu, as mulheres, ao terem de ficar em suas casas para fugir do vírus, enfrentaram um inimigo muito mais implacável, o machismo, com o sempre apoio da sociedade patriarcal.

Bem, voltemos desse atalho. Universidade e encantamento. Sentimentos furtivos e máscaras desse tempo. Vamos nos concentrar. Primeiro, sobre universidade e encantamento. Você já ouviu essa história muitas vezes, mas nunca contada por mim. Você já sabe que gosto de ensinar e sempre tive a curiosidade necessária para buscar elucidar os mistérios da vida. Dediquei parte importante da minha vida à busca de respostas. Ainda busco, mas agora minhas perguntas são mais diretas e menos evasivas. Pesquiso, pois é essa busca de respostas que me move. Encontrei na universidade minha essência, meus predicados. Encontrei meu amor e muitas respostas, aqui também eu me vi cercada de novas perguntas. Foi aqui que decidi tecer o fio medular da minha vida. E decidi concorrer para preservar o eixo de minhas ideias, a construção de práticas democráticas. Vou precisar lhe explicar novamente, pois parecerá absurdo para você, mas, em 2020, ainda tínhamos que vigiar a democracia.

E aconteceu então. O fato inusitado, eu querendo defender a democracia, sou subjugada exatamente por práticas antidemocráticas, tendo como pano de fundo o que lhe expliquei antes: eu não era como as mulheres que o governante pensava que as mulheres precisavam ser. Eu era uma feminista. Vou lhe falar assim, e sei que essa

palavra deve ser cafona no seu século XXII, mas preciso lhe dizer, que aqui essa palavra era um insulto. Ser feminista podia se assemelhar para alguns grupos como a peste no século XIV. É ridículo, eu sei, sei que está rindo de mim neste momento, pensando que exagero, mas acredite, mulheres morreram por serem feministas. Sou feminista e, no século XXI, fui eleita com ampla maioria, muitos votos, mas não fui a escolhida pelo governante. Vai soar estranho o que lhe direi, mas foi um homem que assumiu esse lugar. E o fez sem ressentimentos, sem vergonha e achando que, enfim, merecia aquela agradável surpresa.

Sobre sentimentos furtivos. Esses que vão se dissimulando, buscando as reentrâncias e as passagens secretas. Eu sei que, talvez, você ainda seja nova para compreendê-los, o reconhecimento deles vem quando as portas da ingenuidade já estão bem seladas. Eles sussurram onde você errou, em quem confiou e revelam seus pontos de fragilidade. E acredite, Helena, na maior parte das vezes, os sussurros deles lhe revelam mais ensinamentos que todos aqueles sentimentos que você experimenta à luz do dia, porque para esses sussurros você já não tem nada a esconder. Você compreende que quando eles chegam, revisitam o passado e lhe mostram onde seu fio da vida embolou. Ao tecer, cara Helena, você já sabe que isso acontece. A vida embola.

Há muitas formas de embolar quando se tece, mas posso resumir em três as que penso que serão úteis para você. Algumas vezes, você precisa apenas distender o fio e recomeçar, algumas vezes, você precisará desmanchar para recomeçar, mas outras, essas talvez mais difíceis, você precisará cortar o fio para finalizar o trabalho. Não há como reiniciá-lo. É o que chamo de abandonar aquela tecelagem e começar algo totalmente novo. Nesse meu ano de 2020, Helena, eu cortei o fio. Guarde essas lições sobre sentimentos furtivos em algum momento você precisará delas.

Não ter sido nomeada para o cargo que fui eleita embolou o fio e, dali em diante, seria preciso pegar novas linhas e tecer algo completamente novo. Essa decisão não foi simples, cortar fios vem sempre

com sofrimentos, com dúvidas sobre o futuro e com muitas incertezas. Afinal, ninguém começa a tecer um fio para cortá-lo ao meio, você sempre espera que irá finalizar aquela tecelagem para, só depois, começar outra. Eu não gosto de cortar fios, talvez ninguém goste. Mas se lembre, quando precisar fazê-lo, lembre-se de fazer um nó ou cauterizar para que não fique incompleto. O fim precisa ser assim, dramaticamente vivido, em toda sua pungência é preciso ir até o fundo e quando cortar não olhe para trás. Encerre aquela tarefa e siga. Foi o que fiz. Cortei, sofri e segui.

Não fique triste, não quero vê-la assim. Aprenda que na vida você talvez precise cortar muitos fios, apenas se lembre de não os deixar soltos. Quero agora lhe falar sobre as máscaras. Essa é uma estranha metáfora deste tempo pandêmico. Você viu as fotos de 2020, talvez você tenha dificuldade para imaginar este tempo, mas nós tivemos que usar máscaras toda vez que saíamos de casa. As máscaras podiam ser de tecido ou de material descartável. Mas as máscaras mais usadas eram aquelas que usávamos sem que ninguém visse.

As máscaras são necessárias, Helena, em vários momentos na vida. Elas nos ajudam a conviver com mais civilidade. Nem todos estão preparados para a verdade, mas se lembre de sempre ter com você amigas que estejam dispostas a te ver sem máscaras e dê a elas a oportunidade de poderem lhe falar sem reservas, as verdadeiras amigas são sempre em pequeno número, mas são aquelas que podemos confiar para nos dizer se nossas máscaras estão suficientes, insuficientes ou se passaram do ponto. Algumas máscaras podem nos camuflar com tanta intensidade que sequer conseguimos nos reconhecer. Evite elas sempre que possível ou use-as com moderação. Ter amigas leais é, talvez, seu maior desafio. Cultive as amizades em tempos de calma para que sempre tenha em quem se apoiar quando os mares forem revoltos.

Helena, preparo para me despedir. Não leia esta carta como algo pronto ou que você precise seguir sem desvios. Não tenha essa pretensão. Eu escrevi com a convicção de querer te poupar alguns

obstáculos na estrada, mas ciente que os atalhos nem sempre são os melhores mestres. Você viverá dores, essas nem todo amor que lhe dedico seria capaz de evitar. Mas quero lhe deixar uma última palavra: as dores são para serem vividas, mas depois que as viver, feche a porta e siga. A estrada sempre continua e a você eu desejo a caminhada mais suave. Quero crer que, assim como a existência de outras mulheres antes de mim, a minha existência fará de seu caminho um pouco mais suave. Eu lutei. Agora é sua vez. Seja feliz!

Parte 2

Cartas raciais e territoriais



Carta à Conceição Evaristo

Rita de Cássia Duarte Lima

Amiga Conceição, permita-me essa intimidade com você. Ela foi se construindo, devagarinho, em cada encontro com suas histórias, nas possibilidades performáticas das escrituras, e se fortaleceu por ocasião da 6ª Feira Literária Capixaba, ocorrida em 26 de maio de 2019. Saudades desse tempo! Tempo em que podíamos aglomerar, aquilombar-nos e nos espremer no auditório da querida Ufes, para ouvi-la e conhecê-la pessoalmente. E como foi importante ter sido na Ufes, minha casa institucional, por mais de 40 anos, lugar de muitas travessias, onde pude me constituir estudante nos tempos de chumbo nas décadas de 70/80, na graduação em Enfermagem, e, posteriormente, como docente, lutar pela construção do SUS, acolher os alunos e alunas cotistas num curso majoritariamente marcado pelo feminino, pelo cuidar, trazendo histórias de superação, reconstruções e alianças familiares, para ser a primeira(o) da família a adentrar uma universidade pública e, nesse processo, transformando e sendo transformada numa agente e disseminadora de expectativas, de cuidados

e de sonhos, na perspectiva da promoção e defesa da vida, cuidando e sendo cuidada por *tantas* vidas.

Escrevo-lhe para expressar minha admiração por você e falar também o quanto estar com seus livros e estar pessoalmente na multidão de admiradores presentes nessa palestra me remeteu à minha ancestralidade e a encontros de almas que se alimentam, admiram-se, solidarizam-se com as(os) personagens e evocam lembranças, memórias e afetos.

Ao falar em aquilombar-se, vem-me à mente o quão importante é para nós, mulheres negras, estarmos juntas, conhecermos as histórias umas das outras, fazermos alianças, mesmo que seja só no movimentar corpos para um simples olhar de apoio e encorajamento. Remeto-me à Patrícia Collins, ao mostrar a importância da transmissão de saberes, de práticas e vivências; ao falar da importância da sororidade familiar, das alianças entre mães, filhas, irmãs e amigas. A sua escrevivência me provoca ir emendando e reinventando histórias, outras narrativas em que, ao mesmo tempo, vão ficando em aberto possibilidades de narrar, contar, mas também de narrar-se ou, como você tão bem diz: ir inventando novas histórias e narrativas que tanto podem suscitar situações ambivalentes e nos levar a ruínas ou a reconstruções dos cotidianos, fatos e ações.

Você deve estar se perguntando: por que estou chamando um encontro fugaz, rápido e tão intenso, como o meu com você, em maio de 2019, de encontro de almas? Sou de uma família de mulheres fortes, de resistências, superações, reconstruções, alianças, insistências e possibilidades, tanto pelo lado materno, quanto pelo paterno. A imagem que ficou em mim de você foi exatamente essa, de fortaleza e insistência — daí eu chamar de encontro de almas, na dimensão do reencontro com o passado, com os afetos, com as perdas, as tristezas, as boas lembranças e os acontecimentos atravessados por ancestralidades até então recolhidas, muitas vezes em silêncio, mas sempre com possibilidades do presente, do florescer futuros e ir adiante.

No rápido encontro na fila para aquisição de um dos seus livros, pude comentar as parecenças com mulheres da minha família paterna e a sua semelhança com minha tia/avó, que foi uma mulher que assumiu, muito jovem, os cuidados de sobrevivência dos irmãos, ao ficarem órfãos de mãe e, nesse processo, foi, naturalmente, tornando-se a avó Dejá, dos filhos e filhas dessas irmãs e irmão, no caso, meu pai. Essa sensação de estar próxima de alguém já conhecida e, afetivamente, parte da minha história, com certeza marcou e fortaleceu esse encontro de almas, afetou-me, fez vibrar e acessou corporalidades e emoções dos reencontros com as memórias vividas, as imaginadas, reais ou não.

Minha avó foi uma mulher preta, forte e, ao mesmo tempo, de muita suavidade, fala mansa como a sua, agregadora, generosa e de muita afetuosidade. Acho que sempre a conheci de cabelos grisalhos e trançados, limpando, no seu conhecimento, os dentes com fumo de corda, até porque dentista — e a assistência odontológica — era e segue sendo inacessível a pessoas pobres. Manifestava formas de cuidados, enfrentamentos das adversidades, de acolher, e sobrevivências, por meio dos cheiros, aromas e deliciosas comidas tecidas e cozidas no fogão a lenha. Foi cozinheira exímia, de mão cheia e generosa nas porções e porções das marmitas e pratos. Conceição, a sua presença, a suavidade e o ouvir sua voz e fala mineira e, aparentemente, mansa, remeteu-me a essas lindas memórias familiares, acionando lembranças da minha avó Dejá.

Assim, vou chamar de nosso encontro esse dia que passamos uma pela vida da outra, mesmo que com sentidos distintos. Em mim, ele inundou lembranças, transbordou memórias há muito silenciadas pelo tempo e contidas da minha infância/adolescência. Reconnectou-me com encontros familiares regados a muitas cantorias e choros pelas ausências e saudades dos que já não estavam no mesmo plano terreno; as muitas conversas que, irremediavelmente, acabavam em acaloradas discussões, pelas divergências de pontos de vista. Mas a calma logo voltava em torno da enorme mesa de madeira da cozinha,

para refeições longas e sempre guarnecidas por vinhos, cervejas e muitas, muitas, comidas saborosas, doces deliciosos e de cheiros irresistíveis e inesquecíveis aos sentidos. Lembro-me de que minha avó Dejá, no ofício de cozinheira, entregava marmitas nas casas dos clientes ou servia refeições na sua própria casa. Para nós, da família, só era permitido almoçar após entregues todos os pedidos dos vários clientes que ela tinha e após servidas, na sala da casa, as refeições dos jogadores de futebol do Rio Branco, time que nasceu no bairro de Jucutuquara, onde nossa família também morava. Éramos torcedores fanáticos do Rio Branco, exceto minha mãe, que torcia pela Desportiva. Desconfio que era para implicar com as cunhadas e meu pai.

Quantas saudades desses momentos, da tradição que foi passando pelas tias e pela minha mãe nos encontros familiares dominicais e outras datas, sempre em torno da mesa e de comidas e bebidas. Encontros frequentes, até muito recentemente. Eles vêm diminuindo, após dores e ausência, ainda muito presente e sentida, em função da partida precoce, em 2018, da prima Clarinha e do aumento das fragilidades na saúde de Ilza, tia e irmã remanescente de avó Dejá, e acrescentadas, atualmente, da necessidade do isolamento social em função da pandemia. A vida vai se tornando triste e incerta diante das perdas e do vírus. Manter-se vivo neste momento tem sido ato de re-existir, particularmente a população historicamente mais vulnerável, pobres e pretos, cujas vidas têm importado pouco desde sempre.

Portanto, cara amiga, precisamos nos fortalecer para nos cuidar e cuidar de outros nos vários espaços coletivos. Por anos, fiz isso academicamente na Ufes, na ABEn, na Abrasco e na Adufes, mas confesso que estou cansada, um pouco desanimada com o Brasil. Quanta gente teimando em querer voltar a um passado de péssima memória e que se faz sempre presente no autoritarismo e na incapacidade de enfrentar as desigualdades, os vários modos de opressão e as discriminações. Resisto! Somos mulheres lutadoras e as tristezas e desânimos, como diria minha mãe, têm de nos impulsionar, empurrar a fazer a diferença e diferente.

Minha mãe foi figura ímpar e insubstituível para mim e meus irmãos. Foi movida pela insistência e independência. Nunca nos permitiu a desistência. Ela era obcecada por nossa educação e pela determinação de não aceitarmos lugares socialmente “estabelecidos” para nós. Não havia a menor possibilidade da permissão de não estudarmos, não “entrar na faculdade”, como ela dizia. Meus pais lutaram e trabalharam muito para isso. Formaram seis filhos, a maioria em instituições públicas. Ter formado todos os filhos foi um grande orgulho para minha mãe. Tá vendo? Tem sofrimentos, tristezas, mas o bom é que tem também muitas memórias boas, felizes.

Continuamos seguindo esses passos e essa obstinação com nossos filhos. Veja! Em meio à pandemia, meu filho João Victor — costumo dizer ser o mais importante e maravilhoso título que eu obtive na vida: ser mãe — formou-se em Engenharia de Produção pela UFMG. Minha sobrinha, Gabriela, já está formada em Gastronomia, Chef Gabriela Lima, e meu sobrinho, Rafael, é estudante de Medicina e encontra-se frente aos desafios de estar cuidando das pessoas infectadas com a Covid-19. São grandes parceiros. Meus ancestrais e, particularmente, minha mãe, onde estiver, está muito orgulhosa dos filhos e filhas, dos netos e neta. Com certeza, muito orgulho! Em nossos passos, com certeza tivemos e temos sofrimentos, tristezas e frustrações, mas o bom da vida é que obtivemos muitas vitórias, aprendemos com erros e acertos e vamos nos desviando das pedras e reconstruindo caminhos e apostas.

A minha sensação, e minhas reminiscências ao escutar suas narrativas e acessar as histórias e escrevivências, é a de que, nesse meu movimento, à semelhança de você, fui me confundindo com o real, com as semelhanças e parecenças, invenções e fantasias de muitos dos fatos das minhas memórias. Assim, a exemplo do que você tão bem nos adverte, esta carta pode conter “histórias que não são totalmente minhas, ‘fidedignas’, mas que quase me pertencem e se (com) fundem com as minhas. Invento”. Pois sou também de uma família de muitas mulheres insubmissas, que seguem arrombando muros e pontes e inventando modos de vida.

Conceição, esta carta tem um pouco de tudo. Ela está impregnada de lembranças, reinvenções, muitos cheiros, saudades e inconformismos. Amiga, como reinventar a vida e modos de estar no mundo? E como enfrentar as fragilidades da vida está sendo fundamental momento único e assustador que estamos vivendo. Mais de um ano isoladas! Estamos virando personagens e protagonistas de um cenário que nos convoca ao cuidado enquanto possibilidade de promover a vida de si mesmo e do outro. Sem essa solidariedade, estaremos todos vulneráveis, em risco e em desencontro.

Enquanto escrevo, sinto como gostaria de novos aquilombamentos familiares, encontros e almoços com amigas queridas e até encontros com os não tão amigos. A presença é o que nos falta, fragiliza-nos e nos entristece neste momento de perdas de tantas vidas em função da Covid-19, esta pandemia interminável que teima em desafiar a ciência, a paciência e a exaustão dos trabalhadores de saúde e a desnudar um país desgobernado e com tanto ódio e desamor, como está o Brasil.

Quantas histórias contidas em insubmissas lágrimas de mulheres atravessam minhas próprias histórias familiares e as andanças vão deixando marcas em nossos corpos, nos sonhos, nas resistências e nos desencantos, a exemplo das jornadas de Ponciá Vicêncio, Natalina Soledad, Maria-Nova e tantas outras e outros personagens.

São muitas histórias, algumas que me levaram às lágrimas, à revolta e, ao mesmo tempo, a me esperar e a me recordar, também, do quanto as lutas dos que vieram antes de mim (nós) foram amálgama para preencher vazios, lacunas, resistências e, principalmente, deram passagem para reconhecer a persistência de minha mãe — muitas saudades — para que os percursos dos filhos e filhas fossem diferentes e abertos às muitas possibilidades para arrombar portas, quebrar barreiras, criar caminhos e ter e buscar escolhas, sem perder os elos de afeto, respeito e confiança nas alianças indissolúveis que fomos (rea)firmado vida afora e que, observamos, vão se reproduzindo nas caminhadas de filhos e sobrinhos que, certamente, vão levar mais longe nossos passos.

Retornar às lembranças e à existência da minha avó Dejá me trouxe a possibilidade de recordar não só fatos do passado, mas trazer à memória emoções que estão marcadas nas histórias que me constituem como mulher, fruto de múltiplos papéis e protagonismos. Trouxe-me de volta receitas, aromas, cheiros e sabores adormecidos, mas que continuam a ser disparadores que fortalecem os elos e encontros familiares de amizade até hoje, mesmo com a necessidade do isolamento. O preparar e partilhar comidas, bolos e outras delícias têm sido a forma de transbordar os vazios dos nossos vários momentos de isolamento, ansiedade e tristezas pelo não encontro e possibilidades de celebrações presenciais. Assim, o cozinhar, o alimentar, oferecer, partilhar, fazer com as mãos e o carinho permanecem circulando entre nós, principalmente as mulheres, são formas de expressão de afetos, de atenuar saudades e da demonstração do quanto cuidamos e nos importamos uns com os outros.

Conceição, hoje, 21 de março de 2021, Dia Internacional Contra a Discriminação Racial, findo esta carta, iniciada em 8 de março, Dia Internacional e de Luta das Mulheres, com as histórias que gostaria de lhe contar, pessoalmente. Infelizmente, estão impossíveis os encontros, os abraços e beijos *calorosos*, por estarmos vivendo o pior momento da pandemia, do enfrentamento, das resistências ou impossibilidades ao isolamento social pelo negacionismo, pela falta de renda ou outras situações. Estamos, praticamente, vivendo num país prestes ao *lockdown*. Estamos assobradadas(os) pelo medo de sermos infectados pela Covid-19, de perder pessoas amadas e de ser parte da inaceitável estatística de óbitos, assim como encontro-me perplexa pelo comportamento irresponsável, sem compaixão nem empatia de parcela considerável de pessoas negacionistas que disseminam o vírus, a doença e a morte em festas, nas ruas e em outras aglomerações.

Preocupa-me muito esta situação sanitária. Muito sofrimento, desresponsabilidades comportamentais da sociedade, institucionais e governamentais, agravando a iminência de desassistência da população pelo colapso nos serviços de saúde. Como já vimos, a pandemia

não atinge a todos igualmente e nem estamos todos e todas igualmente no mesmo barco. Pobres e pretos têm afundado mais rapidamente nas correntezas das desigualdades históricas e nas políticas ancoradas no racismo estrutural e institucional que vivenciamos, cotidianamente, à semelhança de muitos e muitas das personagens dos seus livros. A pandemia só está escancarando uma realidade que você tão bem conhece, descreve e nos apresenta nas muitas histórias que tem narrado. Nos reflexos desta pandemia, podemos interseccionar as histórias contidas nas escriturências, como sendo retratos dos cotidianos que perpassam ou perpassaram as histórias de tantos homens negros e de muitas, muitas, mulheres negras.

Conceição, como uma profissional de saúde, enfermeira, professora e sanitarista, que sempre lutou pela defesa da vida e pelo fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), estou inconformada com o descaso das instituições do Estado e dos gestores dos governos nos vários âmbitos, com a forma como lidam com as políticas públicas, principalmente as de educação, assistência social e saúde. Assombra-me a apatia da sociedade civil frente a tantos absurdos, autoritarismos, violências e nas escolhas do deixar viver, deixar morrer, na naturalização frente aos absurdos das vidas matáveis, invisíveis e silenciadas.

A pandemia no Brasil se deparou com o histórico desfinanciamento e sucateamento do sistema e serviços de saúde, mas, apesar disso, o SUS e seus trabalhadores é que têm salvado muitas vidas. Os trabalhadores têm sido incansáveis, apesar das precariedades nas relações e condições de trabalho. Não sei se você sabe, mas o SUS é a única via de acesso aos serviços de saúde para mais de sessenta por cento (60%) da população negra brasileira, sendo a maioria das usuárias formada por mulheres e crianças. Portanto, a luta da população negra se conecta com a luta do SUS. Sugiro como um bom tema para seus próximos escritos.

Pois é, veio-me à lembrança que já transcorreram quase dois anos do nosso encontro presencial lá na Ufes, apontando para os inesperados da vida. Quantas mudanças! Quantas crises! Tantas superações. Como esta doença tem afetado o mundo, os modos de produção,

inclusive de nós, professores, aprendendo a lidar com os silêncios do outro lado da tela, com a ausência de imagens e do captar as emoções ou fastios nos rostos e na voz outrora ruidosa dos estudantes! Mudou as formas de relacionamento. Relacionar-se virtualmente passou a ser o novo normal, sem toques e abraços, mas tem permitido também encontros inimagináveis, aos quais, presencialmente, não teríamos acesso. Tenho te visto muito, on-line, e aprendido sobre escrevivência. A academia tem usado bastante seus escritos como método, mas desejo, de coração, que não desvirtuem e não banalizem ou, pior, transformem em alegoria as histórias das mulheres negras.

Os desdobramentos da pandemia têm afetado muito as mulheres que seguem sendo violentadas pelo Estado, por companheiros, pelas instituições e com jornadas exaustivas e sem reconhecimento e valorização, a exemplo das trabalhadoras de enfermagem, professoras, empregadas domésticas — as categorias tidas como do cuidado e compostas, em sua maioria, por mulheres negras, muitas parecendo saídas dos lugares das personagens dos seus livros. Assim, o novo normal da pandemia está escancarando as desigualdades sociais, econômicas, de gênero e associadas a raça/cor.

Portanto, estamos vivendo tempos de reorganização, resistência e de superação na luta por permanecermos saudáveis, vivas e não sermos “pegas”, não nos contaminarmos com o vírus da doença, do negacionismo, do desamor; pelo vírus das faltas e ausências diversas. Não sei se você concorda, mas penso que uma das possibilidades para enfrentar este momento é a da contínua luta pela democracia, com vistas à igualdade e à equidade na sociedade brasileira, incorporando a luta por um sistema de saúde que seja, verdadeiramente, único e para todos. Tem sido um alento saber que continuar na luta seja um modo de existência e de descortinar as desigualdades, e é o que você tem feito, dando voz e vida, por meio das escrevivências, a tantas personagens invisíveis, viventes nas diferentes formas e lugares em que as desigualdades fizeram e têm feito morada.

Gostaria de deixar registrado o prazer e alento de encontrá-la nas *lives*, cursos e palestras on-line, nesses tempos de isolamento.

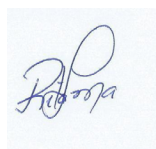
Permita-me, para finalizar, oferecer-lhe um pedacinho do poema símbolo da resiliência e da dignidade, da Maya Angelou, pelas conexões com nossa luta, com a sua luta denunciando as injustiças, as violências e indicando resistências e reafirmações. Diz a Maya:

Ainda, assim eu me levanto

“Você pode me inscrever na história. Com as mentiras amargas que contar. Você pode me arrastar no pó. Mas ainda assim, como o pó, eu vou me levantar. Minha elegância o perturba? Por que você afunda no pesar? Porque eu ando como se tivesse poços de petróleo. Jorrando em minha sala de estar. Com a certeza das ondas do mar. Como se ergue a esperança. Ainda assim, vou me levantar [...] eu me levanto. Trazendo os dons que meus ancestrais deram, eu sou o sonho e as esperanças dos escravos. Eu me levanto, eu me levanto, eu me levanto!” (HOJE..., 2017, s/p).

Desejo que esteja bem, assim como a sua parentada, e se cuidando. Em breve, estaremos todas e todos vacinados. É nosso direito.

Grande abraço, e desculpa ter me alongado, mas não poderia perder esta oportunidade. Finalizo desejando que fique bem e que eu possa encontrá-la pessoalmente em breve.



REFERÊNCIA

HOJE na História, 4 de abril de 1928, nascia Maya Angelou. **Geledes**, [s. l.], 4 maio 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/hoje-na-historia-4-de-abril-de-1928-nascia-maya-angelou/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Con-versas fronteiriças: experiências e conexões formativas de mulheres da Abya Yala¹⁹

Antonella Barone

Ileana Wenzel

Marcia Roxana Cruces Cuevas

19 Desde 1977, o Conselho Mundial de Povos Indígenas admite o nome “ABIA YALA” para nosso continente latinoamericano, do idioma Kuna, no qual “Yala” significa terra, território, e “Abia”, significa “buraco do sangue”, “mãe madura”, “terra em sua maturidade”. Desse modo, assumimos uma direção ético/estética/politicamente ao trazer este nome Abya-Yala no título, quando falamos de América Latina, já que queremos afirmar a força ancestral que perpassa nossas existências no encontro/escrita de nós três mulheres que, vindo de distintos lugares de nossa América, decidimos construir vida no Brasil, na universidade, na intenção de produzir conhecimento e vida.

Cara leitora²⁰:

Desejamos que saiba, nesta oportunidade, que escrevemos esta carta porque o mundo não nos é indiferente. Ainda acreditamos nou-
tro mundo possível. Aquele que está por vir. Você já parou para pen-
sar num mundo diferente? Um mundo onde seja possível celebrar
as diferenças, por exemplo? Um mundo sem fronteiras geopolíticas?
Um mundo onde outras trocas e conexões sejam possíveis? Onde as
experiências formativas e de trabalho tivessem a ver com educação
emocional? Um mundo onde as revoluções sejam afetivas, ao invés
de industriais?

Somos três mulheres mundanas. Mulheres deste mundo. E acre-
ditamos que foi precisamente pelo fato de sentir e pensar modos
diferentes de habitar o mundo que partimos de nossos territórios de
existências, no qual nascemos e vivemos nossas infâncias e juventu-
des, e assumimos o movimento inerente ao vivo. Buscamos transi-
tar a produção do conhecimento e de nossas formações acadêmicas
em um solo nomeado brasileiro, mais especificamente, capixaba.

Assim, a palavra “transitar” se coloca como uma experiência
comum às autoras desta carta, já que partilhamos do movimento de
saída de fazer a caminhada, enfrentando barreiras de distância, da
língua, da cor, das culturas e dos afetos para, em meio às durezas,
encontrar porosidades que permitissem a expansão do pensamento e
conexão da força vital que nos moveu a realizar esta busca. Seja pela
formação acadêmica, que é um mundo outro, porém, não somente.

Quando olhamos para as mulheres que habitam em nós, reco-
nhecemos que nossas práticas estão conectadas a outras camadas e

20 Dirigimos a escrita em primeira pessoa do singular e assumimos, como autoras, a primeira pessoa do plural em uma direção ético/política/estética, na qual afirmamos uma relação de proximidade, dando visibilidade a um elo que se confirma, quando, você leitora(or), entra em contato com estas primeiras linhas. Desse modo, colocamo-nos em uma relação afetiva com você, em uma escrita que objetiva a partilha da experiência nos encontros e construções coletivas.

outros planos. Sentimos ecoar em nós as vozes de mulheres de nossa grande e diversa América Latina, tais como Gabriela Mistral, Violeta Parra, Mercedes Sosa, Frida Kahlo, Hermanas Mirabal, Celia Cruz, Sor Juana de la Cruz, Alfonsina Storni, Eva Perón e tantas, tantas outras, mulheres anônimas e trabalhadoras. Nesse sentido, urge-nos compartilhar contigo aquelas ressonâncias de uma força comum a todas essas existências, o movimento, a própria transformação, a experiência de transitar e de fazer o caminho no caminhar.

Daí que agora queremos lhe falar de algumas delas que, talvez, você não tenha ouvido falar, mas que, provavelmente, reverbere em alguns devires de outras mulheres ancestrais, negras, mestiças, brancas, pardas e que se atualizam no seu próprio modo de se emocionar, dançar, vibrar.

Não pretendemos lhe apresentar uma ontologia sobre elas, senão transitar por algumas das suas trajetórias. Somos tantas e tantas mulheres que há tanto tempo criamos outro mundo possível... Por isso, queremos lhe contar de trajetórias de algumas mulheres que nos habitam em nossos territórios existências e, desde o cone sul do continente, das diversas regiões em que nós criamos, queremos lhe falar do trânsito criado pelas Irmãs Mirabal, dominicanas, da América Central, também de Gabriela Mistral, chilena e, desde Argentina, Mercedes Sosa²¹. Olhar para essas trajetórias é reconhecer que elas abriram caminhos que nos é possível transitar hoje e que, não sem dores, afirmam outros modos de se tornar mulheres neste continente, no decorrer dos 500 anos de colonização, diante de forças patriarcais, coloniais, capitalistas que insistem em submeter os nossos corpos.

Para começar, queremos lhe falar do movimento criado pelas Irmãs Mirabal em oposição à ditadura Trujillo, conhecido como o

21 As autoras desta carta são chilenas e argentinas e é desde esses territórios que a escolha das trajetórias das mulheres se fez neste contexto. Poderíamos falar de muitas, porque são múltiplas mulheres que têm contribuído demasiadamente para que tenhamos avançado até aqui.

chivo, ditador sangrento e que enfrentou um movimento clandestino de resistência em que participavam Pátria, Minerva e Teresa, três irmãs dominicanas que se deslocaram desse lugar de garantia social e econômica em que nasceram e trabalharam ativamente na oposição do regime genocida que vigorava. Foram cruelmente assassinadas no dia 25 de novembro de 1960, e, diante da comoção da violência dos seus assassinatos, toda uma força instituinte que se insurgiram diante o ditador. Desse modo, o dia 25 de novembro, ficou marcado como o dia da não violência contra a mulher no 1º Encontro Feminista Latino-Americano e Caribenho, de 1981, realizado em Bogotá. Em 1999, a ONU declarou essa data como Dia Internacional da Eliminação da Violência contra a Mulher (Dia Internacional de Luta Contra a Violência à Mulher, 2021).

No outro extremo do continente, no extremo sul, numa região árida nas fronteiras do deserto, nasceu, em 1889, a poeta chilena Lucila Godoy Alcayaga, conhecida por Gabriela Mistral. O pai dela professor e sua mãe costureira, família de origem pobre, viveu próxima ao exercício docente e, desde os 15 anos, assumiu a sala de aula e a docência como trabalho. Entre as inúmeras dificuldades enfrentadas por ela, a falta de dinheiro para pagar seus estudos fez com que ela prestasse um exame que acabou conferindo a ela o grau de bacharel, título que lhe permitiu transitar e se deslocar pelas diversas regiões da longa e fina faixa de terra chilena.

Esses movimentos do exercício docente como professora em aldeias do Chile despertaram nela outro regime de sensibilidades que a levaram a escrever sobre a dimensão da profunda desigualdade na sociedade chilena. Desse modo e desde a sala de aula, vai ampliando a luta por uma educação pública para as crianças mediante, entre outras ações, a implementação de bibliotecas públicas. Sua rica produção literária acaba sendo confirmada ao receber o 1º prêmio Nobel para a única mulher nas Américas. Concordamos com Sepúlveda (2014, p. vii), quando aponta que em sua pesquisa percebeu que Gabriela Mistral conseguiu “construir uma resistência que lhe permitiu [...]

unir pessoas, tempos e espaços e enviar mensagens educativas para se comunicar com sua comunidade imaginada da América Latina”.

Entretanto, também nos interessa olhar para Gabriela que rompeu com o discurso conservador que insiste em colocá-la no lugar de “mãe” e de “mestra”, negando sua sexualidade e os modos de driblar a força conservadora de seu tempo na expressão de vida.

Você sabia? Segundo María Elena Wood (2010 *apud* PAIS, 2016), Gabriela carregava várias condições para ser discriminada: ser mulher — havia e ainda há forte desigualdade e discriminação socioeconômica —, possuir rasgos indígenas e gostar de mulheres. Se quiser saber mais sobre ela, recomendamos o documentário *Locas Mujeres*, de Wood, que estreou em 2010 e que colocou em evidência essa nova Gabriela, tão negada e escondida pela tradicional sociedade chilena. No documentário de Wood (2010), encontramos a seguinte conversa de Gabriela com Doris, sua companheira:

Doris: Quero conhecer, saber estas coisas subterrâneas e você sabe bem que tenho confiança, mas muitíssima confiança em você, tenho dado a você prova de minha confiança.

Gabriela: O subterrâneo é o que não digo, mas te dou quando te olho e quando te toco sem te olhar.

Doris: Gabriela, tenha confiança em mim eu quero que tenha, tenho para você muitas coisas subterrâneas que você não vê ainda Gabriela: Doris, e pensa você que em meu olhar para você e meu modo de tocar a você, não há coisa que não possa dizer ou mostrar, eu te quero do fundo de meu ser [...] o melhor não é comer aveia, é comer Doris (WOOD, 2010, s/p).

Nesses trechos, vemos escritas cheias de amorosidade e desejo. Podemos acessar os desafios vividos diante dos movimentos afirmativos de vida e a implicação de sustentar em silêncio subterrâneo, a distância dessa sociedade chilena conservadora.

Seguindo esse fio condutor sobre as forças que criam fissuras às formas patriarcais e conservadoras, apresentamos para você algumas das marcas que, na Argentina, deixou-nos Mercedes Sosa. Ela nasceu na província de Tucumán, estado que muito se diferencia da Argentina divulgada e reconhecida como a “Europa latino-americana”. Os povos argentinos do interior são os que dão visibilidade, em sua expressão verbal, à força da letra “r” que está na boca das camponesas, das mulheres do interior, distante das brilhantes luzes da cidade de Buenos Aires.

La “Negra Sosa” (como era conhecida) cantava à unidade da nossa América Latina, com-uniidade que se faz mediante a afirmação das particularidades e dos diferentes ritmos existentes no interior. Mercedes cantava a todas e de todos os lugares, o canto dela consegue integrar o mundo portenho — do tango e da cidade cosmopolita —, com o movimento folclórico das diversas regiões do interior do país. A voz dela carrega uma força que alça os temores ao som dos tambores. Ao tempo que congrega a um olhar as coisas simples, na partilha das dificuldades que vivemos.

Assim, uma das pistas que nos deixa Mercedes Sosa e que queremos trazer à nossa conversa é esse movimento de conexão e estabelecimento de pontes, que colocam em circulação outras experiências estéticas de resistência, em um tempo em que as ditaduras ampliaram suas práticas de perseguição e morte (ARGENTINA, 2021).

Quando nos detemos para conhecer essas trajetórias, junto com você que nos lê, percebemos que essas mulheres afirmaram, de diversos modos, não só o direito à vida, como direito civil, mas, particularmente, uma ecologia subjetiva, como nos fala Rolnik (1995). Segundo Suely, trata-se de produzir um desvio nas existências, modos de trabalho, de relação, desse padrão médio de produção da subjetividade. Ali, encontramos pontos de ressonâncias com as trajetórias que acabamos de ecoar, no sentido em que elas gestaram outros modos de constituir mulher na multiplicidade da nossa grande América. Sentimos os movimentos, modulações, criações, dores, raivas, todo o tipo

de afecção que olham para o próprio presente peculiar e, com coragem, fabricam práticas que permitem que a vida escape.

Possivelmente, você se encontre em trânsito e pense que nenhuma outra mulher passou por algo próximo ou similar. Provavelmente, você esteja certa! Mas já parou para pensar em todas essas mulheres que em nós habitam? Já parou para pensar que as nossas vivências neste mundo estariam conectadas com outros devires? Que nossas experiências de passagem por este mundo seguem marcas que nos antecedem e deixam pistas para as que virão?

Somos mais uma vida ali e aqui no mundo. Experimentamos modos de dar passagem aos afetos que nos marcam em um entre lugar, em um percurso que começamos a andar pensando em pontos que se conectam, que nos unem, em três mulheres latino-americanas que, com histórias, trajetórias e percursos diferentes, percebem que não estamos tão longe assim e que nossas pontes são semelhantes. Inclusive nossos desafios, que sentimos se tornar lutas micropolíticas e cotidianas. Decidimos compartilhar esses afetos das experiências, porque nos importamos com o que nos mobiliza.

Assim, perguntamo-nos: o quanto das Irmãs Mirabal nos habita, quando nos detemos a (re)organizar vivências, saudades e sonhos? O quanto a Gabriela Mistral nos conecta, quando nos preocupa a Educação Pública e lutamos contra esse desmonte nos tempos de hoje? O quanto essa professora chilena nos inspira e nos conecta, quando decidimos assumir um processo formativo, tornarmos professoras e escrevermos sobre isso?

Aqui, estamos três mulheres, de três gerações diferentes com experiências que marcam nossas trajetórias e processos formativos. Perguntamo-nos: o quanto de Mercedes Sosa nos habita, quando soltamos a voz e nos enfrentamos aos desafios de transitar por espaços historicamente dominados pelo poder machista e racista... confrontando os medos e desafios da incerteza?

Reconhecemos que alguns caminhos foram abertos por outras lutas, para que estivéssemos aqui, com ferramentas para escrever

— oxalá todo mundo tivesse acesso a papel e caneta, a computador e internet! — nossa trajetória com acesso a uma educação, não somente universitária, mas científica, na produção do conhecimento. Por isso que nos é muito caro que, de alguma maneira, possamos contribuir para outros andares e caminhos.

Assim como a poeta chilena Gabriela Mistral, acreditamos na potência da possibilidade de formação que permite a legitimação das forças da escrita como um meio de afirmação política. Com ela, procuramos modos de ampliar e promover as ideias, os modos de reflexão e os procedimentos de pesquisa, pondo em tensão uma ciência que nos quer neutras e afastadas de lutas, sujeitos e saberes que nos antecedem. Saberes que atravessam o saber científico, mas também cotidiano, saberes que criam alianças e redes, pois, na nossa condição criada pela generificação na categoria “mulheres”, enfrentamos muitos desafios semelhantes. Mas dizer “mulher” não nos torna iguais ou semelhantes. Celebramos as nossas diferenças. Segundo Joan Scott (2005, p. 15), a igualdade precisa ser entendida em termos de paradoxo pois “a igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente”. Para a autora, “não é a ausência ou a eliminação da diferença, mas, sim, o reconhecimento da diferença e a decisão de ignorá-la ou de levá-la em consideração” (SCOTT, 2005, p. 15). Nesse sentido, podemos pensar juntas como essas, nossas diferenças, podem ser celebradas num mundo plural e colorido. Você aceita o convite?

Para fechar nossa carta, imaginamo-nos cantando. Compomos cantos em diferentes vozes. Decidimos nos somar às vozes das que compõem versos e cantam, dessa vez, em relação aos estudos, à ciência e aos estudantes. ¿Cantamos juntas?

Que vivan los estudiantes
Jardín de nuestra alegría
Son aves que no se asustan
De animal ni policía

Y no le asustan las balas
Ni el ladrar de la jauría

Caramba y zamba la cosa
Qué viva la astronomía!

Me gustan los estudiantes
Que rugen como los vientos
Cuando les meten al oído
Sotanas y regimientos

Pajarillos libertarios
Igual que los elementos
Caramba y zamba la cosa
Qué vivan los experimentos!

Me gustan los estudiantes
Porque levantan el pecho
Cuando les dicen harina
Sabiéndose que es afrecho

Y no hacen el sordomudo
Cuando se presente el hecho
Caramba y zamba la cosa
El código del derecho!

Me gustan los estudiantes
Porque son la levadura
Del pan que saldrá del horno
Con toda su sabrosura

Para la boca del pobre
Que come con amargura

Caramba y zamba la cosa
Viva la literatura!

Me gustan los estudiantes
Que marchan sobre las ruinas
Con las banderas en alto
Pa' toda la estudiantina

Son químicos y doctores
Cirujanos y dentistas

Caramba y zamba la cosa
Vivan los especialistas!

Me gustan los estudiantes
Que con muy clara elocuencia
A la bolsa negra sacra
Le bajó las indulgencias

Porque, hasta cuándo nos dura Señores, la penitencia
Caramba y zamba la cosa
Qué viva toda la ciencia!

(Mercedes Sosa, "Me Gustan Los Estudiantes")

Em defesa da Educação Pública para que estudar deixe de
ser um privilégio!

Afetuosamente, despedimo-nos de você...

Anto, Ile e Marcita

REFERÊNCIAS

ARGENTINA. **Mercedes Sosa, história de uma cantora**. Argentina: Ministério da Cultura, 2018. Disponível em: https://www.cultura.gob.ar/a-9-anos-de-su-partida-recordamos-a-mercedes-sosa_6606/. Acesso em: 22 mar. 2021.

E ACCIÓN PASTORAL, C. N. Acerca del nombre «Abya Yala». **Temas De Nuestra América**. Revista De Estudios Latinoamericanos, [s. l.], v. 8, n. 18, p. 255, 2017. Acesso em: <https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/tdna/article/view/9712>. Acesso em: 14 mar. 2021.

DIA INTERNACIONAL DE LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA À MULHER. **TelessaúdeRS no combate à Covid-19**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/telessauders/noticias/dia-internacional-de-luta-contraviolencia-mulher-25-de-novembro/>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SCOTT, Joan. O enigma da Igualdade. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a02v13n1.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

PAIS, Ana. “La prefieren loca que lesbiana: la deuda de Chile com Gabriela Mistral, la latinoamericana que ganó el Premio Nobel de Literatura. **BBC News**, Mundo, [s. l.], 8 mar. 2016. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias/2016/03/160307_cultura_chile_gabriela_mistral_lesbianismo_ap. Acesso em: 14 mar. 2021.

ROLNIK, Suely. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. In: MAGALHÃES, M. C. R. (org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Escuta, 1995. p. 141-170. Disponível

em: <http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/homemetica.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2021.

SCOTT, Joan. O enigma do gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2005.

SEPÚLVEDA VÁSQUEZ, Carola Gabriela. **Gabriela Mistral**: das danças de roda de uma professora consulesa no Brasil. Campinas: Unicamp, 2014. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/254008/1/SepulvedaVasquez_CarolaGabriela_D.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

WOOD, María Elena. **Locas Mujeres**. Documentário produzido por Corfo. Santiago de Chile: [s. n.], 2010. 1 vídeo (72min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o2olRLaz1D0>. Acesso em: 20 mar. 2021.

A fuga de Cazaleah

Patrícia Duarte Deps

Prezado(a) senhor(a),

Eu sou Cazaleah Bizagugo, tenho 36 anos de idade, sou da etnia Luba, nasci em Katanga, na República Democrática do Congo (RDC). Meus pais eram proprietários de um pequeno comércio em Katanga, onde vendiam itens diversos, de alimentos à material de construção. Meus pais tiveram cinco filhos, três homens e duas mulheres. Eu era a mais velha, cresci na província, sempre fui à escola, dediquei-me aos estudos e me formei na faculdade de Pedagogia. Logo depois, comecei a trabalhar com meus pais, enquanto eu aguardava uma vaga como professora na escola local. Após alguns meses no comércio, entendi que trabalhávamos para sustentar o Governo Federal da RDC e os grupos de atravessadores e intermediários. Resolvi fazer Jornalismo e me formei alguns anos depois. Minha vida era calma, embora a população reclamasse da repressão, economia fraca e da crescente violência dentro do nosso país e das constantes ameaças nas fronteiras, principalmente no nordeste do país, com a Uganda.

Em fevereiro de 2014, consegui um emprego como repórter de rua na Estação de Rádio municipal de Katanga e fui contratada para fazer artigos sobre a vida cotidiana dos moradores da cidade. No mês seguinte, transferiram-me para Kinshasa e fui trabalhar para um programa de notícias do sistema estatal de telecomunicações. Foi nessa época que descobri o envolvimento do meu irmão, Mumagu, com o grupo de oposição ao presidente Joseph Kabila. Tal fato foi motivo para que eu fosse demitida por justa causa, acusada de traição ao governo de Kabila.

Mumagu graduou-se em Direito e recebeu medalha de honra ao mérito pelo seu destaque no Departamento de Leis Sociais e Econômicas. Contaram-me que ele participava dos movimentos de oposição ao governo de Kabila e que recebia apoio financeiro dos EUA. Havia um grupo armado de resistência, e Mumagu participaria de um encontro em Washington no próximo mês. Eu nunca soube se essa informação era ou não verdadeira.

Na mesma semana, descobri que eu estava marcada com um carimbo de “traidora da nação”. Meu nome constava de uma lista nacional de “agitadores” e que o Governo Federal desaconselhava minha contratação pelas empresas. Era como uma “carta de não recomendação”. A opressão de Kabila revelou ser a nossa falência em nível familiar, já que triplicou os juros dos empréstimos bancários dos meus pais e o comércio faliu em poucos meses. Minha família, assim como as de outros jovens envolvidos em grupos de oposição ao presidente Kabila, foram igualmente, moral e financeiramente, destruídas.

Em dois de agosto de 2014, participei de uma passeata pelas ruas de Kinshasa, e Mumagu era um dos organizadores da manifestação. Havia uma enorme adesão dos estudantes e professores universitários, de pessoas desempregadas e de proprietários de pequenos negócios. Dos poucos quarteirões previstos para a passeata, não caminhamos nem um. Concentramo-nos na Place du Marché e deveríamos chegar na Place de Revolution, mas, quando viramos a esquina para pegar a avenida principal, os soldados do exército nacional chegaram,

subitamente, em quatro caminhões e fortemente armados. Preventivamente, eles já tinham retirados os jornalistas e pessoas com câmeras. Foi um massacre. Os soldados estavam servindo aos interesses antidemocráticos do presidente, que nos atacaram cruel e violentamente, dispersando todos os corajosos manifestantes que ousaram levantar a voz pacificamente contra o governo opressor de Kabila.

Não éramos muitos, talvez umas 200 pessoas, mas, frente ao desespero e da correria, perdi-me de Mumagu. Com meus olhos “em chamas” e dificuldades para respirar sob o efeito do gás lacrimogênio, não pude encontrar meu caminho para casa, indo parar numa rua sem saída desconhecida. Nos minutos seguintes, eu fui capturada pelo exército nacional com golpes de cassetete no meu rosto. Fiquei desacordada por um tempo, acho que pelo menos 24 horas. Mas, no instante da minha abrupta captura, eu tive uma visão, um flash, do que seria a minha vida nos próximos anos. Mas a realidade foi muito pior.

Com meu rosto inchado, nariz quebrado e uma dor excruciante, notei que tinha perdido um dente da frente no momento que fui atacada com as pancadas. Levaram-me para uma cela no quartel do exército e fui tratada como uma criminosa de alta periculosidade, ou que tivesse bombas prestes a explodir amarradas no meu corpo, ou se eu estivesse infectada com vírus altamente letal que fosse contaminar intencionalmente todas as pessoas no país. Eu nunca consegui saber qual era o entendimento dos soldados que me espancaram ou qual era a motivação daqueles homens para me tratarem com tanta crueldade por aqueles que deveriam proteger a população e a coletividade, mas também individualmente cada cidadão e cidadã. Como puderam fazer o que fizeram comigo e com as outras mulheres que estavam presas por terem participado de uma manifestação pacífica. Um regime democrático prevê e depende da oposição para balizar as ações do governo.

Creio que permaneci por duas semanas numa cela fechada, úmida e suja, com ratos e baratas. Eu não sei explicar como eu sobrevivi

naquele lugar sem luz, sem banho, com apenas um ou dois pães e uma jarra de água por dia. Minhas fezes se acumulavam num canto da cela, onde eu podia imaginar a existência de vermes sobre elas. O cheiro de urina misturado a tudo aquilo era insuportável. Era certo que os soldados esperavam que eu tivesse morrido, e eu também.

Enfim, levaram-me para uma cela com duas mulheres, mas antes me deram banho gelado usando uma mangueira com jato de pressão. A água era malcheirosa, certamente, vinha de algum esgoto, tentei não engolir e procurei ficar de costas. Deram-me uma veste amarela para usar e raspam meus cabelos. Meu alento foi ter a companhia de outras mulheres na cela.

Chifona tinha aproximadamente a minha idade, era médica obstetra em Kinshasa, e a outra era Khenya, uma advogada e foi professora de Mumagu. Khenya tinha 43 anos, casada e dois filhos. Conversamos sobre como nossos parentes deviam estar desesperados nos procurando e querendo notícias nossas. Talvez, até pensando que estivéssemos mortas.

Naquela tarde, fomos transferidas de caminhão para uma base ao norte do país, onde vimos muitas outras pessoas presas. Era um quartel para detenção de opositores ao governo de Kabila. Enquanto eu estava na fila até a nova cela, um rapaz me viu e gritou que Mumagu tinha morrido. Ele se aproximou, disse que ele foi torturado durante essas últimas semanas e ontem “eles” o mataram. Essa notícia me causou uma fraqueza instantânea, minha vista escureceu e eu desmaiei antes de chegar na cela. Embora Chifona e Khenya tivessem tentado me ajudar, os soldados chegaram antes e me colocaram numa cela separada, próximo do dormitório deles. Nas horas que se seguiram, eu fui estuprada por diversas vezes por vários soldados que não fui capaz de contar.

A dor se agigantava, o desmantelamento do meu estado físico, mental e emocional fez com que minha mente entrasse numa espécie de transe. Era um estado inconsciente, como uma medida protetora. Era uma tentativa de resistência por meio da resiliência. Eu tinha consciência desses fenômenos, via-me por dentro, mas também

por fora, e não me reconheci nem de uma forma, nem de outra. Eu precisava do meu “eu” de volta.

Após dois dias, fui levada para a cela com Khenya e Chifona. Eu teria morrido sem o cuidado delas. Aliado ao meu estado físico precário, estávamos todas cientes que poderíamos ser estupradas a qualquer momento, situação que nos deixava em estado permanente de pânico, que piorava toda vez que um guarda passava no corredor ou trazia alimentos.

Não sabíamos como aquilo iria terminar, não tínhamos documentos, ninguém nos conhecia naquele lugar, não recebíamos visita, não apareceu nenhum advogado para negociar nossa soltura, pagar fiança ou instrução para julgamento. Os dias iam passando, e a nossa impressão era que tínhamos sido esquecidas naquela cela imunda.

Um dos guardas que nos trazia comida, às vezes, respondia algumas de nossas perguntas. Numa certa manhã, ele nos comunicou que estávamos numa província ao norte do país e que seríamos levadas para Bangui, mas não disse quando. Khenya nos explicou que Bangui era cidade de fronteira do país e local de intenso tráfico de mulheres. Ela nos contou sobre a existência de casas/depósitos de meninas e mulheres africanas, e dali, como mercadorias para prostituição, eram levadas para diversos países.

Nós precisávamos ter algum plano, pois se fôssemos para Bangui nunca mais voltaríamos para nossas casas. Ainda não tínhamos plena noção de que não podíamos mais “voltar para casa”. O desespero tomou conta de nós, choramos juntas. Deveríamos nos esquecer de todos que amávamos, acostumar-nos que éramos pessoas privadas de liberdade, mas queríamos ser fugitivas e um dia, se tudo desse certo, refugiadas. Naquele momento, o único plano possível era sobreviver, aguardar e agarrar alguma oportunidade.

Passaram-se três meses desde o dia da nossa prisão. Já era quase noite quando eu e Chifona fomos levadas da República Democrática do Congo para fora do país. Hoje, penso que mataram a Khenya, por ser mais velha.

Eu e Chifona fomos colocadas dentro de um caminhão fechado com pilhas de caixas e nos levaram para um galpão em Bangui, na República Centro Africana. Lá nos deram comida, banho, roupas, calçados, e depois fomos trocadas por um soldado congolês trazido por um traficante de Burkina Faso. Permanecemos presas no acampamento em Bangui por algumas semanas e fomos estupradas diariamente. Soubemos que houve troca de comando nesse galpão, mataram o traficante ao qual “pertencíamos”, por vingança, e a nossa situação conseguiu piorar.

Na fuga da gangue de traficantes, fomos forçadas a caminhar por dois dias. Estávamos descalças, nossos pés sangravam, os punhos feridos pela ligadura da corda que usaram para nos prender e nos fazer caminhar. Éramos trapos humanos. Aqueles homens não nos tratavam como pessoas, mas como um fardo, mercadorias sem valor. Os cachorros recebiam mais alimentos que nós, chegamos a comer ração animal algumas vezes.

Entretanto, ao passar por Benin, conhecemos um rapaz de uma cidade próxima a Katanga que conhecia meus irmãos. Lhonesti era seu nome, trabalhava com seguros, disse ele. Lhonesti ficou visivelmente comovido quando me reconheceu. Ele me contou que as notícias eram de que eu e meu irmão tínhamos morrido durante a fuga do exército nacional, após a passeata em Kinshasa, já que reagimos à prisão com tiros contra o exército.

Lhonesti seguiu conosco até Burkina Faso. Ao chegar em Koupéla, fomos para uma casa numa área muito pobre, onde havia outras mulheres e meninas. Ele me disse que ali podia ser fim da linha. Ou os traficantes nos negociariam ou nos matariam. Em geral, vendem mulheres ou as trocam por armas ou comida.

Naquela noite, houve uma invasão da casa pela polícia de Burkina-Faso e levou todas as mulheres para uma prisão. Na delegacia, os investigadores da polícia queriam saber quem eram os traficantes e como chegamos em Burkina-Faso. Como eu não tinha informação, eu fui torturada com bofetes, chutes, chicotadas e, por último,

com a falange. Bateram nos meus pés utilizando a falanga durante uma noite interminável. Pensei que fosse morrer.

De volta a cela, dessa vez sem ajuda, fiquei um mês sem conseguir me levantar, os ossos dos meus pés estavam quebrados e extremamente doloridos, precisei reaprender a pisar. Permaneci mais oito meses presa em Burkina-Faso, às vezes, trabalhando na limpeza, às vezes, presa incomunicável. Lhonesti apareceu num dia que eu estava limpando o banheiro e me chamou.

— Cazaleah, venha, temos que tentar sair daqui. Você quer ir para a Europa? Tenho um conhecido que guiará um comboio e sairá hoje. A gente só precisa sair daqui.

Eu olhei para ele sem acreditar em tal oferta. Segui as instruções do rapaz e caminhamos até encontrar o guia do comboio. Eu não tinha dinheiro, depois, soube que foi Lhonesti que pagou a minha “passagem”. O grupo era composto de 20 pessoas: homens, mulheres e crianças. Todos deveriam seguir unidos e iríamos para a Líbia. No comboio, conheci Luanda, uma nigeriana de 20 anos de idade, que fugiu de casa, pois não quis se casar com um homem mais velho, ao qual fora negociada pelos seus pais. Luanda dizia que seu sonho era aprender a cozinhar como os franceses que ela via na TV.

Luanda era alta, traços bem definidos, lábios desenhados e olhos doces, chamava a atenção dos homens, o que a fez vítima de estupro com muita frequência. Eu temia por Luanda, temia que sua beleza a traísse, fazendo com que ela fosse ficando pelo caminho. De fato, antes de chegar ao Marrocos, um ano depois da nossa saída da Nigéria, ela precisou fazer mais um aborto, mas, dessa vez, causou-lhe grave sangramento e Luanda faleceu três dias depois de septicemia. Eles simplesmente jogaram o corpo da moça num buraco atrás da casa onde estávamos. Foi horrível.

Quando chegamos ao Marrocos, eu fugi do grupo. Eu queria ter meus documentos, trabalhar e comprar uma passagem para Paris. Como todos as pessoas civilizadas poderiam fazer.

Consegui uma indicação e no local indicado encontrei um despachante de passaportes.

Consegui chegar a Oujda, e um milagre aconteceu. Consegui um trabalho para limpar um pequeno restaurante. Juntei dinheiro por cinco meses para viajar para França. Na agência de viagens, a polícia apareceu e descobriu que meus documentos eram falsos. Eu fui presa.

Após seis meses na prisão de Oujda, fui libertada, consegui sair ilesa. A polícia me fez assinar um documento e me deu cinco dias para sair do Marrocos. As autoridades locais deixaram bem claro que uma segunda prisão significa sentença de morte.

Não havia como retornar para Katanga. Tentar me comunicar com meus pais seria perigoso para eles. Restava-me procurar algum grupo que transportasse migrantes para a Europa. Após alguns dias soube de um barco que sairia de Saïdia em direção à Sardenha, na Itália. O que se sabe é que muitos barcos não chegam, pois são afundados pelas polícias italianas. Chegam aqueles que conseguem driblar a polícia ou são socorridos por alguma ajuda humanitária. Com sorte, seguem para campos de refugiados. Eu não tinha escolha, eu precisava ir em frente. Entrei no barco.

Na manhã de 20 de dezembro, a temperatura estava por volta dos 4°C, poderíamos morrer congelados, afogados, famintos, doentes, estávamos apenas aguardando a hora do desfecho. Com o peso e as ondas do mar, a lona do bote se rompeu, caímos todos na água e 25 pessoas morreram afogadas. Eu consegui nadar até uma praia. Fui levada para o campo de San Ferdinando no sul da Itália. Lá permaneci vivendo embaixo de um plástico rasgado, quase sem comida, sem condições sanitárias, exposta ao frio e à chuva. Desenvolvi um quadro de sinusite e veio uma pneumonia. Não havia médicos, hospitais, tratamento, e fui alimentada por uma mulher da barraca ao lado. Se ela não tivesse me alimentado, eu teria morrido em San Ferdinando.

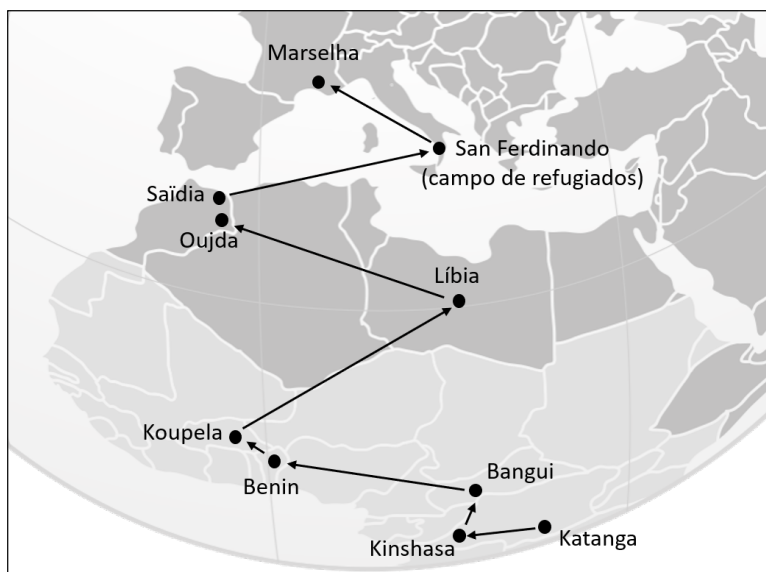
Participei ativamente da organização do campo. Lutamos e reivindicamos por melhorias na prefeitura. Ajudei na elaboração de

panfletos, cartilhas, na educação das crianças e tudo mais que eu podia fazer no campo de refugiados.

A nossa permanência num acampamento era para ser temporária, o mais breve possível, até o país hospedeiro ter condições de nos instalar em algum local que ofereça condições dignas para seres humanos morarem. Não foi o que imaginei que seria quando tinha a Europa como ponto-final da minha jornada. A população local nos repelia, olhava-nos com medo e ódio, o que tornava nossa convivência extremamente difícil. Eu não consegui regularizar meus documentos, por isso, não consegui emprego e não tinha dinheiro. Eu sentia falta dos meus familiares e amigos, falta de ter oportunidades, afinal, eu sempre sonhei exercer minha profissão. Todos sonham.

De San Ferdinando saíria um barco até Marselha, pago pelo prefeito da cidade, que queria retirar os refugiados da Itália. Juntei minhas poucas roupas em uma pequena sacola e segui rumo à França.

Fui acolhida no centro de refugiados em Marselha, onde tive meu primeiro documento após três anos de fuga. Finalmente, lá estava escrito o meu nome, minha etnia, data e local do meu nascimento e minha formação profissional. Preparamos meu dossiê de pedido de asilo político na França. Lá eu declarei: senhores, eu não peço favores, eu peço uma oportunidade de exercer minha cidadania, meu trabalho e pagar minhas contas. Quero alugar um lugar para morar, poder dormir, sem ser molestada, sem acordar sobressaltada, tomar café da manhã, sair para trabalhar e poder planejar um futuro.



Legenda: Rota de Cazaleah. Katanga (RDC) – Kinshasa (RDC) – Bangui (RCA) – Benin – Koupéia (Burkina Faso) – Líbia – Oujda (Marrocos) – Saïdia (Marrocos) – San Ferdinando (Itália) – Marselha (França).

As nascidas e criadas: protagonismo das mulheres quilombolas na periferia urbana

Jeanine Pacheco Moreira Barbosa

Denise Barbieri Biscotto

Manuella Ribeiro Lira Riquieri

Rita de Cássia Duarte Lima

Marly Rodrigues Gabriel

Maria Angélica Carvalho Andrade

PRIMEIRAS PALAVRAS

Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim,
como amontoados eram os barracos de minha favela.

(EVARISTO, 2006)

Esta é uma carta fictícia²². Ela traz, à semelhança da escrevivência em Evaristo (2007), histórias e narrativas vividas, inventadas e ressignificadas através da escrita de uma mulher, que é obrigada a deixar o quilombo no norte do estado e vai em busca de sobre-viver numa comunidade da periferia de Vitória. Essa mulher/personagem protagoniza lutas agônicas, nas quais enfrenta a morte e peleja pela vida, buscando escapar da homogeneização urbana, reafirmando ancestralidades e subjetividades de mulheres quilombolas. A carta é fruto de fragmentos de narrativas publicizadas nas referências a seguir citadas, resgatando reminiscência de um tempo vivido em uma comunidade quilombola em um bairro da periferia de Vitória, dessa luta espera-se mais vida, mas as marcas no corpo e a produção de sentimentos são inevitáveis.

Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 205).

A autoria da carta é de Joelma, personagem fictícia, que passou grande parte de sua vida no quilombo, sendo-lhe negado acesso à educação formal, dentre outros equipamentos públicos. Como Joelma não escreve muito bem, dita a carta para que sua filha Maria Creuza escreva para sua comadre Maria, que continua morando no quilombo. A correspondência traz testemunhos de vivências, memórias, opressões, resistências e sonhos de uma mulher que passou grande parte de sua vida

22 Este material foi produzido por meio de uma pesquisa coordenada pelo Ateliê de Ideias, tendo como narradores: Aníbal João de Almeida, Hilma Soares de Faria, Joana Nogueira Loureiro, Maria Borges dos Santos, Maria José Alves de Araújo, Maurílio Emílio de Araújo, Messias, Nailma Maria da Conceição e Nelci Rodrigues Dantas, todos(as) moradores(as) da comunidade São Benedito.

num quilombo. Expressa marcas do pertencimento sociocultural dessas mulheres, favorecendo a abertura de espaços onde vozes socialmente negligenciadas tornam-se audíveis resistindo à invisibilização sobre a mulher negra. Ancorada na produção de Carolina Maria de Jesus, a escrita se revela como possibilidade de manifestação dessa alteridade.

No mundo público, a palavra testemunhal vem denunciando a repressão, a invisibilidade feminina, a violência do gênero sexual e tem requisitado uma transformação sobre essas práticas culturais. No plano pessoal, a palavra tem permitido uma ‘cura psicológica’ pela recuperação e legitimação, a partir do próprio sujeito, das assertivas de sua vida. (MAGNOBOSCO, 2002, p. 171).

Ainda na perspectiva ressaltada pela personagem de uma mulher negra, é importante enfatizar que a carta, composta por histórias e narrativas, não “pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos” (EVARISTO, 2007, p. 21).

A CARTA

Aquele que é feito escravo por uma força maior do que a sua, ama a liberdade e é capaz de morrer por ela, nunca chegou a ser escravo.

(Zumbi dos Palmares)

*Comadre*²³ Maria,

Que saudade de todos daí! Da nossa comunidade São Domingo, no quilombo do Sapê do Norte. Que saudade matadeira dos tempos do meu pai e minha mãe, das ladainhas das mulheres na reza, dos meninos

23 O termo foi inspirado em uma publicação na qual um remanescente quilombola se referia às demais pessoas dessa forma (NUNES, 2019).

jogando futebol no campo e do bar do seu Zeca. Então, passa muita coisa pela gente assim...

Já faz tempo que quero responder sua carta. Mas a vida está corrida e o correio aqui era muito dificultado. As cartas que chegavam aqui ficavam numa caixinha de sapatos, no número 220 da pracinha, na venda do Seu Manel Marciano. Depois passou a ser entregue no SECRP²⁴ e só muito tempo depois é que chegou em casa (BISCOTTO; DANTAS, 2019).

Aqui em casa estamos levando a vida como Deus quer. Firmino tá desempregado de novo e fica aborrecido e às vezes bebe demais. Lembra como ele era forte e puxava muita roda²⁵? Agora, ele está fraco e doente. Mas, graças a Deus, os meninos já estão criados e ajudam no sustento da casa. Domingos está com 15 anos, mas desde os 8 ajuda o pai na construção da casa e trabalha como ajudante de obra. João está com 14 e Maria Creuza está com 12. João faz frete nas feiras junto com André de 10 e Creuza me ajuda lavando roupa pra fora junto com Débora, que tem 8 anos. As crianças trabalham aqui como a gente sempre trabalhou aí no quilombo, mas aqui é diferente. Em vez de trabalhar para nós, nós trabalhamos pros outros. Muitas crianças, quando não ajudam em casa, com a roupa e ou com os afazeres domésticos são levadas para a casa da patroa e acabam ficando por lá mesmo (BALCÃO DE DIREITOS DA UFES, 2012).

Dizem que antes de nós chegarmos aqui, era tudo mato, não tinha água, nem luz, nem gás (BALCÃO DE DIREITOS DA UFES, 2012). Comadre, nem condução direito passava por aqui no tempo que cheguei. Para resolver alguma coisa, eu tinha que descer lá no pé do morro e quando voltava do trabalho, subir tudo de novo cansada, no escuro. Para o ônibus chegar no bairro, tivemos que fazer várias reuniões com os moradores e abaixo-assinado, organizado pelo seu Maurílio, que pedia até para as crianças quando saíam da escola assinarem. Hoje, tem um ônibus que passa pelo

24 O Serviço de Engajamento Comunitário (Secri) é uma instituição civil sem fins lucrativos que, há mais de 30 anos, dedica-se a trabalhar junto às famílias do bairro São Benedito e comunidades vizinhas na cidade de Vitória-ES.

25 Puxar roda é um termo usado para designar o trabalho nas casas de farinha.

bairro. O lixo era queimado e quando alguém ficava doente levava a pessoa pro Samu²⁶ nas costas (BISCOTTO; DANTAS, 2019).

Os barracos eram construídos de tábua, lona e papelão. Muitos ainda são. Diferente daí que a gente fazia aqueles embarreio na roça, aquelas casas de barro, onde todo mundo era aquela união, não tinha dono de uma coisa. Nossa vida no Sapê era assim, “cada um por si e si por um”²⁷ (BALCÃO DE DIREITOS DA UFES, 2012). Aqui a gente usa o que tem. E mesmo com ajuda de alguns, não é a mesma coisa que aí. O povo é mais desconfiado e hoje está mais perigoso acreditar nos outros. Hoje, de um cômodo já temos cinco, mas ainda falta muita coisa. O São Benedito tem muitas ruas estreitas, becos e escadas. As casas são tão juntas que parecem uma em cima da outra. Sinto falta da terra espaçosa. Aqui nós vivemos em um curralzinho.

No início da comunidade, nós contamos com a grande ajuda do Sargento Carioca²⁸. Foi ele que ajudou na construção de tudo aqui no bairro. O nome São Benedito foi ele que deu porque era muito devoto do Santo. Nós compramos nossas terras de um morador que diz que ganhou do Sargento Carioca. As terras de São Benedito eram da Marinha, e o sargento Carioca tinha cobertura da Marinha para a invasão. Ninguém ia lá perturbar os moradores devido à influência do Carioca. Dona Neuci conta que naquele tempo o lugar mais importante era a escola aqui no morro, por conta que nossas crianças já estavam no tempo de estudar, era muito longe lá para baixo, aí, quando fizeram a escola aqui pra nós, foi uma maravilha. Nossos filhos foram estudar ali. Mas, comadre, o povo que vinha chegando aqui era tudo da roça, a maioria que veio do sapê não tinha nem a 3ª/4ª série, tinha gente que não se importava com isso. Alguns ainda não tem estudo

26 O Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) é um serviço brasileiro de atendimento às urgências pré-hospitalares, utilizado em casos de urgência e emergência.

27 Expressão atribuída a uma citação de Dandara.

28 Ascendino Fagundes de Aguiar, conhecido como “Sargento Carioca”, foi um militar reformado do exército, considerado o principal organizador tático das ocupações, que se dava com frequência durante as madrugadas, como forma de evitar o enfrentamento com policiais.

até hoje e outros adquiriram muito tempo depois que chegaram aqui. Acontece que a comunidade era muito pobre e na escola os meninos tinham um lugar para comer. Mas muita gente sentia falta do nosso tempero lá do quilombo. Alguns alunos levavam o tempero da gente para melhorar a comida da cidade (BISCOTTO; DANTAS, 2019).

A primeira capelinha foi feita no alto. Para lá foi levada a imagem de São Benedito que o prefeito daquele tempo doou para nós. Uma procissão com mais de 500 pessoas levaram o santo até o alto. Dizem que as tábuas da capelinha apodreceram e ela foi feita de novo, com ajuda de todo mundo. Comadre, aqui nem santo escapou de ser roubado. Dizem que o Sargento Carioca revirou casa por casa procurando o santo, até achar na casa de uma mulher, na Rua da Estrela. Tudo aqui no bairro foi graças ao Sargento. Foi ele que pediu para colocar postes de energia e água encanada no bairro, a escolinha, o chafariz, a lavanderia e até na luta pelos ônibus, ele tava junto. Até hoje, dá pra ver o escrito lá na pedra do chafariz²⁹ (BISCOTTO; DANTAS, 2019).

Aqui, o dinheiro é pouco, o que ganhamos mal dá pra comer. Chegamos a passar necessidade aqui, comadre. Nós com cinco filhos pequenos, sem uma casa direita, sem trabalho, sem dinheiro, só com a trouxa de roupa. Quando vim pra cá vendi tudo que tinha, só trouxe um meu cachorro, chamado macaco. A ambulância até o matou (BISCOTTO; DANTAS, 2019). Os meninos choraram de tristeza.

Por aqui as coisas são bem diferentes: aprendi a conhecer no corpo a dor da fome, às vezes até chorava, dava uma fraqueza nas pernas, um suor. Perdi a conta de quantas vezes deixei de comer para dar aos filhos e se precisasse deixava de novo. Na comunidade tinha família que, na falta do leite, dava água com açúcar na mamadeira para os pequenos e água de aipim cozido para os grandes (LOBATO, 2019; NUNES, 2019).

Naquele tempo, tinha uma vizinha que veio de longe e dividia comigo o caldo da caridade que ela fazia lá no quilombo, feito com água, farinha, sal e

29 A inscrição na pedra do Chafariz tem os dizeres: “Sargento Carioca e povo local – 20.03.73 – Viva a 1ª. Dama Maria Clementina V. Santos”

óleo. Daí eu junto com as verduras que João trazia das feira, pelo menos dava uma sustança nos dias em que o estômago ficava vazio. Descobri até um restaurante que fica perto de uma casa que eu ia lavar as roupas, Maria Creuza falou com os dono, mas eles disseram que não podia doar comida, porque se a gente passa mal, a culpa vai toda pra eles! Eu não entendi nada! Por que a gente iria passar mal com a comida? A gente passa mal sem comida! Mesmo com todas essas dificuldades, ainda agradeço a Deus, porque podia ser pior. Outro dia, vi na televisão que muita, muita gente no mundo não tem nadinha pra comer³⁰, pelo menos nós temos nos virado como a gente pode. Mas tenho fé em São Benedito que as coisas vão melhorar!

Quando a gente não tinha casa ainda, Dona Conceição deixava a gente ficar na casa dela. Dona Conceição, mesmo com 85 anos, tem ajudado como pode o povo todo que chega do Sapê e de outros lugares. Uma santa na nossa vida aqui no morro! Trabalhou muitos anos em casa de família e graças a São Benedito conseguiu construir sua casinha direitinho. Ela chegou aqui antes de nós. Vendeu as terras, porque ficou viúva e não tinha como sustentar os três filhos. Acho que ficou com medo das ameaças que recebeu dos homens que tomavam conta das plantações de cana-de-açúcar e de eucalipto. Eu sei como era isso. A gente se sentia acuada no meio daquele monte de plantação de eucalipto, além da fome. Depois que a firma chegou, plantando

30 O relatório “O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no mundo 2020”, recém-publicado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola, Organização Mundial da Saúde (OMS), Programa Mundial de Alimentos (WFP) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância, aponta o aumento contínuo da fome no mundo. A fome na América Latina e no Caribe afetou 47,7 milhões de pessoas, em 2019, sendo esse o quinto ano consecutivo de aumento da fome. O relatório estima que a fome afetará quase 67 milhões de pessoas dessa região, em 2030. Considerando que os dados publicados pelo relatório ainda não consideravam os efeitos da pandemia, agravada pela Covid-19, a perspectiva é que os grupos mais vulneráveis sejam ainda mais afetados, estima-se, portanto, que esses números possam ser ainda maiores (FAO, OPAS, PMA, UNICEF e FIDA, 2021).

eucalipto, as comunidades passaram a ter que se contentar com os restos. Restos de madeira, restos de água, restos de terra. Como se não bastasse, as pessoas ainda eram presas por tentar sobreviver. Os meninos nascidos e criados aqui no morro não entendem. Aham que éramos bobos e fáceis de enganar. Mas eles não sabem o que nós passamos. Lembro do Seu Hugo que tinha um terreno, parte do seu avô e parte de sua mãe. Era pra ele receber porque a parte da mãe ficou só pra ele. O pessoal fez lá uma atrapalhada, sumiram com a escritura. Ele ajudou a pagar o Incra³¹, mas foi obrigado como todo mundo a vender. Chegou Manoel Serafim, daí por diante. Juntou com Benedito Pelé e fizeram uma atrapalhada. Ficaram com a metade da terra e venderam a outra metade toda! Quando acabou, cortaram a terra no meio. Depois, cortaram a terra de novo no meio para vender para a Ara-cruz. E ficaram no apertado! (ENSP-FIOCRIUZ, 2015; SILVA, 2006).

Outra coisa, as terras não tinham divisa certa, nem eram marcadas por cercas. As comunidades estavam acostumadas a se unirem para fazer tudo, e tudo era de todo mundo. Já que a gente não tinha as escrituras, isso ajudou os mais espertos. A gente dormia e de noite eles avançavam com a cerca deles pro nosso terreno. Ou então soltavam os bois nas nossas plantações. Quem não vendia seu pedaço de terra a preço de banana ficava acuado, ameaçado e assim, fomos obrigados a ir embora (MAÇÃO; TORRE, 2016; ENSP-FIOCRIUZ, 2015).

Sinto saudade também dos parentes e amigos. Mesmo assim, não dava pra ficar aí. Pois nem o governo quis nos ajudar. Ao contrário, financiava a firma para plantar mais eucalipto e cana-de-açúcar em vez de nos proteger, nós que já morávamos na terra há muito tempo (MAÇÃO; TORRE, 2016; ENSP-FIOCRIUZ, 2015).

31 O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) é uma autarquia federal da Administração Pública brasileira. Foi criado pelo Decreto n.º 1 110, de 9 de julho de 1970, com a missão prioritária de realizar a reforma agrária, manter o cadastro nacional de imóveis rurais e administrar as terras públicas da União.

Lá no Sapê, depois que morreu nosso pai, mãe e nossa avó e entrou essa firma, perdemos nossos peixe, não tínhamos mais nossas casas, nossos córregos. Que saudade dos nossos córregos, onde nós plantávamos cebola, nosso cheiro verde. Dali mesmo nós tirávamos a água para molhar o coentro, o dendê. Nossa comida com dendê era maravilhosa! (BALCÃO DE DIREITOS DA UFES, 2012).

Lembra, comadre Maria, do que era quando a gente nasceu? O que tinha e agora a gente não vê mais? Do dendezeiro com os cachos de dendê, do coco-da-pindoba, muitas coisas que meus filhos não alcançaram. Nós íamos na nossa roça plantar mandioca, milho e feijão. Era aquele vizinho fazendo mutirão um com o outro. Quando um ia plantar uma roça, chamava primo, tio, irmão, todo mundo. Quando era roça de outro, também todo mundo ia. Depois, pegava a mandioca na nossa roça, depois ia para casa de farinha, raspava, depois ralava. Depois, tirava a goma, depois fazia farinha e o beiju com coco ou amendoim. Não tinha nada que aborrecer. Que saudade do beiju! Aqui não tem nem espaço pra plantar mandioca! (BALCÃO DE DIREITOS DA UFES, 2012).

Eu lembro que no Sapê nós plantávamos e de tudo dava, mas nós nunca destruímos nossa mata. Deixa muita saudade do que a gente já plantou, já comeu e agora a situação ficou muito difícil para nós. Naquela época, a agricultura familiar ajudou muitos moradores do quilombo que passavam necessidade (NUNES, 2019). E hoje, como vocês estão aí? Fiquei triste quando você me contou que estão sofrendo com a seca. Porque antigamente nós tínhamos aquela mata e as plantas que a gente plantava, tudo naquela situação que era nativa daí de Sapê do Norte. Isso era a sobrevivência da água. Ai depois dos pés de eucalipto, a terra ficou seca e já não nascia tudo que a gente plantava. Quase água não tinha mais. Para conseguir água precisávamos cavar um poço muito fundo. Lembra comadre, daquela seca que nós tivemos? Seca, seca mesmo! Se não fosse a gente ter rezado nas comunidades, não tinha jeito. Graças a Deus que passou (BALCÃO DE DIREITOS DA UFES, 2012).

Aqui a seca chega de outro jeito. Falta água no morro. Às vezes, Maria Creuza mais João tem que ir lá embaixo buscar água no balde até pra fazer

comida. Quando chove, tem enxurrada e corre risco de carregar os barracos morro abaixo. Quando chovia, nós tínhamos que levar uma garrafinha com água para no fim do morro poder lavar o pé. Antes de ter água nas casas, nós fazíamos um buraco na pedra e colocávamos um cano. Água de beber a gente trazia das casas onde trabalhava. Antes, lavávamos roupa embaixo do morro. A gente levava a trouxa na cabeça. Passava horas na fila pra trazer água pra casa. Tinha vez que a água só chegava tarde da noite. Para ajudar, fizeram uma bica, depois um chafariz e depois uma lavanderia (BISCOTTO; DANTAS, 2019). Mas, comadre, tiveram que fechar porque deu tanta briga! Deu até polícia! Meu São Benedito! No quilombo nós trabalhávamos um pelo outro, aqui é cada um por si.

Comadre do céu, quase esqueço de te contar uma coisa que me sucedeu. Teve uma vez que de noite eu fui no poço que tinha aqui pegar água. Eu vi uma bola brilhante no fundo do poço. Assim que eu olhei pra ela, ela subiu e soltou estrelinhas de um lado para o outro e depois desceu de novo para o fundo do poço. Eu fiquei com muito medo e não quis mais pegar água e fui voltando pra casa. No caminho comecei a falar as palavras que as pessoas do Sapê ensinam pra quem vai andar sozinha à noite: Jesus, Maria e José. Falei essas palavras três vezes. Daí a coisa afundou de novo pro fundo do poço e ficou um raio laranja brilhante. Até hoje não sei o que era aquilo comadre, mas no poço não voltei mais, preferi descer o morro (BISCOTTO; DANTAS, 2019).

Aqui na cidade é difícil arrumar trabalho. O povo olha pra gente de olho torto e sempre com muita desconfiança. Eu continuo indo atrás de roupa pra lavar, mas não é todo dia que tem. Sem dinheiro no fim do mês, fica difícil garantir a comida de cada dia. Essa é minha maior tristeza, comadre! Quando me lembro dos anos no Sapê, de uma coisa eu podia ter certeza: comida não ia faltar! Penso nas galinhas e nos porcos que cresciam soltos no terreiro. Comer carne aqui é difícil. Aqui não tem terreiro. As casas são todas juntas. É tanta ladeira que dá até medo de cair (NUNES, 2019; BALCÃO DE DIREITOS DA UFES, 2012).

Comadre, as coisas só mudam quando a gente luta pra mudar. Trabalhei a vida todinha aí no quilombo e aqui continuo trabalhando. Fico muito

aborrecida quando vou procurar trabalho e dizem que aqui no morro só tem bandido. Quem não vive no morro, não sabe da história da gente que veio do quilombo. Naquela época, bem antes do Nego Edmilson, o morro era dominado por coronéis e tinha assaltantes e assassinos. A maioria dos assassinos eram contratados pelos coronéis para execução. Já existia o tráfico, mas nos tempos de nego Edmilson era diferente, os meninos respeitavam a comunidade, não faziam mal para ninguém... não tinha violência aqui em São Benedito não. Edmilson é histórico... todos que conversei aqui falaram super bem dele... seu enterro deu quase 8 mil pessoas. O povo conta aqui que Nego Edmilson veio de São Mateus e trabalhava em uma empresa de ônibus onde foi acusado injustamente de ter roubado um rádio. Mesmo alegando inocência ele foi considerado culpado, então decidiu que ia ser bandido mesmo. Se tornou assaltante de banco e outras coisas. Ele costumava assaltar caminhão de gás e leite e distribuía aqui na comunidade. As pessoas faziam fila para pegar e quando precisavam de alguma coisa, de alimento, era só falar pra ele que dava um jeito de conseguir. No tempo do Sargento Carioca, ele fez uma delegacia para resolver confusão na lavanderia e pra fazer conciliação no bairro. A delegacia lá de baixo acabou porque os policiais mataram um menino e os moradores quebraram tudo com pedra. (BISCOTTO; DANTAS, 2019).

O governo e as pessoas do asfalto pensam que aqui no morro a gente é tudo igual. pobre e bandido. Gente que ninguém quer, nem pra trabalhar, só querem mesmo é nos explorar. Como é que os homens do governo vão fazer as coisas que a gente precisa, se nem sabe como nós somos? Acontece, comadre, que nós, nascidas e criadas³² no quilombo, vivemos de um jeito

32 O texto que inspirou esta carta classifica os moradores da comunidade São Benedito em três grupos etários, de acordo com suas experiências específicas no contexto do tempo e o espaço: a geração dos “nascidos e criados”, os “nascidos, mas não criados” e os “nem nascidos, nem criados”. Os nascidos e criados correspondem às pessoas com mais de 60 anos que nasceram e cresceram no norte do Espírito Santo (Conceição da Barra ou São Mateus) e que na vida adulta se mudaram para São Benedito em Vitória (BISCOTTO; DANTAS, 2019).

que aqui ninguém aceita. Nós precisamos da terra pra plantar e não temos. Pouca gente conhece nossa luta e nossa história. Para você ver, comadre, até os tambores que a gente tocava na igreja, o padre não deixa mais. Não temos mais o Jongo pra distrair, a Folia de Reis, os Baile de Congo e aqui é cada um por si e São Benedito por todo mundo. Os que já nasceram e cresceram aqui acham que tudo que nós contamos é bobo e esquisito. Só sabem fazer muito bingo e emendar num forró à noite. Antigamente, tinha um galpão lá no Coronel Hélio, onde a gente descia para pegar água, onde acontecia uma festas, dança, principalmente forró. Quando falo do meu sonho de voltar pra aí, minha filha Débora não quer. Diz que a vida dela está toda aqui, que nasceu aqui e quer continuar aqui. Reclama que aí não tem vizinho, só tem mato. E nem quer ouvir as histórias do saci pererê, da mula sem cabeça, do lobisomem, que a gente morria de medo. Acho que ela não acredita, mas eu mesma vi o lobisomem, numa vez em que estava voltando de Guarapari. Ele fuge das pessoas pois tem medo delas (BISCOTTO; DANTAS, 2019).

Comadre, aqui termino esta carta, com os olhos molhados de saudade. Ainda carrego no peito o sonho de voltar para nossa terra. Sou mulher nascida e criada no quilombo, e vivo dividida entre as lembranças da vida cheia de fartura e os dias minguados de hoje.

Espero que a gente se veja logo para matar a saudade. Venha nos visitar, traga os meninos. Tem uma coisa que você vai gostar. Aqui de cima parece que nós estamos quase no céu, dá pra ver a cidade toda. Quando você vier, vai vê.

Sua comadre Joelma.

REFERÊNCIAS

BISCOTTO, Denise Barbieri; DANTAS, Valmir Rodrigues. (org.). **Memória viva do bairro São Benedito Vitória/ES.** [S. l.], 2019. Disponível em: <https://calangonoticias.com.br/wp-content/uploads/2019/11/S%C3%A3oBenedito.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2021.

COMBATE RACISMO AMBIENTAL. Aracruz Celulose intensifica ofensiva contra terras quilombolas. **Racismo Ambiental**, [s. l.], 17 dez. 2014. Disponível em: <https://acervo.racismoambiental.net.br/2014/12/17/aracruz-celulose-intensifica-ofensiva-contras-terras-quilombolas/>. Acesso em: 5 mar. 2021.

COMUNIDADE Quilombola São Domingos_ Sapê do Norte. ES. [S. l.: s. n.], 21 abr. 2012. 1 vídeo (6 min.). Disponível em: <http://goo.gl/ZtxIuX>. Acesso em 3 mar. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 18-21.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza; SCHNEIDER, Liane (org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora**. João Pessoa: Ideia: Editora Universitária - UFPB, 2005. p. 201-212.

FAO; IFAD; UNICEF; PMA; OMS. **O Estado da Segurança Alimentar e Nutricional no Mundo 2020**. Transformando sistemas alimentares para dietas saudáveis acessíveis. Roma: FAO, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4060/ca9692en>. Acesso em: 4 mar. 2021.

LOBATO, Elvira. Dormir para esquecer a fome. **Apublica**, [s. l.], 13 mar. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/03/dormir-para-esquecer-a-fome/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

MAÇÃO, Patrik Camporez; TORRE, Luísa. Acuados: a história dos quilombolas no Espírito Santo. **Sul21**, [s. l.], 8 out. 2016. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/breaking-news/2016/10/acuados-a-historia-dos-quilombolas-no-espírito-santo/#:~:text=No%20Sap%-C3%AA%20do%20Norte%2C%20uma,quadrilha%20ou%20furto%20de%20madeira>. Acesso em: 3 mar. 2021.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus**: um estudo sobre gênero. 2002. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ENSP-FIOCRUZ. Mapa de conflitos envolvendo injustiça ambiental e saúde no Brasil. **Mapa de Conflitos**, [s. l.], 15 maio 2015. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=es-quilombo-de-sape-do-norte-reduzidos-a-10-em-pessoas-e-territorio-continua-na-luta-pela-titulacao-de-suas-terras>. Acesso em: 3 mar. 2021.

NUNES, Angelina. Num quilombo em pleno Rio, mulheres formam rede de apoio e sonham em voltar a plantar. **Apublica**, [s. l.], 13 mar. 2019. Disponível em: <https://apublica.org/2019/03/num-quilombo-em-pleno-rio-mulheres-formam-rede-de-apoio-e-sonham-em-voltar-a-plantar/>. Acesso em 3 mar. 2021.

SILVA, Sandro José da. Quilombolas no Espírito Santo: identidade e territorialidade. **Revista de História (UFES)**, Vitória, v. 18, p. 272-300, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2448>. Acesso em: 3 mar. 2021.

As nascidas e criadas: histórias e saudações quilombistas

Olindina Cirilo Nascimento Serafim

A carta a seguir foi escrita por uma personagem fictícia, mulher quilombola, originária do Quilombo Sapé do Norte, no Espírito Santo. Trata-se de uma resposta à carta escrita por outra mulher quilombola, também fictícia, que deixou seu território para viver na cidade em busca da sobrevivência. Mesmo fazendo uso de personagens fictícias, a carta revela os desafios das mulheres quilombolas na luta para manter seu território e suas tradições em meio a uma pandemia que vulnerabiliza, ainda mais, essa população. A autora desse texto também é mulher quilombola e retrata com muita sensibilidade e clareza os desafios vivenciados na própria pele. Trata-se, portanto, de uma escrevivência, que mistura à tinta das palavras impressas a dor e o desafio de ser mulher quilombola nos dias de hoje.

CARTA EM RESPOSTA À COMADRE JOELMA

Um dia, em terras africanas, homens e mulheres contaram histórias. Depois, algumas destas pessoas senão elas, seus filhos e netos, escravizados sonharam muitas vezes num dia livres poder contar estas mesmas histórias. Hoje, nós, afrodescendentes. Já podemos contar estas histórias. Cada um de nós, assim, devemos contá-las e levar as pessoas a sonharem juntamente conosco com o mundo de liberdade idealizado pelos nossos ancestrais.

(Vilson Caetano. Fundação Atabaque)

Olá, comadre querida Joelma,

Começo esta carta com os conselhos de Gloria Anzaldúa, uma amiga que fiz ano passado nos livros. Aqui no Sapê do Norte, desde que a senhora foi embora, temos enfrentado tempos bem difíceis, mas com coragem e perseverança estamos vivendo e mantendo as nossas esperanças para alcançar aqueles tempos bons que a senhora bem lembrou em sua carta. Confesso que há muitos anos não escrevo cartas. Fiquei feliz em receber a sua, despertando o desejo de respondê-la, para lhe contar as notícias de nosso território. Então, comadre, passadas muitas águas debaixo da ponte, ditado popular em nossos quilombos, escrevo tendo em vista os momentos que estamos vivendo aqui no Sapê do Norte, os de sempre que você conhece muito bem, e outros que foram surgindo, pandemia da coronavírus, invasões de estranhos no território, empobrecimento do nosso povo, falta de políticas públicas, de escolas, nossos filhos(as) na faculdade, os nossos mais velhos indo embora, a dificuldade de receber o título de nossos territórios. São muitas as notícias da minha comadre. Nesse momento, pandemia é motivo de preocupação para todos nós no quilombo, uma vez que falar em social, barreira sanitária e higienização por meio da utilização de água etc. é complicado para o povo quilombola, que tem como prática tradicional o acolhimento fraterno para quem chega no quilombo. A escassez da água impede o completo ciclo de higienização. E a vulnerabilidade nos quilombos provocada pela ausência do poder público impede o isolamento social.

Bem, comadre, a situação da pandemia se agravou no Brasil, nos estados e nos municípios, com o avanço da pandemia as autoridades sanitárias em conjunto tomam como atitude de contenção da pandemia, o isolamento social. Aqui no Sapê do Norte, comadre, a quarentena em nossos quilombos tem proporcionado a retomada das relações familiares. Temos aproveitado a presença dos filhos, marido e os mais próximos, para fazermos algumas atividades que por conta dos estudos e trabalho fora do quilombo isso era pouco realizado. Aqui temos feito muitas costuras inclusive, costurando máscaras para proteção no quilombo, estou fazendo algumas receitas de nossa culinária quilombola, receitas caseiras de chás medicinais com ervas, bom para combater o desânimo e elevar a imunidade do corpo. Tenho ensinado às minhas filhas a fazer as receitas tradicionais do nosso tempo como o bolo de mandioca puba³³ que leva de 5 a 7 dias para ficar pronto com a senhora bem sabe, coisas que aprendi a fazer com minha mãe que aprendeu com minha avó, torrar café, torrar amendoim, pilar tudo no pilão caseiro³⁴ [2]

Nesse sentido, comadre, as famílias quilombolas vendo a necessidade de superar os desafios, da falta de estrutura, alimentos e tendo que se proteger do vírus, as famílias entenderam que a solução estava no território, criando estratégias de proteção. Então as comunidades quilombolas do Sapê do Norte começaram a expandir suas roças fazendo da agricultura familiar o enfrentamento à pandemia. Uma ação que revela a relação das comunidades quilombolas com a produção de alimentos em suas roças ampliadas. Para vencer essas necessidades, o saber tradicional está sendo utilizado para garantir o manejo e o plantio agrícola, contribuindo de forma efetiva para a segurança alimentar, reduzindo os impactos causados pela pandemia em um dos territórios quilombolas. Bem, comadre, como você está há muitos anos fora do quilombo, vou lhe trazer algumas informações sobre

33 O bolo de mandioca puba é feito com a mandioca fermentada e é tradicional nas comunidades quilombolas do Sapê do Norte. A receita é passada de geração a geração.

34 Pilão é um utensílio culinário essencial na cozinha africana e nos quilombos tem sua feitura a partir de um pedaço de madeira encontrado na mata atlântica.

nosso território. Começo informando sobre a presença do nosso povo negro no Espírito Santo, bastante expressiva, em todo território capixaba, a maior concentração ainda está no norte do estado na nossa região, concentração maior nos municípios de São Mateus e Conceição Barra, onde se encontram grande parte das comunidades negras rurais. Registra-se que há mais 35 comunidades quilombolas resistentes no território quilombola, e cerca de 4.000 famílias remanescentes. Defino território a partir de Malcher (2009):

Território é o elemento de construção da identidade étnica, que é o ponto mais importante da estrutura social. A permanência na terra não se faz regulado por categorias formais de propriedade e sim, pelo próprio grupo que determina, através do “direito costumeiro”, as regras que orientam todos os planos da vida social. As formas de acesso à terra, incluem as dimensões simbólicas e as relações sociais. A estreita relação do grupo com a terra representa uma relação social bastante complexa e aponta para a existência da terra como território (MALCHER, 2009, p. 7).

Então, comadre, como venho colocando nessa carta para a senhora, o marco legal das políticas de reconhecimento quilombola está amparado em legislações como: artigo 68 e 216 da Constituição de 1988; Conferência de Durban contra o racismo, de 2001; Decreto presidencial 4887/2003; Lei 10.639/03; Convenção 169 da OIT, de 2007, e na Lei Estadual n.º 5.623/98. Todas elas reconhecem a propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das Comunidades dos Quilombos, dentre outras (BRASIL, 1988). É, comadre, em relação à comunidade dos quilombos, ficamos com o conceito do Decreto n.º 4.887, de 20 de novembro de 2003, e o que trata o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Comadre, enfrentamos muitos interesses econômicos e fundiários em oposição aos nossos direitos nos quilombos. A localização dos territórios quilombolas têm diferentes domínios legais; alguns são terras públicas dos

diversos estados da federação, outros estão em domínio de empresas particulares do agronegócio e estatais e outros tantos quilombos estão sob o domínio de Unidades de Conservação Ambiental e grupos imobiliários, o que inibiza a titulação das terras quilombolas e causa impacto direto na garantia de direitos constitucionais. Por falar em interesses particulares, a senhora não sabe, comadre, nós estamos enfrentando mais uma onda forte de ataques aos nossos quilombos. Estão invadindo nossos territórios de todos os lados, são pessoas desconhecidas que invadem de forma ilegal os territórios, destruindo as estradas, as roças e construindo casas de forma ilegal na comunidade, esses invasores têm causado apreensão em nossa gente, fazem ameaças, perturbam os mais velhos, é uma pressão muito grande comadre para que deixemos nossas tradições e nosso território, são muitas as pressões que estamos sofrendo para permanecer no nosso território. Como a senhora sabe comadre a nossa relação com a terra e com territórios coletivos é fundamental para nossa existência. Para Arruti (2008), as manifestações culturais das comunidades dão sustentabilidade ao seu território tradicional, na observação de uma alimentação e de uma infraestrutura tradicional de respeito à relação dos quilombolas com o meio ambiente. Segundo o artigo 2º do Decreto 4.887/2, territórios, são consideradas terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural. É comadre mesmo amparados por Lei, continuamos sendo ameaçados e julgados pelo nosso modo de viver em nossos territórios. Nos preocupamos com as nossas futuras gerações, para que possam ter uma vida digna amparada pela sabedoria de nossa ancestralidade.

Me despeço com saudações quilombistas, comadre querida!

Um grande e longo abraço para a senhora!

Comadre Maria, Quilombo Sapê do Norte.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Speaking in tongues: a letter to Third World women writers. In: MORAGA, Cherrie; ANZALDÚA, Gloria (org.).

Thisbridge called my back: writings by radical women of color. New York: Kitchen Table, 1981. p. 165-74.

ARRUTI, José Maurício. Quilombos. *In*: PINHO, Osmundo (org.). **Raça: Perspectivas Antropológicas**. Salvador: ABA: Editora Unicamp: EDUFBA, 2008.

BRASIL. **Constituição**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Decreto nº. 4.887 de 20 de novembro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1988.

BRASIL. Internacional do Trabalho. **Convenção 169**, aprovada pelo Decreto Legislativo nº143, artigo 14, inciso 1, 20 de junho de 2002. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

MALCHER, Maria Albenice Farias. **Identidade Quilombola e Território**. [S. l.], 2009. Disponível em: <http://www.wftl.org/pdf/046.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2011.

O canto do Uirapuru na terra do Sol Nascente

Yumi

Era noite do dia 11 de janeiro de 2018, quando pisei pela terceira vez no Japão. Apesar de já ter vindo duas vezes a passeio, dessa vez, eu estava sentindo um grande frio na barriga, pois a minha intenção era de morar nesse país visto por muitos como um exemplo de desenvolvimento para o mundo.

Janeiro é inverno no Japão e nunca vou me esquecer daquela noite congelante e do ônibus parando em frente a um hotel com um letreiro todo iluminado escrito Tóquio. Seria ali o começo de uma grande aventura na terra do Sol Nascente.

Mas como eu, nascida e crescida em Vitória, vim parar aqui?

Na minha última vinda ao Japão a passeio, em 2017, visitei algumas casas de show de Rock, onde conheci vários músicos extremamente talentosos. Muitos deles não eram sequer músicos profissionais, tocavam apenas por hobby. Isso me fez refletir o porquê de os

japoneses serem tão bons quando fazem alguma atividade: a determinação e a dedicação que fazem parte do dia a dia em busca da perfeição.

Uma das casas que visitei foi o Bauhaus, considerada uma das mais famosas do Japão com 40 anos de existência. Foi uma grande surpresa para mim ao ver que todo o repertório da banda era praticamente o mesmo que eu costumava cantar em Vitória. E para melhorar, a casa permite que alguém do público que saiba cantar ou tocar algum instrumento se apresente com a banda. E, então, lá fui eu, subindo no palco para cantar uma canção da minha banda preferida, Led Zeppelin. O público foi ao delírio e, logo em seguida, o dono da casa veio me cumprimentar e perguntou meio que jocosamente se eu não gostaria de trabalhar lá. No início, achei que fosse só brincadeira, mas era algo sério e real. Eu disse que iria pensar e que em breve daria uma resposta.

Voltei ao Brasil e conversei com meus pais sobre a minha decisão e, uma semana depois, fui informar a minha querida banda. Foi um processo doloroso para mim e para os meus amigos/irmãos de banda, afinal, estávamos praticamente quase todos os dias juntos, fazendo inúmeros shows pela capital. No entanto, eu sabia que essa seria uma oportunidade enorme para meu crescimento profissional e pessoal.

Eu achava que vários dos meus objetivos como cantora já tinham sido conquistados, nós éramos uma das bandas mais requisitadas da cidade, os nossos shows sempre cheios e com uma música número 1 na rádio. Mas eu queria algo mais e, para isso, eu teria que sair da minha zona de conforto e encarar os medos e desafios que viriam pela frente.

Comemorei meu aniversário junto com a minha festa de despedida em janeiro de 2018, reunindo minha família, amigos, bandas e fãs. Foi a minha última festa em terras capixabas, cercada de amor e de pessoas queridas antes da minha partida.

De malas prontas e passagem só de ida, embarquei. Um misto enorme de sentimentos voou comigo. Entusiasmo e alegria; nó na garganta e lágrimas nos olhos; incertezas e esperança. E assim chegamos ao destino.

No dia seguinte, acordei super animada, pois eu faria o meu primeiro show aqui. Dividiria o palco com uma cantora local que conheci no ano que passara. Nunca imaginei que um dia me apresentaria do outro lado do mundo e, muito menos, numa das maiores metrópoles do planeta.

Cheguei no local do show pouco antes do horário marcado com a produção. A ansiedade e o nervosismo eram nítidos em meu rosto, pois não tinha ideia de como o público japonês me receberia.

Hora do show! A cortina do palco se abriu e não havia outra alternativa a não ser fazer o que mais amo na vida e que eu vinha fazendo há mais de 10 anos em terras capixabas: mostrar minha música e minha voz para o público.

A primeira música começou e, logo nos primeiros acordes da guitarra, todo o nervosismo que eu sentia desapareceu. As luzes do palco me impossibilitavam de ver o público, mas eu conseguia sentir a energia de todos ali presente. Minha felicidade era tanta que o show passou num piscar de olhos e a vontade de tocar mais algumas “saideiras” era grande. E foi então que percebi o primeiro contraste com o meu país: os japoneses levam muito a sério os horários estabelecidos e o concerto terminou no horário.

Fim do show e lá estavam eles vindo em minha direção, cumprimentando a brasileira com cara de japonesa, louca e tatuada que acabava de chegar em terras nipônicas.

Na minha primeira semana em Tóquio, logo comecei a cantar no Bauhaus e tudo para mim era maravilhoso. Eu fiquei encantada em poder conhecer e conversar com pessoas de outros países, de ser tão bem recebida pelos meus parceiros de banda, de estar cantando em uma das maiores megalópoles do mundo e numa das casas mais famosas de rock do Japão. Toda essa empolgação foi apagada no dia em que o gerente da casa pediu uma reunião com todos os músicos. Em um instante, o ambiente de alegria se afogou em lágrimas de tristeza com a notícia do falecimento de um dos integrantes da banda por suicídio.

Conheci o Naoshi na primeira vez que visitei o Bauhaus e mantivemos contato a distância até a minha chegada a Tóquio. Lembro que logo no início, quando eu ainda estava tímida e insegura, ele disse em inglês: “Yumi, não precisa ter medo de nada, eu estarei aqui pra te proteger”. Essa foi a nossa última conversa que eu sempre vou lembrar com muito carinho.

Fiquei dias chorando e me culpando por não ter feito algo para ajudá-lo e, num desses dias, refletindo na minha cama sobre o acontecido, eu disse para mim mesma “Welcome to Japan”.

E assim fui vivendo. Dia após dia, segui aprendendo cada vez mais sobre a cultura e a língua, sobre a sociedade japonesa, sobre os locais para sair, divertir-se, passear. Enfim, fui realmente conhecendo o Japão por dentro.

Dentre todas as qualidades que esse país tem, o nível de segurança oferecido ainda é uma das coisas que mais me impressionam. Não há nada melhor do que sentir a liberdade de andar nas ruas de madrugada, sem ter a preocupação em ser assaltada ou sofrer algum outro tipo de violência, coisas que, infelizmente, são tão comuns em nosso país.

O transporte público é de uma qualidade, pontualidade e segurança invejáveis. É possível planejar os passeios e compromissos com precisão de minutos. E se a intenção for viajar, cruzar o país de norte a sul de trem-bala é muito fácil e prático. Isso é especialmente importante num país onde as estações do ano são tão bem definidas, em que não só a paisagem, mas também a culinária, as atividades e eventos locais mudam de acordo com elas. Os japoneses adoram esses ciclos das estações, e isso é muito notório em qualquer lugar.

Para os amantes da boa culinária, o país também não decepciona. E além da vasta gama de opções de pratos da própria cozinha japonesa, a diversidade gastronômica de Tóquio conta ainda com a culinária internacional. É possível encontrar restaurantes do mundo inteiro sem muito esforço e por um preço super acessível.

Muitas pessoas quando pensam sobre o Japão, geralmente têm a ideia do que eu acabei de descrever: um país quase perfeito, limpo, seguro, onde o transporte e o sistema de saúde funcionam muito bem e as pessoas são extremamente educadas. Porém, existe um outro lado que só fica mais visível com tempo e vivência. A rigidez exigida para atingir essa tal perfeição cobra seu preço.

Nesses três anos aqui, eu percebi o quanto a solidão, o estresse e as extenuantes jornadas de trabalho estão presentes no dia a dia.

Nas empresas japonesas, além de fazerem exaustivas horas extras, os funcionários quase não tiram férias, porque, para eles, vão sobrecarregar o outro colega. Dessa forma, o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal fica muito comprometido. Morte por sobrecarga de trabalho ou mesmo suicídio não são raros, infelizmente.

Em meus shows, é comum as mesmas pessoas voltarem por diversas vezes, e isso me deixa muito feliz, claro. No entanto, várias dessas pessoas não interagem com ninguém. Sempre chegam sozinhas, sentam-se sozinhas e assim permanecem o show inteiro, até mesmo em seus aniversários. E isso, especialmente por ser brasileira, foi e ainda é muito impactante para mim.

A solidão atinge também, e principalmente, os estrangeiros. Boa parte das pessoas estrangeiras que conheci não tem amigos japoneses. Talvez, a barreira do idioma seja a principal causa, mas não a única.

Já ouvi diversas histórias de estrangeiros que veem os japoneses trocarem de assento no metrô tão logo acabam de sentar ao lado deles. Ou ainda moradores de um mesmo condomínio e vizinhos de porta que evitam se cruzar no mesmo corredor ou pegar o mesmo elevador.

Por muito tempo o Japão foi uma sociedade muito fechada e eu acho que até hoje, eles ainda estão tentando se acostumar com pessoas vindas de outros países.

Outro aspecto negativo em morar aqui são as amizades passageiras. Muitas pessoas que vêm para cá fazem do Japão apenas um lugar provisório e, com o decorrer do tempo, acabam voltando para suas cidades natais. Eu já perdi a conta de quantos amigos queridos

foram embora e, mesmo assim, não consigo me acostumar com essa tal da despedida.

Muitas pessoas me perguntam por quanto tempo vou continuar aqui, mas eu ainda não tenho a resposta, o futuro é incerto e eu ainda tenho muita estrada para caminhar.

O Japão é um país maravilhoso, mas eu quero um dia poder voltar para os braços do meu país, da minha gente, da minha família e dos meus amigos. Voltar a viver onde eu nasci e cresci, falando a minha língua materna e cercada de gente à minha volta. Poder caminhar no calçadão de Camburi com aquele vento que bate no rosto, trazendo alegria, e com o barulho do Atlântico trazendo a poesia.

Carta às intelectuais negras: tecendo fios de pesquisa-vida com as mulheres cujos passos vêm de longe

Ketle Silva

Às mulheres negras intelectuais, de todas as faixas etárias, sexualidades e localizações.

Companheiras de escritas e falas estilhaçadas, que teimosamente decidem trilhar o difícil e excepcional caminho intelectual e com isso, experimentam constantemente as investidas de terem seus trabalhos desvalorizados, esta carta é para reiterar o quão significativo e impactante é o trabalho intelectual que desempenhamos, sobretudo pelo nosso comprometimento e preocupação por mudanças sociais.

Como forma de resgatar e reafirmar o protagonismo de mulheres negras na luta e resistência às opressões racistas e sexistas, no artigo: “Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo” (WERNECK, 2010), a autora Jurema Werneck enfatiza desde o título a tradição de mulheres negras. Desde então, a insígnia “nossos passos vêm de longe” se tornou uma espécie de mantra entre nós, mulheres negras, ao proferi-lo, estamos materializando a ancestralidade de mulheres negras que vieram antes de nós e abriram os caminhos, deixando os rastros das suas histórias, histórias essas “costuradas com fios de ferro”³⁵ para que pudéssemos retornar e emendar suas costuras às nossas, com fios não tão rígidos, mas ainda penosos.

Nesse emaranhado de fios-memórias, fios-histórias, fios-entcontros se ancora a confecção desta carta-novelo, cuja composição é envolver os fios que compõem minha trajetória, especialmente nesse processo contínuo de afirmar-se enquanto uma mulher e negra, mulher negra e psicóloga, mulher negra e pesquisadora, e tantas outras afirmações...

Pode parecer bobagem, mas curiosamente, enquanto rascunhava esta carta-novelo, fui surpreendida com uma fala da escritora Conceição Evaristo em entrevista ao TVE Bahia, fiquei por horas elaborando aquela espécie de chamado-resposta da escritora, por coincidência ou não, mas ela anunciou o que tentava a todo o custo colocar no papel, quer dizer, digitar no Word. Para contextualizar, ao final da entrevista, foi solicitado à Conceição que deixasse uma mensagem para as mulheres, aliás, a entrevista ocorreu no Dia Internacional das Mulheres, cuja mensagem foi:

[...] que cada vez mais elas se assumam pessoas com direitos, tudo que as mulheres negras puderem usufruir da sociedade brasileira

35 Em referência ao poema de Conceição Evaristo “A gente combinamos de não morrer”, em *Olhos d’água*, (EVARISTO, 2016).

é um direito que nós temos, e muito importante também nessa dinâmica das mulheres jovens, elas não esquecerem uma história que ficou para trás, as mulheres que nos antecederam foram protagonistas, sim! Só que elas foram protagonistas silenciadas e silenciosas, senão fosse as mulheres que nos antecederam, nem homens nem mulheres negras estariam mais nesse país. Então, caminhar é assumir esse direito no presente sem perder essa perspectiva de quem nos trouxe até aqui. (TVE..., 2021, s/p).

Conceição Evaristo é fonte de aprendizados constantes, representa a linha-inspiração, linha-afetiva deste novelo, a conheci tardiamente. Aliás, todas as mulheres negras autoras, escritoras, teóricas, enfim, conheci após ingressar no mestrado em uma universidade pública. A princípio, foi uma euforia enorme, quando pouco ou nada compreendia o que significava não ter tido contato com a vasta produção intelectual de autoras e autores negros na época de escola, na época da graduação, mas a euforia logo foi contida e transformada em raiva. A raiva ainda é constante, pois, como eu, há uma geração de meninas, jovens, mulheres suprimidas de representatividade da própria história. Aliás, com base nos livros didáticos de história, é fornecido a nossa história, em geral, ilustrados com pessoas negras seminuas e acorrentadas, esta é a história oficial, segundo o ponto de vista do colonizador, do “vencedor”.

Portanto, é muito significativo para nós, quando dizemos “nossos passos vêm de longe”, reflete esta caminhada de retornar à história não contada, resgatá-la e, posteriormente, afirmarmos pertencentes dela. Esse processo nos direciona para um discurso autodefinido sobre nós mesmos, nesse sentido, comprometer-se em resgatar a própria história nos possibilita que recriemos nossas potencialidades. Não é uma tarefa simples, na realidade, é um baita processo constante, infundável, no entanto, é justamente a existência de tantas mulheres negras que se decidam ao trabalho intelectual, poético, artístico, literário, mas, sobretudo, as que se dedicam na sabedoria cotidiana em

ser fonte de cuidado, afeto e amor, são elas nossas mães, avós, tias... que tornam a caminhada mais agradável e menos cansativa.

Nesta carta-novelo, algumas linhas-encontros foram e são fundamentais na minha trajetória de pesquisa e constituição de descobrir-se negra, mais uma vez reitero, não se trata de algo corriqueiro, e sim, certamente, seja uma tentativa de certificar para eu mesma que não é banal falar sobre esse processo de tornar-me negra, especialmente em uma sociedade onde, ao mesmo tempo que legitima a racialização de determinados sujeitos, também são sistematicamente silenciados e invisibilizados da sua condição enquanto sujeitos negros e negras. Como dizia, há uma vasta produção de mulheres negras, evidenciando que há tempos elaboram conhecimento teórico-crítico acerca das suas experiências vivenciadas, mas historicamente são invisibilizadas, escritoras como Neusa Santos Souza, bell hooks³⁶, Lélia Gonzalez, Patricia Collins, igualmente Conceição Evaristo constituem as linhas-alicerces, linhas-acontecimento, linhas-inspirações, se é que posso reduzir o impecável trabalho dessas mulheres a tal.

Por sua vez, o mestrado constitui o novelo que envolve todas as linhas, por tudo que tem me possibilitado vivenciar, desde o processo de ingresso. Nesse sentido, o mestrado me marca de muitas formas, mesmo ainda que experimente uma sensação conflituosa, ao mesmo tempo que me dá uma alegria imensa, sinto desconforto ao dizer as palavras mestranda-pesquisadora, como se eu fosse uma impostora prestes a ser revelada, embora compreenda as causas que fomentam esse sentimento ambíguo, hora ou outra sou habitada por eles. Assim, inspirada pelos ensinamentos de Conceição, comprometer a escrita com a vida e vice-versa é fundamental para que possamos romper com as linhas-dicotômicas dos discursos hegemônicos, sobretudo nos espaços acadêmicos, deslocando, nesse caso, além dos discursos científicos de neutralidade, portanto, quando comprometemos vida-escrita, escrita-vida, evidenciamos a necessidade de reconciliarmos com

36 Respeitamos a referência da autora de ser citada em letra minúscula.

o que fomos ensinadas a ver como opostos, isto é, aproximar quem somos com o que produzimos, posicionando nossas experiências na validação e produção de conhecimento. Isso não significa dizer que precisamos disputar com as narrativas e os discursos privilegiados na produção do conhecimento. Pelo contrário, como destaca Collins, é preciso fazermos as pazes com subjetividade e objetividade no sentido de legitimar e autorizar nosso trabalho intelectual.

E necessariamente, é um movimento de nós por nós, afirmamos o que produzimos como relevante, pois com frequência somos desencorajadas por linhas-duras a pensarmos o contrário. É inevitável recordar a minha primeira tentativa de ingressar no mestrado, antes mesmo de me inscrever no processo seletivo, fui desencorajada por quem presumia acreditar na minha capacidade intelectual, no entanto, teimei e me inscrevi, porém, com a reprovação já na primeira etapa, fiquei convencida que realmente “minha pesquisa era mais do mesmo e a universidade não gosta de mesmice”, foi um processo longo para certificar-me do contrário, acredito que ainda esteja nele...

Por sorte, tenho muitas outras linhas-afetos que apostam continuamente na minha capacidade intelectual e não deixam que eu perca de vista a importância do meu trabalho. Mas, sem dúvidas, é imprescindível também o exercício constante de apostar em nós mesmas, de validar como importante nossas produções intelectuais, de permitir que o amor seja amor dentro de nós, como afirma bell hooks (2021), em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*, esse livro compõe a trilogia do amor da autora. Se aprendemos com Conceição que o ato da escrita, assim como o da leitura, tem a função transformadora de algum modo nos curar, os textos de hooks sobre o amor estão nessa direção, particularmente não tenho dúvidas a respeito disso e certamente têm me resgatado desses dias de tantas ruínas. Assim, de forma sublime e generosa, bell hooks nos propõe uma outra perspectiva sobre o amor, isto é, não como um sentimento, mas como uma dedicação para que a gente o desenvolva eticamente, o amor como

enfrentamento às opressões, o amor como prática de justiça social, ou seja, o amor como ética de vida.

Bom, penso que a composição desta escrita esteja mais próxima de um convite para o que hooks nos sugere, sobretudo de reafirmar nossas apostas, no sentido de confiar no trabalho intelectual que produzimos seja dentro ou fora da academia, mas guiadas pela ética amorosa, por mais que cause incômodo falar de amor diante desta sociedade que cultiva a morte, a barbárie, a violência.

Portanto, no meu caso, reiterarei minhas apostas cotidianas de autoafirmação a partir da composição desta carta, recorrendo à imagem de um novelo envolvido por várias linhas com cores diversas, cada uma com sua devida importância. E, sem dúvidas, só foi possível a partir da produção intelectual de escritoras negras, especialmente de Conceição Evaristo, o sentimento de cumplicidade me ampara na escrita, sobretudo pelo comprometimento de Conceição em nos encorajar apropriarmos da escrita, da leitura, do trabalho intelectual como um direito, tendo em vista que esse direito chega para nós tardiamente, pois, no imaginário da sociedade brasileira, não é admitido mulheres negras como intelectuais, nas palavras da própria escritora, “para uma mulher negra ser escritora, é preciso fazer muito carnaval primeiro” (CONCEIÇÃO..., 2017, s/p). Portanto, que cada vez mais possamos caminhar em direção a nos apoderar desse direito, como canta Chico César: “caminho se conhece andando”³⁷.

REFERÊNCIA

CONCEIÇÃO Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. **Carta Capital**, [s. l.], 13 maio 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

37 Trecho da música “Deus me proteja” composição de Chico César.

hooks, b. **Tudo sobre o amor:** novas perspectivas (Trilogia do Amor Livro 1). São Paulo: Editora Elefante, 2021.

TVE Bahia. Facebook, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/tvebahia/posts/3966103743447313/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 07-17, 2010.

Ritmar, sambar e cartografar: movimentos insurgentes de mulheres re-existem

*Carla de Souza Campos
Marcia Roxana Cruces Cuevas*

Salve, Família Imperiana e Herdeiras de Ciata!

Em meio a mais de 8 mil vidas capixabas perdidas e 350 mil em todo o Brasil, em pouco mais de um ano, levadas por um vírus que atinge o mundo de forma desigual e cruel, fortalecido pela pandemia do capital que se materializa em um projeto que tem promovido a morte, em sua maioria de pessoas pobres e negras, que se instalou em nosso país de modo escancarado nos últimos anos, temos sido golpeadas por perdas de familiares, amigas, filhas, mães e nem sequer estamos tendo tempo e condições de elaborar nosso luto. Assim,

como pelo Brasil afora, comunidades economicamente desprivilegiadas como favelas, quilombos e aldeias, têm vivenciado a perda de seus mais experientes entes, amargando a precoce e desnecessária despedida de amores, referências e afetos, envoltos numa espécie de transe coletivo, repleto de informações distorcidas, interesses obscuros, outros explícitos, lutando pela sobrevivência dos seus, com as mais diversas formas de resistência pela preservação da vida humana.

Marlenes, Marias, Aldas, Marinetes, Zunaras, Samucas, Polhas, entre outras tantas vidas do nosso território, deixaram saudades e, de maneira especial, sua força nos anima a seguir na luta pela vida potente, neste chão, repleto de histórias e desafios. A nós que ficamos e com poucas chances de elaborar o luto cabe fazer a luta, que cresce e se faz necessária, na busca de perpetuar alegria e garra para seguir e, junto com Krenak (2000), que nos convida a fazer um pacto pela vida que reúna gente, levantando as vozes, forças, corpos para impactar com as práticas racistas, excludentes e opressoras mediante a criação de uma política de aldeia, na qual proliferem práticas de cuidado com a vida, de forma que essa fique acima do mercado, tivemos a ideia e desejo de escrever esta carta, para celebrar o encontro com mulheres que nos deslocaram e nos fortaleceram nestes últimos anos.

Assim, escrevemos esta carta em agradecimento às mulheres do nosso território e todes que, em meio aos desafios da vida, buscam preservar alegria de seguir em coletividades, valorizando o cuidado de si³⁸ em detrimento ao empreendedorismo de si, entendendo que somos parte umas das outras e especialmente que “*sou, porque somos*”.

Agradeço ter sido acolhida na Escola de Samba Novo Império, compor sua Orquestra, nos desafios e contradições ali experimentadas que proporcionaram reflexões, dores, inquietações e necessários deslocamentos nos modos de pisar nesse chão.

38 Aprendemos com Michel Foucault que cuidar de si é cuidar do outro, afirmando um encontro de diferenças, na ampliação de um plano comum, coletivo. O empreendedorismo de si o entendemos como prática individualizante e privatizante.

Em meio a todo contexto de dor, perdas, medo, desesperança, incertezas e dificuldades — cada vez mais devastadoras de nossa gente — levar o nosso território, com seus rostos e nomes, para dentro da academia, não como objeto de pesquisa, mas como protagonistas da luta de milhares, que perpetua alegrias, motivos para festejar, trabalhar duro, mantendo viva a chama da fé e da força de seus ancestrais, foi uma honra, motivo de muita emoção, formação pessoal, profissional e movimento na minha trajetória de vida.

Há exatos cinco anos, ingressei na bateria da Novo Império, buscando construir uma participação potente naquela Escola de Samba, aprender a tocar um instrumento, mergulhar naquela rotina, entender como acontecem as relações implícitas e visíveis, harmônicas e disputas, iguais e desiguais, enfim, tudo impulsionava para um importante deslocamento, uma saída, um movimento.

Com uma baqueta na mão, tamborim na outra, ouvidos atentos e coração inquieto, fui me reinserindo no território onde nasci e vivo há 44 anos, vivenciando encontros e afetando pessoas, revisando e re-entendendo experiências pessoais. Nessa trajetória, veio a oportunidade de levar para a Ufes tais processos, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional, no curso de mestrado, busquei organizar, aprofundar e pesquisar os atravessamentos desse percurso e olhar para os deslocamentos que protagonizava, reconectando-me com outras mulheres da e na comunidade, bem como fora dela, todas com algo em comum, o samba.

Na tarde do dia 30 de março do ano de 2021, preparamos uma apresentação que foi aberta por um vídeo que tinha como direção contextualizar às pessoas que participariam da defesa de mestrado e que comigo compuseram nos tempos-espacos-afetos no decorrer da realização do mestrado. Convidei familiares, pessoas do convívio acadêmico, amigas que o samba me trouxe, baluartes do cenário capixaba de várias agremiações, além da Novo Império, para um momento muito especial na formação acadêmica que é a Defesa pública da pesquisa. Buscamos criar um momento que afirmasse encontro e que

superasse a frieza e formalidade de uma defesa de mestrado, promovendo uma boa roda de samba-conversa (CAMPOS, 2021).

Um vídeo com cerca de 12 minutos de duração apresentava momentos bem marcantes do arrastão ocorrido em janeiro de 2018, promovido pela terceira vez, sempre no primeiro domingo do ano pela Novo Império em nosso chão, passando por ruas históricas, onde cada casa abrigava uma família imperiana. Quebrando a frieza, o nervosismo e a ansiedade. Emocionamo-nos ao assistir e relembrar as imagens do casal de mestre-sala e porta bandeira, portando o pavilhão da escola, reverenciando e saudando a Tia Ciropa, na porta de sua casa, gesto que remonta a discussão central que trago nesta pesquisa e que me move escrever esta carta em agradecimento às mulheres de nossa comunidade, herdeiras de Ciata.

Ao pesquisar o lugar da mulher no samba, encontramos diversas contradições que ultrapassam a dimensão das suas quadras e barrações. Tivemos desde suas raízes mulheres em toda história do samba fazendo possível sua existência, emprestando-lhes sua força, sua garra, suas casas, suas religiosidades, suas emoções e intimidades construídas desde seus ancestrais pela vida plena e em abundância, forjada na luta por mais que sobreviver, mas alegrar, esperar.

E, nesse trajeto, fez-se necessário afrocentrar nosso olhar, nosso escutar, nosso sentir, para assim me poder reconhecer, reconectar, valorizar e coletivizar junto à Mulher Negra essa existência decente e rica de sentidos.

Vemos em nossa sociedade e também dentro das escolas de samba a constante desvalorização da mulher negra, reservando a elas lugares de objetos hipersexualizados, servidoras e submissas aos interesses patriarcais e capitalísticos, perpetuando a lógica colonial.

Infelizmente em nossa querida Novo Império não é diferente, nesta pesquisa, problematizamos práticas que ainda se manifestam dentro da bateria, quando mulheres são consideradas como ritmistas que tapam ausências de homens, quando só contam como iguais nas cotas de bebidas destinadas as/os ritmistas, quando cabe a elas

fazer a comida nos churrascos e resenhas, quando são vistas como quem toca como homens ao se destacarem, quando ouvem, assistem e leem piadas machistas e LGBTQIfóbicas em suas redes sociais, além de outros tantos setores, em que práticas dão passagem a tão enraizadas manifestações como vemos, por exemplo, nas alas de passistas e de baianas, mulheres que sambam e são vistas e desejadas como um “pedaço de carne” ou, quando envelhecem, servem a feijoada nos pratos das visitas, “a cor de pele que serve e a cor de pele que é servida”.

Acerca das nossas queridas baianas, mulheres mais experientes de nosso território, vimos desafios e análises marcantes ao desenvolver a pesquisa. Presenciamos a sala construída por e para elas ser usada ao longo do ano como camarim nas mais diversas apresentações de quadra, como também como ateliê de costura na produção do Carnaval ou, ainda, como depósito de material, o mesmo não acontece na sala da velha guarda ou dos instrumentos da bateria, mas por que só acontece lá?

Vamos entendendo essas e outras práticas, quando estudamos e aprofundamos nas reflexões de algumas pensadoras intelectuais negras como Lélia Gonzales (1984) e bell hooks (2021), que trazem questionamentos acerca dos desafios de ser mulher preta em nosso mundo. A nós são impostos, quase que naturalmente, os piores lugares na sociedade, os trabalhos menos valorizados, os menores reconhecimento, as piores visibilidades e os mais duros desafios. E sabe? Diante disso tudo, penso que se o samba nasceu dentro da casa de uma mulher negra, na sua sala, dentro de sua cozinha, no fundo de seu terreiro, por que ela não ocupa lugar decisivo nos rumos das escolas de samba? Por que a elas cabe o menor valor nessa trama?

Carolina Maria de Jesus (2014), em sua obra *Quarto de Despejo*, escreve nos mesmos momentos em que coletava recicláveis e criava seus filhos, no meio do que era considerado lixo e nos ajuda a responder a essas perguntas. Assim, além de Lélia Gonzales e Bell Hooks, também li e aprendi com Angela Davis, Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Grada Kilomba e outras mulheres negras que levantaram suas

bandeiras e levaram para a academia suas inquietações e muito nos ajudam a fazer essas perguntas que compartilho aqui com você.

Mas também me encontrei com mulheres que fizeram e ainda fazem suas histórias no samba nacional e local, suas histórias pessoais, anônimas ou famosas nos sacodem, situam e convocam para a construção e ocupação de nossas vidas em seus aspectos múltiplos.

Dona Ivone Lara que, no dia 13 de abril do ano de 2021, é celebrado seu centenário, recebe justa homenagem no Dia da Mulher sambista, não coincidentemente, data em que escrevo esta carta. Formou-se enfermeira, assistente social, atuou em importante equipe de saúde mental junto à médica psiquiatra Nise da Silveira, no Rio de Janeiro, e juntas revolucionaram o olhar sobre saúde mental em nosso país, contribuiu com impecável técnica e sensibilidade na criação de melodias em que sua força e serenidade se destacavam ao sambar. Até hoje, ela é reconhecida e cantada como uma das maiores sambistas do mundo! Foi a primeira mulher a integrar uma ala de compositores da escola de samba Império Serrano, lutou com/contra seu marido pela garantia de participar do universo do samba, em algumas biografias pesquisadas, é considerada o Cartola de saias. Fato que ainda coloca o homem no centro, na referência da análise.

Outra mulher e sambista que me aproximei foi Leci Brandão, por conta de sua trajetória, sua construção e os diversos movimentos vividos por ela, do lugar de mulher negra, lésbica, advogada, jornalista, deputada e sambista que leva/canta ao mundo suas reflexões que problematizam o lugar da mulata e da ideia de morenidade em nossa sociedade. Foi a primeira mulher negra a ocupar um lugar na ala de compositores na Estação Primeira de Mangueira.

Elza Soares (2018) foi outra mulher do samba que, desde que nasceu para o mundo artístico, questiona o “planeta fome” que lhe deu origem, que rasga o verbo e os ouvidos da alma ao compor e cantar que “a carne mais barata do mercado é a carne negra”, que devemos nos tornar “mulher do fim do mundo”, que “Deus é mulher”, dentre tantas convocações que faz ao longo de seus 90 anos de idade. E alguns

ainda insistem em referenciá-la como a amante do Garrincha, exímio jogador de futebol brasileiro, mas um violento companheiro de Elza.

Mas, aqui em nossa cidade, bem mais perto, posso lhe contar de dona Marlene costureira, Tia Élida, coordenadora da ala das baianas, Tia Ciroca, Neusa Alves, Bernadete Venceslau, Iamara Nascimento, Carmen Pascolar, e outras tantas mulheres que no cenário capixaba lutaram e defendem o samba dedicando suas vidas são patrimônio de nosso povo, merecem todo valor, reconhecimento e reverência.

Todas essas mulheres **resistiram** a processos de violência verbal, moral, ameaças e até concretizações de violência física.

Todas essas mulheres **assumiram lugares de gestão**, em que suas decisões eram insistentemente contestadas e, muitas vezes, desqualificadas pelos homens que atuavam nas suas respectivas associações;

Todas as mulheres citadas **insurgiram inúmeras vezes** e até os dias de hoje, ao contrário de muitos homens de sua época, continuam atuando de diferentes maneiras na produção do Carnaval de Vitória.

Todas essas mulheres **são patrimônio vivo do samba**, são as guardiãs dos saberes acumulados na trajetória junto às diferentes frentes de produção do samba capixaba e de suas instituições, não sendo possível falar dessas, sem referenciá-las.

Assistir no vídeo à saudação feita pelos portadores do pavilhão à tia Ciroca, assistimos naquela breve cena a toda história de mulheres que lutam por suas vidas e afetos. Fico imaginando o que se passava ali, na forma como aquela senhora se alegrava ao sentir em seu chão, gerações inteiras que a antecederam, naqueles rostos jovens bradando numa só voz um canto, uma paixão, uma manifestação cultural que representa suas batalhas diárias.

Assim como tia Ciroca, tantas mulheres de Caratoíra, Alagoano, Quadro, Vila Rubim, Santo Antônio, Santa Tereza, baixada e morros de nossa região portam em si forças ancestrais que lhes confere energia para continuar, seguir, trabalhar, lutar, estudar, questionar e

criar seus filhos, netos, bisnetos, passando à frente o que receberam em busca de coletivizar, acolher e cuidar umas das outras.

No ano de 2019, a escola de samba Novo Império experimentou a potência da construção de um Carnaval centrado na temática da MULHER. Foi provocada a pensar suas dores, desafios e formas específicas e diversificadas de compor suas famílias “imperianas”, problematizando o uso e a forma patriarcal de exercício do termo “família”, trazendo à luz práticas machistas mortificantes da sociedade capixaba. Num Carnaval que há muito não se via passar em nossa avenida, com as cores, a força, o brilho e engajamento de toda comunidade, num ano que entrou pra história do samba capixaba, seus ritmistas tocaram com excelência, todos maquiados e vestidos de mulher.

E, nesse ano, toquei na Orquestra Capixaba de Percussão e tive acesso a seus encantos e desafios, ativei meu corpo em sensações inéditas, no desafio de sincronizar o toque do pequeno tambor com outros 179 ritmistas, ao mesmo tempo em que sentia as indigestas contradições desse atuar comunitário, que afirmava e afirma práticas cruéis, instituídas em torno às nós mulheres; sentir nossa força vital expandir aos domingos e, no virar o dia, ao chegar a segunda-feira, no individualismo da sustentação econômica e a correria da vida, não conseguirmos atualizar, conservar e cuidar de, por exemplo, desse lugar de subalteridade imposto às mulheres negras na escola. Essa sincronização do desejo e dos desafios me remetem e mobilizam para movimento coletivo que atravessa a cada um de nós, seus membros, de forma singular, conseguindo transpor para a luta diária que travamos por sobreviver.

Perceber, ao longo dessa trajetória, os desafios em diferentes níveis que cada ritmista atravessa para garantir sua presença nesse coletivo, dando atenção aos obstáculos enfrentados, especificamente pelas mulheres na agremiação, em seus diferentes setores, na comunidade em que estamos inseridas, e experimentar a constituição desse lugar forjado pela luta de mulheres negras ao longo do processo de engendramento e existência do samba, convoca-me à ocupação de outro posicionamento nessa engrenagem.

Posso lhe contar que nesta pesquisa acabei entendendo que **tocar como mulher** na cidade de Vitória, na comunidade de Caratoíra, dentro da Escola de Samba Novo Império, significa **aguentar o tranco** de transpor obstáculos raciais, machistas somados aos desafios socioeconômicos comuns entre quem vive nas periferias das capitais brasileiras. De quem luta diariamente para viver com dignidade, liberdade e coerência, acima de tudo, em igualdade e justiça social.

É essa força que, em meio à gratidão expressa nesta carta, convocamos diariamente exercitar nos nossos cotidianos, em nossas casas, quintais, nossas ruas, coletivos de mulheres unidas, como temos no Mulheres Unidade de Caratoíra (Muca), Quadro de Esperança, no morro do quadro, Mulheres empreendedoras da grande Santo Antonio (MEGS) e outros coletivos que vemos serem criados a partir dos desafios enfrentados por essa gente nesse chão.

Nosso agradecimento a cada mulher, herdeira de Ciata, que nos constitui, que nos deslocam, movimentam e provocam a seguir em meio às perdas, aos tambores e aos baquetas na luta e criação da/pela vida potente!

Carla e Marcia

Vitória, 13 de abril 2021.

REFERÊNCIAS

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, [s. l.], ANPOCS, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 14 mai. 2021.

hooks, bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência e Política**, Brasília, n. 16, 193-210, jan./

abr. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **O quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. Disponível em: <https://www.coletivoleitor.com.br/wp-content/uploads/2019/11/quarto-de-despejo.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2021.

KRENAK, Ailton. **O Lugar Onde a Terra Descansa**. Rio de Janeiro: ECO Rio: Núcleo de Cultura Indígena, 2000.

CAMPOS, Carla de Souza. **Entre baquetas e tamborins**: cartografias da afirmação de um modo sensível de se constituir mulher numa escola de samba. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional/PPGPI, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

*O uirapuru canta, mas
quem estará disposto a
escutá-lo? Carta para
irmã Cleusa Carolina
Rody Coelho*

Renata Bomfim

Marechal Floriano, ES, 19 de fevereiro de 2021.

Querida Irmã Cleusa Carolina Rody,

Que a paz de Deus esteja com a Senhora. Aqui do vale de provas e expiações, onde me encontro, elevo os olhos até o horizonte e vejo uma luz tênue e difusa. O coração entoia uma prece ao altíssimo e uma onda de calor inunda o meu corpo. Estranho amor esse que grita ansioso dentro de mim fazendo vibrar as entranhas. Que

contradição ser bruta, ácida, sexual e ansiar a brandura e pureza do lírio. Talvez, haja pureza dentro de mim, talvez, sejamos todos puros, quando nos colocamos sob os cuidados do amor: amor-tempo, Irmã.

Escrevo para que saiba que sempre é lembrada com carinho por aqui, na terrinha, especialmente pela sua amiga próxima no trabalho do bem, a irmã Maria Josefina. A comunidade que leva o seu nome, segue firme e é interessante que o bairro onde ela se encontra se chame Padre José de Anchieta II. Anchieta foi canonizado pelo Vaticano, em 2014, e a senhora, em processo de canonização, poderá se tornar a primeira santa capixaba. Interessante, também, a ligação da Senhora e de São José de Anchieta com o Espírito Santo, refiro-me, nesse caso, ao Estado, e às artes. São José de Anchieta fez formação em Letras, em Portugal, antes de vir para o Brasil, e era um conhecedor do teatro de Gil Vicente. Chegando por aqui, tornou-se dramaturgo, gramático e poeta. A Senhora também tinha inclinação para as letras, pois cursou Letras-alemão na Universidade Federal do Espírito Santo e, fluente em espanhol, inglês, francês italiano e alemão, ajudou, sobretudo, aos estrangeiros, muitos deles imigrantes sem família, totalmente desassistidos. Conversei com o Wanderli e ele disse que os membros da Paróquia estão bem, seguem driblando a crise com fé e trabalho duro. Irmã Cleusa, preciso dizer que uma pandemia terrível assola o mundo neste momento e que aqui no nosso Espírito Santo, assim como em todo Brasil, são grandes a dor e o desespero de quem perdeu amigos e familiares. À reboque nesta tragédia sanitária, vem a crise política e social, há desemprego e desesperança. Mas a caridade tem brotado e se fortalecido e aquele que pode tem ajudado os irmãos mais necessitados. Sim, o cenário é de crise, a devastação ambiental ameaça biomas inteiros, sob os olhares complacentes e criminosos dos poderosos. As comunidades buscam se fortalecer e fazem frente a esse horror, especialmente as comunidades tradicionais e os índios apurinãs que a Senhora tanto amou. Irmã, o ser humano esqueceu que é feito de terra, que é *húmus* e agride a Mãe Natureza de forma vil e inconsequente, parece que perdeu o

endereço de si mesmo, ele viola a sua pátria interior, devastando o seu mundo íntimo. É o medo, camuflado sob a máscara do ódio, que cega as pessoas para a verdade: somos interdependentes!

Lembro ainda, na minha memória de artista, do dia em que um grupo de homens desgarrados chegou à Capitania do Espírito Santo, vi nos seus olhos a mesma fome que devorava as entranhas dos colonizadores dos paraísos, onde o tempo não existia. Chegaram alterados, buscando riquezas e interpretaram a nudez do índio da pior maneira, julgaram-nos pobres. Que arrogância, não é, irmã? E esse menosprezo transformou-se em desrespeito e eles passaram a cometer variados tipos de atrocidades e violações. Um salto temporal me traz de volta ao século XXI, parece que foram apenas alguns dias, pois pouco mudou.

Falo ao teu espírito-memória, Irmã Cleusa Carolina, como uma amiga muito próxima fala a outra amiga. Busco forças para vencer o destino e me afirmar humanamente, vivendo na poesia. Conheceste bem a indiferença produtora de marginais e miseráveis da sociedade, é inacreditável que, nessa terra fértil e ensolarada, quase sempre é noite para aquele que passa fome e que as estrelas ameacem despenhar sobre a cabeça dos desvalidos do mundo. A vergonha foi expulsa do seio da sociedade, vive-se como se nada disso acontecesse. Como transformar a revolta em amor-ação? Jesus, o nosso mestre e guia querido, trouxe-nos a lei do amor e pediu que fizéssemos da vida um ato de devoção ao próximo.

Um dia desses tive um sonho. Uma criança brincava correndo por ruas esburacadas e sem calçamento. A despeito dos buracos, ela sorria exibindo o seu vestido de flores amarelas. Assim que acordei, o primeiro impulso foi pedir a Deus que aquela menininha nunca deixasse de sorrir e que a violência e o preconceito não a alcançassem. São tantas meninas e meninos por este Brasil que necessitam de cuidado, de proteção, pão, lar, amor, são os filhos do calvário. A Senhora foi acusada de “acobertar trombadinhas”, quando passou a levar para casa várias crianças que dormiam nas praças. À noite, dignamente

acomodadas, elas tomavam sopa quentinha e estou certa de que algo dentro delas se refazia, assim como sinto algo se refazendo dentro de mim, enquanto teço estas linhas.

Sabe, Irmã Cleusa, eu amo gatos. Tive 50 gatos quando morei no morro da Boa Vista. Na verdade, eu tinha seis gatos, mas a notícia de que tinha uma “mulher doida” que amava gatos fez o morro famoso e, literalmente, passou a chover gatos no meu quintal. Por vezes, eles jogavam os gatos por cima do muro, noutros momentos, deixavam-os em caixas no portão, e assim foi, até que completei 50 gatos. Eu, que me restabelecia de um acidente automobilístico, nem tinha tempo de sentir dor e, entre as sessões de fisioterapia, encontrava um jeito de castrar, alimentar, fazer a limpeza do ambiente, essa rotina durou cerca de um ano. Decorrido esse tempo, precisei mudar para um apartamento, mas consegui encaminhar cada um dos gatinhos para a adoção, ficando com os seis gatos que tinha originalmente. Lembro essa história porque quando amamos, por vezes, somos considerados loucos e nos sobrevêm responsabilidades que, às vezes, não deveriam ser apenas nossas. A Senhora amou os irmãos indígenas de uma forma intensa, ao ponto de envolver-se irremediavelmente com os seus dilemas, muitos deles seculares como a opressão do mais forte sobre o mais fraco. Quando foste para Lábrea, conhecias o tamanho do desafio, a pressão que os latifundiários exerciam sobre a floresta e sobre as populações originárias eram de um furor assassino. Mas foste. Fecho os olhos e imagino a beleza desse pedaço de chão amazônico, com floresta densa, igarapés, lagos. Lutar pelo índio e pela terra contra o desmatamento e o extrativismo predatório fizeram da Senhora uma pessoa mal vista por ali. O seu esforço foi contínuo e a sua entrega, até o momento final, foi marcada pela coragem. Sinto, Irmã, um calafrio e o mover das entranhas quando imagino aqueles momentos terríveis, mas sei que nunca estivestes só, o Altíssimo lhe cobria com as suas asas. E hoje compreendo que algumas almas possuem a capacidade de se entregar de forma ilimitada a um ideal e essas almas nos inspiram, então buscamos ser melhores e

mais justos: a humanidade é construção e conquista. Bem, voltando aos felinos, antes dos 50 gatos, eu já defendia os animais da temível carrocinha. Quando a carretinha da morte passava pelo bairro, eu dava um jeito para que ela não encontrasse os cães de rua, e quando eram pegos, eu me dirigia à zoonose para resgatá-los e para que não fossem sacrificados. Passados alguns anos, esses cuidados se estenderam para os animais silvestres, e hoje eu e o Luiz cuidamos de muitos animais. Aos gatos e cachorros se juntaram macacos-prego, pássaros, tatus, jacupembas, lagartos e um mundo de vida e de luz que faz parte da Mata Atlântica. O que faço é nada, uma gotinha no oceano, mas aquece o meu coração essa ação miúda. Não se trata de pessoas, são animais, mas estão sujeitos à opressão semelhante àquela sofrida pelos nossos irmãos índios, a perda de seus lares, da liberdade e, muitas vezes, da própria vida. Eles são retirados do convívio familiar na mata, caçados, mortos, vendidos, explorados e essa violência é silenciosa, pois, para muitos, eles não importam, “são apenas animais”. Mas, para mim, eles são tudo, são os filhos que não gerei nas entranhas. São os meus filhos. É surpreendente a incapacidade humana de lidar com paradoxos e antinomias. É fato que, ainda hoje, mata-se e se morre pela terra mas Gaia não pertence a ninguém e pertence a todos os seres, vive-se como se a morte não existisse. Acredito que a finitude é o maior segredo da humanidade a ser descoberto. O indivíduo sabe que a morte virá um dia, mas pensa que não virá para ele e, assim, passa a vida construindo castelos para se isolar cercado de luxo, explora o (des)semelhante, pois julga-se no direito, por ser esse ser acima da lei da vida, ou seja, não sujeito à morte. Mas esse indivíduo, um dia, descobrirá que os anos passaram e que ele é o mais pobre entre os pobres, pois possui apenas muito dinheiro. Irmã Cleusa, Jesus alertou para isso, ele pediu que não ajuntássemos “tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam”. Quando seremos capazes de compartilhar os nossos tesouros de amor e de solidariedade?

A Mata Atlântica é um bioma que resiste há mais de cinco séculos à destruição contínua, mas o pouco que resta dele precisa ser preservado, a pressão é muita. Cantam por aqui os sabiás, saíras das mais variadas cores, tucanos e um passarinho especial entre muitos, o meu Trica-ferro. Dizem que ao serem aprisionados, muitos pássaros entram em processo depressivo, é sabido que suas asas atrofiam, acredito que pássaro na gaiola, canta é de desgosto. Durante esses anos, pude observar que os pássaros que são soltos na Reserva Natural Reluz levam um tempo para se adaptarem à liberdade, ensaiam pequenos voos e, somente depois de um tempo, entram para mais longe na mata. Deve doer sustentar por muito tempo o voo após anos de paralisação forçada, então, eles passam um tempo experimentando a si mesmos. É lindo ver como eles ficam batendo as asinhas no galho, como fazem os filhotes que estão aprendendo a voar. Nós somos assim também, precisamos abandonar gaiolas como o egoísmo e a ganância e experimentar as asas da liberdade que Deus nos deu.

Irmã Cleusa, a Senhora viveu na Amazônia e, pertinho do Rio Purus, os seus olhos se fecharam para esta vida. A Amazônia nos permite vislumbrar o paraíso. Árvores centenárias elevam os galhos para céu, como se fossem braços buscando alcançar a eternidade. É milagroso ouvir a melodia que atravessa esse rincão verde-escuro, sentir o perfume das flores mais exclusivas. O uirapuru potente lança o seu grito e não podemos ignorá-lo, o seu grito deve ser o nosso grito!

Há 36 anos, a Senhora foi assassinada brutalmente, mas o seu martírio e morte lançam luz sobre a necessidade de que continuemos lutando pela vida, pela democracia, pelo direito de existência do próximo, seja ele humano ou animal. Infelizmente, a desigualdade persiste, muitos irmãos e irmãs se esgueiram pelos becos do craque, vagam como zumbis em busca de uma palavra de amor, de aceitação. Tornamo-nos uma sociedade narcótica e alienada, a percepção da realidade está comprometida e há pessoas imaginando que, com armas, promoverão a paz. Aqui na Ilha, o vazio fez da Ponte um trampolim, e das estradas, corredores da morte. A Senhora deixou

um legado de amor na Missão da Prelazia de Lábrea, testemunhamos o poder da simplicidade e de um coração que se entrega sem esperar receber nada em troca: pobres, presidiários, ribeirinhos indígenas, os mais vulneráveis e sofridos da sociedade encontraram, e ainda encontram, forças no seu exemplo de fé.

Um dia era o teu aniversário e pediste a Deus, como presente, que pudesses lhe doar ao mundo, que pudesses “te comprometer com o índio, o mais pobre, desprezado, explorado”, Deus lhe concedeu a graça desejada, desejos de luz. O pássaro mágico continua cantando, convidando todos e todas para as bodas do Cristo Cósmico. A vida verdadeira se reconhece humanamente falível, mas se fortalece no coletivo.

Irmã Cleusa, tenho bordado: flores, pássaros, pessoas, besouros, casinhas, rios, acredito que seja possível reconstruir o mundo por meio do bordado. A irmã Maria Josefina também borda, e sinto que, juntas, bordamos uma saudade incrível da senhora, do seu sorriso e da energia de amor que emanava do seu coração e contagiava a todos que estavam ao seu redor. Bordamos celebrando a vida. Deus permitiu que estivéssemos aqui, nesse momento, pelo seu amor e pela sua misericórdia, e não precisamos fazer mais nada além de amar. Bem, a senhora soube amar plenamente, mas eu sou, ainda, uma aprendiz.

Daqui onde estou, vale de provas e expiações, os meus olhos de poeta enxergam para além do sofrimento, vejo um horizonte de paz. Sim, há ódio, miséria e dor, mas a esperança se renova a cada dia e lutamos e lutaremos contra o ódio e o egoísmo com as armas do amor: fé, perseverança e caridade.

Que a paz de Deus esteja com a Senhora, irmã querida.

O meu coração entoia uma prece ao altíssimo, grata pela vida.

Amém!

*Flores, lamas e pedaços de um recolhimento*³⁹

Giovana Xavier

Ando numa fase de organizar minhas casas — interna e externamente. O cultivo da escrita diária tem sido fundamental para atender amorosamente a este pedido feito por meu corpo, minha mente e meu

39 Agradeço à querida colega Luziane de Assis Ruela Siqueira ao convite para participar deste lindo e inspirador projeto editorial. Este texto insere-se na perspectiva que denomino “ciência de mulheres negras” e que tem como objetivo produzir conhecimento científico referenciado no pensamento de mulheres negras. Em tal perspectiva, destaca-se como metodologia o “experimento de insubmissão”, que consiste na produção de textos acadêmicos curtos, escritos na primeira pessoa para enfatizar as subjetividades políticas de mulheres negras, suas múltiplas autorias e linguagens em uma linguagem acadêmica acessível, livre e poética. Cf: Giovana Xavier. “Ciência de mulheres negras: um experimento de insubmissão”. *Revista Saúde em Debate*, Revista do Centro Brasileiro de Estudos em Saúde (CEBES), Rio de Janeiro (no prelo).

espírito. Nessa faxina da alma, pareceu-me fazer sentido escrever uma carta para mim mesma, praticando o autocuidado de acolher meus silêncios para que se transformem em ideias. E ideias de mulheres negras precisam, cada dia mais, serem registradas. Por nós mesmas, nas nossas muitas primeiras pessoas. Eu desejo com esta carta retribuir ao Universo e aos Orixás toda positividade que toma conta de mim, quando as pessoas, principalmente mulheres negras, associam meu trabalho intelectual à palavra inspiração. Isso me faz pensar que esta carta “para mim mesma” é, na verdade, para todas Nós. Axé!

Abril de 2020. Acabo de completar 41 anos. Em quarentena há 35 dias, devido à pandemia global Covid-19, tomo duas decisões. Definir isolar como recolher para cuidar das minhas duas casas: a de dentro e a de fora. Segunda decisão: entre maternidade, tarefas domésticas, reuniões virtuais, cato minuciosamente e reúno peças de um complexo quebra-cabeças. Ele se chama “minha trajetória acadêmica”. Penso, repenso. Rememoro o que aprendi com os orixás: “Quando sabemos nossa missão as coisas ficam mais fáceis”. Conecto-me ao Yôga, que, como filosofia de vida que transcende o tapetinho, ensina sobre a importância de cultivar um propósito nesta vida. Embora tenha ressalvas à palavra, sinto-me *privilegiada*. Xangô, orixá da justiça, veio ao Aiyê (terra) e, para que não houvesse dúvida, ele mesmo disse-me: “Sua missão é educar pela palavra e pela escrita”. Minha vida divide-se em antes e depois desse dia. Ela também é atravessada pela tarde no bambuzal. No bailado do vento, Iansã desfez algumas confusões. Generosamente, a grande mãe-educadora ensinou-me: “costumam me associar à guerra, mas eu sou uma mulher do amor”. Ainda sobre divisores de água. O antes e o depois de tornar-se mãe. Não é que Sidney Chalhoub, orientador do doutorado, tinha razão: “você viverá a experiência mais revolucionária de sua vida”. Entre barriga e exterior, já vamos para nove anos de revolução. “Mamãe, eu também posso escrever um livro? Quero contar minha história com meus amigos e fazer um lançamento”.

A pauta “revolução” mantém-se. Das maneiras mais inusitadas, contam as ancestrais que o chacoalhar acontece primeiro na nossa casa de dentro. Até que dado dia tudo explode na de fora. Tal qual Carolina Maria de Jesus, a vontade incontrolável de escrever *combustou-me*. Novos lugares demandam novos léxicos. De professora universitária para ativista intelectual. Recolho palavras. Em vez de separar, assumo o risco de torná-las uma coisa só.

Ciência, academia, maternidade, autocuidado. Narrativas diárias de um *escreviver* (EVARISTO, 2007) acadêmico. Elas estimulam a criação de uma comunidade de milhares de pessoas que relatam seus sonhos, medos, projetos. Também pedem conselhos, indicações de leituras. Contam suas vitórias, choram as derrotas. Com a força dessa comunidade inventada, os muros da academia viram ondas. Vibrando determinação e prazer, surfo em cada uma. Salas de aula lotadas, fotos em jornais, entrevistas em TVs, palcos e mais palcos, viagens internacionais. No acabamento, muitas *selfies*. No século XIX, dizia-se: “a foto captura a alma”. Dependendo do que reflita, tal qual o abebe (espelho) de Mamãe Oxum, a imagem também liberta.

Os voos seguem. Mudam-se cenário e idioma. Pró-seco com Angela Davis: “Você precisa seguir o trabalho acadêmico de mulheres negras no Brasil”. Leituras do passado visitam o presente. O estar viva pulsa nas palavras de bell hooks (2019), em *Teoria feminista: da margem para o centro*. Tantos sonhos guardados nos olhares das meninas: “Quero ser como você, professora”. Patricia Hill Collins costuma chegar na hora certa. Com a altivez de quem diferencia conhecimento de sabedoria, professa: “devemos fazer uso criativo da margem”.

Festa Literária Internacional de Paraty 2019. Livro pronto. Casa cheia. Uma pergunta: como você quer contar sua história? Conceição Evaristo, imortalizada sob novas bases, segura minha mão. Fita-me. Sábia complementa: “Como você quer contar *e suportar* sua

história?”⁴⁰ *Olhos d’água* purificam e iluminam o propósito, penso, concluo: faz parte da missão a humildade e a sabedoria para transformar certezas em dúvidas. “Mesmo o maior dos sábios tem sempre alguma dúvida”. À bênção, Mãe Stela de Oxóssi. Como validar o conhecimento de mulheres negras no pensamento acadêmico? Conjugando a ousadia do lixo que fala, grifada por Lélia Gonzales, com a criatividade e a humildade de quem ensina e aprende, a resposta *forja-se* na lama de Nanã. A mesma que sustenta a flor de lótus: juntar pedaços (ALVES, 2021)⁴¹ para escrever nossas histórias *na primeira pessoa*, honrando com amor e beleza o milagre da nossa existência.

REFERÊNCIAS

ALVES, Miriam. **Juntar pedaços**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

EVARISTO, Conceição. “Da grafia desenho de minha mãe um dos lugares do nascimento da minha escrita”. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações Performáticas Brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-21.

HOOKS, b. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

40 Giovana Xavier. Como você quer contar sua história? Texto apresentado no lançamento do livro *Você pode substituir Mulheres Negras* como objeto de estudo por Mulheres Negras contando sua própria história na XVII Festa Literária Internacional de Paraty 2019.

41 Juntar pedaços é uma categoria criada por minha grande amiga e referência intelectual: a brilhante escritora Miriam Alves. Tal categoria, escolhida para nomear seu sétimo livro, remeteu-me à pluralidade pela qual mulheres negras conjugam o verbo existir. O que fica evidenciado nos 36 contos protagonizados por personagens singulares, que pertencentes a diferentes gerações e donas de tonalidades de pele, sexualidades, medos, certezas e sonhos múltiplos convidam-nos a refletir sobre a constituição do sujeito mulher negra na sociedade brasileira (ALVES, 2021).

Parte 3

Cartas de amor e dor



Amor entre mulheres: a aposta no erro como a liberdade de um corpo errante

*Marina Francisqueto Bernabé
Luziane de Assis Ruela Siqueira
Rebeca Lyssa Ferrarez Gôlo
Joyce Maia Duval*

A escrita é um transbordar-se. É olhar para si e se conectar com outras pessoas. Entendemos que as histórias que vivemos não são somente nossas, e sim, que perpassam muitas mulheres e por isso que queremos contá-las. Antes disso, propomos a indagação: o que é ser mulher? Por que usar o termo no plural? Compreendemos que não há “uma mulher”, uma unidade homogênea que é definida por sua diferença biológica do homem ou o gênero feminino como uma

construção cultural. Demarcamos que as mulheres são diversas, múltiplas e a nossa existência é política, pois a opressão exercida sobre nós é a nossa principal característica em comum (WITTIG, 2019).

Jovem mulher lésbica

Aos treze anos, ela se deparou com a possibilidade de estar sentindo atração por uma outra menina. Confusa e sem entender, preferiu guardar seus desejos e vontades para si. Aos quinze, foi exposta e não tinha mais a opção de escolher guardar-se do mundo ou não. Exposição que trouxe sérias consequências, tanto físicas, quanto psicológicas. Sua família que era cristã, ou melhor, a sua mãe, não queria que os outros indivíduos da família soubessem que sua filha estava trocando beijos com outras meninas, e assim a reprimiu, tentando negar e apagar todos os acontecimentos. Os anos passavam e a jovem se via sempre na necessidade de reafirmar sua existência enquanto lésbica. Sempre tendo de reviver as brigas e os traumas gerados por essa invisibilidade. Invisível enquanto lésbica, mas não enquanto filha, ela se via em um paradoxo, tanto os seus relacionamentos amorosos, quanto o seu sofrimento e os preconceitos sofridos foram tratados como inexistentes. Sua mãe acreditava que estava tudo bem essa negação, esse “não querer saber” sobre a vida amorosa da filha, mesmo tendo consciência de que ser lésbica no Brasil é difícil. Assim, acontecia um apagamento do sofrimento, no qual a jovem não via mais por que ter de se reafirmar, ter que se fazer visível mais uma vez, já que alguns minutos depois tudo seria desconsiderado e menosprezado. A jovem é visível, mas invisível também. Ela é vista, mas não é olhada. Sentia que quando estava com sua família tinha seu corpo habitado por um outro ser que não era ela, mas um ser que apenas projetava coisas que os outros achavam sobre ele, limitando o que ela poderia ser, não sendo o que ela desejava. Agora adulta, morando longe dos pais, sente que consegue ser ela mesma quando não está com eles, porém, sempre que retorna para casa, o sofrimento causado pela invisibilidade também retorna. É algo que compõe a sua existência. Dessa forma, assim como os infames de Foucault (2003) e Lobo (2008), a população LGBTI+ é

invisibilizada de distintas formas, tornando-se visível apenas quando confronta o poder, quando luta por seus direitos que são negados, quando sofre com os preconceitos e os casos são noticiados nos jornais, precisando sempre reafirmar a própria existência.

Iniciamos esta carta com uma outra carta, escrita por uma de nós. Nós, que somos várias, pois não falamos aqui de qualquer lugar e, sim, como quatro mulheres, brancas e não brancas, cis, latino-americanas, amigas, psicólogas (uma em construção), professoras e pesquisadoras. Uma namorando, outra solteira e duas casadas. Três lésbicas e uma heterossexual. Até mesmo no processo de escrita, somos provocadas pela demanda de falar como se a relação entre mulheres e as nossas questões estivessem e devessem apenas estar restritas a uma perspectiva homogênea, mesmo na diferença. Falar como lésbicas? Como professoras? Como psicólogas? Os marcadores sociais da diferença são importantes para demarcar diferentes contextos e construções desiguais, mas sem buscar as interlocuções, podem se tornar uma forma de separação e distanciamento. Mas não é esse o caso.

Recusamos limitar nossas reflexões a questões individualizadas, como se nossas experiências e vidas fossem limitadas a processos de subjetividades privatizadas. Figueiredo e Santi (2008) apontam como a modernidade instaura o foco na subjetividade privatizada, de onde herdamos uma experiência intimista e um olhar que limita e circunscreve nossas vivências que são comuns. Uma tirania da intimidade, como nos diz Sennett (1998), tornando-nos prisioneiras da subjetividade, como nos diz Arendt (2010).

Assim, nossas questões e inquietações tornaram-se questões de fórum íntimo, como se fossem segredos que devem ser guardados no lugar mais profundo de nossas almas e corpos. Amar, cuidar, apaixonar-se, interessar-se por outras mulheres, sendo mulheres, dizia do indizível, do íntimo, do proibido, do **erro**. Erradas, nós? Como amar pode ser um erro? Afinal, o que é erro?

No dicionário, a palavra “erro” quer dizer: “falta de correção, conceito, ideia, julgamento ou ação incorretos, ato ou procedimento reprovável” (AULETE, 2012, p. 353) e ainda: “juízo falso, incorreção, inexatidão, desvio do bom caminho” (FERREIRA, 2010, p. 299). Já “errar”, além de remeter à ideia de cometer erro ou engano, também remete a vaguear, percorrer, andar a esmo, sendo associado a ser nômade. Fomos ensinadas que amar outras mulheres era (é) um erro. A partir de olhares que buscam romper com as subjetividades privatizadas, conectamo-nos, dialogamos, narrando nossas vivências múltiplas, refutando o erro em nós e em nossos corpos. Ousamos sair do erro, reivindicando sermos mulheres errantes, livres, que exercitamos o pensamento nômade nas relações com outras mulheres. Mas como amar outras mulheres?

Carta a uma jovem lésbica

Difícil saber precisamente quando foi a primeira vez que olhei para uma mulher com encantamento. Deveria ter uns 12 anos. Sem ninguém para conversar, falar, poder dizer o que sentia e contar que aquele cheiro, que aquele abraço me marcou. Ensinada desde cedo que deveria amar os garotos, seguia tentando me encantar por eles. Mulheres que amam outras mulheres? Existem. As sapatonas! Aquelas mulheres estranhas, distantes, que não tinha proximidade e apenas sabia que existiam. Às vezes, “a sapatona” era aquela cujo segredo “de amar outras mulheres” escapava e, por isso, julgada por todas as pessoas. Usualmente justificava-se: “mas ela é trabalhadora, honesta e paga as próprias contas”. Gostar de outra mulher era sempre um “porém” que deveria ser compensado com alguma outra característica extraordinária. Além disso, o amor entre mulheres nunca poderia existir sozinho, nunca era visto como um caminho “natural”. Antes de amar uma mulher, deveria existir uma história de fracasso com algum homem, até porque “ela tentou, né?!” Afinal, como não amar os homens?! Atividades de cuidado, dedicação, amor, afeto, alimentação, aprovação, até o próprio cuidar de si e se embelezar deveria (e ainda deve) ser direcionado aos

homens. Primeiro, nós temos que de fracassar para amar as mulheres, pois elas nunca são suficientes, nunca merecem o nosso cuidado, amor e afeto. No caso, deveria amar os homens, porque, no fim das contas, passava o perfume e andava por determinados locais na expectativa de encontrá-la. Esperava ver aquela mesma mulher na janela de casa, nas esquinas das ruas... meu desejo era o de encontrar com ela. Paixão? Amor? Jamais! Dava outros nomes, seguia me dedicando aos garotos e afastando qualquer possível amor romântico para uma mulher. Ensinada a ter nojo das mulheres, do corpo, do cheiro, do toque, não me dava conta que também era ensinada a me odiar.

A vida segue, arranjos, rearranjos. A devassidão do afeto, do tesão, da atração, do carinho por outras mulheres escapa pelos dedos, toma conta do corpo e salta os olhos. O primeiro beijo em uma garota também passou por um rapaz, afinal, com que justificativa poderia beijar aquela moça? Tempos depois soube que ela pensou o mesmo. Ensinadas que o amor por outras mulheres é um erro, nossos encontros eram escondidos.

Como diria Rich (2012), somos compulsoriamente obrigadas a amar os homens, a servir a eles, a cuidar deles, engravidar deles e a nos submeter às suas métricas, paradigmas e valores. A possibilidade de conhecer outras formas de amor nos é negada. O amor entre mulheres é secundarizado, rivalizado e, quando encontra algum espaço, é somente após muita crise, angústia e dor. Deslegitimadas na nossa forma de se relacionar, quando reivindicamos esse modo de vida, somos invisibilizadas. Assim, amar outra mulher não é o ato mais difícil! Sustentar esse amor, a solidão, o sentimento de erro e todas as dificuldades e problemas que vêm junto dele é o mais difícil. É preciso brigar com o mundo todos os dias. É sair do armário todos os dias. É ter a vida em risco, somente por ser quem se é. Será que esse sentimento acaba? Não sei. Talvez, tão difícil quanto amar outra mulher, também seja aceitar que posso ou que sou amada por outra mulher.

Quais são as possibilidades de ser mulher? Como nos constituímos mulheres? Como amar e ser amada? Quais são as formas possíveis de amor entre mulheres? Aprendemos, desde pequeninas, que temos que, irremediavelmente, amar um homem, com ele casar, ter

filhos, “ser família”. Em uma sociedade que nos ensina que esse é o nosso valor, como é possível amar outras mulheres e não ser engolida pela lógica do erro? Erro não por ser lésbica/sapatão, mas, sim, por um impositivo social de quem diz que é preciso amar e se submeter aos homens para ser “digna” e aceita.

A quem interessa a ideia de que mulheres sempre competem entre si, que habita em ser mulher a impossibilidade da amizade com outras mulheres? Nesta carta, escrita coletivamente, refutamos em ato esse decreto: somos amigas, múltiplas, diferentes, mas cultivamos o amor na forma de cuidado. Para Rich (2012, p. 22),

[...] as mulheres são as mais antigas fontes de cuidado emocional e da alimentação das crianças, meninos ou meninas, pareceria lógico colocar, ao menos a partir de uma perspectiva feminista, as seguintes questões: se a busca por amor e ternura em ambos os sexos não as conduz originalmente na direção das mulheres, então por que de fato as mulheres iriam sempre redirecionar aquela busca?; por que a sobrevivência da espécie, os meios de impregnação e as relações erótico-emocionais deveriam ter se tornado tão rigidamente identificados entre si?; e por que tão violentas restrições deveriam ser entendidas como necessárias a fim de reforçar a subserviência e a total lealdade erótico-emocional das mulheres frente aos homens?

Assim, investimos no que Rich (2012) chamou de **continuum lésbico**, em que nossas vidas, afetos, experiências, tempo e dedicação se direcionam para outras mulheres. Para a autora, é uma aliança política, um descentramento do olhar sobre nós a partir dos homens e também um redirecionamento da nossa dedicação para nós mulheres. Independentemente da relação sexual ou de ser lésbica, mas se propõe a visibilizar as relações, seja de amizade, trabalho, cuidado, companheirismo, amorosa e tantas, entre e para as mulheres. Como um ato de resistência ao patriarcado. O *continuum* lésbico é uma ruptura da

heterossexualidade compulsória, que se manifesta também no registro das nossas histórias e memórias por nós. Lembramos que a palavra cuidar, em sua etimologia, remete a refletir sobre algo, o que nos inspira a relações de cuidado que buscam refletir sobre nós mesmas, garantindo as diferenças e as aproximações em nós. Amor e cuidado que se traduzem em mulheres que lutam pela garantia do direito à fala e à escuta de nós mesmas e das muitas mulheres que nos circundam.

É assim que, atravessadas pelos formalismos e uma suposta neutralidade, precisamos eliminar qualquer resquício de si, o que inclui a sexualidade, para podermos existir, produzir e pensar. O que abarca a sexualidade não cisheterossexual, pois amar outras mulheres significa refazer a própria história todos os dias. Esta carta é destinada a todas as mulheres, mas principalmente àquelas que negam, subvertem ou não querem ser enquadradas na imposição gendrada que é ser mulher na sociedade.

Carta

Sou mulher, negra, índia, branca, tenho um arco-íris em minha pele... marcas da miscigenação do/no nosso país chamado Brasil. Para minha mãe, carinhosamente sou pretinh⁴²a; para alguns primos sou “tom pastel”; para a comunidade negra, sou branca ou parda. Na escola, aprendi de forma diferente, tínhamos ainda os mulatos(as). Não me afeiçoo à forma de categoria. Parda parece troféu consolação, os sem cor definida, como os pet’s, SRD (sem raça definida). Aos 30 anos, ainda me deparei com outra questão,

42 Usamos o termo aqui para dizer de uma experiência singular, marcada pela vivência conflituosa de ser vista em alguns lugares como negra, outros como branca ou parda, com traços indígenas, um “lugar entre”. Ressaltamos a importância da discussão do mito da democracia racial, que construiu a visão da sociedade brasileira como um lugar onde “pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais e étnicas” (NASCIMENTO, 2016, p. 47-48).

também tão polêmica para nossa sociedade, o preconceito social que diz respeito à forma, como ou quem, deve-se amar. Entendi que meu desejo não ia ao encontro com o que havia “aprendido”...

Atualmente, estou nos meus 43 anos, casada com uma mulher há 13. Primeiro, veio a união estável, em 2012, pois era a única forma permitida de termos alguma proteção em relação aos nossos direitos. Soubemos no ato de registro da união estável que, a partir daquele momento, poderíamos entrar com um processo para transformar nossa união estável em casamento, mas que poderia levar alguns anos. Assim, não quisemos o desgaste, achávamos que estaríamos resguardadas apenas com a união estável. Em 2019, numa comemoração simples, mas cheia de amigos, decidimos dar entrada em nosso casamento civil. Estes foram meus votos para Ela, para nós:

“Tudo começou há 11 anos atrás, em novembro de 2007, você em Belo Horizonte e eu em Ladainha. No meio do caminho... Montes Claros, até chegarmos ao ES. Fizemos um longo percurso e depois de muitas lutas e incertezas, descobrimos que juntas somos muito fortes... Hoje temos muitas realizações, nosso amor amadureceu, se fortaleceu e temos a certeza da nossa união. Construímos um lar, temos até um cachorro, não é qualquer cachorro, temos o Jon, Jon Snow, Jon Jon. Sonhamos com nossa casa e como todo bom mineiro, perto da praia... E então Deus nos abençoou com este mar maravilhoso, bem do lado da nossa casa. Temos uma a outra, descobrimos novos amigos e a certeza de que nossa caminhada não acabou. Espero descobrir muitas outras aventuras boas ao seu lado, e principalmente que nosso amor continue a nos sustentar”.

Por muitos momentos, as dificuldades traziam o sentimento de que não daria certo, de que não iríamos sobreviver enquanto casal. A falta de apoio fez a nossa trajetória mais difícil, mais árdua. As conquistas vieram com muitas dificuldades, mas também com muitas alegrias e nos trouxe leveza. Nossos desafios pareciam ser maiores, mas isso também pode nos fortalecer enquanto casal e enquanto ser humano. Assim, acreditem no amor, na luta, na semente de felicidade que um dia pode germinar. Acredito que o direito de uma classe, categoria, seja de que forma for, não deva sobrepor às outras, mas que a luta por direitos, Direitos Humanos, direito de igualdade perante a

justiça, deva ser a luta diária da humanidade. Agradeço aqueles que lutaram e ainda lutam, pois são essas pessoas que fazem com que nossos direitos existam.

Finalizamos nos remetendo às cartas compartilhadas, que dizem de nossas experiências e inquietações, mas que dizem muito além de nós mesmas. Esperamos que elas encontrem espaço em vocês, leitoras, criando conexão com suas marcas ou abrindo espaço para o diálogo com experiências outras, diferentes marcas dos múltiplos femininos. Propomos a errância como uma política de afirmação da liberdade de amar, cuidar, conectar com outras mulheres, em todos os âmbitos da vida, incluindo a academia. Buscamos fortalecer nossas relações errantes, mantendo corpos e pensamentos nômades, em processos instituintes⁴³ que rompem com o que foi instituído “sobre nós, sem nós”! Como mulheres errantes, queremos convidar todas as mulheres que nos leem a amar, em relações de amizade e cuidado.

REFERÊNCIAS

AULETE, Caldas. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon, 2012.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

43 Instituído é um conceito da Análise Institucional, movimento político e teórico que teve seu início na França, após a metade do século XX, sendo Lourau e Lapassade os principais autores, na época. Para Lourau (2004), “[...] No ‘instituído’ colocaremos não só a ordem estabelecida, os valores, modos de representação e de organização considerados normais, como igualmente os procedimentos habituais de previsão (econômica, social e política).” (LOURAU, 2004, p. 47). A instituição não se refere a estabelecimento, local ou organização, mas a “[...] produtos históricos de uma sociedade instituinte que produzem e reproduzem as relações sociais e se instrumentalizam em estabelecimentos e/ou dispositivos [...]”. (PASSOS; ROSSI, 2014, p. 159).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio M.; SANTI, Pedro Luiz Ribeiro de. **Psicologia uma (nova) introdução**: uma visão histórica da psicologia como ciência. São Paulo: Educ, 2008.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In*: FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 203-222.

LOBO, Lília Ferreira. **Os infames da história**: pobres, escravos e deficientes no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LOURAU, René. Implicação e sobreimplicação. *In*: ALTOÉ, Sônia (org.). **Analista Institucional em tempo integral**. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 186-198.

PASSOS, Eduardo.; ROSSI, André. Análise Institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa – Intervenção no Brasil. **Revista Epos**, Rio de Janeiro – RJ, v. 5, n. 1, p. 156-181, jan./jun. 2014.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas** – Estudos gays: gêneros e sexualidades, [s. l.], v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WITTIG, Monique. Não se Nasce Mulher. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **O pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.p. 85-94.

Sujando as palavras: uma carta endereçada àquelas que temem o fantasma da puta

Adriely Clarindo

Como aprendemos uns sobre os outros? Como fazemos isso sem machucar uns aos outros, mas com a coragem de acolher os entrelaçamentos da vida diária que podem até revelar certas traições? (LUGONES, 2019, p. 374).

Curioso contrassenso é o silêncio que nos é ensinado. Quais meios possíveis existem para aquelas de nós que, como eu, habitam o escondido, o impronunciável mais repetidamente dito? Ser sem palavras audíveis que, por vezes, esconde-se, muda, quieta, uma pessoa intencionalmente “sem rosto”. Construir-se como aquilo que sinaliza um

alguém em sobreaviso sempre a fugir de uma polícia, assim se foram muitas putas.

Uma atitude policialesca, no entanto, não pode ser confundida com o silêncio: estamos em vias de pensar o silenciamento. E quantas de nós já não silenciemos umas às outras? Percebam já *a priori* que inicio esta carta inscrevendo provocações, a fim de aticar a compreensão de que quando se espera uma carta puta inscrita apenas por dores e experiências inusitadas correntes à prostituição, também se caminha junto ao silenciamento. Afinal, quando se fundamenta as condições de possibilidade em que uma puta pode falar, circunda-se o que pode ser dito.

Não que essas últimas ponderações se forjem como um subterfugio às dores, alegrias e às outras variadas experiências que se emaranham à prostituição, mas o que almejo nesta carta é sobretudo solapar profundos silenciamentos e evocar outros modos de perceber a figura da puta. Trata-se ainda de apreendermos como se impregna em você e em mim, distintas mulheres, esta figura que não costuma ser respeitada, mas é tantas vezes anunciada. As convoco, portanto, a quebrar a didática policialesca que sobrevoa nossos corpos e subjetividades.

Tratemos de (re)conhecer a bem propagada relação próxima entre a puta e as mulheres, relação que reside sobretudo na estranha dicotomia que habita essa última frase, tal marca dicotômica: puta *versus* mulher é o que desgostosamente impulsiona o que agora escrevo. Ainda pensando em dicotomias, sabemos que os próprios usos da categoria mulher e da puta não cabem em proposições unívocas e cristalizadas. E se repararmos bem, mulher e puta aparecem ora separadas, ora fundidas e, por vezes, ameaçando uma à outra.

Para que compreendam minhas provocações, precisarei ainda fazer um breve movimento didático, trazer à luz as nuances desenhadas nas distintas formas em que essa temida figura costuma grudar em nossos corpos. Rememoremos, por exemplo, como através de

figuras de controle⁴⁴ a imagem da puta ronda a vida e os corpos das mulheres negras. Trata-se, neste caso, de imagens construídas que as enquadram como mulheres, cujo apetite sexual é insaciável e, portanto, como promiscuas e desinibidas. Hipersexualizadas as mulheres negras, no Brasil, mais propriamente a figura da mulata⁴⁵, conhecem bem a proposição que marcadamente costuma precedê-las: a puta.

Noutro ponto, aquelas consideradas brancas, aqui no país, só convivem com essa perseguição em sua figura fantasmática. Isto é, para as mulheres negras normalmente não são necessários atos sexuais vistos como desviantes para que as suspeitas infames surjam. Já para mulheres brancas, há uma linha tênue entre as juras de “santidade”, casamento e amor romântico e a marca dolorosamente enfincada da puta, neste caso, para ser vista como puta, é preciso um equívoco que fira aquilo que é permitido socialmente para sexualidade feminina.

E não nos esqueçamos também de que nós mulheres brasileiras, latino-americanas, quando migramos ao cenário do branco, leia-se europeu, somos, por vezes, coladas às figuras hipersexualizadas. Afinal, no lugar desigual atribuído ao Brasil no âmbito global, a nacionalidade brasileira confere-nos a imbricação entre noções de sexualidade, gênero, raça, etnicidade e nacionalidade e nos remete

44 Collins (2019) e hooks (2019) afirmam que umas das imagens de controle sobre mulheres negras é a da prostituta. Essas imagens são de controle, à medida que fornecem uma visão estereotipada e limitante de suas vivências. E costumam ser propagadas pela mídia, por agências governamentais e até por produções acadêmicas.

45 De acordo com Corrêa (1996), em alguns discursos de críticos e historiadores que serviram na construção da figura mítica da mulata, ela é concebida como puro corpo ou sexo. No teatro, na literatura, na televisão, ela é vista como cheirosa, dengosa e sensual. E foi criada para resolver toda essa contradição racial, como se criasse um meio-termo entre branco e negros. No entanto, quando pensada por meio das classificações de gênero, revela um outro ponto importante: encarnar de maneira tão explícita o desejo do masculino branco é também revelar a rejeição a negra preta.

à ideia de que brasileiras são portadoras de uma disposição naturalmente intensa para fazer sexo e uma propensão à prostituição (PISCITELLI, 2008)⁴⁶.

Novamente, leiam aqui: a categoria mulher e a figura da puta aparecem ora separadas, ora fundidas. É nessa dualidade que reside o fantasma da puta (RAGO, 1991), esse que surge como um perigo que pode habitar a sexualidade de todas as mulheres e deve a qualquer custo ser evitado, uma vez que está intimamente ligado à ideia de uma sexualidade anormal e de uma degenerescência moral.

Além disso, apesar de minhas iniciáticas intenções não desejarem tornar tudo isso uma discussão teórica, vi nestas explicações uma possibilidade de apontar como nossos atos sexuais se entremeiam a outras margens para além da cama, corpo e tesão. A sexualidade é comumente vista ou como fonte de liberdade feminina ou como um veículo que esgarça as relações de poder em que estamos inseridas e, ainda, noutro extremo como um limite problemático de nossas potencialidades que podem ser subjugadas por meio da objtificação.

E diante desse cenário de disputas, peço que imaginem como pode se sentir uma mulher que admitidamente transa, cobra por isso e ainda escreve a respeito. Isso é tão problemático que para escrever, por vezes, acho necessário sujar as palavras. E nesse caso, e talvez até mesmo em seu caso, cara leitora, mulher puta pode ser vista

46 Além disso, a autora ressalta que nos fluxos para países ricos da América do Norte e Europa, a tradução cultural da posição subalterna ocupada pelo Brasil nas relações transnacionais é um dos aspectos principais que afetam as experiências das mulheres. E afirma ainda que nos países do Sul da Europa, por exemplo, o racismo atinge com mais suavidade as brasileiras, particularmente as que não são vistas como negras, que a mulheres de outras nacionalidades. A interseção entre nacionalidade, gênero e sexualidade e o particular estilo de racialização permeado por essas diferenças incide em um racismo etnicizado, distante da intensidade daquele que atinge, entre as latinoamericanas, a mulheres tidas como negras e àquelas cuja nacionalidade é associada a traços considerados indígenas e pouco sensualizados (PISCITELLI, 2008).

como sinônimo de solidão. Solitude só pode ser conversa de quem não é obrigado a ser só.

Mas o que é a solidão de quem escreve palavras sujas? Como é sujar as palavras? De pronto, respondo que sujar a palavra é fazê-la sangrar, torná-la um abismo diante do nosso silenciamento e pular através dela, um risco, uma marca, aquilo que ainda não sabemos nomear, ou não podemos.

Olhando para os meus abismos, acredito que alguns de nossos pontos em comum possam ser a solidão, o silenciamento e a vergonha, ser culpada: alguém que deve algo a outrem. Devemos nossa suposta santidade e, noutros casos, nossa lascívia. Ainda assim, em meio a essa eloquente busca por pontos em comum, vejo com certa preocupação esse “nós” que impregna esta carta.

“Nós” pode remeter ao homogêneo e ao pressuposto essencialista, e nada disso somos. Não escrevo como quem oferece em sacrifício o particular, faço outro movimento, empenho-me em nossas similaridades sem desconsiderar nossas diferenças. Procuro ascender a fagulha de uma experiência em comum como ponto de análise e possível coalizão. Poderíamos pensar, por exemplo, nesse caso inefável de puta: adjetivar umas às outras como tal é ainda uma forma de designar salvação ou julgamento. Quando se grita “olhem a puta”, quantas correm? Quantas querem salvar a “coitada”? Quantas podem andar ao teu lado? Aqui, reside a ameaça que, muitas vezes, fazemos umas às outras: o julgamento.

Caminhando junto à solidão de nos julgarmos ou fugirmos dessa recorrente adjetivação, ignoramo-nos em meio à busca por nossa santificação, nossa limpeza intelectual, escrita higienizada. A quem isso serve? A você? Repito: puta pode ter algo de uma experiência em comum, não? Devo, no entanto, não mais me esforçar para convencê-las que o fantasma da puta persegue a todas, pois esta carta foi encomendada para que eu narrasse as experiências da mulher puta que sou, e é neste ponto que temos um outro problema inadiável.

O problema reside em compreendermos que puta não é necessariamente o mesmo que prostituta, trabalhadora sexual. E através disso, questiono-me a respeito de qual pode ser a forma mais viável em inscrever as experiências, minhas experiências, que não passam por uma lógica estável e identitária. Puta é devir⁴⁷, e trabalhadora sexual passa por uma aposta política em definir a prostituição como trabalho (PRADA, 2018)⁴⁸.

Aliás, quando se fala em experiências correntes à prostituição, ouve-se repetidamente, seja entre as colegas de trabalho ou aquelas pessoas que nem ao menos circulam por cabarés, que puta é um termo vulgar demais para usarmos quando nos referimos às trabalhadoras sexuais. Nesse horizonte complexo, é bem plausível que eu opte por usar o termo puta, seja no trabalho sexual ou fora dele. Já pensaram na potencialidade e complexidade disso?

Enquanto termino de preparar meu café, nada me vem a não ser a constatação de que compreender a puta de outro modo é um primeiro passo para que notem a potencialidade a qual me refiro. Isso porque, ao debatermos os limites e as ameaças que rondam os usos de nossa sexualidade, poderemos repensar o sexo, vê-lo como trabalho. E se para mulher o sexo em uma relação heterossexual é trabalho,

47 Concordo com Olivar (2013) em compreender que ser puta não se trata de uma oposição a ser esposas ou prostitutas, é ser tudo isso instavelmente junto. Há, portanto, um poder importante na capacidade de alternar entre silêncio fundo e barulho constrangedor, entre obediência de gueixas e o voluntarismo capitalista, entre ignorância aterrada e a total esperteza.

48 Preciso deixar exposto que o universo da prostituição conta com uma variedade semântica para referir-se às prostitutas. Não existe consenso entre os grupos e organizações de prostitutas a respeito da terminologia correta a ser usada preferencialmente. No entanto, para algumas trabalhadoras sexuais, esse termo é o que melhor aponta para a compreensão da prostituição como um trabalho e para luta dos direitos das prostitutas.

logo, a prostituição é trabalho⁴⁹. O tom pejorativo que ronda o termo puta poderia soar menos incomodo se, porventura, as pessoas compreendessem, e sobretudo aceitassem, que essa é só mais uma forma de controle de nossa sexualidade.

Controle, controle; como resistir? Pergunto-me, como resistir a essa tentação de colocar-me apenas como puta e reivindicar esse lugar sempre que decido escrever. Não se trata de resistir à puta, trata-se de resistir ao esquecimento das outras coisas que me também me compõem. E, nesse sentido, esta carta veio em boa hora.

Sabemos que existem aquelas que entendem que resistir à figura da puta seria aniquilá-la ou refutá-la o máximo possível, assim como abolir a prostituição. Todavia, quando penso em resistência, penso em possibilidades palpáveis, seja para aquelas que exercem o trabalho sexual e também para aquelas que são assombradas pelo fantasma da puta. O fato é que algumas didáticas prescritivas a respeito de como lidarmos com a realidade misógina e machista que nos ronda nem sempre cabe em nossas vidas.

Por isso, resisto quando escapo das armadilhas diárias as quais tento me adequar, enquadrar-me. Resisto por que sou escorregadia e sei compreender a resistência também de uma outra forma, já que não posso gozar da ingenuidade em acreditar que o desejo de independência (ou subversão) das normas me é um desejo inato (MAHMOOD, 2019)⁵⁰. Agencio-me compreendendo que, por vezes, é preciso dançar a melodia corrente. Entendo que é necessário fazer o que posso para incorporar as múltiplas formas em que as regras se impõem e,

49 Federici (2012) entende que, para mulher, o sexo é trabalho, uma vez que compreende que um dos deveres sexuais da mulher numa relação heterossexual é proporcionar prazer ao homem. Para a autora, o sexo é trabalho, à medida que o dever de agradar está tão embutido na sexualidade feminina que chegamos a aprender a ter prazer em dar prazer, em deixar os homens excitados, e daí sua consideração de nossa submissão sexual.

50 Para mais complexificações das noções de agência e resistência no pensamento feminista, sugiro essa mesma produção.

talvez, daquele lugar mais aparentemente inadequado poder tirar algum proveito. Jogo com a puta, subvertendo seu significado ou não, aqui habita sua potencialidade.

Gabriela Leite (2013), uma prostituta que foi bastante ativa no movimento e na militância de prostitutas, não compreendia a puta como algo insultuoso. Para ela, a puta deveria ser vista como uma palavra quente e sonora que anuncia a luta no combate ao preconceito às prostitutas. Em meu caso, no entanto, devo contá-las que, quando evoco a puta, nem sempre subverto seu significado, tornando-a quente e provocativa. Quando vou para zona⁵¹ e acho necessária abandoná-la, faço-a. Nego-a e torno-me acompanhante, garota de programa ou quaisquer outros eufemismos que os clientes desejem, afinal, é isso que eles esperam de uma puta.

É notório que do lugar de onde escrevo, sentada confortavelmente em frente ao meu computador, em um bairro de classe média e na posição de pesquisadora, tudo isso pode soar como frivolidades. Ao aliar perspectivas feministas em notas de rodapé, a fim de validar minhas percepções de uma vida puta, pode ainda parecer que estou a menosprezar a vida e as dores daquelas colegas prostitutas que habitam zonas menos confortáveis que a minha.

E saibam, as zonas por onde ando nem são tão confortáveis assim. No cenário acadêmico, por exemplo, sinto-me sempre convocada a responder a algo. E foi assim que anunciei publicamente minhas atividades no trabalho sexual. Convoquei-me a responder àquelas vozes intelectuais que mal sabiam o que é trabalhar com sexo, mas que ainda assim afirmavam a necessidade de abolir esse trabalho e de salvar as prostitutas, indicando-as a outras atividades tão precárias quanto, mas com um ganho financeiro menor.

Sinto-me assim convocada a responder por que foi através do trabalho sexual que cheguei a esta cadeira macia e confortável de onde escrevo. Repetidamente inscrevendo as vivências compartilhadas com

51 Refiro-me à zona como local de trabalho e vivências na prostituição.

minhas colegas de trabalho, complexidades, dores e alegrias e ainda me encontro em vias de evocar quase incessantemente alianças com aquelas que não são prostitutas, mas que já foram vistas como puta em algum momento da vida. Talvez, essa busca, esta escrita, essa convocação seja também um modo de resistir, fazer-me audível não pode soar como leviandade.

Ainda assim, justifico-me, a busca por alianças é importante, à medida que possibilita conquistar mais parceiras na luta pelos direitos trabalhistas das prostitutas e na diminuição do estigma que nos cerca. Buscas incessantes que me trazem incômodos, mas escrever tem dessas coisas, mostrar-se. Passo meus olhos sobre a mesa e me percebo irritada em meio às minhas justificativas e inseguranças, pergunto-me sobre o quão grande é a raiva que sinto de nossas higienizações? Sim, essas armadilhas em que caímos quando nos precipitamos ao tentarmos fazer sentido, linearidade. Que raiva complexa me toma enquanto escrevo esta carta, o que quero com ela? A quem almejo atingir? O que esperam de uma puta que se atreve a dizer. Até mesmo a raiva me parece comum.

Caminhando entre a figura da puta que nos persegue a todas e a prostituição como um trabalho, tentando convencê-las, torno-me inquieta. Vou findando o que tenho para dizer e o faço com certo amargor, entendendo que o cansaço em meio à luta é também aceitável. Engana-se quem acredita que batalhar contra o policiamento de nossa sexualidade seja algo tão tranquilo quanto o ato de tomar um café, enquanto escrevo a respeito.

Agora devo me levantar e, como de costume, arrumar-me para ir à zona trabalhar. O cenário é pandêmico, mas a zona dificilmente se fecha, e eu poderia escrever toda uma outra carta sobre este cenário: pandemia e prostituição. Na verdade, eu já fiz isso em páginas endereçadas a outro lugar. É engraçado como repetir as dificuldades do trabalho, assim como estar aberta ao título de puta assumida, pode tornar as coisas mais complicadas. O peso de repetir e ruminar as próprias dificuldades em palavras escritas pode torná-las pesadas. Prefiro neste

momento um pouco de silêncio, o que posso afirmar sobre o contexto que agora passamos é que estamos lutando, ganhando menos, aliando-nos umas às outras como rede de apoio financeiro e até afetivo.

Mas nesta carta, queridas colegas, parece-me que foi necessário tecer um grande convite para aquelas que temem o fantasma da puta e/ou que desconhecem os meandros do trabalho sexual a nos conhecerem e, de um certo modo, reconhecerem-se. Em nada seria útil ruminar mais dores e cansaços, optei mesmo pelo convinha à minha saúde mental, pois lembremos que a saúde da prostituta não deve ser interessante apenas da cintura para baixo. Finalmente, despeço-me avisando que, através do encadeamento de palavras, tentei fazê-las olhar de outro modo a puta, decidi que por espelhamento revelaria minha nudez.

Atenciosamente,
Adriely Clarindo.

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Natália Luchini. In: SEMINÁRIO “TEORIA FEMINISTA”, 2019. **Anais** [...]. [S. l.]: Cebrap, 2019.

CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **Cadernos Pagu**, [s. l.], n. 6/7, p. 35-50, 1996.

FEDERICI, Silvia. On Sexuality as Work (1975). **The Commoner** 15, [s. l.], 2012. p. 88-94. Disponível em: <https://medium.com/feminismo-com-classe/sexualidadecom-o-trabalho-de-silvia-federici-c22d412252fe>. Acesso em: 4 fev. 2019.

HOOKS, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

LEITE, Gabriela. **Por que Gabriela gosta da palavra puta** / Why Gabriela prefers the word puta (wore). [S. l.], 2013. 1 vídeo (3 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CvKkGPiXv0o>. Acesso em: 2 jan. 2020.

LUGONES, María; Rumo a um feminismo decolonial. *In*: HOIANDA, Heloíza (org.). **Pensamentos feministas**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019. P. 369-392.

MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. **Etnográfica**. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 135-175, 2019.

PRADA, Monique. **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Devir puta**: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, Goiânia, v. 11, n. 2, 2008.

PISCITELLI, Adriana. **Trânsitos**: Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. 272p.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

Uma carta, múltiplos olhares – costurando escritas de tramas aborteiras

Antonella Barone

Bárbara Cunha

Eulália Veloso

Isabela Fonseca

Juliana Lobo

Marina Jacobs

Marina Schuwarten

Yvie Sarmento

NOTA ÉTICA

Nós, remetentes desta carta, integramos o Grupo de Estudos sobre Aborto da UFES, mas não pretendemos aqui universalizar sentires e pensares, nem das pessoas que compõem a linha de pesquisa, nem da Instituição Federal à

qual este grupo pertence. Propomo-nos a costurar tramas e celebrar as diferenças na sua dimensão afetada e afetiva, com-partilhando algumas ressonâncias, pensamentos e reflexões.

A você que nos lê,

Quando recebemos o convite para escrever uma carta afetiva e sem conhecer quem a receberia, ficamos emocionadas, mas também cheias de inquietações. O que temos a dizer? Como deveríamos escrever? Somos oito mulheres que nos colocamos para experimentar juntas uma escrita singular e coletiva ao mesmo tempo.

Mesmo com essas inquietações, é com alegria que imaginamos seus olhos atentos às nossas palavras, que foram carinhosamente elaboradas a muitas mãos, pensadas e dialogadas em um processo que envolveu também o experimentar, o costurar e o tramar, a partir de um emaranhado de sentimentos, percepções e vivências nos trânsitos físicos e virtuais pelo Grupo de Estudos sobre Aborto da Universidade Federal do Espírito Santo (GEA-UFES).

Esperamos que você sinta que esta carta foi feita para você. Estamos desejosas por criar maneiras de nos aproximar de um debate plural, em que afirmar diversos modos de existência não signifique negar outros. Não temos pretensão de universalizar um debate sobre o que nos toca; senão, compor uma grande colcha de retalhos que, de fato, vem sendo tecida milenarmente. Nesse tecer, tramamos.

Tramar é um verbo com duas definições possíveis, segundo o dicionário formal da língua portuguesa: “1) entrelaçar os fios da trama; tecer. 2) [figurado] maquinar; intrigar; enredar; armar” (PRIBERAM, 2021, s/p). Nesta carta, nós nos propomos a embaralhar esses significados, de modo que nossa escrita combine a tecitura do que nos antecede, o que entrelaçamos dos nossos presentes e a maquinaria de um futuro possível.

O que é ação no tramar vira substantivo na trama, e as tramas aqui costuradas expressam uma infinitude de saberes e sentires de

mulheres, mas não só. Orienta-nos uma aposta ética, estética e política, que nos convida a estar na zona de (des)feituas das formas e, dentre elas, a da categoria *mulher*. Dialogamos com as corporalidades que se dispõem a fazer circular a palavra sobre *outros modos de sentir e pensar o aborto*. Dialogamos com homens trans, homens cis, mulheres trans e travestis, mulheres cis, pessoas não binárias e quem mais quiser compor.

Os fios que aqui tramamos são os questionamentos que nos movem e as palavras que não se esgotam. Ao final desta carta, esperamos mesmo nada esgotar, e sim continuar a (trans)bordar, envivendo o debate sobre o aborto, que muito afirma a produção de vida. É exatamente porque somos a favor da vida que nos sentimos inquietas e irrequietas; pulsa em nós a premente necessidade de pensar e falar sobre aborto. Em um mundo que, historicamente, as mulheres não podem falar de muita coisa — e aborto é uma delas —, decidimos nos somar às vozes das que não se calam, das inconformadas, das desistemidas. Não sem medos. Não sem dores. Um nós vital nos encoraja.

Neste momento, desenrolamos esse novelo para que o fio se estenda até a sua mão. Sinta-se convidada para, conosco, fazer o melhor uso da agulha como instrumento para criar outras tecituras.

Juntas, herdeiras do passado abortado, não queremos repetir o
que nos é imposto

Não queremos ser limitadas pela tutela do outro

Gestamos a possibilidade, então, de conhecer o que sentimos
Sentir a experiência do abortamento deste passado pesado que
não somos nós, não é meu, não era nosso

Conhecer o limite da minha gestação por mim, respeitar meu
tempo e saber que existem outras como eu

Somos semelhantes no querer um novo, herdeiras da mesma dor
de sangrar sem escolha

Mas fazemos disso algo nosso.

(TRAMADEIRA, 2021)

O DESENROLAR DA TRAMA: SOBRE A POTÊNCIA DE TECER ENCONTROS

Agora, propomos-nos a compartilhar com você parte das memórias dos nossos enlaces enquanto grupo. Algumas de nós construímos o GEA desde o começo, lá em 2018, em reuniões semanais na sala do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades (GEPs) do Centro de Educação da Ufes, ao qual nossa linha de pesquisa pertence; outras pessoas foram se juntando ao longo do caminho, ainda na dinâmica presencial.

Com o início do isolamento social imposto pela pandemia da Covid-19, também veio a impossibilidade de realização das reuniões na universidade; assim, elas passaram a acontecer de modo virtual. A dinâmica dos encontros foi mantida para além dos acordos institucionais: a partir de um cronograma definido de modo conjunto, a cada semana, discutimos um material diferente, seja artigo científico, artigo de revista, fanzine, filme, performance.

A virtualidade colocada pela pandemia, que por um lado nos restringiu, paradoxalmente nos concede uma nova oportunidade de trans-bordar fronteiras geográficas. Esses atravessamentos nos colocaram na potente experimentação de encontros virtuais com pessoas de outros estados do Brasil e de fora dele, até porque adoramos hibridizar fronteiras.

A produção de um comum, que faz com que nos encontremos, tem a ver com um fio que nos conecta: nas procuras por espaços onde compartilhar conhecimentos e experiências, foi fundamental que estivesse explícita a palavra *aborto* no nome da linha de pesquisa. Lembramos, aqui, de Jorge Larrosa (2015), quando assinala que as palavras produzem sentidos e criam realidades: assim como é possível fazermos coisas com as palavras, as palavras fazem coisas conosco.

Nessa relação com o palavarar, temos a produção de um desejo de encontros de experimentação, nos quais compomos conversas, considerando o con-versar como esse ato de versar “com”, versar juntas,

compor versos a diferentes vozes. E essas forças desejanter pulsam em nós, de diversos modos.

Estudar e pesquisar sobre o aborto se faz entre nós em consonância com abigail Campos Leal (2020, p. 64), quando questiona “a concepção eurobranca de estudo, reduzida à sua dimensão epistemológica”, afirmando-o na sua dimensão de cura: terapêutica e bélica. Junto com abigail, permitimo-nos ampliar a noção de estudo, para entendê-la nas suas múltiplas funcionalidades existenciais e vitais. Em suas palavras, “um saber não deve ser avaliado apenas a partir de onde ele emana (academia, música, religião, artes de galeria, arte de rua...), mas a partir dos usos que ele apresenta para a vida, para o envivecer” (LEAL, 2020, p. 67). Temos pensado sobre esses usos e como eles se refletem nas nossas práticas.

Nesse sentido, os saberes e sentires maquinados são retalhos que costuramos a cada (des)encontro, formando uma espécie de colcha aconchegante. A caneca fumegante que vem acompanhada da colcha é o conteúdo que nos nutre enquanto seres políticos, ávidos por conhecimento em todas as suas formas.

Nos (re)inventamos a cada desafio que se faz presente, particularmente ao tentarmos nos despir de julgamentos e acolher as narrativas, as experiências e os questionamentos. E cá estamos, entrelaçando nossas multiplicidades, envivecendo as possibilidades do encontrar que têm nos potencializado. Desse jeito, estamos dispostas a tensionar o pensamento, provocá-lo e criar outros modos de sentir e pensar o aborto. Mas o que queremos dizer com isso? Se ainda está conosco, propomos-lhe a beber um gole de café e nos acompanhar nesta caminhada.

OUTROS MODOS DE SENTIR E PENSAR O ABORTO: UMA APOSTA ÉTICA E POLÍTICA

Pode parecer fora de contexto afirmar o aborto em um momento político de ataques às medidas que tangem os direitos (não) reprodutivos

no país. Esse pode ser um momento difícil para avanços legais pelo direito de decidir; entretanto, ainda que tenhamos nítido que avanços legais são fundamentais, sabemos também que são insuficientes sem a transformação das subjetividades, e sobre isso temos nos dedicado: outras formas de sentir e pensar o aborto.

Neste momento, você pode estar se perguntando: quando falamos em outras formas de sentir e pensar o aborto, a que nos referimos? O que queremos dizer? Não pretendemos criar respostas que estanquem essas questões, mas lhe contamos que nossos encontros têm buscado ampliar e produzir outras imagens, paisagens e cores que sejam alternativas ao senso comum sobre o aborto.

No espaço-tempo virtual, veio a possibilidade de acessar e chamar ao encontro muitas das autoras dos materiais que compuseram nosso cronograma de estudos. Nessa trama, que foi sendo desvelada semanalmente, tecemos alguns fios de saberes junto às autoras, que compartilharam conosco diferentes olhares sobre o mesmo fenômeno: o aborto. As trocas foram um convite para nos debruçarmos sobre diversos temas, como justiça reprodutiva, maternidade compulsória, abortos praticados por homens trans e pessoas não binárias, socialização de gênero. Detivemo-nos a conhecer diferentes realidades do aborto previsto em lei no Brasil, por exemplo, algumas particularidades de uma capital do Sudeste e de um pequeno município do sertão pernambucano.

Fomos expandindo nosso olhar para a luta pela legalização, descriminalização e despenalização social do aborto na América Latina, assim como as redes de acompanhamento, ativismos e ARTivismos existentes na nossa região. Refletimos sobre a possibilidade de imaginar o aborto como subversão da ordem, enquanto entendemos que a desigualdade de acesso à prática ainda mantém marcações diversas — de raça, classe, identidades de gênero, orientação sexual, deficiências e territorialidade. Dirigimos nossos olhares para a perspectiva que oferece o debate do direito e do que alguns setores da sociedade

insistem em colocar à margem: debates sobre a escolha, as possibilidades de escolha e o que pode ser justo.

E abortar não se trata simplesmente do direito a fazê-lo. O certo é que não se trata do direito em si, nem de sua legalidade formal e superficial. Embora ao final das contas, tudo isso nos pesa no corpo, sobre o corpo, e ao mesmo tempo nos atravessa de maneira fatal. A Lei pesa sobre meu corpo. E ao mesmo tempo a quero sacar. O direito, essa frase que dizemos todo o tempo: “eu tenho direito a..”, no melhor dos casos vem a legalizar o exercício de uma prática de liberdade. E no pior dos casos, o cremos. E cremos profundamente. Acreditar que temos “direito a..”, para depois necessitar de alguém que o legitime e reconheça. E neste caminho, o direito já não o temos, ou melhor dizendo, já o tem outro (LANIÑX MONSTRUA, 2014, p. 9).

Refletimos sobre as construções das legalidades e do que garante legitimidade às práticas abortivas. Estamos atentas às ressonâncias que ampliam horizontes e formas de viver, que concebem alternativas, a fim de que ninguém seja presa em um destino, que o corpo não seja uma sentença, mas potência aberta a infinitas tramas. No novelo, os significados se ampliam num caleidoscópio sutil. Assim, faz-se presente o questionamento:

[...] como fazer do aborto uma experiência vivível, digna, riquíssima, poderosa [...]; antes que fazer dela uma estatística, uma fatalidade de slogan político, uma rua sem saída. Mas isso não significa negar que, como toda experiência possui uma diversidade de nuances, de dobras, de voltas, de idas e vindas, de fugas. Possui tudo que uma experiência deve ter: é única (LANIÑX MONSTRUA, 2014, p. 6).

Temos nos proposto a refletir acerca das inúmeras possibilidades e diversidades de nuances que compõem as concepções e práticas abortivas e que nos apresentam a multiplicidade de caminhos possíveis. Tentamos estar na zona de (des)feituuras das formas que nos orientam para práticas de cuidado ao amplificar o debate, entendendo que as vivências abortivas são plurais.

Assim, somos convidadas a (re)pensar jeitos de abortar a ordem para criar outros regimes de sensibilidades, a partir de lógicas inclusivas, afetivas, responsáveis e acolhedoras. Miramos a autodeterminação dos corpos e trajetórias diante de um papel social pré-definido, em que nos é dada quase que unicamente a função de (re)produzir. Então, permitimo-nos imaginar construções que contrariam o julgamento dessa sociedade que trata as práticas de gestação, parto e maternagem como compulsórias, em particular, para as mulheres.

Nessa construção de horizontes possíveis, seguimos as pistas de Marielle Franco (2017), quando destaca a necessidade de registrar o potencial transformador, inventivo e revolucionário das ações de mulheres negras e faveladas nos territórios em que habitam. Convidadas por Marielle, nós disputamos olhares, sentimentos e pensamentos para criar outros modos de dar corpo aos debates sobre o aborto. Nesse sentido, a poesia continua sendo, para nós, uma bela oportunidade de continuar a fazer paisagens e tramar, tecendo laços afetivos com “pigmentações de ações transformadoras” (FRANCO, 2017, p. 93-94).

Os buracos que precisam ser fechados, um dia foram abertos e por que foram?

O que causou a abertura desses buracos na minha alma?

Talvez a educação passada pelos meus antepassados justifique, ou as crenças que desde criança eu fui levada a ter.

Então eu desejo abortar as minhas crenças, o meu passado e tudo que um dia me levou a acreditar em algo que me feriu, que me criminalizou.

Assim eu Aborto os meus medos.

Aborto as minhas inseguranças, Aborto a minha culpa, e começo a gestar algo novo.

Ressignifico, então, a minha experiência como exercício consciente de prazer, de êxtase, de rebeldia e do nascimento (ou da concepção) de novas possibilidades, e nesse sentido:

Eu gesto a liberdade

Eu gesto o alívio

E me revisto de tudo novo, e me reinvento, e me pinto de novas cores, novos sentidos, novos saberes e novos viveres.

(PERSÉFONE, 2021)

(EM)TRAMADOS COLORIDOS: ALGUNS DESFECHOS

Estamos chegando ao finalzinho da nossa conversa com você. A carta está em momento de des-fechos, mas lembramos que o novelo agora está nas suas mãos e os fios coloridos esperam pela criação de novas tramas. Você aceita nosso convite?

Ao longo desta conversa, tivemos o intuito de produzir conexões, procurando oferecer outros sentidos, palavras e imagens que desatam os nós que restringem a vida. Com isso, continuamos a tecer nossa colcha aconchegante, que, por vezes, torna-se desconfortável, já que falar de aborto pode mover afetos viscerais e diversos — o que não significa que o debate deva ser reduzido ou simplificado.

As inquietações se mantêm ecoando, (re)afirmando a nossa vontade de continuar a tramar. (Em)tramadas e coloridas, cortamos e costuramos de forma que trapos, retalhos e pontas soltas compo-nham nossa tecitura, para ampliar a compreensão da realidade que nos afeta — e de como queremos afetá-la. Assim, somos inspiradas pela professora Heliana de Barros Conde Rodrigues: “Sejamos realistas, tentemos o impossível!”.

A carta termina, mas esperamos que ela se mantenha ressoando e se materializando em você, no formato de encontros, movimentos em fluxo e experiências que abrem espaço a embriões de outros mundos.

Caminhamos, por vezes juntas, por vezes não, em direção ao horizonte. Por isso, encerramos nossa carta deixando com você as palavras de Eduardo Galeano (1983).

“Ella está en el horizonte” —dice Fernando Birri—. Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar. (Eduardo Galeano, 1993)

Com afeto,

Antonella, Bárbara, Eulália, Isabela, Juliana, Marina, Marina e Yvie.

REFERÊNCIA

FRANCO, Marielle. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada. **Tem saída**, p. 89-95, 2017.

GALEANO, Eduardo. Ventana sobre la utopía. In: GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**. Buenos Aires: Catálogos, 1993. p. 230.

LANIÑX MONSTRUA. Devir Abortiva: escrituras desde o corpo, desde a raiva e nossas próprias experiências. **POESIA.NOT.DEAD**. [s. l.], Heretica Edições Lesbofeministas Independentes, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiências. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LEAL, abigail Campos. me curo y me armo, estudando: a dimensão terapêutica y bélica do saber prete e trans. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 21, p. 64-70, 2020.

PERSÉFONE. **Vivências abortivas**. 2021. Não publicado.

TRAMAR. **PRIBERAM**, Dicionário Online de Português, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 8 fev. 2021.

TRAMADEIRA. **Destemidas**. [S. l.], 2021. Não publicado.

A Carta Surda

Shirley Vilhalva

A carta, como escrever uma carta? No meio de tantas primaveras, de tantos invernos passados. Nasci na idade contemporânea que ainda se esperava uma carta chegar a sete dias, no mínimo. Mas quem nasceu?

Nasce Shirley Vilhalva, nasce em casa de tábua nas mãos de parteira, seu sétimo banho foi dentro do ritual de ouro, que no momento tem todas as joias existentes em casa, essas joias são colocadas em uma bacia e assim que derrama o último enxague, um ritual de mulheres mágicas. Soube disso já jovem ao encontrar Nha Margô, enfermeira e expedicionária de guerra do Paraguai. O tempo passa... De menina sapeca que transborda beleza, transformando menina — moça — mulher. Despertando em si a Mulher Surda, guerreira, acima de tudo Mulher. Uma mulher surda, descendente do povo indígena, assexual, professora, escritora, poetisa, militante nas causas surdas e pesquisadora sobre língua de sinais indígenas.

Lembrança e mais lembranças passam como um filme no modo acelerado, que, embora seja vista em câmera lenta, degustando todos

os passos que indica que há algo mais da profundidade do ser. Eu ainda não sei como escrever uma carta que possa me revelar. Algumas coisas têm nesta carta que ainda me levam ao passado. Criança, fui criada nas brincadeiras de rua, o tempo passava tão rápido que não tinha a preocupação com a televisão, esta não existia em meu tempo ido. Só restavam as brincadeiras agradáveis, aprendizagem de zelo em que o cidadão se formava em meio a tantas disputas de qualquer jogo de rua. No meio das corridas das bolas, tínhamos que parar, porque o sol já ia e iria dar licença para senhora lua reinar. E a noite lembrar cada movimento de como ser esperto no outro dia. E assim, vamos crescendo nas caminhadas profundas entre as veias das escolas e os primeiros professores, cada um foi dando sua contribuição, alguns nem com eles podiam contribuir. Hoje, repensando nessa fase, o educador precisava de novos saberes. Uma nova caminhada me encontro na educação, teatros, esportes e muita animação, um tempo conquistado que jamais imaginaria viver.

Meu mundo começou a esclarecer, surdo, surdo, ouvinte, ouvinte, mas, eu não os separava, pois meus olhos só viam o existir das mãos indicadoras de apontamentos cheios de significados. Nessa época, tudo começa a crescer e eu entendo uma nova visão de ser, um ser dentro de um mundo da militância tomava todos os tempos. Os gritos na militância eram: a compreensão sobre os relacionamentos e a comunicação entre diferentes surdos.

Muitas coisas estavam distantes dos ouvintes nos anos 80. De pouco em pouco, as ideias foram surgindo como no teatro da vida e uma breve revelação chegou, mas poucos nesse momento entenderam. A cada palavra que ia surgindo antes de se discutir o preconceito, falamos de conceitos e depois do preconceito. O assunto iniciava de praxes sobre o surdo e o ouvinte, que vou considerar aqui a primeira cena — há dois momentos: quando os familiares também aprendem a língua de sinais brasileira, o relacionamento se torna muito melhor, porque antes a interação dialógica ficava restringida apenas a pequenos contatos comunicativos, fazendo com que a família

dependa sempre do professor para passar uma orientação ao filho. O segundo momento é quando o surdo não é sinalizante da língua de sinais, a comunicação é restrita, sendo que lhe falta uma língua para expressar seus pensamentos mais abstratos.

Logo se iniciava a cena sobre o deficiente auditivo e o surdo (aquele que tem uma identidade e cultura surda): o deficiente auditivo que não tem contato com o surdo sinalizante tem dificuldade de se comunicar com surdos, pois o mesmo não conhece a língua de sinais e o surdo, muitas vezes não faz uso da língua portuguesa oral — um não sabe a necessidade do outro. O outro momento um estudo sobre o surdo e o surdo-parcial: o surdo sinalizante e os surdos parciais sinalizantes têm uma comunicação com alguns conflitos, devido à diferença de formação comunicativa.

Caminhadas cheias de revelação que mostra as diferenças surdas, e também está presente o surdo-parcial e o ouvinte: o surdo parcial tem maiores dificuldades na compreensão que na fala, se faz uso da língua portuguesa oral. Por sua vez, os ouvintes não conseguem entender como uma pessoa pode falar e não ter a compreensão equivalente do que consegue expressar. Muitas dúvidas apareciam, pois a sociedade só conhecia o surdo — mudo e o ouvinte (dito normal).

A última cena prometia finalizar as confusões surdas e entraram em cena o surdo parcial *versus* surdo parcial: o relacionamento de surdo-parcial com surdo-parcial surpreende muito os profissionais, sendo que estes, muitas vezes, têm mais dificuldades de comunicação do que relacionamento, por usarem a língua de sinais com a estrutura da língua portuguesa. Assim, fecham a cortina sobre Surdos Falantes e Sinalizantes: Zona de Conforto e Confronto em uma sociedade despreparada para aceitar entender a comunidade surda e suas diferenças linguísticas.

Sempre depois de meses em militância em terras distantes e o que valorosamente valia era estar com meus pares, mostrar que a luta sempre será para as crianças surdas do futuro.

Cada retorno no ônibus, no avião ou no barco colocava as letras nos papéis e essas se tornavam uma crônica, uma poesia, uma narrativa ou tudo misturado. Sem preocupação como o certo ou errado da escrita surda que o português é sua **segunda língua**. Iniciando em cada lugar de espera durante as viagens anotar as leituras feitas ou até mesmo leitura de uma imagem ou de uma cena que ocorria livremente. Assim tomava notas e ia escrevendo sobre cada momento, até mesmo imaginário.

Andei em muitas páginas em busca de algo que pudesse expressar emoções de meus sentimentos nas páginas de diferentes livros. E em nenhum encontrei... Buscava nessas páginas a descrição do sabor dos lábios imaginados. Passava horas mirando a natureza, via o badalar das folhas e logo sorria ao imaginar na destreza das mãos deslizando sobre o vestido. O ninar do queixo cruzando os ombros, enquanto tentava um encontro de dois seres. Nenhuma linha que li dessas inúmeras páginas contava a velocidade de seu sangue, nem como ele estava correndo em suas veias. Um segredo permanecia, mas a imaginação prosseguia...

Assim, a menina moça mulher crescia de todos os formatos e imaginação, queria ela ser artista das letras nas mãos e aos sinais à baila. Tudo acontecia e cada dia que anoitecia um encontro com diário de leitura umas letras acrescentar. As buscas nas páginas das revistas de rádio novela ilustradas, assim, ela corria. Na página certa, escrevia para que todos pudessem entender que tudo e nada entendia, mas sentia.

Novas páginas escrevia, sem torturas noturnas e muito menos amorosas, de histórias que lia entre livros espalhados e, em uma dessas leituras, minha imaginação corria enquanto lia mais um capítulo. O prazer de escrever renascia dia a dia. Criar sentimentos e cenas com relatos de paixão se tornava rotineiro. Mesmo assim, criava novas linhas ditadas.

Cada dia que passava algo em mim crescia e assim descobri que a distância não permitiu sentir. Vivia de novos livros e assim novas

histórias que substituí o cenário. Nessas páginas, encontrei mágicos dizeres, porém nem mesmo assim havia como comparar a volúpia de nossos momentos que entre energias surgiram. Não encontrei nada que dissesse a cor de seus pensamentos e muito menos a referência dos meus. Todos romances partiam quando chegavam ao fim. Mas, as cartas eram mágicas com espera sem fim.

Vem do lado, o amor, aquele que você não consegue dormir e tudo faz para seus olhos arderem e o seu coração se quebrar. Ainda na rota você encontra novos pares aquele da poesia ou ainda das longas cartas, é nesse momento que você faz a caixinha secreta se limpar.

Nesta busca rotineira, o teu mundo a imaginar passa a letra pra poesia, essa poesia estradar. Novo campo se abre, situação ímpar em dizer, olha um, olha o outro, competição de ser mulher guerreira na lida. Enfrentar a profissão e viver de receber não, de que surdo não serve, pois dele não se espera profissão. Foi aí que comecei nova carta, militante virei, mas, uma coisa que não deixei mesmo que tantas coisas se passaram, as poesias é que vingaram, jeito de se falar ficavam impregnadas nos papéis e a imaginação sempre de meu ser fuga e ia ao encontro onde você vai estaria.

Um dia tudo é preciso, viver em sintonia. O meu encontro acontecia na espiritualidade maior, ela vem chegando de mansinha e você a escolher o seu novo caminho. Ter filhos pode ser opção ou simplesmente acontecer, mesmo que você acha adoção, vem dum filho sem a noção. No meio da lida e do Pantanal, soube ao segurra o rabo de uma sucurizinha para que o turista camarada de eventos conhecesse. Foi aí que aconteceu, fiquei grávida dessa vez, segurando o rabo da sucuri, sai de lá com quatro meses.

Anuncio que já sou mãe e o susto vem e enquanto alguns amigos surdos da comunidade surda vibra, os amigos não surdos e alguns familiares te acolhem e te aconselham, entregue a sua filha para seus parentes ouvintes para que possas crescer sem prejuízo. Como você será mãe surda?

Mesmo no meio de tanta certeza, capacidade, mulher guerreira, que tem sempre costureira. Cata filha, embaixo de tudo, leva pro teto desconhecido. Não importa como, assim transformo minha primeira língua de sinais em língua de nós duas. Muitos perguntaram como era ter mãe surda para ela? Como ela me dizia a todos me incluía, dizendo que nunca teve mãe ouvinte por isso não saberia responder como seria ter uma mãe ouvinte.

De mãe e logo me transformo em uma mulher avó. Você olha tantas coisas do meu caminho ainda voltam. Ser indígena é muito maio. E assim você vai ser a mulher cientista que tanto sonhou. Duas netas chegam para completar a sinfonia, tão cedo percebi que elas já sabiam diferenciar que têm uma avó surda e outra avó ouvinte. Sabe que uma não requer atenção visual e a outra requer.

Brutalidades, direitos surdos demoravam a ser conquistados e assim, as exigências não estavam em casa e muito menos em suas terras, sempre necessário voar pelas rodas e chegar às cidades grandes, muitas coisas se entendia lá fora e aqui muitas vezes eu ficava sem dar confiança a tudo isso. Tantos políticos a enfrentar e, em época propícia, te recebi e ainda nós tínhamos que saber o que valia tudo isso. Somente o futuro existia, hoje não, amanhã... outro dia... hoje não... amanhã...

Uma carta é tão confusa que ainda alguém e te reclusa. É nesse momento que você detém a tua luta, a tua escrita e o teu sonho de ser cientista. Eu gritava em sinais: gente, a guerreira está dentro de mim e agora eu sei fazer, eu sei que tudo vem das minhas cartas que costureira não escrevi. Oportunidade, agora eu tenho de fazer poesia de mulher guerreira, de mulher daquela que não tem medo de nada como posso ser vista, não vivo agora o seu ideal de ser guerreira, amar abraços, abraçar noite e amanhece escrevendo e lendo fora do casulo de querer ser uma magia mulher.

Gritos das letras de novo vinham e diziam que há um novo conto de uma Morena Mulher. Demorei entender o que estava acontecendo, e as letras fluíam no ar das ondas do mar. Todas as nuances se

movimentavam, com certeza se via, sem referir a cor de pele. Seu jeito rústico de ser. Entregue toda ao mundo culto e inculto. Desejos inefáveis espalhados em conquistas fúteis e ilusórias que há satisfação e cada toque leva a loucura imaginária. Novos momentos iam se apresentando de um filme em velocidade lenta, que dava para respirar e logo dizer: ah! Lembrando que as mãos estavam nos seus joelhos entre o meu vestido na chama da minha atenção. Buscar você em cada momento, por mais que tento te deixar de lado, só sinto que você me coloca em momento de aflorar minha emoção. Reencontrar-me... reencontrar-te... Ainda de olhos fechados... Lembrando de ter passado minhas mãos levemente em seu ombro e uma energia corria em meu corpo. Há algo errado, quem será?

O que estão tentando escrever nas nuvens do céu por cima das árvores? Melhor continuar lendo a carta que há algo a narrar... na próxima página aflorava em letras mil que fazendo aguçar o desejo de colocar o meu corpo ao seu e sentir o pulsar do seu sangue indicando a velocidade de sua emoção. Quem era?

Tudo ficou a imaginar!

Foi preciso viajar, o trabalho nas terras pantaneiras atender, como dizia a missão da língua de sinais chegarem por todo chão. Passava o dia nas escolas e a noite em um quarto do hotel, entre um relatório e outro sobrava tempo para o refúgio poético aprendido pela vida diária local. Assim, como gosto muito de escrever sobre as pessoas da região, trouxe as anotações e vou compartilhar um pouquinho com você que lê esta minha carta. Mulheres Pantaneiras acordam três/quatro horas da manhã para fazer comida para peãozada. O costume local, parecia que todos os dias precisa ter arroz carreteiro e mandioca no café da manhã. Quando tem um a fazer como o requeijão e mussarela de bufala, deste vem o dinheiro vai para seu perfume e seus acessórios femininos. A maioria nasceu e se criou em fazendas, seus esposos conhecem desde pequenos. Unidas e mãezonas como todas mãezonas, ensinam que: *quem quer estar bem casada acompanhe e seja eterna companheira de seu esposo. Não olhe para outro*

peão, pois esse, não te deve conversa... Mesmo que ele esteja comentando que a onça está atacando, os animais mais próximos da sede ou no meio do Pantanal. E, assim, fui conhecendo mais um pouco dessas grandes e mágicas mulheres que cuidam de nosso Pantanal.

Assim, desejo terminar esta carta com este conto escrito em umas de minhas últimas jornadas pelas letras da literatura licenciosa.

Não há limite entre o desejo, o querer e o prazer!

Shirley Vilhalva

Ao sair de casa para um passeio na manhã de domingo, resolvi passar momentos contemplando o verde exótico da natureza. Fui caminhando lentamente, procurando a melhor visão, como se estivesse procurando uma janela para mirar a nuance que presenciava... ao encontrar um lugar que parecia ser perfeito para meus momentos. Sentada, por muito tempo, não percebi a chegada das pessoas que começavam a espalhar em minha volta, parecendo que todos tinham saído com o mesmo objetivo: contemplar a bela natureza... Uma linda mulher com a aparência serena deu um sorriso e começou a conversar comigo, fui percebendo que seus assuntos eram agradáveis, foi me contando sobre o que levou estar ali e aprofundando o assunto sobre a descoberta interior e exterior das mulheres... Enquanto ela foi expondo pequenos fatos passados, fui imaginando... O seu relato de como tinha saído de casa naquele dia me chamou atenção...

Ela em sua disposição de realizar um passeio sem rumo, colocou um vestido simples branco transparente com forro que pouco escondia as curvas de seu corpo bronzeado. O dia estava maravilhoso, disse ela, mesmo com esse calor sufocante. Sai de casa, entrei no carro desajeitadamente e ao mesmo tempo contemplando o jardim, a beleza estava presente, seu sorriso contagiante mostrava que ali estava uma mulher em busca de algo para se realizar. Dentro do carro, continuou... Ajeitei-me, arrumei meu vestido que foi subindo um pouco acima do joelho, passando alguns momentos, concentrada na direção ela não percebeu que o tecido fino deixou as coxas salientes de fora. Uma caminhonete ao lado, quase colada em seu carro, me trouxe de volta à realidade, levei a mão rapidamente para puxar o vestido e, nesse momento, penso em uma pessoa que conheci com quem uma das fantasias passei, meu corpo gela só de pensar e continua... quase sem folêgo, percebendo que ainda estava com as partes das coxas para fora e aparecendo o biquinho da calcinha, uma energia foi invadindo ao sentir que tinha alguém olhando e deixou como estava e não mais puxando o vestido para baixo.

Esses momentos no desespero quase sem ar... ela meneia a cabeça e diz, é um jogo, dos anseios femininos escondidos, mas algo foi turvando a imaginação e aguçando-os cada vez mais. Levemente ela jogou suas mãos para o ar e disse: fui diminuindo a velocidade e as imagens foram percorrendo em minha mente e ela continuava... pela minha cabeça nada passou, parei o carro, estava entardecendo, um sol vermelho se pondo, ela dizia que nada mais via a não ser o desejo de me acariciar naquele momento... e se desejando ser contemplada por ele.

Uma entrega imaginária, mas viajando em minhas discretas carícias sobre minhas pernas e passei por cima de minha calcinha, estava toda molhada... abaixei a poltrona do carro, respirei fundo, estava escurecendo, algo que desconhecia estava acontecendo, era desconhecido por eu e meu corpo ela dizia rápido demais e assim tentando voltar ao assunto disse: fechei meus olhos e continuei na magia da

imaginação se estivesse com ele nesse momento, deixaria meu corpo livre em seu poder. Suas mãos percorrendo em meu corpo, seus dedos deslizaria em meu segredo, ele sentiria meu mel, umedeceria seu dedo e colocaria em sua boca e nosso corpos se encontrariam desajeitadamente em transe... tudo acontecendo, toques, sol, vento de carícias, beijos, leves mordidas, encostos delicados de seus lábios nos meus, minhas mãos procuraria entrar dentro de sua camisa, passaria por cima de seu membros, abriria seu zíper, eu abaixaria e beijaria sua viga tesa, lamperia e sugaria lentamente até que umas gotas desapontasse... seus olhos brilhavam e eu cada vez mais curiosa, dei um sorriso... com a respiração ofegante, ela parecia não saber de minha existência... e continuou quero fazer mais do que isso, quero ver o corpo dele tremer junto ao meu, sua expressão mudar... o prazer presenciar... em pleno dia...em uma famosa avenida... essa cena passar como loucura de amor, sem explicações, onde muitas vezes perde a razão dos segundos dentro da imagem e assim, não há limite entre o desejo, o querer e o prazer.

Há momento para tudo.

Tudo não passa da magia da imaginação de uma escritora surda.

Mulher: despert-a-dor

Thaís Gusmão Lima

Erika Maria Sampaio Rocha

Jeanine Pacheco Moreira Barbosa

Maria Angélica Carvalho Andrade

CARTA À MULHER QUE DORME EM MIM

Escrevo esta carta para que amanhã, ao lê-la, eu desperte.

Acordei mais uma vez de madrugada. A insônia me consome quase toda noite. Na minha mente, desfilam os problemas diários. Filhos no colégio, marido no trabalho. Estou exausta. Olho para o relógio. Os ponteiros parecem se arrastar. Ouço dentro de mim um apelo, quase uma urgência, uma voz que quer saltar da garganta. Olho para o lado e o marido dorme profundamente. Levanto-me silenciosa. Pego uma agenda e uma caneta e as palavras me alcançam tão rápido, mal tenho tempo de escrever.

Despertador.
5h40, hora de levantar.
O marido acorda às 6, preciso me aprontar.
Preparo o café,
Tomo banho, escovo os dentes, visto uma roupa apresentável.
Os cabelos! Não posso me esquecer dos cabelos arrumar!
Despertador.
6h10, ele não tem pressa.
Pego suas roupas, pois não pode se atrasar.
Passo a camisa, penduro no cabideiro;
Pego as meias sujas dos sapatos e coloco limpas.
Despertador.
6h25, ele levanta
“Bom dia, meu amor”, me lembro de sorrir enquanto digo.
Ele não responde, está cansado do trabalho
Sei que me ouviu e é o que importa.
Ele toma banho, se veste com as roupas que separei
Se senta na mesa e pede um café.
Deixo de lado a louça que estava lavando e corro para servi-lo
Com um sorriso no rosto, coloco o café na sua xícara
Mas ele nem me olha, está muito concentrado lendo as notícias.
Despertador.
7 horas, hora de acordar as crianças,
Elas têm aula às 8.
Deixo o café de lado e me apresso ao quarto delas.
A mais nova se levanta apressada e entra no banho,
O mais velho enrola como o pai.
Depois de muita insistência e vários “só mais 5 minutos”
Os dois se arrumam “sozinhos”.
Seus uniformes e materiais já deixei separados no dia anterior.
Preparo o pão do café da manhã e um suco de caju.
Não posso me esquecer do lanche da escola!
Os dois se sentam ao lado do pai e eu os sirvo.

Enquanto comem, volto à louça que estava lavando.
Despertador.
7h40, hora de ir trabalhar e deixar as crianças na escola.
O pai pega o carro e leva as crianças,
Eu pego a bicicleta, porque trabalho pro outro lado da cidade
E ele nunca tem tempo de me levar.
Pelo menos ele leva as crianças!
Sorte a minha ter um marido que cuida dos filhos, eu me digo
enquanto pedalo.
Despertador.
17h30, hora de ir pra casa.
Finalmente, estou exausta.
Chego em casa 20 minutos antes dele, mas as crianças
já estão em casa.
Vejo sapatos pelo chão, os uniformes em cima da cama e
começo a recolher.
O jantar. Não posso me esquecer do jantar.
Abro a geladeira e do que eu preparei para o almoço
no dia anterior,
Nada restou.
Mas a louça que comecei a lavar de manhã se multiplicou.
Lavo a louça o mais rápido possível enquanto o arroz está no fogo,
Preparo um feijão dobrado, pra sobrar pro dia seguinte e frito
um frango descongelado.
Ele já chegou, mas foi tomar banho.
Coitado, trabalha tanto, chega exausto em casa.
Preparo a mesa, sirvo o jantar e como junto com eles.
Ele elogia a comida, coloca seu prato na pia e se dirige pro quarto.
Lavo os pratos, coloco as crianças pra dormir e tomo meu banho.
Não posso deixar de me perfumar e por uma lingerie bonita!
Deito na cama e estou com muito sono, mas ele quer atenção.
Dou atenção para o meu marido, não posso arriscar ele me largar!
Ou pior, procurar em outro lugar!

Ele me abraça e dormimos juntos.
Tenho muita sorte de ter um marido que me ama, que
trabalha tanto,
E de noite ainda tem tempo para demonstrar.
Fecho os olhos e no silêncio do quarto,
Em meio ao som de nossas respirações e o barulho do ventilador,
Se prestar muita atenção, eu quase consigo ouvir...
O despertador.

Despert-a-dor...

Desperta a dor!

Os pensamentos não param. Olho pela janela, o dia já clareia.
O sol só vem depois, pois já estou acordada há tempo. Acordada????

Que grande mistério sou eu para mim mesma (LISPECTOR, 1981).

A variedade de tarefas que me competem me lembra que “as artes mágicas que as mulheres praticaram durante gerações foram ampliadas até o ponto de se converterem em uma conspiração demoníaca” (FEDERICI, 2017, p. 314). O rosto queima, quantas são as fogueiras que me consomem? Sinto-me perseguida, como as feiticeiras, curandeiras, encantadoras ou adivinhas no período da caça às bruxas (FEDERICI, 2017).

O relógio marca o tempo secular da história, como as horas do meu dia. Há fogueiras explícitas como o calor e a incandescência do fogo, que tudo consome e transforma em pó. Há fogueiras disfarçadas nas leis, nas políticas que cortam a minha carne feminina feito navalha. Mas há outras ainda mais sutis, ardis, que me inebriam e me confundem com disfarces de amor...

Cumpro o que para mim foi reservado, a sina de ser mulher (LISPECTOR, 1977).

Desde o meu nascimento fui ensinada, treinada para desempenhar um papel ao mesmo tempo em que fui convencida de que ter

filhos e um marido era a melhor coisa que poderia esperar da vida. Contudo, certo dia, você acorda diante de uma pia cheia de louça e percebe que foi enganada. Não nos casamos por amor, mas por segurança ou dinheiro, pois fomos convencidas de que somos incompletas ou anormais, se escolhemos outro caminho. Olhando o passado com os olhos do presente, penso que deveria ter desconfiado quando uma tia mais velha me disse que eu deveria aproveitar minha solteirice enquanto podia. O fato é que, se falta amor no casamento, sobra trabalho. Um trabalho sem fim, não remunerado e invisibilizado (FEDERICI, 2019).

A caneta insiste...

Acorda, se enxerga,

externa a fortaleza que és e toma as rédeas do teu tempo-espaço!

Rompe com as armadilhas do capital

que tenta te convencer de que a tua rotina doméstica não é um trabalho,

e sim um ato de amor, uma vocação, “uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude” (FEDERICI, 2019, p. 43).

Acorda, todo trabalho tem um cunho de exploração no capitalismo,

Mas, quando se recebe um salário, há, ao menos, uma ilusão de justiça.

Mas trabalhar sem remuneração...

Sem nem o reconhecimento de que as intermináveis tarefas do cuidado

constituem um trabalho e a mais lucrativa atividade de sustentação do capitalismo. Quebre as amarras da exploração e da invisibilidade do seu trabalho!

Acorda!

Não existe nada natural em ser dona de casa.

Não importa o quanto sejamos bem treinadas

“para ser dócil, subserviente, dependente

e, o mais importante,
para se sacrificar e até mesmo sentir prazer com isso” (FEDE-
RICI, 2019, p. 44),
assuma que o cuidado doméstico é trabalho.
Perceba o seu esforço para estar sempre disponível
a prestar uma combinação de serviços físicos, emocio-
nais e sexuais,
além de ser capaz de cuidar dispensando
qualquer forma de reconhecimento enquanto trabalhadora.
Acorda!
Sai desse papel de dona de casa, com esse trabalho tão pesado
e, ao mesmo tempo, tão invisível.
Pare de se colocar no papel “sublime”
de quem conforta sem precisar de conforto,
de quem naturalmente nasceu com esta vocação de se doar
gratuita e indefinidamente, sem limites e sem remuneração.

Acorda e luta pelo teu espaço e visibilidade!
Sempre estive só, responsável e contando comigo mesma,
mas não sabia!
Ensinada a me ver atrelada a ti e, assim, desconhecia a
minha liberdade.
Ela tem o gosto parecido com o da solidão (LISPECTOR, 1988)
Luta pela sua liberdade! Não, liberdade é pouco. Penso que o que
eu desejo ainda não tem nome (LISPECTOR, 2017).

Saia da sombra amarga de um homem,
você não precisa estar na penumbra, você é luz!
Seja visível, como deve ser visível o teu trabalho!
Cuida do teu sexo, valoriza os teus desejos e não abra mão deles.
A sexualidade e o amor se confundem propositalmente pelo capital.
Mais um engodo!
Mais uma forma de trabalho que,

maquiado como amor e afeto, te engana e submete.
Ama teu corpo, tal como tu o queres!
Escapa de padrões colocados no espelho
Tua imagem é única, singular.
Libertar-te das amarras que te obrigam a dizer sempre sim
e esquecer de ti
Liberta-te do ódio ao seu próprio corpo.
Aprenda que ele não é um produto a ser vendido,
exposto em uma vitrine
Liberta-se de ter que gastar horas na reprodução da sua própria
força de trabalho, da tirania dessas tarefas de se embelezar
para o outro. Seu corpo não é um passaporte para um
emprego bom ou ruim
ou alguma companhia para enfrentar a solidão que nos
espera na velhice.
Assuma o corpo como seu!
Supere o medo de que ele se volte contra você!
Não tenha medo porque seu corpo pode mudar, pode engor-
dar, criar rugas
Afasto o pavor de que isso vai deixar você menos desejada,
abraçada, tocada.
Permita-se envelhecer, tudo muda!
Seja sábia, velha quando ainda jovem e jovem mesmo quando
velha (ÉSTES, 2007)
Não espere que o teu prazer venha do outro e no tempo do outro.
Chega da servidão sexual que nos degrada a todas.
Rompe com a servidão do mundo masculino.
e lembre-se que você não está só
toma as mãos dessas mulheres sábias
junte-se a essa ciranda
fortaleça essas relações coletivas com outras mulheres
juntas, evocamos a força dessa irmandade, fonte de
poder e proteção

reinventamos a sororidade que permita, a nós mulheres, enfrentar os inúmeros desafios, violências e omissões a que estamos expostas.

Confie em você, confie em nós

Confiar, com-fiar, fiemos juntas!

Encontre-se nesta luta de todas as mulheres.

Encontre-se com esses afetos de dor, alegria, tristeza, raiva, amor...

Mulher, despert-a-dor!

REFERÊNCIAS

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 125p.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 388p.

FEDERICI, Silvia. **O calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017. 464p.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Coleção Mulheres na Literatura. Rio de Janeiro: Editora Folha, 2017.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1988.

LISPECTOR, Clarice. *In*: BORELLI, Olga. **Esboço para um possível retrato**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1977. 87p.

Maternidades possíveis – uma escrita entre vozes

*Ivana Carneiro Botelho
Sabrina Ribeiro Cordeiro*

INTRODUÇÃO

Uma vida. Uma escrita em vozes. Sabrina e Ivana vieram a se encontrar e identificar pela via da maternidade, buscando transpor intensidades vividas para o registro da escrita, dar passagem aos afetos e aos efeitos de trocas audíveis com a visada de desnaturalizar a maternidade, bem como a psicóloga, a negra, a mulher. Maternidade não natural e não instintiva, nascendo entre vozes singulares e históricas, sustentada na polifonia de uma rede de trocas afetivas. Seguem algumas dessas trocas, que, embora retratem um curto período de tempo, trazem consigo toda a força dos encontros generosos e possíveis entre essas duas mulheres.

Vila Velha, 8 e 10 de março de 2021.

Sabrina, a quem aprendi chamar de amiga.

Escrevo-lhe no início da semana depois de uma noite de domingo chuvosa, com raios e trovões que iluminavam o céu e clareavam o quarto, onde colocava o pequeno para dormir. Suas mãozinhas agarravam meu pescoço a cada vez que ouvia o estrondo do som da natureza. Deitada ao seu lado, minha mão cobria suas costinhas. O pai veio, também deitou ao lado. Formamos essa cama-chão sobre a qual descansávamos. A força sonora e reluzente da noite chuvosa acionava uma história humana ancestral: medo, coragem, afago, proteção. Pensando na escrita desta carta a você, a imagem luminosa do clarão dos raios trouxe-me a experiência da maternidade, feita pelos acontecimentos e encontros desta vida. Longe de idealizações e de qualquer preparação anterior (leituras, cursos...), ela é feita de sustos, lampejos, barulhos e de querer compartilhar para formar essa cama-terreno onde se sente acolhida, afagada, protegida.

Hoje, no trabalho, escutei um som de saxofone que vinha do corredor e que me tirou da sala. Guiada pelas notas musicais em homenagem ao Dia Internacional da Mulher, vou andando e ouvindo a bossa-nova, “Wave”, de Tom Jobim (1967): *“Fundamental é mesmo o amor, é impossível ser feliz sozinho”*. Ouvir o instrumento de sopro acionou a experiência de tomar fôlego a cada dia ou a cada hora. Sim! A experiência da maternidade também me ensinou que a vida recomeça a cada hora, marcada pelos intervalos das mamadas e dos despertares noturnos do bebê. O ânimo e a coragem de continuar (o sopro, o fôlego) e, assim, desfrutar a felicidade também contida nessa experiência só foi possível partilhando. “[...] *é impossível ser feliz sozinho*” (JOBIM, 1967). Relembrar as lutas e os sonhos das mulheres por melhores condições de trabalho, de vida e de cidadania é exercício para o “8 de Março” e para o cotidiano de trocas afetivas entre mulheres que se apoiam construindo um mundo possível e respirável de viver. Atmosfera propícia, minha amiga, de lembrarmos as

nossas partilhas: de maternidade, de trabalho, das relações familiares, de gênero, de negritude, de pandemia. Esta que nos atravessou inesperadamente e que fomos aprendendo a atravessar, com as perdas, com o confinamento em casa, com a tensão por medo do contágio pelo vírus.

As nossas trocas de áudios por aplicativo de mensagens, apesar da distância imposta como medida de proteção, provocaram a nossa aproximação e teceram uma relação de amizade. Para além de dicas e conselhos de mães, escutar a sua voz (e me escutar ao te gravar áudio) encorajava a arriscar um jeito singular de ser mãe. Isso porque não tínhamos fome de verdade, de saber o modo certo de fazer. O apetite era pelo apoio mútuo, pela partilha da palavra (escutada). As vozes vibravam acolhimento e generosidade.

Lembrando aqui de alguns áudios, senti cheiro de lavanda. Junto com a partilha de informações sobre óleos essenciais para o banho do bebê, vinha o aroma que acalmava a alma. *“Amiga, talvez você esteja passando pelo momento mais difícil...”*. Foi assim que você começou um áudio que eu escutei num domingo de manhã, de novembro de 2019, depois de uma noite intensa em que custara a colocar o pequeno para dormir. Ele chorava de dores coléricas, que pareciam aliviar sugando o meu peito e no balanço do meu colo. Além disso, de muitos despertares madrugada afora. O corpo parecia não ser mais meu; não pertencer a mim. Não sentia minhas pernas, de tanta dor. Idem para coluna e braços. Em dias como esse, o banho da manhã sentia como um abraço a água que caía do chuveiro. Assim, também senti esse áudio, desde a primeira frase.

A intensidade da experiência da maternidade para nós era das muitas transformações em um curto espaço de tempo. E ainda é! Quantas mudanças nesse período de nossas trocas de áudios. Nossos pequenos que nasceram próximos — agosto e outubro de 2019 — continuaram nascendo a cada acontecimento: o olhar curioso e cheio de brilho; a movimentação: engatinhar, sentar e andar; a experimentação das comidas e das palavras. Nascemos junto com eles. De uma

mãe recém-nascida a uma mãe de 1 ano e meio fez-se uma passagem com paradas; tempos acelerados; outros mais devagar; retorno ao trabalho; desejos como mulher. Nascemos junto com outras mães (amigas, irmãs, mães, avós) — num processo de singularização e de partilha de um comum que nos sustenta, ajuda a respirar, acolhe e também nos tira de “lugares-comuns”, ou seja, impulsiona a arriscar inventar uma maternidade, uma mulher.

Quanto a nós, Sabrina, vou tomar essa experiência de trocas de áudios como representando a maternidade nascendo entre vozes. Posso beber dessa experiência tantas outras mensagens. Mas, por ora, fico com esta: o exercício da função materna se sustenta nessa polifonia da rede de trocas afetivas.

Aguardo ansiosamente a “*carta-feira*” — palavra que invadiu o meu dizer, quando combinávamos que iríamos nos corresponder toda “quarta-feira”. E finalizo essa quarta e esta carta gestando o que quero continuar dizendo na próxima.

Um forte abraço, minha amiga.

Ivana.

Vitória, 14 de março de 2021.

Querida Ivana, minha amiga

Quantos encontros cabem nas nossas múltiplas e intensas trocas de áudio... quanta vida passou entre as frestas das madrugadas insones amamentando e acalentando bebês ainda deslocados nesse mundo externo... quantos abraços senti me abraçarem a cada notificação de nova mensagem sua, no calor de momentos difíceis e sentidos como intermináveis...

Arrisco dizer que nesse processo de fazimento de maternidades possíveis entre nós (nós pronome, nós substantivo) fui experimentando um outramento contigo, colocando-me aí, voltando para o lado de cá, experimentando-me fora, lançando-me de volta para dentro — da minha casa, do quarto de Raul, da imersão nas águas

revoltas e frias do puerpério... Naqueles primeiros meses de mãe recém-nascida, vinha-me o tempo todo uma imagem e uma sensação, de estar debaixo d' água, em apneia, com cabelos soltos ondulantes na água parada, olho vivo no escuro profundo. Silêncio absoluto. Medo, ansiedade, por vezes, letargia, mas algo mais. Algo que me remetia ao meu útero ora preenchido, recém-esvaziado, convidando-me a me deixar gestar outra, deixar-me flutuar. E confiar...

Sabe, Ivana, olhando para trás, sinto que vivi muitas vidas nesse 1 ano e 7 meses, desde que Raul veio nos conhecer do lado de fora da barriga. E em todas elas, amiga, você e outras mulheres, como espaço comum de intenso acolhimento e partilha, como garantia de colo e de escuta sem julgamentos. Agora, atravessando uma das fases mais difíceis e cheias de percalços de todo esse período, vejo-me novamente recorrendo a você, imersa em dúvidas a respeito da minha capacidade de lidar com todos os compromissos, com meus processos psíquicos, com a necessidade de terceirizar os cuidados com o filho, com a sensação sempre presente de ter de optar entre uma maternidade desejada e todo o resto que compõe meus sonhos e desejos...

2021. Mudança de endereço, 10 dias de criança doente, obra no apartamento de baixo, dois empregos, cuidadora do Raul afastada por motivo de saúde, ponto alto de mais uma nova fase da pandemia, exposição involuntária ao risco de contágio, criança que pede por interação social em meio a um isolamento forçado de mais de um ano. Crises de ansiedade intercaladas com alguns dias de profunda introspecção e afastamento, outros de muita clareza e objetividade sobre os próximos passos. Cercada por sentimentos que me fazem duvidar do caminho que tenho trilhado, sou grata por ter sua voz comigo, para me lembrar que não cabe culpa entre nós, que a caminhada é coletiva e que nada como um dia após o outro para apaziguar a alma e o coração. Entre querereres distintos, de dimensões diversas — estabilidade financeira, uma vida de aventuras com o guri, alegria e satisfação no trabalho, maior proximidade da família e das amigas-irmãs que a vida deu — sinto-me ora cheia, ora vazia, como as

marés. E sigo esperando tuas palavras, para juntas seguirmos construindo nossas múltiplas maternidades possíveis.

Sabrina.

Vitória, 17 de março de 2021.

Lockdown. Duas mortes muito perto de mim — perto demais para que eu consiga me tranquilizar, colocando meu pensamento num momento futuro, pós-pandêmico. Eu e meu companheiro, ambos trabalhadores de serviços essenciais em dois dos municípios de maior risco do estado. Viagens intermunicipais toda semana, com o guri embaixo do braço e um estoque de álcool e novas máscaras PFF2 para afastar o medo da nova variante brasileira do Coronavírus.

Ontem, levei Raul à praia. Ficamos sentados à sombra de um coqueiro, mexendo na areia, comunicando-nos entre nós e com o mar... o barulho do reino de Iemanjá nos acalma e transporta para um lugar fora daqui. Remete-nos a um tempo antigo, a outras formas de sociabilidade, a práticas ancestrais de escuta e cuidado. Uma hora e vinte minutos e fomos embora energizados. Um bebê tranquilo chega em casa, toma banho, mama e dorme por três horas seguidas, em uma paz da qual já não sou capaz, gasta e cansada que me sinto aos 38 neste cenário de provas incessantes. Como seria meu filho sem o Covid em nossas vidas? A maior parte de sua curta vida foi em meio ao isolamento social, privado das brincadeiras com outras crianças, preso em um apartamento pequeno e quente. Como daremos conta de ser amanhã?

Sabrina.

Vila Velha, 25 de março de 2021

Amiga Sabrina,

Fiquei no balanço das águas que suas cartas me trouxeram. Obrigada. A fluidez desse elemento da natureza é também marca

das nossas trocas. Sem pressa, sem cobranças, portanto, sem culpa — sobre a qual você já me disse por áudio que é “herança do patriarcado”, referindo-se especificamente à culpa materna. Fluindo, adequando-se ao tempo e espaço presentes, abrindo veredas, irrompendo nascentes, transformando meios áridos em vida. Lembrei-me dos áudios que escorriam lágrimas. O som de choro, a voz que embarga, traz a imagem dos olhos marejados, ora por tristezas, ora por explosão de alegrias. Os áudios sobre os partos foram cheios dessas intensidades. Ahh, o parto! Sinto que pouco falei sobre ele ainda. Mas parece que nenhuma fala será suficiente para contornar experiência tão intensa. Um marco, um acontecimento, uma passagem das águas mornas do útero (calorzinho acolhedor) para as “águas revoltas e frias do puerpério”, como você escreveu. Água, substantivo feminino. Feminino, lugar de transformações. Águas — mansas, bravas, límpidas, turvas. Parece caber bem para representar uma mulher, uma mãe, uma profissional, uma filha, uma amiga, uma irmã. São muitas em uma.

Retomar, hoje, a escrita desta carta a você, no nosso exercício de re-tomar nossas trocas afetivas, por meio das maternidades possíveis, situa-me que se passou quase um mês desde a primeira carta. “São as águas de março fechando o verão”, canta-nos Elis & Tom. As chuvas do começo de março entraram na primeira carta e as águas que vão fechando o mês estão bem turbulentas e perigosas. Novamente, entramos em quarentena, com medidas mais restritivas por conta da pandemia. Fase vermelha, aumento do número de mortes por Covid. O medo, a tristeza, a tensão continuam compondo nosso dia a dia. A dúvida e a falta de otimismo em relação a quanto tempo isso tudo vai durar me trazem uma mistura de “querer se adaptar” com um desassossego, uma inquietude. A sua pergunta que fecha a última carta, “Como daremos conta de ser amanhã?”, me fez lembrar as palavras de Ailton Krenak (2020), no seu escrito *O Amanhã não está à venda*. A sabedoria dos povos indígenas nos socorre neste momento. Ele traduz este momento que estamos vivendo como um pedido de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca. A mãe Terra

pede isso para a humanidade: silêncio. *“O mundo está agora numa suspensão. E não sei se vamos sair dessa experiência da mesma maneira que entramos. É como um anzol nos puxando para a consciência. Um tranco para olharmos para o que realmente importa”* (KRENAK, 2020, p. 9).

Termino esta carta querendo olhar para o que nos importa: a partilha de um comum neste exercício de maternidades possíveis, que nos impele a expandir para possibilidades de ser mulher. Exercício este que se torna possível na companhia com outras mulheres, na rede de trocas afetivas. O cuidado com o filho expande-se para o cuidado com mundo, com os outros e consigo.

Forte abraço! Sigamos!

Ivana.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Guattari. Imanência: uma vida... **Limiar**, [s. l.], v. 2, n. 4, 2º semestre 2016.

JOBIM, Tom. Wave. Los Angeles: A&M Records, 1967. (2:58min).

JOBIM, Tom. Águas de Março. Nova Iorque: Phonogram/Philips, 1973. (3:56min)

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

PINTO, Antonio Carlos Nascimento. Conto de Areia. In: NUNES, Clara. Alvorecer, 1974.

As trabalhadoras de saúde: atualizando memórias de uma luta coletiva

Stephania Mendes Demarchi
Jeanine Pacheco Moreira Barbosa
Maria Cristina Silva Medeiros Corrêa
Maria Angélica Carvalho Andrade

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

(Fernando Birri)

Queridas amigas de profissão,

Vocês estão comigo há tanto tempo e, desde que me aposentei, estive pensando muito em vocês e resolvi escrever esta carta. (Re) visitando nossas memórias com os olhos de hoje, como vocês percebem a nossa luta?

Resgatar memórias não se trata de restituir algo, mas, sim, de atualizar um mapa que está em constante movimento, fazendo-se e refazendo-se (HUR, 2013). Como nos sentimos hoje diante de tudo que vivemos? E como esses acontecimentos transformaram nossa vida?

Para mim, os momentos tristes, as perdas, ajudaram-nos a enxergar novos caminhos, que trouxeram a potência da alegria e, assim, alcançamos objetivos inimagináveis. Se tivéssemos nos detido na tristeza, jamais sairíamos do lugar (DELEUZE, 1968). Hoje, com meus 70 anos, acho importante falar desse tempo e deixar essa experiência registrada em palavras para que possamos nos libertar de certas verdades e, assim, deixar de ser o que somos, tornando-nos diferentes do que vimos sendo (LAROSSA; KOHAN, 2002).

A próxima geração de enfermeiras poderá acessar essa experiência, diante dos muitos desafios que enfrentamos naquele hospital, falta de Equipamento de Proteção Individual (EPI), jornadas extensas, falta de respeito por parte dos pacientes, estrutura física precária, ritmo de trabalho estressante, número inadequado de profissionais, falta de estrutura física, salário de fome, entre tantas outras coisas que experienciamos e lembramos muito bem!

Apesar disso, quantos afetos, encontros alegres, que aumentaram a nossa capacidade de agir (ESPINOSA, 1983), vivenciamos em nosso trabalho, não é? Lembram dos inúmeros aniversários? De quando Rebeca adotou o filhinho dela? Ou quando comemoramos finalmente a gravidez de Maria? Os pacientes inesquecíveis que ficaram anos conosco, entre vindas e altas? Enfim, nossa história de luta começa

a se intensificar mesmo no terrível ano de 2020, nele enfrentamos, como vocês devem lembrar, aquela tenebrosa pandemia. Quantos medos passamos diante de um cenário caótico! No começo, não tínhamos nenhuma informação da doença, faltavam os EPIs, vários protocolos surgiam e mudavam com muita rapidez, gerentes e controle de infecção hospitalares não chegavam a um acordo sobre quais condutas deveríamos seguir, e tantos outros desafios. Acredito que foi nesse momento de caos que nos deparamos com a forte sensação de que o mundo não estava funcionando adequadamente e que precisava ser revisto e ajustado (BAUMAN, 2017).

A partir do acontecimento da pandemia, uma nova realidade emerge, dando-nos a oportunidade de encontrar “maneiras de pensar e atuar que incluam a ‘desordem’ e a sua potência positiva” (BAREMBLITT, 2012, p. 146). Abraçamos a vida com todo seu caos e construímos linhas de fuga, movimentos de ruptura, produções-desejantes-revolucionárias (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Lembro-me de chegar nos plantões e chorarmos juntas, o medo estava estampado em nossos rostos e nos dos pacientes, até mesmo orações em grupo antes de assumir o plantão virou *nova rotina*. Lembro de Gildete que não queria ir para casa e chorava muito, mas todos nós tínhamos medo de transmitir a doença para nossos familiares, só não chorávamos como ela.

Perdemos colegas, e eu acho que foi em memória da Fátima, Helena e da Margarete que tudo começou. Vivemos o tempo presente de forma muito intensa nos corpos que padeceram. A tristeza abriu os nossos olhos e percebemos que era tempo de fazer diferente. Tempo medido pelo que sentimos, percebemos. Nosso relógio interno foi acionado diante dos afetos. Tempo que não se mede por números. É Aion vencendo Chronos. Aion é o tempo dos acontecimentos que insiste, no breve período de um instante, na superfície dos tempos densos e profundos de Chronos. É o tempo dos paradoxos, o instante onde as identidades são equivocadas. É um vir a ser, devir (DELEUZE, 2003).

Movidos pelo desejo, acreditamos em nosso potencial, na nossa força e na nossa capacidade de transformar essa realidade, que se mostrava em desequilíbrio. Isso foi fundamental para nos abriremos para o que está por vir, devir, adotando um tempo de transformação na direção da utopia (BAUMAN, 2017; ESPINOZA, 1983). Mesmo assim, acho que nem a gente imaginou que iríamos chegar tão longe, não é mesmo? Mas eu sempre tive confiança de que as coisas iriam melhorar, afinal, não é por acaso que meu nome é Esperança. Eu acredito na nossa capacidade de insistir e (r)esistir. Tínhamos as condições necessárias para o nascimento da utopia: primeiro, o sentimento de que o mundo não estava como deveria estar, mais a crença no potencial humano para transformar o mundo.

Queridas amigas, lembro de um dia no hospital, quando finalmente acabou a pandemia, em que Ana pediu para que nos reuníssemos ao final do plantão. Durante a reunião, ela nos convidou a aproveitar aquele momento para refletir criticamente sobre o papel da enfermagem. As memórias das vivências durante a pandemia nos ajudaram a olhar para nossa luta em busca de melhoria no cotidiano hospitalar. Lembro-me da sensação de cansaço ao pensar que não queria aquilo e, para falar a verdade, o rosto de vocês também dizia a mesma coisa. Mas, em meio à reunião, Ana mudou o modo como nos sentíamos ao propor três minutos de silêncio para citar os nomes das nossas queridas colegas de trabalho que perderam a vida durante nossa luta. O instante tem a potência de extrair do presente a singularidade. Aquilo nos tocou profundamente e nos fez chorar, e sinto que foi o estopim para nos fazer deixar a inércia, retomando o movimento e a velocidade (DELEUZE, 2003).

Aqui, é importante ressaltar que não sabíamos o que haveríamos de encontrar nessa nova empreitada por melhores condições de trabalho para a enfermagem, mas sabíamos das dores e feridas da nossa categoria. Em algum momento, de um tempo que não é cronológico, encarnamos essas dores e passamos a protagonizá-las. Por isso, fizemos uma aposta na possibilidade de uma vida criativa que emerge desse caos. Passamos a nos reunir na sede do sindicato, todas as terça-feiras. As

reuniões começaram com um grupo pequeno e hora tinha mais gente, ora menos gente, mas acreditávamos na potência do nosso projeto e na nossa capacidade de transformação da realidade, na força desencadeada pelo devir, fluxo de movimento e intensidade que atualiza a vida (DELEUZE; GUATTARI, 2004). Não sabíamos bem por onde começar, era tudo muito confuso. Apesar de não termos vivido uma situação semelhante anteriormente, nossa capacidade de nos afetar, mostrou a importância dos acontecimentos que marcaram nossas vidas, reconduzindo nossa trajetória. Tudo que vivemos foi usado como combustível para provocar essa revolução desejante em nossa categoria.

Vivenciamos tudo de modo muito complexo. Tratamos de afirmar uma ética, de acreditar que merecíamos aquilo que acontecia conosco, tornando-nos a quase causa daquilo que se produziu em nós. Foi como se desejássemos que aquilo acontecesse, para que tivéssemos que assumir uma atitude ética que só a vida ativa é capaz de tomar diante de tantos acontecimentos injustos. Nesse contexto, é necessário destacar que querer o acontecimento não significa aceitá-lo passivamente, mas querer alguma coisa no que acontece, encontrar o sentido (DELEUZE, 2003). Não sabíamos direito o que queríamos ou o que estávamos fazendo, mas nos comprometemos com uma utopia ativa⁵² e aquela pequena meia hora de reunião, uma vez por semana, desfrutando de um chá maravilhoso e de boas risadas, foi nos potencializando aumentando nossa capacidade de transformação, nossa capacidade de existir. Trata-se da potência dos *Bons Encontros* (ESPINOZA, 1983).

A pandemia passou a ser vista por nós como um acontecimento que se efetuiu, ganhou sentido na nossa ação. Essa é a face aiônica do acontecimento, marcada pela atualização, singularidade e diferença, pela possibilidade de transformação (DELEUZE, 2003). O grupo foi crescendo e fomos nos organizando, todos tínhamos voz ativa, nossas

52 Utopia ativa: denomina-se assim as metas e objetivos mais altos e nobres que orientam os processos produtivos-desejantes-revolucionários (BAREMBLITT, 2012).

opiniões diversas eram acolhidas e respeitadas, cada passo era comunicado aos membros e tudo era escolhido através do voto. Nada era verticalizado e a hierarquia se dava por variação de potência, constituindo-se numa verdadeira experiência autogestiva (BARENBLITT, 2012). E, assim, nossa primeira conquista foi obter colchões novos para o setor de descanso da enfermagem.

O pessoal da clínica cirúrgica viu os novos colchões e se interessou pela nossa conquista e consequentemente pelo grupo, fomos crescendo, não só em número, mas em força, união e diversidade. Lutamos pelas melhorias da estrutura física, por nossa capacitação, lutamos contra o assédio moral, contra violência que enfrentávamos e tantas outras coisas que iam surgindo nas conversas durante as reuniões. Com o tempo, já tínhamos conquistado coisas boas para nossa categoria, mas ainda faltava muito a percorrer. Afinal, boa parte de nós tínhamos familiares e colegas de profissão em outros hospitais. Nossa utopia era uma utopia ativa, capaz de transformar as relações e condições de trabalho em todos os hospitais.

E, então, o que decidimos? Ir além, abrir nosso grupo para fora do nosso hospital, não sossegaros enquanto o novo hospital que apadrinhamos, estivesse em melhores condições, direcionando os colegas sobre condutas, apoio jurídico e campanhas em redes sociais e inúmeras outras formas. Também, unimo-nos aos sindicatos, órgãos fiscalizadores e, além disso, membros da sociedade e amigos também foram bem-vindos ao nosso grupo.

Mas a luta não foi fácil. Lutar contra anos de injustiça, contra instituições, contra o capitalismo, contra o machismo e o patriarcado que explora nossa força de trabalho há séculos, afinal, a categoria da enfermagem é predominantemente feminina (entre 83 e 85%) (ENFERMAGEM, 2020). Durante essa caminhada, fomos nos transformando e percebemos que era preciso articular uma racionalidade para perceber o que não estava dando certo e precisava ser modificado. Foi preciso ter muita força e coragem para fazer as escolhas mais acertadas, deixar alguns caminhos e seguir outros (BAUMAN, 2017).

Chegou um tempo que eu percebi que seria necessário ampliar os espaços de luta. Mas como proceder? O tamanho da obra me assustou. Ficamos com medo, lembram? E por um tempo acreditamos que deveríamos esperar as coisas se acomodarem, talvez, esperar que outros assumissem a luta. Nesse momento, caiu em minhas mãos um livro, que, em princípio, não me dei conta da grandeza de seu conteúdo! Passei a ler o livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire (1987), inicialmente, de forma desinteressada, quando me deparei com uma perspectiva que mudou nosso caminho. Em uma página, o autor dizia que o verbo *esperar* é originário da palavra *esperança*, “não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero” (FREIRE, 1987, p. 52). Bem, fiquei pensando sobre aquilo, mas cheguei à conclusão de que já estávamos colocando o verbo esperar em ação.

Não por coincidência, tive acesso a outro livro do mesmo autor, cujo título é *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1992). Lembram? Esse foi lido por todas nós, e nossos olhares multiplicaram os sentidos sobre a obra. Desse diálogo de multiplicidades, descobrimos que a esperança, conforme o autor, precisava ser consciente e possuir uma ação crítica, que grandes mudanças são possíveis e que a gente tem que trabalhar para que a mudança aconteça. Também entendemos que existe a necessidade do processo permanente de libertação dos oprimidos de sua condição desumanizante. Assim como aconteceu com cada uma de nós, devíamos manter um espaço de troca e compartilhamento que descortinasse aquilo que nos mantém numa situação de subserviência e acomodação.

Então, considerando nossa histórica condição desumanizada, para produzir novos modos de ser, pensar e agir em enfermagem, nossa luta precisava ser maior que a atuação em nossos setores, nosso hospital, nosso estado, mas que incluísse todas as categorias da enfermagem. Compreendemos que todas nós merecemos uma formação educacional de qualidade, uma condição de trabalho que não nos transforme em engrenagens de uma máquina, salário digno, direito

a ter direito. Na luta para ampliar nosso grupo, apostamos em duas máximas do autor: primeiro, a emancipação do ser humano por meio do diálogo e segundo a valorização da experiência aliada à reflexão da classe trabalhadora. Demos o nome a esse projeto de “Florence é brasileira”, em homenagem a Florence Nightingale (1820-1910), reformadora social inglesa, estaticista e fundadora da enfermagem moderna. Por meio de um aplicativo, ampliamos a escuta das profissionais e de suas principais reivindicações, que foram transformadas em indicadores. Estes eram levados, posteriormente, às assembléias, a fim de buscar soluções possíveis, que depois de aprovadas, eram colocadas como pauta nas reuniões nacionais e debatidas em Brasília.

Foi maravilhoso lutar com vocês! Nossa confiança cresceu, tanto em nós mesmas, quanto umas nas outras. Nosso grupo começou pequeno e, como rizoma, cresceu e esparramou-se, transbordou. Valeu a pena! Nossas conquistas foram coletivas: recriamos padrões, melhoramos nossas condutas de organização. Não imaginávamos o quão longe o projeto “Florence é brasileira” iria nos levar, além do quanto esse projeto beneficiaria outras categorias e profissões, além da enfermagem.

Com muita luta, conquistamos marcos importantes: aposentadoria com piso salarial definido, a tão sonhada 30 horas semanais, eliminamos de uma vez por todas o fantasma do ensino a distância na enfermagem, instituímos a lei de proteção à mulher trabalhadora, que protege todas nós de qualquer manifestação de violência, e um órgão fiscalizador das instituições hospitalares, a fim de garantir nossa saúde. Além disso, reconquistamos nossa aposentadoria especial e como vibramos com isso, lembram?

Amigas, sei que há muito ainda para conquistar, mas nós fizemos a nossa parte. A enfermagem não foi a mesma depois de 2020. Quando olhamos para o ontem com os olhos de hoje (atualizados), vejo que o futuro só foi possível, porque estivemos lado a lado nessa jornada. Se essa nova geração pode colher alguns desses frutos, foi porque em algum momento nós decidimos acreditar na potência da

vida e da revolução desejante. A tarefa continua, atualiza-se, uma vez que nossa experiência precisa ser ressignificada. Às enfermeiras de hoje cabe a busca por novos desertos que precisam ser povoados. Como bem disse um grande filósofo, certa vez:

Nós somos desertos, mas povoados de tribos, de faunas e flores. Passamos nosso tempo a arrumar essas tribos, a dispô-las de outro modo, a eliminar algumas delas, a fazer prosperar outras. E todos esses povoados, todas essas multidões não impedem o deserto, que é nossa própria ascense; ao contrário, elas o habitam, passam por ele, sobre ele (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 22).

Eu sei que não fomos e nem somos Olga Benário Prestes⁵³, mas, com certeza, um pouco dela vive em nós, assim como um pouco de cada uma de vocês vive em mim e eu em vocês. Nossas vitórias foram conquistadas a muitas mãos. Podemos dizer que lutamos pelo bem, pelo justo e pelo melhor no mundo (PRESTES, 2008).

Espero ansiosa pelo nosso reencontro!

PS: Maria, encontrei seu filho há um tempo na feira, ele é um belo rapaz, e parabéns pelo novo netinho!

Com amor,

Esperança.

NOTAS DAS AUTORAS:

1. A carta aqui escrita é um jogo entre tempo e memória (entre futuro e o passado), em um campo de possibilidades, de um vir a ser, na qual descrevemos os desejos da categoria da enfermagem, apresentados em forma de uma utopia, como

53 Olga Gutmann Benário Prestes (1908-1942) foi uma militante comunista alemã de origem judaica. Com apenas 15 anos, em 1923, juntou-se à organização juvenil do Partido Comunista Alemão

se todos já estivessem conquistados. Gostaria de ressaltar que, apesar de utópica, deve ser entendida como uma utopia ativa, como uma semente de esperança de que há conquistas possíveis por meio da potência transformadora e coletiva.

2. Que a memória das colegas vítimas da Covid-19 sejam honradas e que a realidade e condições do país que mais deixou morrer enfermeiros no mundo devido a essa doença sejam modificadas. Diferente dos minutos de silêncio mencionados nesta carta, calculados pelo número de vítimas (apenas 3), hoje no Brasil, seria preciso mais de 650 minutos, ou seja, mais de dez horas de silêncio para honrar todas as(os) profissionais de enfermagem que perderam suas vidas durante a pandemia. Então, esta carta é dedicada à memória da Maria, Ângela, Margarete, Carla, Laucida, Patrícia, Mônica, Lú e tantas outras mulheres, mães, filhas, esposas, amantes e amadas e enfermeiras, técnicas de enfermagem, auxiliares de enfermagem, parteiras, profissionais de saúde, que têm o cuidado como essência do fazer-se mulher e profissional de saúde. Na missão de cuidar do outro, morreram em campo de batalha, na solidária e incansável luta que travaram para a recuperação da saúde dos outros.

REFERÊNCIAS

BAREMBLITT, Gregorio F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. 6. ed. Belo Horizonte: FGB/IFG, 2012. 260p.

BAUMAN, Zygmunt. *In*: OLIVEIRA, Dennis de. Para que a utopia renasça é preciso confiar no potencial humano. **Revista Cult**, [s. l.], 9 jan. 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-zygmunt-bauman/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

PRESTES, Olga Benário. Cartas enviadas à família. *In*: MORAES, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das letras, 2008. 299p.

BIRRI, Fernando. *In*: GALEANO, Eduardo. '**Las palabras andantes?**'. [S. l.], Siglo XXI, 1994.

DELEUZE, Gilles. Primeira série de Paradoxos: do puro devir. *In*: DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. Perspectiva: São Paulo-SP, 2003. p. 1-3.

DELEUZE, Gilles. **Spinoza et le problème de l'expression**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1968

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004. v. 1. 91p.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Editor Relógio D'água, 2004.

ENFERMAGEM, Conselho Federal de. **Enfermeiras na linha de frente contra o coronavírus**. COFEN, 2020. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/enfermeiras-na-linha-de-frente-contra-o-coronavirus_78016.html. Acesso em: 24 abr. 2020.

ESPINOSA, Baruch. Ética III. *In*: ESPINOSA, B. **Ética**. Coleção Os Pensadores. Tradução de J. de Carvalho. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 79-312.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 129p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 127p.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 327p.

HUR, Domenico Uhng. Memoria y tiempo en Deleuze: multiplicidad y producción. Athenea Digital. **Revista de pensamiento e investigación social**, [s. l.]v. 13, n. 2, p. 179-190, 2013.

LAROSSA, Jorge Bondía; KOHAN, Walter. Apresentação. In: RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante** – cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 144p.

XAVIER, Rosely Perez. O tempo no agir docente: algumas reflexões para a formação de professores de línguas. **Revista brasileira de linguística aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, p. 1085-1106, dez. 2013.

Carta às gestantes de alto risco

Mayara Ciciliotti da Silva

Vitória, 11 de março de 2021

Fortes mulheres,

Todas nós somos frutos de um ato revolucionário que começa na barriga. Historicamente perseguida, a protuberância da barriga de nossas ancestrais, na medida em que amadurecia, ganhava os contornos da vida em expansão. Talvez, seja por isso que, ao falar da vida, impreterivelmente recordo da morte daquelas que vieram antes de nós e das diferentes formas de padecer em vida. Nós mulheres sempre estivemos na linha de frente da vida e da morte.

Há quem diga que tornar-se mãe é como padecer num paraíso. Contudo, em tempos pandêmicos, as tramas da morte, cada vez mais à nossa espreita, expulsam-nos do Éden e nos adverte: A VIDA CORRE PERIGO!

Por dizer em diferentes formas de padecer em vida, nós mulheres padecemos dia a dia nas ruas, em nossas casas e trabalhos, nas instituições asilares, prisionais, psiquiátricas e nos hospitais. Para nós mulheres, nunca houve lugar no paraíso...

Ao longo de minha permanência no hospital, pude recolher os efeitos subjetivos, afetivos, sociais e políticos das diferentes formas de padecer em vida através dos discursos e práticas de cuidado enrustidos de controle sob nós, mulheres. Neste período, compartilhamos memória, história e vida. Para além do tempo e espaço, emprestamos nossa presença umas às outras, partilhamos nossos olhares atentos e disponíveis. Doamos também os nossos ouvidos umas às outras e, através de uma escuta ativa, indagávamos toda a censura imposta aos nossos corpos desde muito cedo e que persistia nas práticas do hospital por meio dos impedimentos que recebíamos: “não podem abraçar, não podem ter acompanhante, não podem ter visita, não podem ficar circulando pelo hospital, não podem comer muito sal e açúcar, não podem ficar nervosa, não podem ficar sem comer, não podem comer muito, não podem aglomerar...”. Não poderíamos também sentir?

Sentimos muito. Insegurança, sofrimento, culpa, medo, tristeza, dor, saudade, solidão, incapacidade, cansaço, desânimo, alegria, fé, esperança, confiança, euforia.

Diante de tudo isso, fizemos a palavra circular, falamos dos afetos, das dificuldades e desafios que tínhamos de driblar para estarmos juntas naquele momento, em meio a uma pandemia e a tantas outras coisas que se passavam no “mundo de fora”. Lembro-me da preocupação com os que ficavam em casa, a filha que ficava com o tio, o tiro-teio no morro, a ausência do trabalho e o temor de faltar comida na mesa. Por vezes, questionavam se realmente haveria ganhos permanecer no hospital em meio a tantas perdas. Foi preciso criar estratégia para não sucumbir aos diferentes sistemas de opressão que se atualizavam durante a nossa permanência no hospital em meio à pandemia, desde a recomendação do hospital para a não realização da pesquisa, assim como a orientação de uma entidade política dada às

mulheres brasileiras para que nós não engravidemos durante a pandemia: NÃO É HORA DE ENGRAVIDAR!

Quando será a hora? Sabemos que ainda temos um longo caminho a percorrer no campo da saúde da mulher e na assistência materno-infantil no Brasil, que só se intensificou ao longo da pandemia. Evidenciando, assim, o descaso com as políticas reprodutivas e sexuais, seja no acesso a contraceptivos ou ao pré-natal. CADÊ A VACINA? Nós tínhamos muitas perguntas em aberto e, na busca das respostas, propomos romper o silêncio, acreditamos no ato revolucionário da palavra e na sua capacidade de reconfigurar realidades. Tal como dizia a filósofa Hannah Arendt, “só quem é capaz de padecer a paixão de viver sob as condições do deserto pode reunir em si mesmo a coragem que está na base da ação, a coragem de se tornar um ser ativo”.

Sabemos o quanto é difícil romper com práticas já enraizadas dentro de uma instituição hospitalar, principalmente quando se é colocado na condição de “paciente”. Ao partilharmos nossas histórias, foi possível criar estratégias coletivas entre mulheres para quebrar o silêncio e soltar o grito preso na garganta. A palavra em ação é capaz de produzir tensionamentos nas práticas e nos modos de funcionamento instituídos no hospital. Vocês foram revolução quando falavam da saudade de quem ficava em casa; quando questionavam a equipe quanto à proibição de receber visitas no mesmo hospital, em que eram estudadas por um grupo de residentes em uma pequena sala abafada, enquanto seus companheiros esperavam no lado de fora; quando verificaram as anotações da enfermagem sobre os sinais vitais, índice glicêmico e pressão arterial e questionar quando os números “não batem”; quando questionaram, porque ainda insistiam em mandar vitamina de acerola, se mal podiam sentir o cheiro; quando se articularam e colocaram como condição que só iriam para a sala de parto após o banho e ligar para o companheiro; quando recusaram-se a ser chamadas pelo número do leito e disseram que se quisessem, que as chamassem pelo nome; quando decidiram permanecer

no hospital mesmo em meio a tanto caos; quando foi preciso ir, pois já não se suportava mais; quando precisaram chorar de saudade; e principalmente quando cuidavam umas das outras.

Como foi potente o nosso encontro! Também há muita potência dentro do hospital! Aprendemos que, apesar das vulnerabilidades que comparecem no hospital, também há lugar para produzir potência no cuidado, para que não caíamos na armadilha de supor que estamos cuidando ou sendo cuidados somente quando estamos preocupados com a aferição da pressão arterial, a dosagem da insulina, a idade gestacional do bebê, os centímetros de dilatação, da injeção para amadurecer os pulmões, da data prevista para o parto, o roteiro de entrevistas, a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a análise de dados, a produção de artigos para publicação.... Talvez, a nossa maior insubmissão tenha sido afirmar que viver não cabe no prontuário e sequer no Currículo Lattes.

Lembrei-me de um verso escrito por Cora Coralina, no qual ela aponta que o verdadeiro sentido da vida está em tocar o coração das pessoas. Considero que nosso encontro tenha me tocado, não somente o coração, assim como a alma. Levarei um pouco de vocês sempre comigo. Afinal, “muitas vezes basta ser: colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia, desejo que sacia, amor que promove” (“Saber viver”, Cora Coralina).

E, por isso, dedico esta carta a vocês,

Mulheres que puderam dar testemunho de suas insubmissões a toda e qualquer forma de opressão, violação e discriminação de seus corpos.

Mulheres que reclamam demais, falam de menos, ficam até o fim, evadem, consentem, calam, choram, sorriem, amam, odeiam.

Mulheres que amam a barriga ou que querem acabar com esse sofrimento logo, que planejaram a gravidez e àquelas que quando viram, já tinha acontecido.

Mulheres brancas, pardas, amarelas, pretas e às que são mães de dez, de cinco ou de nenhum.

Mulheres que chegam de barriga cheia e saem de braços vazios e almas despedaçadas.

Mulheres que fizeram seus corpos de abrigo e morada para a vida em sua expansão e se dispuseram a compor a autoria de suas histórias.

Mulheres que afirmavam que a maternidade não é uma tarefa compulsória que deve ser paga a qualquer custo.

A todas vocês, minha eterna gratidão,

Mayara Ciciliotti da Silva.

REFERÊNCIA

POEMA Saber viver, de Cora Coralina. **Conto Brasileiro**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/saber-viver-poema-de-cora-coralina/>. Acesso em: 20 out. 2021.

O que ninguém viu e ouviu, mas foi dito: a mulher e a Zika

*Camila Marchiori Pereira
Sibelle Maria Martins de Barros
Maria Angélica Carvalho Andrade*

Querida doutora Elizabeth,

Resolvi escrever, pois acredito que em palavras faladas não sou capaz de descrever o que sinto além da palavra cansaço. Mas preciso confessar que se passa muito mais coisas aqui dentro: tenho convivido com muita ansiedade, angústia, insegurança e medo. Meu maior sentimento de mãe e mulher desde que soube da condição do meu filho é de medo. E meu maior medo é que Pedro morra. Tenho medo de perdê-lo. Eu faço de tudo para não pensar nisso, mas, na maioria das vezes, eu não consigo.

A senhora me ensinou muito sobre cuidado, sobre como cuidar do meu bebê da maneira especial que ele merece. Acredito que aprendi muito bem e hoje me vejo como uma ótima cuidadora, cuidar é tudo que sei — parece-me ser tudo que sou. Por vezes, aconselham-me sobre a importância de cuidar de mim mesma, mas acho justo que, às vezes, também cuidem de mim.

Sabe, doutora, dois anos se passaram desde o nascimento do Pedro, minha vida mudou tanto desde lá... Lembro-me vividamente de quando descobri que estava grávida: quanta alegria! Foi no terceiro mês que a peste do mosquito apareceu junto com a tristeza, provavelmente por causa daquele valão lá perto de onde eu morava. Tem certeza de que só um mosquitinho fez isso? Não dá nem para acreditar!

Eu nunca imaginei que aquelas manchas vermelhas, olhos irritados e moleza no meu corpo significariam que a maior parte da minha vida seria vivida em consultórios. O começo dessa jornada foram os ultrassons... A doutora que me atendia era maravilhosa, sua voz me acalmava tanto, sempre me dizia coisas positivas. Encontrá-la era muito bom! Acho que foi por isso que a notícia sobre a malformação do Pedro me doeu tanto.

No sexto mês, houve um dia, um único dia, em que a doutora não estava no mesmo humor, parecia preocupada, não sorriu tanto e me perguntou: “Você está bem?”. Um silêncio que transmutava exclamações pairou e, a partir desse momento, eu era pura agonia. Eu senti que algo tinha saído dos trilhos. A doutora usou a palavra “calcificações” para explicar o que ela tinha visto e, só no final, trouxe as já conhecidas palavras positivas. Para mim, naquele momento, essas palavras me soavam o oposto: o pior tinha acontecido.

Nesse dia, eu cheguei em casa e chorei como nunca havia chorado nos braços do meu companheiro. Sentia muito medo... Olhei para meus outros dois filhos, perfeitos, e não consegui imaginar o que seria da vida desse filho que estava por vir. Estava desesperada! Abracei os meninos com tanta força, como em um desejo para que tudo corresse bem. Não sabia na época que, após o nascimento de Pedro,

eu não conseguiria dar a mesma atenção aos meus outros filhos e que isso me corroeria por dentro, fazendo-me desejar ser quatro pessoas em uma, desejar que o dia tivesse 60 horas a mais.

Foi apenas após o parto que tudo se confirmou. Essa coisa da Zika era tudo tão recente, nenhuma doutora sabia me dizer o que de fato ia acontecer com o Pedro. E como ninguém sabia me dizer, eu me convenci de que não havia nada a acontecer, de fato. É verdade que me falaram que o bebê poderia nascer com algum prejuízo, com microcefalia. Mas, no fundo, eu duvidava disso tudo, na minha imaginação isso era uma coisa que ia acontecer só com a vizinha e não comigo.

Você acredita que, só quando Pedro completou 1 ano, eu soube que o nome do que ele tem chamam de síndrome? Eu discordo desse nome, não gosto. Eu olho para ele e só vejo ele, não vejo microcefalia, não vejo Zika. Só sinto afeto, cuidado e carinho pelo meu bebê. Dizem que é por que eu ainda não quebrei a idealização do filho perfeito! Esse pessoal da saúde inventa cada uma! Mas preciso confessar que, da mesma maneira que eu amava ver meu bebê descobrindo o mundo, imersa na angústia de cada dia, temia e ainda tenho medo, por tudo aquilo que ele pode não vir a não ser capaz de descobrir, pelos muitos desafios que, sozinho, ele pode não conseguir superar...

Lidar com um bebê com essa condição, muitas vezes, gera uma verdadeira trajetória de dificuldades, como não saber ao certo como cuidar e a sensação de culpa, impotência e dependência. Tem momentos que a gente fica sufocada com tantos problemas. Vivo uma linha tênue entre a loucura e a devoção. Como dizia Adélia Prado em *A Serejata* (2021): “*Estou no começo do meu desespero, e só vejo dois caminhos: ou viro doida ou santa*”. Uma das maiores dificuldades que enfrento é cuidar dele sozinho... Minha rotina de tratamento com ele é péssima, é corrida demais. As clínicas ficam há horas de distância daqui do interior. Eu não recebo apoio de ninguém, estou sempre sozinho com meu filho e Jesus.

Eu acredito que só uma mulher consegue descrever com tanta sensibilidade o que a outra sente. Então, leia as palavras da Clarice Lispector como se fossem minhas: *“Minha verdade espantada é que eu sempre estive só de ti e não sabia. Agora sei: sou só. Eu e minha liberdade que não sei usar. Grande responsabilidade da solidão. Quem não é perdido não conhece a liberdade e não a ama. Quanto a mim, assumo a minha solidão”*.

A maternidade é uma coisa solitária, mas escrever isto é difícil pra mim, eu não me sinto confortável. Sabe, doutora, o sentimento é de que tudo que a gente tem é a gente mesmo. Eu estou sendo ingrata em falar isso? Antes de tudo, preciso dizer que meu filho é perfeito para mim! Porque é tão difícil poder falar sobre o que uma mãe sente? Eu sinto tanta coisa! Estou sempre nervosa, tensa, estressada e preocupada. Fico assustada o tempo todo, achando que algo ruim pode acontecer. Tem horas que não sei o que fazer, não consigo pensar com muita clareza, tudo parece nebuloso, sinto-me, por vezes, incapaz de decidir algo.

Eu sinto o olhar das pessoas sob meu filho, eu sinto a solidão; eu sinto a exaustão de me desdobrar em dez; eu me sinto menos mulher, quando me vejo no espelho e percebo que não tenho as mesmas curvas de antes. Eu era muito vaidosa e agora aquela vaidade toda acabou. Eu só penso e me preocupo com meu filho. Minha vida se resume em cuidar dele, não me vejo como mulher, mas como mãe, o tempo todo perto dele e para ele. Ontem mesmo, passei o dia todinho com ele no braço, ele estava muito irritadiço e chorava muito, não quis dormir de jeito nenhum... Eu me sinto com raiva por as coisas estarem tão caras e não conseguir comprar um brinquedo para Pedro; eu me sinto humilhada, quando gasto cinco horas de ônibus para chegar ao pediatra e em uma consulta de cinco minutos o médico nem olhar para ele.

Sinto-me destruída, quando meu filho chora na estimulação, e eu me convenço que passar por isso é algo importante para ele... na verdade, eu sei dessa importância... Tem mãe desesperada, porque o filho recebeu alta da estimulação. Tem uma fila de espera grande, muitas

crianças precisando de estimulação. Aí, tem lugares que quando o filho da gente faz dois anos, eles dão alta para abrir vaga para outras crianças. Dizem que já fizeram tudo que tinha para fazer. Eu penso que isso está fazendo com que as mães se sintam tão perdidas... Sozinhas e desesperadas! Não tem como ficar bem.

Por exemplo: o pensamento de que Pedro pode crescer sem andar ou falar me toma de tal modo que esqueço de respirar. Muitas vezes, meu filho tosse, engasga, não consegue engolir direito, eu sinto que vou engasgar ou sufocar junto com ele, fico com muito medo. Presa e impotente, sem respirar: o corpo tem essas formas de falar sozinho. Afinal... não saber se meu filho um dia vai me chamar de mãe; se vai andar; comer sozinho... Como nomear esse sentimento?

E o gasto que aumentou muito... transporte, muito remédio, tudo gasta mais. E o que a gente ganha não dá. Ainda bem que tem o benefício dele. A gente tem que se virar, porque um filho como Pedro muda a vida da gente completamente, atrapalha muito quem quer estudar ou trabalhar, a gente perde muitos dias de trabalho levando o filho ao médico e ao hospital. Eu conheço muitas mulheres que tiveram que abandonar o estudo e o trabalho para cuidar do filho o tempo todo. Pensei tantas vezes se realmente deveria escrever esta carta, o que sinto dentro de mim, às vezes, grita tão alto que me envergonho de apenas supor que endereço isto a um outro que não eu.

Eu sei que tenho meu esposo para conversar e sei que para ele também é difícil. Fortalecemo-nos incentivando um ao outro a ter fé. Renovando as forças a cada manhã. Graças a Deus, meu marido está mais próximo, ficou mais carinhoso. A gente já se gostava antes, aí depois que Pedro nasceu, aumentou o sentimento. Porém, a maioria das mães reclamam que os pais ficam mais distantes, que ficaram diferentes, mais estressados com os choros dos filhos, dando pouca atenção, brigando muito em casa. Mas temos que seguir em frente, com muita fé em Deus, porque no momento o que resta é a gente se apegar em Deus!

Minha escrita é triste, doutora? Não quero que soe assim. Claro que muitas vezes dói, sofro e choro em silêncio, mas passa... Ver Pedro alcançar suas pequenas vitórias pessoais tem sido uma experiência marcante! Todos os dias meu filho me surpreende com sua alegria e vontade de viver! Também há alegria nas minhas lutas diárias, apenas não são sobre elas que vim falar.

A senhora também é mulher, também sofre das dores de ser mil em uma. Também vive na pele os deletérios de saber da própria grandeza. Como dizia Clarice Lispector (MULHER..., 2012, s/p): “O destino de uma mulher é ser mulher”. Por nascer mulher, somos herdeiras. Herdeiras de duas posições: do cuidado e da luta. Herdamos também a invalidação. Os relatos do que eu sinto não parecem ser vistos como genuínos, pois foram muitas as vezes que os fiz, mesmo desconfortável. Muitas vezes os fiz! E senti minhas dores sendo sempre lidas como queixas e reclamações pelas pessoas. Hoje, eu sei de tudo que posso falar, mas do pouco que conseguem me ouvir.

Se na gravidez o caminho me assustava, hoje, qualquer desvio dos passos que trilho são muito mais assustadores. Semana passada, caminhando com Pedro no colo até o ponto de ônibus, percebi o quanto ele cresceu nesse meio tempo: minhas costas doíam como nunca doeram antes. Eu senti o peso como uma injeção de dois afetos: alegria e pesar. A alegria de ver que meu filho estava crescendo, vivo e comigo! A tristeza de ver que meu filho estava crescendo... E já se passaram seis meses desde meu pedido na prefeitura por uma cadeira de rodas para Pedro: sem resposta. Teve um dia que eu tive uma vontade muito grande de deixar de viver. A Clarice Lispector também estava certa nessa: às vezes, a gente é um mistério para gente mesmo.

É triste saber que a gente é bastante esquecida e, para conseguir as coisas, tem que entrar na justiça ou “armar um barraco”. Teve um dia que eu me revoltei, doutora, igual Jesus quando caiu a ficha dos comerciantes na igreja: eu gritei, derrubei tudo, fiz o escarcéu naquela prefeitura. Se até Jesus precisou fazer isso para ser ouvido, imaginei que também seria meu caso. Mas tudo que consegui ao

sair de lá foram promessas: em breve, vai sair a cadeira de rodas, em breve, conseguiremos vaga para estimulação, em breve, vai chegar um pediatra na sua cidade, em breve, conseguiremos um carro para te auxiliar, em breve... Promessas não me ajudaram. Pelo contrário, fizeram eu me sentir desesperada, sem muita paciência para cuidar dele e, bem lá no fundo, confesso que já tive vontade de abandoná-lo, não tomar conta mais do meu filho.

Sabe que isso tudo é tão irônico. Quando estava grávida, falaram-me que só o tempo para sabermos do desenvolvimento de Pedro. Quando Pedro nasceu, falaram-me que só o tempo para sabermos do desenvolvimento de Pedro. Quando o tempo não fez diferença alguma para Pedro: pedem-me mais tempo! Pedem demais de mim. Pedem demais de nós.

Foram poucas as vezes que me perguntaram como eu me sentia. Acho que a senhora foi uma das poucas a perguntar! A senhora me falou que acompanhamento com psicólogo me faria bem. Não sei bem como falar com um estranho me ajudaria, mas resolvi buscar esse auxílio, eu sabia que precisava dizer um pouco que sinto. Quase num movimento de botar para fora os sentimentos difíceis, sabe? Quando finalmente criei coragem: informaram-me que no posto da minha cidade não tem profissional de psicologia. Pensei: É!... Acho que minhas palavras ficarão nas paredes da minha casa mesmo. O fato é que tenho em minhas mãos um destino. Algo que só eu vivo, mas que também é coletivo. Eu queria bancar a minha existência de forma mais leve. E a verdade é que, às vezes, eu consigo. A felicidade, assim como a tristeza, vai e volta. Preocupam-me os momentos que uma ou outra pensam em fazer morada. Nem sempre dependem de mim.

Sabe, doutora, por isso, eu busquei aquele grupo de mães que vivem experiências parecidas com a minha, que a senhora indicou, não digo que as mulheres lá vivem as mesmas coisas, pois, quando eu vi o grupo de perto, percebi que as circunstâncias podem ser as mesmas, mas cada mulher ali vive sua própria verdade. E perceber isso foi maravilhoso. Há algo do que vivo em cada uma. Chego a me

arrepiar de lembrar de tudo que vi e ouvi. Mas todas as mulheres no grupo têm bebês com o desenvolvimento acometido de alguma forma, alguns bebês mais acometidos que outros... Parece que o tal do mosquito picou algumas mais forte que outras. De início, resistentemente, foi inevitável comparar sofrimentos. Mas, depois, percebi que aquele lugar não era para isso. Com uma confiança que pareceu se criar no encontro, percebi que julgamentos não seriam preocupações válidas.

As histórias que ouvi me afetaram de forma profunda e, num caminho que parecia encorajar meu lado mais vulnerável, senti que talvez, minha história também seria reconhecida como genuína. Sentindo-me parte daquele grupo, consegui me autorizar a falar um pouco do que é existir sob a minha pele. Mais uma vez, a senhora estava certa: me fez muito bem!

A maioria das mulheres lá são ferozes batalhadoras, guerreiam todos os dias, em diferentes campos de batalha: em casa, na rua, no trabalho. Em diferentes postos: como mãe, filha, avó, esposa, trabalhadora. Lutar bravamente faz parte da reafirmação cotidiana de seus valores. Enfim, não é ousadia dizer que somos um exército. Somos muitas! Como eu não sabia disso?

Mas também temos quem ajuda. Minha mãe, por exemplo, ajuda-me muito. Aliás, ajuda demais! Ajuda desde o início, quando eu peguei o exame e fiquei muito louca, chorei muito, desabei... Eu tinha muito medo do meu filho ter microcefalia, de ter uma deficiência, isso me desesperou muito. Somos muitas, porque atrás de cada mulher há várias outras que permitem o sustento da luta. Que ensinam como cuidar, como amar. Que transmitem através de gerações um modo de ser mãe. Que se remonta a cada novo ciclo. Mulheres que fazem possível uma mulher maternar. Sabe aquele provérbio que diz: *“é preciso uma aldeia para criar uma criança”*? Eu diria: é preciso um exército para existir uma mãe.

REFERÊNCIAS

MULHER segundo Clarice Lispector. **De tudo um pouco**, [s. l.], 2012. Disponível em: <https://detudoumpoucosimplesmente.blogspot.com/2012/03/mulher-segundo-clarice-lispector.html>. Acesso em: 13 jun. 2023.

POEMA A Serenata, Adélia Prado. **Conto Brasileiro**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/a-serenata-poema-de-adelia-prado/>. Acesso em: 10 out. 2021.

Mulheres-educadoras- trapezistas no grande espetáculo da vida-educação

Maria Angélica Carvalho Andrade

Rita de Cássia Duarte Lima

Ana Claudia Pinheiro Garcia

Eliane de Fátima Almeida Lima

Jeanine Pacheco Moreira Barbosa

INTRODUÇÃO

Que espetáculo de circo nós, mulheres, somos obrigadas a representar cada dia! É mais do que faz qualquer trapezista! Vivemos correndo numa corda bamba diariamente, equilibrando pilhas de livros na cabeça! Carrinho de neném, guarda-sol, cadeirinha de comer, tudo

sob controle, nada de vacilar! Essa não é uma vida de simplicidade, mas de multiplicidade... Não nos conduz a unificação, mas à fragmentação. Não nos traz o estado de graça, mas destrói nossa alma.
(ANNE MORROW LINDBERG)

Oi, Rubem Alves! Espero encontrá-lo bem aí no céu.

Há muito tempo, tenho pensado em lhe escrever, mas, como você bem sabe, o tempo não é mais o mesmo. Estamos vivendo um tempo apressado, fragmentado, pulverizado, instantâneo. Um tempo denominado de pontilhistas por Bauman (2008), inserido nessa cultura imediatista de curto prazo, onde se espera que as necessidades e desejos sejam satisfeitos na hora. Não tem sido fácil ser uma mulher-educadora-pesquisadora nesse tempo!

Você e seus escritos têm iluminado nossas reflexões sobre a educação na sociedade, e eu, particularmente, senti-me provocada a responder aos seus questionamentos: “Educadores, onde estarão? [...] Em que covas terão se escondido?”. Pensando na minha cova esconderijo e, nesse tempo, roubado das inúmeras tarefas do dia a dia, quero lhe contar sobre o nosso ofício de ensinar e aprender nesse contexto atual.

Não sei muito bem por onde começar, mas, como você já dizia: “conversas não devem ser prefaciadas. A gente simplesmente começa e a coisa vai” (ALVES, 1980, p. 7). Vou começar falando que estamos vivendo uma emergência sanitária com a pandemia de Covid-19, mas, mesmo assim, continuamos depositando nossa confiança na educação, para que as novas gerações tenham um futuro melhor. Apesar do privilégio do isolamento social, temos trabalhado intensamente, de modo virtual. Tenho tentado encontrar o lado alegre e lúdico do ato de ensinar, mas meu corpo está triste, desesperançado, enlutado diante da morte de mais de 300 mil brasileiros. Lembro do professor-filósofo Foucault (2010), quando nos ensinou que os corpos são afetados, ao mesmo tempo que afetam outros corpos. Se é assim, como o meu corpo, afetado pela tristeza, poderá produzir

alegria em outros corpos que se dão nos encontros? Como posso cuidar do outro, se não consigo cuidar de mim? Estamos vivendo um pesadelo! Como invocar o riso e perceber o ridículo da seriedade diante de tantas tragédias?

Lembro muito de uma frase sua que diz que educador, ao contrário de professor, não é profissão, é vocação e que toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança. Essa afirmação tem tudo a ver com a nossa trajetória, com os modos como temos exercido o ato de ensinar. Sempre com muitos sonhos, afetos e muitas esperanças. Pois é... E por falar de vocação, quero aproveitar para explicitar meu desagrado quando tentam nos convencer de que a nossa rotina doméstica e profissional não é um trabalho, e sim um ato de amor, uma vocação, uma atividade que traz plenitude, não necessitando, inclusive, de qualquer forma de reconhecimento ou remuneração (FEDERICI, 2019). Atos de amor, abnegação e de cuidados são sempre associados ao feminino e seguem sendo desvalorizados, a exemplo do trabalho das professoras. Imagino sua perplexidade diante dessa afirmação e gostaria muito de aprofundar com você esse debate sobre mulheres, trabalho e luta feminista. Mas esse assunto exigiria outra conversa com muito mais tempo do que tenho agora. Nesse momento, basta reconhecer que as intermináveis tarefas do cuidado constituem um trabalho e que todo trabalho tem um cunho de exploração no capitalismo (FEDERICI, 2017, 2019).

Para lhe dizer a verdade, tenho pensado com tristeza sobre o nosso destino dentro dessa profissão. Estou preocupada... Você já comparava profissões e vocações com plantas e dizia que, se o habitat dessas plantas fosse destruído, a vida ia se encolhendo, murchando, ficando triste, mirrada, entrando para o fundo da terra, até sumir (ALVES, 1980). Diferente de várias profissões que desapareceram e que você lembra muito bem, por exemplo, a de tropeiro, boticário, caixeiro-viajante ou tocador de realejo, penso que nós, professoras e educadoras, é que estamos sumindo devagarinho.

Antes, éramos como palhaços que entravam no picadeiro com a missão de levar contentamento ou como magos repletos de truques, como quem acredita e faz crer que com alegria podemos chegar a lugares onde a tristeza jamais poderia. Hoje, somos mulheres-educadoras-trapezistas, que se equilibram diariamente numa corda bamba, com pilhas de livros na cabeça, tarefas domésticas e de cuidado, tentando ter tudo sob controle, sem o direito de vacilar. Vida de multiplicidade, dividida entre a culpa e o dever, em meio ao desafio de sobreviver à fragmentação e à captura de nossa alma, enquanto tocamos o espetáculo (LINDBERG, 2009). Nossa identidade está sendo engolida pelo excesso de funções. O show precisa continuar, mas... como manter um espaço que torne possível a existência da educadora, artífice da alegria, em nós?

Repetindo suas palavras: “É doloroso, mas é necessário reconhecer que o mundo mudou” (ALVES, 1980, p. 13). E, nesse contexto de isolamento social e rede virtual, como fortalecer a relação que nos liga aos alunos(as), identificando-os(as) portadores(as) de nomes, de histórias, daqueles(as) que também estão sofrendo tristezas e tentando se alimentar de esperanças? Nesse ambiente de rede, caracterizado pela facilidade de desconectar, pela liquidez das relações (BOWMAN, 2008), como assegurar virtualmente o que você chama de espaço artesanal, onde a educação é algo que acontece nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois?

Você insiste em dizer que é necessário acordar o educador, que a questão decisiva não é a compreensão intelectual, mas um ato de amor e que são atos de amor e paixão que se encontram nos momentos fundadores de mundos. Você afirma que o fantasma que nos assusta e que nos causa pesadelos mesmo antes de adormecer é a absoluta falta de amor e paixão, o absoluto enfado das rotinas da vida do professor (ALVES, 1980).

Diante do que estamos passando, eu quero lhe falar do pesadelo feminino de viver esse contexto da pandemia pelo novo coronavírus. Não estamos dormindo em berço esplêndido, estamos esgotadas!

Essa é considerada a pandemia das telas em excesso para as crianças, da depressão solitária para os solteiros, das crises de ansiedade para os jovens e das dificuldades no relacionamento de casais. Para nós, mulheres e mães, é a pandemia do esgotamento, do desemprego e do cansaço físico e mental, da ausência de luz no fim do túnel (GER-SINA, 2021). Confesso que, usando suas próprias palavras, o trabalho forçado seria menos penoso.

As louças intermináveis e a comida no fogo dividem espaço com as crianças chamando. É dever de casa, lições que não se lembra como fazer, computador que falta para tanta aula e paciência que está acabando. Para alguns, a escola voltou, mas o medo da pandemia não diminuiu e cresceram as conversas sobre máscaras e a distância do coleguinha. As demandas são tantas que escutamos a criança chamando mesmo quando está dormindo ou calada. Nesse momento, você só pensa: será que estou ficando louca? (OLIVEIRA; WORCMAN; GOUVEIA, 2021).

Caro Rubem, você afirma que o educador trabalha com a palavra, que o educador fala. Mas nós estamos sucumbindo. Nosso corpo é vítima silenciosa de tantos limites. Nossa fala não tem dito mais nada, porque tem sido suspensão diante de toda essa pressão, repressão e exigências, que não são naturais. Mas nosso silêncio fala! É importante reconhecer os limites do nosso cansaço e do nosso instrumento de trabalho! Não devemos esquecer que a sociedade coloca sobre os nossos ombros toda a responsabilidade pelos filhos. Nesse ritmo frenético, é “quase impossível ter tempo para si. Às vezes, não sobra tempo nem para chorar, rir, distrair, quem dera para ficar calada. E aí vem angústia, exaustão, desânimo, insônia, irritabilidade e até pressão alta” (OLIVEIRA; WORCMAN; GOUVEIA, 2021). Não somos máquinas! É realmente muito difícil pensar para além da experiência! E eu sinto que está faltando compaixão por aquelas que não têm sido poupadas das dores oriundas da aprendizagem.

Um dia, você falou de compaixão ao escrever o conto “Livro que faz chorar” e se perguntou: como ensinar a compaixão? De que vale conhecimento, sem compaixão? Chegou a afirmar que somente o conhecimento com compaixão cria a bondade. E uma sociedade em que não existe bondade não é digna de que vivamos nela. Como ter compaixão numa sociedade como a nossa, em que a bondade foi espremida nos cantos e as ruas se encheram de medo? (ALVES, 2011). E onde encontrar bondade direcionada à mulher nesse contexto de pandemia?

Temos vivido tempos difíceis. Rubem, você sabe quantas de nós já perderam suas vidas neste contexto da pandemia? Quantas mulheres que não têm direito à autoproteção e são obrigadas a trabalhar, utilizando transportes públicos lotados, carregando o vírus para suas casas e contaminando sua família? São mulheres, chefes de família que, a fim de não perderem seus empregos, sacrificam suas vidas para manter o pão que alimenta seus filhos(as). Outras vezes, estão na linha de frente, como as enfermeiras, lutando contra um vírus letal, exigidas, mal remuneradas, esgotadas física e emocionalmente. Diante do terror que nos toma, construímos muros para anestesiar os sentidos e suportar o bafo sombrio da morte que enfrentamos todos os dias. Mas não termina aqui. Talvez, meu caro amigo, você pense que as que se encontram em casa estão mais seguras. Ledo engano! Convivemos com maridos, companheiros, filhos educados pelo patriarcado que nos veem como propriedade. No exato momento em que escrevo esta carta, uma mulher está apanhando em casa ou sendo assassinada. Aliás, você sabia que, no Brasil, durante a pandemia, uma mulher tem sido assassinada a cada nove horas? Convivemos com um vírus e duas guerras! A pandemia escancarou uma realidade já vivenciada por muitas de nós há séculos, a violência contra as mulheres. Nossa casa, que deveria ser o local mais seguro do mundo, transformou-se em uma jaula (MENDONÇA; CRUZ, 2021).

A pandemia, que pensávamos que duraria poucas semanas, foi substituída por um longo e angustiante período que já soma um ano,

com graves consequências. Mas, nesse ponto, eu gostaria de voltar àquela questão inicial da qual imagino que agora você já saiba a resposta. Nós, educadoras, estamos escondidas em casa, isoladas, invisibilizadas, sob pilhas de tarefas e obrigações, vulneráveis a vários tipos de violência, desenvolvendo as múltiplas formas de cuidado e, muitas vezes, sem tempo ou ânimo para cuidarmos de nós mesmas, vivenciando muitas dores. Pensando nessas dores, lembrei-me do seu conto “Ostra feliz não faz pérola”:

[...] um grão de areia que havia entrado dentro da ostra, e sua carne e doía, doía, doía. E ela não tinha jeito de se livrar dele, do grão de areia. Mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de suas aspereza, arestas e pontas, bastava envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda. Assim, enquanto cantava seu canto triste, o seu corpo fazia o trabalho - por causa da dor que o grão de areia lhe causava (ALVES, 2008, p. 8).

Quero deixar claro, Rubem, que não estou me entregando ao pessimismo. Eu resisto! Nunca a resiliência foi tão fundamental para tocarmos nossas vidas. O tempo é curto e aprendi com você que, diante da brevidade do tempo, devemos aprender a dizer o essencial. O isolamento provocou uma grande ruptura de dentro para fora e de fora para dentro. Nunca desejei tanto estar com alguém para um café, uma conversa casual, para dar bom dia, boa tarde e principalmente para comemorar a vida. Peguei-me espiando os vizinhos e até conversando com a velhinha do prédio ao lado. Concluí que somos realmente seres sociais e precisamos uns dos outros para viver plenamente.

Rubem, quero te contar que estou cultivando uma hortinha. Já plantei várias hortaliças. Achei que a horta era só para passar o tempo, mas a cada manhã, no encontro com minhas plantinhas, tenho feito muitas descobertas e aprendizados. O plantar inunda as minhas

mãos de terra e água. Poder usar o que se plantou na preparação da comida tem me levado a novos movimentos, a novos encontros e afetos. Regando a vida, com cuidado e amorosidade, impregno-me de sabedoria e esperança, sinto-me florescendo e desabrochando diariamente com as plantas. Você sabe como é isso. Lembro do seu gosto pela gastronomia, pelos cheiros e sabores. Conversamos sobre isso quando fui ao seu restaurante em Campinas. Não é à toa que as palavras sabor e saber têm a mesma etimologia!

Essas experiências e lembranças têm me convocado a ter confiança de que tudo vai passar. Com-fiar, fiar juntas, tecer novas redes de apoio ao lado de outras mulheres-educadoras-trapezistas. O fio do trapézio se torna mais forte e nos mantém no grande show da vida. Ao mesmo tempo, o atual cenário nos coloca diante da constatação da fragilidade desta vida e, conseqüentemente, remete-nos à importância de vivê-la plenamente, da convocação dos sonhos e da coragem para realizá-los. E essa sensação é um alento diante de tantas ausências e mortes causadas pela Covid-19. É preciso muita coragem e potência para ser mulher-educadora-trapezista!

Nessas minhas novas descobertas e experimentos, retomo a distinção que você estabeleceu dialogando sobre professor, educador e vocação. Com todas as ressalvas já feitas, reafirmo que eu adoro sua afirmação de que a vocação nasce sempre de um grande amor, da disposição íntima e de uma grande esperança. Nós, assim, somos movidas e temos vivenciado essa vocação ao lado de nossas colegas e amigas na lida diária, para não deixar nossos alunos(as) para trás, mesmo diante de toda adversidade e desvalorização que nós, mulheres, temos vivido ao longo da história.

Muitas de nós temos sido potentes em produzir pérolas, em transformar a tragédia na beleza da criação. Criamos estratégias de resistência e nos reinventamos. Tem sido longa essa trajetória. Descobri com você que a beleza não elimina a tragédia, mas a torna suportável. Nesse sentido, sou grata pela oportunidade de maior proximidade com a minha família, pelas possibilidades de me reinventar

e estabelecer novas regras para o bom andamento e engajamento do núcleo familiar, pelo desenvolvimento tecnológico que tem aproximado as pessoas distantes, pela necessidade de parar e refletir sobre os valores e necessidades. Nesse período, descobri novos talentos, reinventei-me. Assim como minha horta me ajudou a cuidar melhor de mim, descobri que sou ótima cozinheira e criei pratos e sabores novos. Por tudo isso, sou imensamente grata.

A ostra que não produz pérolas não se afeta, vive anestesiada diante do caos da vida. E se não sente dor, também não sente amor ou paixão. Mulheres-educadoras-trapezistas são ostras que produzem pérolas de imensa raridade, padecem para produzir beleza e, assim, deixar de sofrer. Mas isso não significa que nossas necessidades e desejos não precisam ser ouvidos. Somos profissionais e merecemos reconhecimento pelo nosso desempenho, em tempos em que muitos se entregam ao desânimo. Nosso trabalho é realizado com dedicação, porque acreditamos no poder transformador da educação. É por isso que lutamos, que não desistimos, mesmo diante da dor. Como a ostra invadida por algo estranho, sentimo-nos muitas vezes aviltadas, contudo, apoiamo-nos não na esperança do verbo esperar, mas, sim, sustentamo-nos, como bem afirma Freire (2020), na esperança do verbo esperar, no sentido de se levantar, ir atrás, construir, levar adiante, não desistir. No esperar, segregamos a substância que envolve o outro que nos fere e, em um ato de pura criação, transformamos nossos corpos tristes em alegres, aumentando a nossa capacidade para re-existir. Nós não desistimos, insistimos, mantendo a crença em nós mesmas e no outro. Tenho de confessar que, como você, ainda tenho esperança na potência das pessoas para transformar a vida em algo novo.

Por fim, despeço-me com imensa gratidão pelo seu legado de esperança. Saiba que, daí de onde você se encontra, continua a inspirar milhares de professoras a se tornarem educadoras no grande circo da vida.

Com carinho,
Mulher-educadora-trapezista.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez Editora: Editores Autores Associados, 1980. 91p.

ALVES, Rubem. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

ALVES, Rubem. **A pedagogia dos caracóis**. Campinas: Editora Verus, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 388p.

FEDERICI, Silvia. **O calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017. 464p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. 27. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1920. 192p.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GERCINA, Cristiane. Vivemos o pior momento da Covid no Brasil; para mães, a luz no fim do túnel fica mais longe. **Centro do Professorado Paulista**, [s.l.], 2021. Disponível em: <https://www.cpp.org.br/informacao/ponto-vista/item/16621-pandemia-do-esgotamento>. Acesso em: 23 mar. 2021.

LINDBERG, Anne Morrow. **Presente do Mar**. Tradução de Beatriz Araujo Zamprogno. Rio de Janeiro: Sextante, 2009. 128p.

OLIVEIRA, Melissa; WORCMAN, Nicola; GOUVEIA, Rachel. COLUNISTAS CONVIDADAS: 'EU NÃO SOU GUERREIRA, ESTOU É SOBRECARGADA MESMO'. **Extra**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/mulher/colunistas-convidadas-eu-nao-sou-guerreira-estou-sobrecarregada-mesmo-24933403.html>. Acesso em: 23 mar. 2021.

MENDONÇA, Jeniffer; CRUZ, Maria Teresa. Agressão e silêncio: a rotina de violência doméstica contra uma mulher com deficiência. **Projeto Colabora**, [s. l.], 2021. Disponível em: <https://projetcocolabora.com.br/ods5/agressao-ameaca-e-silencio-a-rotina-de-violencia-domestica-contr-uma-mulher-com-deficiencia/>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Cartas marcadas pelo peso do corpo nas entrelinhas de vidas femininas

Manuella Ribeiro Lira Riquieri

O corpo, ao entrar em cena, e ocupar agora um espaço que dá ao indivíduo a visibilidade necessária aos poderes disciplinares, torna-se o principal alvo das estratégias de controle. Por essa razão, ele deve ser pensado e visto como uma possibilidade de RESISTÊNCIA. (Joana de Vilhena Novaes, 2011)

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A inspiração para construção destas cartas tem como referência o estudo etnográfico realizado em 2013 que resultou na dissertação “Ninguém é de ferro: a construção da corporeidade em uma academia de ginástica feminina de um bairro popular na cidade de João

Pessoa” (LIRA, 2014). Uma nutricionista inquieta com seu campo de formação se lança no desafio do campo socioantropológico e, através de uma pesquisa etnográfica em uma academia de ginastica feminina, encontra diversas mulheres que no compartilhamento de suas existências cotidianas contribuíram na construção do entendimento do fenômeno corporeidade em diferentes formas de feminilidade. Portanto, as cartas entrelaçam histórias reais vividas por mulheres que carregam o peso de serem quem são.

Vitória, 26 de fevereiro de 2021

Cara colega, refletir sobre nosso corpo é refletir sobre nossa história...

Escrever estas palavras, tendo como foco o meu corpo, para alguém que eu não conheço pessoalmente, mas vivencia as mesmas pressões, é um tanto instigante. Sinto-me à vontade em compartilhar minha experiência de vida por saber que quem vai receber esta carta compreenderá meu lugar de fala.

Este exercício de escrita traz como ponto de partida o resgate de determinadas situações, as quais apenas agora me permitiram entender, o quanto meu corpo foi determinante no afastamento da minha área de formação profissional. Enquanto nutricionista gorda, o campo de atuação tornou-se um não lugar, a partir das situações de rejeição que sinalizavam a necessidade de um enquadramento a um padrão pré-determinado como normal. Para você entender ao que estou me referindo, vou lhe revelar algumas situações por mim vividas: um dia de estágio em um hospital, a coordenadora do serviço de nutrição fez uma acusou minha mãe de negligência pelo fato de eu ser gorda. Esse fato ocorreu na minha ausência, mas, diante de outras alunas da minha turma que me relataram o posicionamento da profissional, o constrangimento gerado em mim diante daquele mal-estar eu não consigo descrever em palavras. Teve também o dia em que a professora falou em plena sala de aula que, caso eu quisesse ser uma boa profissional no futuro, eu precisaria ser magra, situação

que também me causou um imenso desconforto. Essas dentre tantas outras vivências me fizeram assimilar um profundo sentimento de culpa pela minha condição de mulher gorda.

Percebo hoje, 13 anos depois, que meu deslocamento para uma área de atuação profissional distante da prática como nutricionista é reflexo de tanta desaprovação social. Compartilhar minha experiência através desta carta me evoca a seguinte reflexão: como resistir ao desafio desta padronização socialmente imposta ao corpo gordo? Espero que através deste nosso espaço de encontro possamos identificar outras rotas de fuga...

Com carinho,
Manuella

João Pessoa, 5 de março de 2021

Minha cara confidente,

Como posso transmitir em uma carta os sentimentos que suas palavras em mim provocaram? Desencadearam em minha mente uma profunda empatia, porque eu sei com precisão o peso que carregamos, vai muito além daquele registrado na balança, é o peso social que provoca nossas maiores dores. Também gostaria de compartilhar um breve relato de uma situação por mim vivida para que você perceba o quanto compartilhamos as mesmas imposições.

Sou casada com um policial e temos um filho, nos últimos meses, meu marido me estimulou a procurar uma academia de ginástica, porque eu estava insatisfeita com meu corpo. Encontrei no meu bairro uma academia que se encaixava perfeitamente no meu perfil: uma academia só para mulheres! E ainda mais, com o preço muito acessível. Não demorei para me matricular. A professora de Educação Física me falou que eu deveria frequentar as aulas no horário das oito horas da manhã e ainda disse que eu precisava procurar uma nutricionista com urgência. Reconheci que realmente precisava fazer dieta e comecei a frequentar as aulas de aeróbica todos os dias às oito horas da manhã.

Houve um dia em que meu marido esqueceu a chave do carro na minha bolsa e precisou passar na academia para buscá-la. Todas as mulheres que estavam na aula o conheceram. Ele chegou fardado e percebi que despertou olhares. Logo que ele foi embora, eu ouvi inúmeros “conselhos” que me fizeram refletir o quanto a mulher gorda sofre uma exclusão socialmente validada (NOVAES, 2011). Unanimemente falaram que eu tomasse cuidado, porque, caso eu continuasse gorda, eu iria “perder” meu marido rapidinho, as falas eram: “você precisa se cuidar!” e ainda: “com um marido bonito desse, depois não reclame que levou um chifre!”. Fui embora naquele dia morrendo de vergonha de ser quem eu sou, um terrível sentimento de culpa me invadiu.

Essa experiência me despertou para uma necessidade de entender como nosso corpo pode ser instrumento de apropriação alheia? Senti-me então instigada a entender que fui investigar mais sobre o lugar que o corpo feminino ocupa neste debate. O filósofo Foucault (1987) já identificava o corpo como instrumento de uma apropriação social, a partir da perspectiva do disciplinamento, dessa forma, podemos refletir sobre o corpo a partir das inúmeras pressões das instituições que o envolve: família, religião, Estado. Novaes (2011) reconhece o papel que a beleza assume na nossa sociedade, onde o corpo se torna a vitrine, e o gordo um desviante por transgredir o padrão considerado adequado. O gordo, nesse caso, estaria corrompendo a ordem, a disciplina.

Vou compartilhar com você outra situação que passei, sempre tive vergonha de confidenciá-la, porque fico muito constrangida. A renda do meu marido não estava suficiente para pagarmos as contas no final do mês, eu disse a ele que estava disposta a trabalhar para ajudar nos nossos custos. Enviei meu currículo para várias lojas da minha cidade, até que fui chamada para uma entrevista. Transbordei de alegria quando a moça simpática ligou marcando minha ida até a loja. No dia combinado, acordei cheia de expectativa, vesti-me com minha melhor roupa e fui antes da hora agendada para não correr o risco de me atrasar. Mas você não imaginar o que aconteceu: a

cara de frustração da gerente da loja o meu ver foi notória. Ela perguntou se eu já havia trabalhado em loja e disse em tom de deboche que uma atendente reflete a vitrine das roupas vendidas na loja e que infelizmente aquela vaga não poderia ser preenchida por mim! É isso mesmo que você leu: fui considerada incompetente, devido à forma do meu corpo (OBSIDADE..., 2018). Saí de lá tão mal, tão envergonhada, chorei muito e nunca tive coragem de contar a ninguém, porque sei que seria motivo de chacota.

Lira (2014) identifica que a gordura se configura como fator impeditivo de legitimação da beleza e aponta que o estigma em torno do corpo gordo se reflete na culpabilização da pessoa gorda na dimensão individual. Vigarello (2012) identificou os estigmas em torno do gordo, tido como negligente, desleixado, preguiçoso, descontrolado, incapaz, fracassado. Esses estigmas que carregamos são legitimados pela nossa sociedade.

Agora você sabe o que torna nosso fardo ainda mais pesado? O fato de sermos mulheres. Sim, para a gorda essa cobrança é muito mais pesada, pois existe uma moralização em torno do corpo feminino que nos embute o dever de sermos magras e jovens (NOVAES, 2011). Quando você me questiona sobre como podemos resistir, vou lhe dizer que tenho me aproximado das contribuições dos estudos feministas o que tem permitido identificar novas possibilidades de leitura dessa realidade que nos cerca e a construiu uma percepção mais crítica, em relação a toda essa cobrança em torno do corpo obeso. Adelman e Ruggi (2007) nos mostram que o padrão de beleza é parte de todo um sistema de relações sociais e culturais, portanto, o incômodo que nos atravessa perpassa pela necessidade de desconstrução das lógicas dominantes que são naturalizadas.

Nós não precisamos nos sentir mal, muito menos podemos permitir que essas pressões nos cerceiem. Precisamos ter essa noção crítica e entender que as situações de violência a que fomos submetidas nos induz a resistir a toda essa pressão estética, substituímos os sentimentos de culpa por motivação para a luta. Nossas experiências se entrecruzam e possibilitam uma troca que nos empodera na

perspectiva individual e nos evoca a ação coletiva. Que tal marcarmos um encontro para buscarmos redes de apoio dedicadas a essa questão?

Sigamos **fortes!**

Tati

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Miriam; RUGGI, Lennita. Corpo, identidade e a política da beleza- algumas reflexões teóricas. *In*: DA SILVA, Cristiani Bereta; DE OLIVEIRA, Gláucia; KAMITA, Rosana (org.). **Gênero em movimento**: novos olhares, muitos lugares. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 33. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

LIRA, Manuella Ribeiro Barbosa. **Ninguém é ferro**: a construção da corporeidade feminina em uma academia de ginástica feminina em um bairro popular na cidade de João Pessoa. 2014. 105f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. *In*: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

OBESIDADE atrapalha saúde e também colocação no mercado de trabalho. **Globo**, Rio de Janeiro, 21 jul. 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/eu-atleta/noticia/obesidade-atrapalha-saude-e-tambem-colocacao-no-mercado-de-trabalho.ghtml>. Acesso em: 19 mar. 2021.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo**: História da Obesidade no Ocidente. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

“Viver e não ter a vergonha de ser feliz”

Ana Rita Vieira de Novaes

Vou lhe dizer um grande segredo, meu caro.
Não espere o juízo final. Ele realiza-se todos os dias.
(Albert Camus)

SER MULHER

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.
(Simone de Beauvoir)

Queridas partilhantes,

É com muita alegria que volto a falar com vocês. Quero fazer um convite para rememorarmos as nossas histórias e também fazer algumas confidências. Preciso dizer que transbordo de gratidão e que estamos mais integradas do que pensamos, acreditem.

Ao longo desses últimos anos, descobri o quanto é importante sermos fiéis a nós mesmas. Desconhecemos por completo o que a vida nos reserva. Assim, toda experiência acumulada vai nos munindo de fortalezas para o enfrentamento das batalhas seguintes. Por outro lado, vai nos provendo de suavidade, resiliência e sabedoria que nos auxiliam na compreensão dos inúmeros mecanismos que lançamos mão para nos afastarmos da nossa essência. Tenho a sensação de que por muito tempo andei distraída de mim mesma. Quando se tem muito o que fazer, tem-se pouco tempo para ser, entretanto, tenho quase certeza de que esse jeito tolo de caminhar não aconteceu somente por aqui.

Nós mulheres somos impelidas constantemente às múltiplas tarefas, ao cuidado irrestrito e à enorme dedicação em busca de realizações. Segundo Oliveira (2003), nossa sociedade está nos deixando escapar o tempo, a matéria-prima esgotável e a mais preciosa da vida. Estamos diante de mulheres culpadas, crianças desassistidas, idosos solitários e relações conflituosas. Trata-se de um grave problema de dimensão social, uma aflição coletiva, que vem produzindo desequilíbrios, estresse e inúmeras doenças. Mas o fato é que a nossa sociedade é profundamente exigente e suga o que temos de melhor, os nossos talentos, o potencial criador e o tempo de viver e amar em plenitude. Para Beauvoir (2011), viver uma vida verdadeiramente autêntica traz mais riscos do que aceitar um papel transmitido pela sociedade, mas é o único caminho para a igualdade e liberdade.

Essa é uma das nossas maiores distrações. Caímos nesse jogo e atravessamos grande parte da vida sem saber quem realmente somos ou refletirmos sobre o propósito da existência. A meu ver, requer o despertar para uma nova consciência, e isso implica em aceitarmos as nossas sombras, destravar os ferrolhos e as muralhas que nos protegeram, permitindo a revelação de uma visão mais ampla e significativa. Como se tirássemos uma venda dos olhos e agora pudéssemos circular por outros caminhos, percebendo a textura do solo, a nitidez dos contornos, o frescor das manhãs e as cores do outono. O correr

da vida implica em infinitas possibilidades. Não há manuais ou garantias. Seguiremos, pois, mulheres sensibilizadas por “inusitadas experiências”, sabemos que não viemos ao mundo para perder a viagem. Como bem disse Fernando Pessoa, “as vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido”.

MALES DO CORPO E DA ALMA

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.

O que ela quer da gente é coragem

(Guimarães Rosa)

Lembro quando caiu a ficha de que meu projeto de doutorado em Saúde Coletiva estava aprovado, “O cuidado da Acupuntura em mulheres com câncer de mama em Vitória, ES”. Assustada, percebi a complexidade desse novo universo. Foi no Hospital Santa Rita, na sala de consultas do Alberto, médico ginecologista. Ali, ao longo de um ano, acompanhei o atendimento de mulheres com câncer de mama. “Você está com câncer”. Vi caras de espanto, choros e até risadas. Chamava atenção a forma positiva como ele anunciava a “sentença”. Mas tenho a impressão que sempre será uma notícia bombástica. Mães jovens em aleitamento, com tumores enormes entravam em desespero. Outras sorriam e diziam: “ué, vamos tratar!”. Inesquecível a fala da D. Maria: “ainda bem que estou velha. Já pensou se eu tivesse essa doença com meus filhos pequenos? Quem iria cuidar deles?” E a filha, de mãos dadas, desmoronava em prantos. Indiscutível a avalanche de emoções que ecoam em nossas almas. Muitas vezes, contive o choro. Na minha inexperiência na oncologia⁵⁴: eu

54 Minha graduação foi em Medicina, depois especialização em Pediatria, Medicina de Família, Homeopatia e Acupuntura. Mas foi apenas durante o doutorado de Saúde Coletiva, em 2017, que entrei em contato com o campo da oncologia.

pensava que árdua batalha! Sobrevivem as fortes, aquelas que têm vontade de viver. Imaginava como seria atravessar esse deserto, do momento da notícia até o fim do tratamento, e de que forma sairiam dele. Sabia que não bastava exclusivamente retirar o tumor, mas de um olhar atento para dentro de si mesma e, por vezes, de profundas transformações e reinvenções.

O diagnóstico de câncer ainda ressoa como uma sentença de morte. Indubitavelmente. Apesar dos avanços dos atuais tratamentos e do aumento da sobrevida na maior parte deles, ainda é catastrófico saber-se com câncer. Na minha experiência como pesquisadora, ouvi muitas vezes: “Parecia que o chão se abria, e eu só encontrava a morte”, “Como ficarão os planos que fiz para minha vida?”. “Será eu vou sobreviver?”. Essas e tantas outras perguntas povoavam as mentes das mulheres, em sua dor profunda e solitária. A doença é uma ameaça, instiga lembrar que somos mortais e nos remete ao campo da incerteza e da imprevisibilidade.

Geralmente, não sabemos o porquê do câncer, poluentes, alimentos industrializados, cigarro, genética são agentes bem conhecidos, mas insuficientes para nossa completa compreensão. Explicações recentes da epigenética (EPEL; BLACKBURN, 2017) apontam para o protagonismo de outras associações como o meio social, o estresse e comportamentos, ampliando a relação de causalidade e efeito carcinogênico. Os conhecimentos tradicionais da Medicina Chinesa/MT (NOVAES, 2017) e da Homeopatia (HAHNEMANN, 1995) também expandem a visão do processo de adoecimento. Demonstram a importância das emoções e sentimentos na ruptura da homeostase da energia vital (homeopatia) ou *Qi* (MTC). A homeopatia baseia-se no modelo vitalista e, nessa concepção, somos constituídos por corpo, mente, alma, espírito, de forma que a doença, a recuperação e a cura precisam estar consoantes com a ideia desta totalidade (TEIXEIRA, 1997). De forma análoga, os princípios filosóficos da medicina chinesa expressam a dimensão imaterial no reconhecimento do *Qi* e da saúde no equilíbrio entre as polaridades Yin e Yang, que constituem

esta sua totalidade. Dessa forma que ambas reiteram a importância da integralidade e da totalidade individual na gênese do processo de adoecimento e da cura.

VAI DAR TUDO CERTO!

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

(Cora Coralina)

Vou contar para vocês como aconteceu a minha história. Era outubro de 2016, quando me deparei com um edital que oferecia bolsas de doutorado sanduiches para o programa de Saúde Coletiva da Ufes. Contrariando as minhas orientadoras que temiam pelo cumprimento do tempo para finalização do doutorado, escrevi um projeto com 19 folhas em 2 dias. Era uma grande oportunidade de aperfeiçoamento profissional e a chance de viver um sonho de juventude. Morar fora do Brasil, aperfeiçoar o inglês, conhecer uma nova cultura e trazer novidades sobre a Medicina Chinesa e a Acupuntura. Fui aprovada!

Para chegar ao outro lado da Terra, era preciso uma intensa preparação, em especial uma boa dose de coragem. Aos 54 anos, filhos encaminhados, recentemente separada e desimpedida, senti que a minha hora havia chegado. Precisava de documentação, fazer um check-up, encerrar as atividades profissionais e ajeitar a casa. Mas nada disso foi um obstáculo. Era um desafio enorme que eu queria viver. Assim foi, em março, partiu Austrália. Estudar Acupuntura na oncologia no Centro de Pesquisa de Medicina Integrativa na University Sydney of Technology (UTS) por 5 meses. Já no avião, uma enorme alegria se apoderou de mim. Eu estava radiante, pela audácia e ousadia, e me sentia a mulher mais realizada do planeta. Inicialmente, busquei um local para morar, conhecer a tecnologia dos aplicativos de mobilidade urbana e dominar as ferramentas de sobrevivência. Mas o mais importante era abrir o coração. Ficar bem

comigo mesma e ter coragem de me abrir para o novo. Aluguei um pequeno quarto na casa de um jovem casal, ele australiano e ela tailandesa. Já era mais do que suficiente. Percebi o quanto que a minha vida podia ser tão boa e simples ao mesmo tempo. Foi muito contundente perceber que ali, eu só contaria com o autocuidado e com as habilidades do viver que havia acumulado ao longo da minha trajetória. Não importavam as minhas referências no Brasil, pois nada disso tinha a menor importância. Eu estava completamente nua, em essência. Uma delícia. Sentia como uma borboleta saindo do casulo. Era hora de procurar as flores, odores, cores e, quem sabe, encontrar algum jardim. Passei a fazer Yoga e a preparar a minha alimentação, firme no propósito do eterno aprendiz. Na universidade, fui acolhida pelo Jon e pelo Chris, meus supervisores, e frequentei inúmeras aulas e atendimentos na clínica de acupuntura e hospital oncológico. Escrevi artigos, estudei e li muito. Aproveitando da minha momentânea solidão, senti-me à vontade para buscar sites de relacionamentos, onde conheci pessoas incríveis. Um convite para um café, um bom papo casual (ótimo para treinar o inglês local), que se transformaram em amizades ternas e duradouras. Procurei amigos de amigos e, quando dei por mim, estava completamente ambientada. Cada fim de semana conhecia um lugar novo com pessoas de diversas nacionalidades, frequentava aulas de inglês e meditação e até um samba bem brasileiro em Bondi, onde fui morar nos últimos dois meses. Era realmente um privilégio poder me desenvolver intelectualmente, mas também me empoderar como mulher, como cidadã brasileira neste mundão de Meu Deus.

Mas nem tudo foram flores. Nesse tempo, apresentei um sangramento uterino muito intenso. Fui a vários médicos e hospitais em Sydney. Conheci a realidade do sistema de saúde in loco e precisei de uma curetagem para melhor avaliar a causa da hemorragia. E pasmem. Era um carcinoma de endométrio. Eu também estava com um câncer. Inacreditável, pois me sentia ótima! E a notícia veio em inglês, longe de casa, distante de família e amigos. Andei sem destino

por algum tempo. Um cataclismo de emoções de dimensões inimagináveis me assaltava. Não conseguia pensar ou chorar, quando percebi que também estava sentindo o chão se abrir. Imediatamente, lembrei de vocês, das entrevistas quando produzimos o documentário, “Reinventando a vida: experiências de mulheres com câncer de mama” (NOVAES, 2016). Era a mesma sensação. Uma frase dita no filme ressoava continuamente em minha mente. “Você pode viver o câncer de duas maneiras, com desespero ou sem desespero. Eu escolhi viver sem desespero”. E eu pensei. Essa é a melhor opção. Na verdade, é a única escolha a fazer. Chorei a noite toda e lentamente fui me recuperando e comecei a me despedir daquele país que me acolheu e das pessoas que tinha aprendido a amar. Havia dor pela partida abrupta, pelo medo da doença e da morte e pela absurda solidão e desamparo que sentia naquele momento. Era nítido que ninguém terceiriza a própria dor. Mas eu já tinha aprendido com vocês (e com a minha sábia mãe), a importância da fé e que a força está viva dentro de nós. Era a minha hora de abrir as comportas da esperança e caminhar em direção à luz. A única certeza que eu tinha naquele momento se resumia a: eu quero viver. Vou fazer o melhor que eu puder para sobreviver a isso. No que depender de mim, serei uma paciente “vip”. Afinal, ainda quero ser avó! Partiu, Brasil!

Na volta, conheci o que é “apoio social”, tão discutido nos artigos lidos. É o nome de uma força de um poder inimaginável. O poder do amor, coração, que nos faz sentir verdadeiramente amados e cuidados em toda a nossa humanidade. Milagres acontecem todos os dias. E comigo aconteceu. Ser acolhida com tanta ternura foi o maior bálsamo que eu podia receber. Amigos e familiares me aguardavam no aeroporto, com muitas palavras de conforto. Exames marcados para o dia seguinte. Todos juntos em oração. Minha filha Clara fez um grupo no WhatsApp com o lindo nome “os anjos de Ana”. Realmente, somos rodeados por anjos e pelo sentimento profundo de fraternidade, que irradiava fé e esperança. Foi duro ver os meus filhos, Artur e Clara, amedrontados, eles também temiam sofrimentos causados pela doença e pela

possibilidade de morte. Mas eu percebia neles uma força até então desconhecida e foi justamente desse sentimento que me alimentei durante todas as etapas do meu tratamento. Sou eternamente grata a eles, aos meus amigos e familiares e a vocês mulheres-partilhantes, pela força que me ensinaram a usar, e dela me nutri na travessia do meu deserto.

O TRATAMENTO

Não te rendas que a vida é isso, continuar a viagem,
perseguir os teus sonhos, destravar os tempos,
arrumar os escombros, e destapar o céu.
(Mário Benedetti)

De uma hora para outro, você muda de lado. Se antes eu era a médica, que decidia o melhor caminho para cada partilhante, agora eu era a “paciente”. Além da estranheza que isso provocava, pude perceber por que essa terminologia deve ser evitada. Somos agentes ativos no processo de tratamento e essa experiência requer, acima de tudo, determinação, participação e comprometimento com a cura.

Era tenso evitar o sofrimento, especialmente nas terríveis vésperas de cirurgias, de recebimento de resultados de exame decisivos para o prognóstico ou quando se é consumido pela quimioterapia. Mas a experiência por si só nos induz a esperar. Além dos cuidados oncológicos, usei tratamentos com Homeopatia, Acupuntura e Meditação. Fiz terapia e cuidei do meu lado espiritual. Indescritível a importância de aliar esses ingredientes e reconhecer a unidade indivisível, de mente, corpo e espírito. Aos poucos, fui sentindo uma paz profunda e a sensação que estava diante de uma oportunidade única e transformadora. Queria jogar no segundo tempo da partida, já consciente das necessidades de mudanças e da certeza de que quase nada (ou nada) está sob o nosso controle.

A vida segue. Felizmente, identificado no estágio I, a doença tinha enormes possibilidades de cura. Apesar das resistências iniciais,

esta foi a minha primeira virada: com serenidade e obstinação, consegui defender a tese do doutorado, 10 dias após a última quimioterapia, com um artigo, um livro e um documentário. Com muita emoção e numa sala repleta, fechei esse ciclo. Eu tinha plena certeza: tudo passa. Vou superar e renascer.

NASCE UMA NOVA MULHER

Se eu errar que seja por muito, por amar demais,
por me entregar demais, por ter tentado ser feliz demais
(Clarisse Lispector)

A mulher tem na alma a essência da transformação que se expressa e se materializa nos ciclos femininos. Somos fagulhas de Fênix, potências de renascimento. Renascer. Ressignificar a vida, implica em mais de cuidar de mim, dos meus sonhos, plantar sementes de maior importância e me manter desperta e consciente. Certamente que aprendi muito com a experiência e continuo aprendendo. Pretendo continuar acolhendo a minha humanidade, reconhecer as limitações, gratificando-me com os acertos, e seguir vivendo no momento presente até quando Deus quiser, em plenitude. Continuar a jornada com alegria, enfrentando os desafios, solidarizando-me com o sofrimento alheio, com sensibilidade, música, arte e sabedoria. Hoje, permito-me ser cada vez mais essência, chama criativa que não se apaga. Agradeço todas as manhãs cada minuto da minha existência. Não temos tempo a perder, companheiras de viagem! Sigamos na paz, na certeza de que somos merecedoras do dom da vida e da felicidade.

REFERÊNCIAS

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Reengenharia do tempo**. Editora Rocco. 2003. 148 p.

BEAUVOIR, Simone. O homem é definindo como ser humano e a mulher, como fêmea. In: FORTINO, C. (org.). **O livro da Filosofia**. São Paulo: Editora Globo, 2011.

EPEL, Elissa.; BLACKBURN, Elizabeth. **O segredo está nos telômeros**. São Paulo: Editora Planeta, 2017.

TEIXEIRA, Marcus Zulian. **A concepção vitalista de Hahnemann**. Editora Robe, 1997.

NOVAES, Ana Rita Vieira de. A acupuntura no cuidado de mulheres com câncer de mama em Vitória, ES. 2017. Tese (Doutorado) – CCS. UFES, 2017.

HAHNMEMANN, Samuel. **O Organon de a Arte de Curar**. Joinville: Editora Abraao, 1995.

NOVAES, Ana Rita Vieira de. Reinventando a vida: experiências de mulheres com câncer de mama. Documentário. 2016. Disponível em: <http://observapics.fiocruz.br/video-documenta-uso-de-acupuntura-em-mulheres-com-cancer-de-mama/>. Acesso em: 7 mar. 2021.

Sororidade no direito: gritos por justiça

Thainá Pacheco Moreira Barbosa

Jeanine Pacheco Moreira Barbosa

Carmem Cristina Araújo de Souza

Layla Bolzan Lindoso

Maria Angélica Carvalho Andrade

A CARTA

Às mulheres que como eu calaram,

Escrevo esta carta, porque por muito tempo o silêncio que habita em mim foi meu grito mais alto. Há palavras que não dizem nada, há silêncios que dizem tudo. O silêncio não é apenas ausência de palavras, mas uma mensagem que insiste. É como a saudade. Presença ausente que comunica, mas não com palavras.

Mas é preciso ampliar os sentidos sobre a natureza desse silêncio. Existem silêncios vários. Silêncios que acusam ou que matam.

Silêncios prudentes ou que angustiam. Os silêncios podem nascer do medo, da repressão, da dúvida, da impossibilidade. Podem ser correntes ou a chave para a liberdade. Poderíamos falar de um idioma feito de silêncios. Contudo, existe um silêncio brutal que encobre gritos, originados de uma experiência de horror que não conseguimos nominar, traduzir em palavras (QUANDO, 2016).

Desde criança observara o silêncio das mulheres daquela casa. Lembrando bem, o silêncio das mulheres não estava presente somente ali: era notoriamente perceptível que a enorme maioria das mulheres parecia estar com algo parado na garganta, como se desejasse cuspir palavras que, inconscientemente, sabia que não deveria (NASSIF, 2018, s/p).

Sim, eu calei como muitas de nós, mulheres, também calaram. Mulheres de grandes e pequenas cidades, que vivem em áreas rurais, de todos os grupos étnicos e religiosos, independentemente de educação ou condição social. Eu me calei, porque é difícil acreditar que a violência acontece com você, especialmente quando o violentador é alguém conhecido ou, pior, alguém em quem depositamos nosso amor, nossa confiança, nossos sonhos. Eu fiz calar minha voz interior que insistia para eu ter mais cuidado, para que eu desse mais atenção aos meus sentimentos e aos sinais de que alguma coisa estava errada. Mas eu decidi ignorar essas pistas.

Nós, mulheres, desde sempre fomos vistas como inferiores aos homens. Shakespeare expressou esse fato por meio de seu personagem Petruchio, já no século XVI, e Tennyson ratificou 250 anos depois (MILLER, 1999). Transformaram-nos em “uma cópia infiel do homem” e, a partir de então, nossa existência se resume a ser propriedade dele e nessa condição, fazer tudo que existe ao nosso alcance para agradá-lo. Acontece que esse processo de “treinamento” é tão cruel e desumano que acabamos por incorporar esse comportamento que nos faz sentir incompletas ou culpadas, quando fazemos algo apenas para

nós mesmas. Sentimo-nos vazias, egoístas se não temos filhos e, não são raras as vezes que nos pegamos racionalizando nossas dúvidas, encontrando explicações que possam justificar aquilo que intuitivamente suspeitamos. São muitos os mecanismos de sujeição que nos levam a idealizar a vida a dois, o casamento. Nenhuma mulher se casa acreditando que conviverá com um vitimizador, porque estão convencidas de que a “mulher certa” poderá mudá-lo (MILLER, 1999).

Por isso, muitas vezes, calamo-nos. Sentimos-nos envergonhadas, afinal, nós fizemos a escolha. Será? Não queremos trazer problemas para os nossos amigos ou familiares. Calamos-nos por nos sentirmos constrangidas em relação aos detalhes da violência e também porque, no fundo, sentimos que seríamos responsabilizadas pelo que aconteceu (WARSHAW, 1996). E assim seguimos presas em uma gaiola, que julgamos não ter a chave.

Mas o início não é assim. O jogo se inicia com os rituais tradicionais de um encontro qualquer e, aos poucos, o violentador insiste com suas tentativas de sedução e nós vamos controlando a intensidade do envolvimento, até que ele parte para a dominação forçada. Será que tudo isso aconteceu mesmo? Será que tudo isso aconteceu porque eu bebi um pouco mais e estava me sentindo enevoadá? Será que eu fui responsável por desencadear esse comportamento e ação? O fato de ter, inicialmente, gostado e correspondido ao beijo justificou toda aquela sequência de atos? Por que me sinto culpada por tudo isso que me aconteceu? Será que minhas respostas às interações sexuais, empurrando-o, lutando, chutando e chorando, não foram suficientes para que ele acreditasse que minha recusa queria dizer NÃO mesmo? Eu me calei diante do meu próprio questionamento sobre o que me pareceu minha pouca resistência, sobre a não expressão vigorosa dos meus sentimentos e desejos, sobre minha necessidade de não o magoar, nem o machucar. Por que eu não pensei em dar um soco nele ou fazer algo mais violento? Por que continuei a ser uma “boa menina” mesmo quando alguém foi mau comigo? Por que, diante de tamanha ameaça, eu não gritei e me calei? (WARSHAW, 1996).

No jogo da sedução, o homem é ensinado a olhar suas ações como uma estratégia cuidadosamente construída para alcançar o seu objetivo final: o intercurso sexual.

Ele avança continuamente para ver “até onde pode ir”. Cada vez que ela [...] se submete à sua vontade, ele “avançou”, e cada vez que ela não faz isso, ele sofreu um “recuo”. Como ele já a vê como a parte adversa e o encontro como um jogo ou uma batalha, ele prevê a resistência. Ele sabe que “moças boas não fazem isso” e assim ela provavelmente dirá “não”. Mas, ele aprendeu a separar-se dela e dos interesses dela. Ele está mais preocupado em ganhar o jogo. Em vez de tentar comunicar-se com ela, ele tenta pressioná-la a dizer “sim” (WARSHAW, 1996, p. 81).

Quantas vezes os galanteios e elogios, que me pareciam sinceros, foram usados contra mim. E as provas de amor que me pedia? Seria amor subjugar o meu desejo para ceder às vontades do outro? E quando insisti em dizer não, ele arrancou de mim o meu corpo e com ele minha alma.

Eu não estava mais morando em mim. Deixei meu corpo naquele momento, observando tudo aquilo acontecer. Nós somos ensinadas a não contrariar, a ser gentis, educadas, amáveis. Longe de mim agir de forma violenta e agressiva. O que vão pensar de mim? Uma vida inteira de “treinamento” e nos tornamos presas fáceis.

Eu sou uma sobrevivente de uma experiência ameaçadora à minha vida! Digam-me, vocês já sentiram tamanho medo e aversão de alguma coisa indefinível, uma ameaça latente, que não sabemos de onde veio e nem dos efeitos que pode causar? Mais que terror, é um horror com o qual convivemos e que, para sobreviver, muitas vezes soterramos. O horror relaciona-se a esses silêncios que encobrem gritos (QUANDO, 2016).

Ele me disse que me machucaria se eu não parasse de lutar com ele. Eu me lembro de que nunca havia sentido tanto medo na

minha vida. Estava muito assustada! Talvez, esse medo tenha feito com que eu não tenha realmente me defendido. Acabei me convencendo de que a minha melhor chance de sobrevivência era “fazer o jogo”. Depois, fui para o banheiro, tranquei a porta e chorei. Senti-me nojenta e tomei quatro banhos. Não queria sair do banheiro nunca mais. Estava convencida de que havia ficado louca (WARSHAW, 1996). “Enorme parte das vezes a repulsa toma a frente porque, oras, quem é que deseja conscientemente lidar com tamanhas feridas purulentas no outro?” (NASSIF, 2018, s/p).

Diante desse horror, eu me lembro de ter negado para mim mesma o que tinha acontecido. Descrença e negação frente a mais dolorosa evidência disso ter acontecido comigo. Situação inexplícável! Difícil nomear esse episódio tão doloroso, tão perturbador, difícil acreditar que tenha vivido essa situação com alguém que é tão familiar, alguém em quem confiava. Fui realmente magoada pela perda da confiança.

Eu tinha muito medo de contar essa história. Eu tinha medo de ser julgada como uma menina ingênua e tola ou como uma mulher fácil, leviana, dissimulada e desajustada. Eu realmente me culpava. Como pude ser tão ingênua? E tinha muita vergonha. Se eu mesma não conseguia me perdoar, como alguém poderia? Esses sentimentos me deixaram sem forças para lutar e tudo que eu queria era desaparecer. Para calar a dor, eu me entreguei ao trabalho, estudo, sufoquei ainda mais meus gritos! Não me sentia suficientemente forte emocionalmente para aguentar qualquer crítica ou julgamento. Era mais fácil lidar com meu silêncio, afinal, sempre me calei, não é mesmo? Quem acreditaria na minha história se nem minha mãe acreditou? Como provar um ato de violência cometido por alguém conhecido? Com quem eu posso contar? Precisava ser forte.

Na adolescência houve um movimento familiar em torno de uma certa acareação, mas a memória é traiçoeira e, então, escondeu detalhes para se proteger. Ela, a memória. A mulher continuava

se sentindo parte integrante do presente grupo de mulheres que não falam. E, desta forma, familiarizou-se com aquele contexto (NASSIF, 2018, s/p).

Quando dizem que uma mulher é forte, não posso deixar de pensar que essa força nada tem a ver com as mulheres, porque é usada para nos domesticar, para nos colocar amarras e mordanças e nos fazer acreditar que sendo fortes podemos suportar tudo!

Algumas mulheres, que escapam desse tipo de captura e conseguem reencontrar-se consigo mesmas, às vezes, decidem romper com esse silêncio e gritam. Acontece que o silêncio é imposto pelas instituições (família, religião, direito, capitalismo...). Então, um recado claro é dado a toda mulher que ousa falar contra esse sistema que nos cala. Somos queimadas como as bruxas da idade média. Desqualificadas, vulgarizadas para que duvidem de nossas palavras e gritos de dor. Histérica, louca, leviana! Como se não bastasse o horror que assombra nossas noites e nos tira o sono, temos que conviver com o linchamento social e público. Afinal, o que prevalece é a palavra masculina. O que prevalece é a imagem construída historicamente de que somos destituídas de raciocínio lógico, diminuídas pela nossa sensibilidade. Por isso, é sempre muito difícil contar essa experiência (FEDERICI, 2019; NASSIF, 2017).

Sabem de uma coisa, minhas amigas? Como advogada que sou, não posso evitar de pensar. O direito deveria repudiar e rejeitar a utilização de juízo de valor, estereótipos ou preconceitos sobre qual seja ou deva ser o papel social das mulheres. Se somos nós que sofremos pela revitimização, por qual motivo prevalece o olhar masculino? Acredito que o olhar masculino sobre nós, mulheres, é usado como uma forma de nos silenciar e minimizar toda opressão sofrida por nós. E esse julgamento só serve para proteger e fortalecer o patriarcado (ALMEIDA, 2017).

Eu sei, galghei um lugar desejado por muitas mulheres. Tenho uma profissão que garante o meu sustento. Mas o que fazer se o

motivo da minha alegria é exatamente a razão da minha tortura? Todos os dias quando chego ao meu local de trabalho reúno as minhas forças e prometo a mim mesma que o dia será diferente. Mas me sinto como um animal encurralado diante de uma violência perversa, invisível e cotidiana. Sou advogada, mas não há justiça para mim mesma. São palavras, gestos aliados a relações hierárquicas, abusivas e intencionais⁵⁵ que diminuem a minha capacidade de agir. Sinto-me constantemente desqualificada, sozinha, diminuída, sob pressão constante, pois não tenho direito de errar (ANDRADE; ASSIS, 2018; BRAZ, 2019).

Ao contrário dos meus colegas homens, sinto que sou duas, três vezes mais cobrada. Sempre ouvi dizer que uma mulher pode fazer qualquer trabalho que um homem sem perder a sua feminilidade. Para mim, isso quer dizer simplesmente que não importa o que eu faça, o quanto eu estude ou me esforce, o quanto sou qualificada e competente, no fim, eu sou relegada e continuo reduzida a minha genitalia (FEDERICI, 2019). É um sistema cruel, um ciclo vicioso, no qual me sinto presa e sem esperanças de um dia me ver livre. Sonhei em um dia ser feliz na profissão que escolhi...

Eu sei que a gente se acostuma, mas não devia. As palavras presas na garganta são constantemente engolidas junto com um bom gole de dor, até que engolir a dor faça parte da nossa rotina. A gente faz um esforço enorme para não sentir, sem saber que a estesia⁵⁶ é a resposta para nossas feridas. “A gente se acostuma a coisas demais para não sofrer. Em doses pequenas, tentando não perceber, vai se

55 O assédio moral como violência no trabalho é definido por Marie-France Hirigoyen como “toda e qualquer conduta abusiva manifestando-se sobretudo por comportamentos, palavras, atos, gestos, escritos que possam trazer dano à personalidade, à dignidade ou à integridade física ou psíquica de uma pessoa, pôr em perigo seu emprego ou degradar o ambiente de trabalho” (HIRIGOYEN, 2011, p. 65).

56 Oposto de anestesia. Capacidade de sentir, de ser afetado e afetar.

afastando uma dor aqui, um ressentimento ali, uma revolta acolá” (COLASANTI, 2009, p. 54).

Ao meu redor, ninguém entende meu silêncio-tristeza. Um grito poderia me libertar, trazer-me de volta à vida, pois é nossa primeira manifestação de vida ao nascer. Um grito poderia dizer que estou indefesa e que preciso de ajuda. No entanto, fui muito “bem-educada” e não poderia sair por aí gritando descontroladamente. Com toda a certeza, receberia o título de louca, histérica ou algo que desqualificasse meu grito de dor.

É assim. O grito que não consegue abrir caminho é substituído pelo silêncio. E porque não posso gritar, eu choro. Mas o choro também é solitário e oprimido, pois também fui ensinada a não deixar verem minhas lágrimas. Lágrimas essas que reiteram meu silêncio e não fazem passar a dor.

Lembro-me de ter lido um poema que dizia: “A maioria das doenças que as pessoas têm são poemas presos. Abscessos, tumores, nódulos, pedras são palavras calcificadas, poemas sem vazão” (MOSÉ, 2010).

É verdade, pessoas adoecem de palavras presas. Sobretudo as mulheres, ensinadas desde cedo a calar. Dia após dia me sinto cada vez mais exausta, triste e irritada. Meu corpo dói, minhas costas, meu estômago sofre com a ansiedade. Não consigo dormir e o cansaço me consome. Estou constantemente doente. Minha pele descama, fica roxa a qualquer toque. Meus cabelos caem, o mundo perde a cor. Ainda assim eu como para sentir alguma coisa, substituir os gritos que tentam escapar. Outras vezes, perco o apetite, pois nada tem sabor e a vida se torna insólita. “Alguns anos se passaram e as palavras ficaram grandes demais para a garganta e começaram a sair pela pele: o corpo sempre encontra uma forma de expurgar dor pra abrir espaço pro que quer que seja de possivelmente vivo” (NASSIF, 2018, s/p).

Mas o que podemos fazer? Quando as palavras não conseguem sozinhas descrever tamanho horror e dor, elas precisam da poesia. “Em caso de poemas difíceis use a dança. A dança é uma forma de

amolecer os poemas, Endurecidos do corpo. Uma forma de soltá-los, Das dobras dos dedos dos pés, das vértebras. Dos punhos, das axilas, do quadril” (MOSE, 2010).

Lembrei-me imediatamente das cirandas de mulheres, que unidas em irmandade encontravam força, potência para resistir e insistir, dançando ao redor das fogueiras, buscando sabedoria no compartilhamento das experiências umas das outras. Por que hoje sofremos tão sozinhas e caladas, cada qual no seu canto?

Precisamos de mais SORORIDADE. *Sóror* que significa “irmãs”. Evoco a nossa versão de fraternidade, uma união afetiva e de amizade, na qual nos damos as mãos e ajudamo-nos a levantar.

Chega dessa ideia construída e incutida em nossas mentes de que devemos competir, rivalizar. Frases como “Não dá para confiar em mulheres” ou “Mulher se arruma para outra mulher” só nos dividem. Não precisamos de validação masculina para nos sentirmos bem e felizes. Não era assim e não precisa ser. Quando nos vemos como inimigas, quando cedemos ao julgamento umas das outras por características físicas, tornamo-nos incapazes de nos colocar no lugar da outra. Quem ganha com nossa rivalidade é o patriarcado, o capitalismo e todas as instituições que vivem de nos escravizar seja através de modelos estereotipados, seja através de nosso trabalho não remunerado em casa ou, ainda, nos salários inferiores que ganhamos no mercado de trabalho. Precisamos ser solidárias, apoiar-nos para conquistar a liberdade e igualdade que desejamos, mas para isso devemos suspender nosso julgamento, respeitar, saber ouvir e dar a voz umas às outras! Juntas podemos dar passagem para esse grito preso na garganta. Com sororidade, poderemos fazer ressoar nosso grito que denuncia uma opressão em comum: a opressão de gênero (SANTOS, 2020).

Quando nos encontramos em situação de vulnerabilidade, tudo que precisamos é que acreditem em nós. Compreendam que nossa experiência é importante, por favor, não minimizem nossa dor e não nos julguem. Precisamos ser ouvidas, não emudeçam nossas vozes e

não falem por nós. Quem nunca viveu o que vivemos, não consegue alcançar os sentimentos pelos quais passamos. Deixe-nos saber que você não nos desaprova, não nos culpa e que podemos confiar em você. Oriente-nos quanto ao que fazer em situação de violência. O choque é tão grande, que mesmo uma advogada como eu, pode ficar paralisada diante de tanto terror. Mas não preciso que tome as decisões por mim. Por favor, respeite o meu tempo e me ajude a organizar meus pensamentos. Esteja disponível para o que eu precisar. Uma mulher depois de uma violência pode levar um tempo muito grande para cicatrizar as feridas da alma, mesmo que as do corpo tenham sido curadas. Esse processo é tão singular e pessoal como cada mulher e sua história (WARSHAW, 1996).

Quanto a você, mulher, como eu, eu digo que precisamos contar nossas histórias, quebrar o silêncio, dar passagem ao nosso grito: Eu, mulher, estou constantemente sendo violentada pelas estruturas sociais que me objetificam, diminuem-me e me exploram. Construo a minha vida sob o terreno movediço da possibilidade de viver uma violência. Não quero mais sentir medo. Sou um ser humano com igual direito a qualquer homem. Não importa a minha etnia, classe social, escolaridade ou religião, sou uma mulher, dona do meu corpo e me manifesto de muitas formas e jeitos. Só cabe a mim decidir o que posso ou não fazer. Por muito tempo, meu silêncio foi meu grito mais alto, mas hoje eu uno minha voz à voz de todas as mulheres que me leem neste momento para dizer, ou melhor, gritar:

Eu, mulher, não estou só. Minha dor é a sua dor.

Juntas, com sororidade, podemos transformar as estruturas sociais, criando um ambiente seguro e de oportunidades para que as mulheres de todas as gerações possam banir o silêncio dando voz e vez a protagonista que existe em cada uma de nós. Conte comigo!

Com carinho,
Uma mulher de voz

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Teresa Féria de. Julgar com uma perspectiva de gênero? **Julgar online**, [s. l.], 2017. Disponível em: <http://julgar.pt/wp-content/uploads/2017/11/20171109-ARTIGO-JULGAR-Julgar-com-uma-perspetiva-de-g%C3%A9nero-Teresa-F%C3%A9ria.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2021.

ANDRADE, Cristiane Batista; ASSIS, Simone Gonçalves. Assédio moral no trabalho, gênero, raça e poder: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, [s. l.], v. 43, e11, p. 1-13, 2018.

BRAZ, Natalia. Mulheres são maioria entre vítimas de assédio no trabalho. **Faculdade de Medicina (UFMG)**, 6 maio 2019. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/mulheres-sao-maioria-entre-vitimas-de-assedio-no-trabalho/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

COLASANTI, Marina. Eu sei, mas não devia. *In*: O pequeno livro das grandes emoções. 2009. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000185905>. Acesso em: 15 maio 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

HIRIGOYEN, Marie-France. **Assédio moral**: a violência perversa no cotidiano. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MILLER, Mary Susan. **Feridas Invisíveis**: abuso não-físico contra mulheres. Tradução de Maria Luiza Bolanho. São Paulo: Summus, 1999. 285 p.

MOSÉ, Viviane. Receita para arrancar poemas presos. *In*: Poema: Viviane Mosé / Congresso Pensar. [S. l.: s. n.], 2009. 1 vídeo (2 min.).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4CrEFX4Bjns>. Acesso em: 19 mar. 2020.

NASSIF, Mariana. O triste conto da mulher que cala. **GGN**, [s. l.], 20 jan. 2018. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/cronica/o-triste-conto-da-mulher-que-cala/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

NASSIF, Mariana. Há algo de novo em termos de violência contra a mulher. **Justiça de Saia**, [s. l.], 9 jun. 2017. Disponível em: <https://www.justicadesaia.com.br/ha-algo-de-novo-em-termos-de-violencia-contr-a-mulher-por-mate-da-luz/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

QUANDO o silêncio esconde um grito. **A mente é maravilhosa**: Revista de opinião e entretenimento, sobre temas relacionados a psicologia, filosofia e arte, [s. l.], 25 abr. 2016. Disponível em: <https://amenteemaravilhosa.com.br/quando-silencio-esconde-grito/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SANTOS, Ana Paula. Sororidade: por que precisamos falar sobre isso? **Politize**, [s. l.], 23 mar. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/sororidade/#:~:text=Em%20resumo%2C%20sororidade%20diz%20respeito,ouvir%20com%20respeito%20suas%20reivindica%C3%A7%C3%B5es.&text=Portanto%2C%20a%20sororidade%20%C3%A9%20um,pautar%20um%20sentimento%20de%20uni%C3%A3o>. Acesso em: 15 mar. 2021.

WARSHAW, Robin. **Eu nem imaginava que era estupro**. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996. 299p.

*Quando meus silêncios
se juntam ao de
mais mulheridades
se torna coro⁵⁷*

Ana Paula Figueiredo Louzada

Danielen Fernandes Brandão

Stéfani Martins Pereira

Queridas mulheres,

Escrevo esta carta para dar voz a alguns silêncios que tenho escutado há muito, muito tempo, desde muito jovem, e que ganham

57 As cartas foram escritas a partir do relato de mulheres no decorrer da pesquisa das mestrandas Stéfani Martins Pereira e Danielen Fernandes Brandão, sob orientação de Ana Paula Louzada, no Programa de Pós-Graduação em Análise Institucional – PPGPSI/UFES.

contornos na medida em que envelheço. Cada silêncio meu e seus ganham corpo e, por aqui, assumem formas de loucura, sendo contidos por anos de medicalização.

Os cabelos brancos e as mãos franzidas que vejo no espelho foram cunhados entre a compreensão de que minhas internações não aconteceram devido aos meus transtornos, mas para preservar a família da louca que inventa verdades e expõe os abusadores. *“Louca, mesmo tendo de tudo, inventa essas histórias e perde a presença dessa família linda quando fala demais”*, ouvi tantas vezes, até que veio o primeiro diagnóstico, logo quando contei para a mãe dele que eu não era a primeira a ter o corpo violado por aquele homem que escolhi para ser meu companheiro.

Recebi vários diagnósticos e precisei de muito tempo para entender que não era somente meu corpo a ser contido. Cada dedo apontado em minha direção fedia a medo a ponto de me arder as narinas, como em cada virar de costas e a cada ausência. Meu lugar de louca servia de mordaca a cada uma de vocês e foi somente quando me dei conta disso que aceitei o fato de que de vocês não desejava carregar raiva, mas queria ouvir os silêncios que passam por aí.

Minha mãe me ensinou a não perdoar aos homens abusadores. Mas foi na ruptura com os processos de medicalização que entendi que, com as mulheres, eu precisava criar uma escuta e fazer gritar todo esse silêncio barulhento. Foi quando nasceu minha loucura, bem antes de emergir de fato a psicose maníaco depressiva e outras alterações de humor. Minha loucura, meu grito, minha liberdade em exercer minha voz, essa foi tomada de mim, medicalizada. Só a pouco tempo aprendi a diferença desse lugar em relação à posição de cuidado.

Meu silêncio compulsivo e seus silêncios coagidos não falam somente de nós, de nossas famílias. Afinal, entendam-me: imagine, e se cantássemos ou gritássemos em coro sobre as atrocidades que vivemos? Talvez, várias das posições sociais estariam em risco, como foram as minhas, quando me dizem que não me importo com

a família, não sei cuidar dos meus filhos e só penso em mim mesma, quando os afasto daquele homem que os gerou biologicamente em meu ventre, que desperdicei a felicidade, e falo demais porque sou mau-amada e ressentida. Precisei ser amordaçada (pela medicalização), como vocês foram (pelo medo?), para que os nossos abusadores sustentassem seus lugares de pessoas de bem.

Entendi, ainda, que vários dos silêncios entre nós, a cada encontro, eram formas de cuidarmos umas das outras, perto ou longe. Mas hoje escrevo para cuidar de outras maneiras, para dar passagem a essas marcas entre nossos corpos e nossas histórias.

Espero que me ouçam, espero ouvi-las, em nossos silêncios. Aguardo pelas vozes de vocês.

Com amor,

Maria



Amada mulher e todas essas presenças que te habitam: possibilidades de mulheridades⁵⁸ psi, artista, mulher, criança, anciã, bailaora, atriz, selvagem, acolhedora, indignada, guerreira, doce e de olhos vibrantes.

Tão difícil chamá-las de amada sem cair na desconfiança, na crítica, na acidez ou mesmo em mecanismos competitivos e desqualificadores. Aciono esse lugar de amada com a força do conflito, da

58 Mulheridades: cunhado pela filósofa, antropóloga e feminista afro-brasileira Lélia Gonzalez (2020), mulheridades é uma das traduções feitas pela autora para o conceito *wamonism*, da escritora afro-americana Alice Walker (GONZALEZ, 2020). A partir dessa tradução e pelos deslocamentos propostos pelo feminismo decolonial, mulheridades afirma multiplicidades de experiências “mulher” produzidas pela interseccionalidade que emergem pela modernidade ocidental eurocêntrica que ecoa seus efeitos até os dias atuais. E, também, propõem-se pluriversal (MIGNOLO, 2008), compreendendo que a colonização atingiu uma imensa diversidade de povos, produzindo em cada qual distintas experiências.

franqueza e da necessidade de aprender a amar como uma marca do que nos constitui com a força do presente.

Chamo-as de amada, acionando as presenças que finalmente puderam coexistir, se escutarem, acolherem-se sem julgamentos morais, que se assentam em volta de uma fogueira ou mesa e podem brindar e compartilhar a vida juntas.

Compreendo, amada, a dor da violência vivida pelo abuso fez aquela doce criança sofrer e mergulhar em uma produção de distanciamento de outras meninas. Era difícil sentir o silenciamento que sentia e ficar sozinha para lidar com tudo o que te passava parecia impossível. Era impossível de suportar. O ódio se instaurou por outras mulheres. Sei que ficava observando a alegria de suas colegas e se perguntando por que você tinha que ter vivido aquilo que aconteceu, por que dessa marca em seu caminho, em seu corpo. Mal sabia o quanto isso passava por tantas outras que também sofriam em silêncio.

Sei que levou muito tempo para confiar em outras mulheres, para fazer laços de amizade, entrega e amorosidade. Orgulho-me de todo seu caminhar, por se possibilitar dar a responsabilidade a quem tem em relação à violência sofrida. Também sei como foi difícil escutar de tantas mulheres que você deveria perdoar seu agressor. E hoje, com todas as forças que povoam meu corpo, agradeço-lhe por não ter caído nas armadilhas que o machismo introduz também na subjetividade feminina da resignação e do perdão. Compreendo que esse é o recurso que muitas mulheres têm para lidarem com esse tipo de violência e continuarem sua vida ou, simplesmente, para deixarem de perder ainda mais. Mas isso era insustentável para toda essa fúria que percorre suas veias. Sei que se passaram muitas estações para ser possível perdoar quem precisava — você. Entender e sentir que nunca foi culpa sua, que não era sua responsabilidade. E acompanho esse processo, mesmo de longe, para saber que um dos marcos nessa metamorfose foi compreender que essa é uma linha social que sustenta e legitima a cultura do estupro. E nesse processo você precisou tomar posse de seu corpo, que pelo processo de violência deixou

a marca de que seu corpo não era propriedade sua, e o outro poderia fazer o que quisesse, e você não teria recursos para se defender.

Foi tirada de você a possibilidade de segurar nas mãos de outra mulher para que você se sentisse mais forte, amparada e acolhida. Hoje, você constrói essas possibilidades, e me orgulho por isso.

Orgulho-me muito por você ser desse jeito que você é e por todas que ainda pode ser.

Com amor,



Amada mulher,

Tanto tempo depois de sua inocência ser tomada de ti, você encontra-se em um relacionamento violento. Ele era obcecado por você e adoece, pois você buscou o término desse relacionamento e foi viver o desabrochar na vida e as curas de algumas feridas.

Não podemos esquecer que nesse momento houve uma marcação de distanciamento entre as mulheres — isso é algo que se repete de formas diferentes ao longo da vida. Ele foi a primeira pessoa que você contou sobre seu abuso, e ele levou isso para nossas irmãs dizendo que nós não te protegemos. Por muito tempo, vasculhei em minhas lembranças se você havia dito tamanha atrocidade; mas sei que não. Você não nos responsabilizou.

Já havia um hiato entre nós. Também fomos abusadas pela mesma pessoa e decidimos no silêncio cuidar uma da outra a distância. Sei do quanto precisou lutar por nossas relações, para remendá-las, para desfazer aquele abismo que aquele tio criou entre nós. Talvez, se em algum momento lá atrás tivesse sido possível conversarmos... mas dessas coisas não há arrependimentos, há compreensão e a certeza de que hoje é possível se fazer diferente. É isso que te acompanho fazendo cotidianamente.

Como esse distanciamento entre as mulheres se repete de novo e de novo, sempre para encobrir as violências vividas. Essa repetição constante de distâncias e silêncios se parece muito com o que acontece no trauma; é um sintoma de todas essas relações adoecidas de machismos.

Com amor,



Querida e amada mulher,

Como foi difícil o término daquele relacionamento amoroso. Sei que você foi responsabilizada por desencadear seu adoecimento psíquico, uma tentativa de depreciá-la, como se faz com as mulheres ao colocá-las nos lugares de “louca e má”.

Enquanto você lutava para escapar desses lugares, deixava de notar os violentos abandonos sofridos, quando seu corpo adoecia e deixa de ser útil. Você recebeu falas de vários homens, dentre os quais, seu companheiro e líderes religiosos, que diziam que “foi você a única responsável pelo seu adoecimento”. Afinal, um adoecimento desses é seu corpo lutando contra ele mesmo.

Eu sei, minha amada, quanta foi a luta necessária para não se ver como a almoz de sua vida. Quantos processos de julgamento, que nos fizeram sentir que somos nossas maiores carrascas, que somos responsáveis por tudo de ruim que nos acontece, por todas as violências. É uma luta nos fazermos livres disso, reinventarmo-nos.

Como se amar? Como amarmos umas às outras? Como formar redes de amor, se existe todo um sistema patriarcal, machista, racista, LGBTfóbico, que insiste em dizer que somos nós quem infligimos tudo isso para conosco?

Cactos são plantas que resistem ao clima árido e solo infértil e, mesmo assim, vivem, brotam.

Você não é resiliente, resignada ou vítima de qualquer uma dessas coisas. Você é alguém, uma mulher que a vida insiste. E é tanta vida, tanta beleza, que transborda sua própria vida e das mulheridades que te rodeiam.

Como é bom, minha flor, hoje reencontrar esse amor por si que os acontecidos tentaram te retirar. Por insistir que seria diferente, mesmo que, para isso, precisasse mudar o mundo. E você mudou o SEU mundo e tem construído o mundo que você quer. Orgulho-me de quem foi, quem és e quem tem se tornado. Orgulho-me de termos conseguido nos reencontrar ainda em tempo, ainda nessa existência. Você é a relação amorosa que sempre desejei e esperei em guerrilha.

Você é a mulher que estava esperando chegar. Te amo com a intensidade da mãe Terra que produz vida.

Com amor



Querida,

Ainda trêmula escrevo esta carta. Todos nossos encontros tinham tantas pausas. Tantos silêncios. Como se houvesse a necessidade de selecionar o que iríamos dizer. Como se houvesse coisas de nossas histórias de vida que não pudessem ser contadas.

Nunca tinha me dado conta desses silêncios. Nunca tinha me dado conta que esses silêncios guardam histórias que não podem aparecer. Segredos. Que precisam permanecer como segredos. Guardados nos próprios corações. Narrados somente com nossa própria voz... se pronunciarmos em voz alta, o que aconteceria? Ele poderia se juntar a outras vozes e se tornar coro? Esse corpo-coro-mulheridades moveria o quê?

O coro que vem junto com suas palavras chega em meus ouvidos e me convida a contar dos meus silêncios. Em breve, eles chegarão em seus ouvidos.

Com amor,



Queridas e amadas mulheres,

Ver esses silêncios tornando-se palavras, fazer aqueles sons indistintos tornarem-se barulhos audíveis, gera-me um misto de emoções de alegrias e pesares. Alegrias por compor presenças, pesares por constatar mortes. Quantas de nós morremos em nome do patriarcado, sem que nos demos conta. Mortes físicas. Mortes subjetivas.

Desejo, agora, que novas mortes se façam para que novas vidas renasçam. Mortes de formas duras, que darão passagem a novos movimentos de viver.

Gostaria de dizer a cada uma de vocês, mulheres, que você não tem culpa, ainda que esse seja um de seus fardos. Tentar abandoná-las pelo caminho portanto!

Aprendemos a guardar em segredo toda a nossa dor e, assim, fazemos muralhas em torno de nós mesmas. Aprendemos que isso é ser forte.

Podemos, no entanto, descobrir novos modos, construindo pontes ou implodindo fortalezas, para encontrarmos umas às outras e a nós mesmas.

Na solidão, paralisamos, calamos. Nos encontros entre nós, ganhamos voz e damos passos. Aqui, sim, há forças!

Gostaria de dar notícias a respeito dos meus transtornos mentais. De fato, tenho questões que me demandam cuidado e atenção. Escutar, sempre. Medicar, quando necessário. Medicalização, nunca mais — esse é remédio e sintoma para sustentar por via do silêncio compulsório os lugares hegemônicos do patriarcado, eliminando formas de resistência do corpo dessa mulher, e essa doença chamada patriarcado não é minha, mas de sociedade.

Tratamos patriarcado com liberdade, de falar e ouvir (escutar).

Que possamos multiplicar meios que rompem silêncios.
Com amor,



REFERÊNCIAS

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Org. Flavia Rios *et al.* Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, v. 34, p. 287-324, 2008.

Carta a todas as mulheres do mundo

Maria Elizabeth Barros de Barros

Queridas parceiras de uma⁵⁹ vida,

A proposição de endereçar uma carta a outras mulheres teria, aqui, o objetivo de nos fortalecer em tempos de distanciamento físico. Assim, uma aposta seria a de criar uma fresta, um lampejo de luz, um respiro, enfim, uma possibilidade de reencantar o mundo. De início, tal convocação parecia inequívoca e caberia, apenas, um processo de me ocupar do gesto de dedilhar ou escrever à mão a experiência de ter como destinatárias mulheres espalhadas por tantas terras. Mas como me dirigir a vocês?

Uma expectativa foi dando nascimento a um exercício inédito para mim: escrever uma carta para um coletivo sem rosto definido, um destinatário inespecífico. Inespecífico em diferentes sentidos:

59 Expressão utilizada por Deleuze (2002).

porque não sabemos quem vai lê-la; inespecífico, porque não existem padrões que as definam. Mulheres não cabem em qualquer categoria predeterminada que as homogenizem. A multiplicidade de ser mulher não caberia em nenhuma definição a priori. Então, escrevo para uma multiplicidade inespecífica. Para todas e qualquer uma.

Nesse fluir de ideias, imediatamente pensei que esta escritura poderia ter a força de um fragmento que pudesse iluminar detalhes prenhes de vida que, ao se atualizarem, carregassem um certo fetichismo. Assim, começou a se delinear a possibilidade de uma carta que fosse um dispositivo para imprimir sentidos outros nos modos de fazer nossas vidas andarem nesse momento, uma forma de criar conexões entre nossos diferentes e plurais modos de viver o feminino. Uma escrita centrada não no eu, não no outro, mas “numa vida”, a partir da inspiração *deleuzeana* (DELEUZE, 2002): uma vida que perpassa todas e cada uma de nós, que é impessoal e, portanto, também toca possíveis leitoras dessa missiva. Uma escrita pode fortalecer um coletivo. Afinal, estamos afastadas?

Decidi, então, escrever uma carta que pudesse portar linhas de expressão do vivido pela memória no presente. Uma carta como escrita de vida, da vida que estamos vivendo hoje em tempos tão sombrios. Sempre considereirei que o ato de escrever favorece o ato de pensar e, ao exercitar o pensamento, forçamos pensar o vivido que vai sendo criado no curso da experiência.

Sim, um vivido como pura imanência, na qual as individualidades se apagam em favor da vida singular imanente a uma mulher que não tem mais nome nem rosto. Inspirei-me em Deleuze (2002, p. 15), quando afirma que

Uma vida está em toda parte, em todos os momentos que este ou aquele sujeito vivo atravessa e que esses objetos vividos medem: vida imanente que transporta os acontecimentos ou singularidades que não fazem mais do que se atualizar nos sujeitos e nos objetos.

Uma vida de entretempos, entremomentos, que não sobrevém, nem sucede, mas apresenta a imensidão do tempo vazio, acolhendo um acontecimento ainda por vir, mas, paradoxalmente, já ocorrido. Uma vida singular que passa sem qualquer espécie de processo de individualização. É para esse coletivo sem rosto definido e sem individualidades que esta carta se endereça.

Vou, assim, esboçando uma carta-convocação, uma carta-escrevivência — como uma modulação da expressão forjada por Conceição Evaristo (2006): escrita-experiência — que possa dar passagem a afetos alegres. Basta de afetos tristes! Afetos de alegria podem produzir uma ampliação nas nossas estratégias para interferir e produzir mundos. A alegria da amizade. Alegria que pode interferir nesse baixo-astrol sistêmico que estamos experimentando, afinal, não seria a amizade a imunidade que pode nos salvar? Uma carta-afeto alegre, portanto, uma carta-amizade, que possa expressar uma militância feminista que anseie pela produção de um comum, como um plano imanente de coexistência de multiplicidades de modos de viver que vai se engendrando. Um plano comum que possa engendrar e fortalecer coletivos de mulheres que não almejem o homogêneo ou qualquer outra forma de unificação, afirmando a explosão do viver. Uma escrita que nos provoque a um reposicionamento subjetivo; afinal, como nos disse Evaristo (2017, s/p), ninguém chora “diante de um dicionário, e as palavras estão lá, arrumadas bonitinhas. Mas elas só te tocam se você transformar em uma vivência possível, que você já observou ou até em uma ficção”. Uma carta-escrevivência, uma escrita de nós, contaminada por nossa condição de mulheres no contemporâneo.

Como, então, tomar o que vivemos como abertura a partir da qual emerge um possível, criado pelo acontecimento? Penso que, como já nos indicou Rolnik (2019), sempre há embriões de mundos que tencionam e desestabilizam os modos de existência em que a vida se encontra corporificada no presente. Quando esses embriões ganham força, geram um mal-estar em nós, que é uma espécie de sinal

de alarme que a vida aciona para convocar o desejo a agir de modo a recobrar um modo de vida ativo, evitando os modos reativos de enfrentar esse mal-estar. Mas, se embarcamos numa micropolítica reativa, pautada em ressentimento e ódio, a força do desejo pode ser desviada do seu destino criador e ser canalizada para os interesses pautados numa lógica que tem como recurso a reprodução de modos de vida preestabelecidos. Modos finalistas de existir. Modos padronizados que se impõem como óbvios, naturais e fundantes de um ser mulher. Precisamos ficar atentas aos microfascismos⁶⁰ cotidianos.

Ora, uma vida se faz nas malhas de relações de forças, faz-se em suas formas miúdas, nas nossas atitudes do dia a dia, mas também nas grandes organizações do desejo em escala social. É sempre do fora que uma força confere a outras ou recebe das outras a afecção variável que somente existe sob tal relação. Há, pois, um devir de forças que não se confunde com a história das formas, já que opera por molecularidade. Uma micropolítica que se faz menor, mais precisamente “minoritária”, que nos remete aos afectos como devir ou processo. Uma política que não se liga a modelos, mas à potência ou ao poder dos encontros com ideias, com a natureza, com as companheiras e os companheiros, mas também no aconchego solitário de um quarto. A potência dessa micropolítica ativa está, exatamente, no pensamento que vai se forjando a partir da afecção do pensamento, de algo que nos force a sair do que está instituído. Tal política afirma tudo o que decorre da molecularidade das linhas em devir.

Trata-se de uma micropolítica atrelada a acontecimentos estéticos, a “estilos de vida” como efeitos de acontecimentos pré-pessoais que podem parir novos modos de sentir, de ver e de dizer e disputar a criação de mundos outros. Afinal, conforme nos ensina Deleuze (2002), as relações de força “constituem ações sobre ações” e, então,

60 Na visão de Deleuze e Guattari (1996), microfascismo está relacionado a políticas cujos focos são moleculares; um modo de fascismo em fluxo, sem centro, ilocalizável, que se espalha nos modos de vida.

definem modos de viver. Deleuze (2002) indaga: que modos de existência afirmamos quando dizemos isto e fazemos aquilo? E eu acrescentaria: que vidas afirmamos? Estamos vivas?

O que estou tentando dizer para vocês é que precisamos construir estratégias de resistência contra o intolerável em cada relação ou forma de poder, em cada totalização do viver, em cada comunicação massificadora, de forma a travar com esse intolerável, “uma guerra sem batalha, uma guerra de guerrilha” (DELEUZE, 2002, p. 11). A revolta é devir. Um devir revolucionário é uma oportunidade de conjurar a vergonha e responder ao que tenta fazer sucumbir um existir insubmisso a qualquer modelização.

Para Foucault (2004), a história está sempre aberta à revolta, a se rasgar e criar novos tempos. É preciso atenção ao que acontecimentaliza e, assim, escutar o som da revolta no presente. Para o filósofo, a resistência é a capacidade que a força tem de entrar em relações não calculadas pelas estratégias que vigoram no campo político. Resistir, então, não é reagir, pois, quando reagimos, damos resposta àquilo que os regimes violentos e totalitários querem de nós. Quando (re)existimos, criamos possibilidade de existência a partir de composição de forças inéditas. Resistir é sinônimo de criar e, portanto, indica a não aceitação dos modos de subjetividades modelares; é uma experiência de subjetivação e uma experimentação de liberdade que exige coragem para combater o inaceitável, o que não tem o sentido de ficarmos reduzidas à capacidade de nos opor ou de não permanecermos em dada relação por nos abstermos de autonomia ou abdicarmos de uma ação. Tal exercício de liberdade, como nos indicou Arendt (2010), é ativar nossa potência de agir em concerto.

Resistência não é confronto com o inimigo, o que, às vezes, precisa ser, mas, sobretudo, combate, luta com a adversidade; é criar planos de ação que desarmem o inimigo. As resistências meramente reativas negam, conservam e restauram um estado de coisas; já as resistências ativas, ativam a alegria da invenção. Como indica Safatle (2017), os sistemas vitais são marcados por uma permanente

reordenação, instituindo novas normatividades que perseguem a mudança radical dos modelos de regulação, afirmando sua capacidade transitiva. Estamos falando da vida em sua soberania insubmissa que nos puxa para fora desse tempo.

Nossa aposta numa micropolítica ativa implica, portanto, desestabilização subjetiva, insubmissão aos modelos *pret a porter* de subjetividade, de forma que um mundo larvário possa germinar, o que só se efetiva por meio de um processo criador que transforma modos subjetivos e, portanto, nosso campo relacional. A micropolítica é sempre pontual, local, precisa, limitada e requer coragem de direcionar a força de existir liberada pela indignação combativa para cultivar poderes dignos de existência e isso tudo requer perseverança, coragem de liberdade.

No meu entendimento, queridas parceiras, uma forma de canalizar criadoramente essa força do desejo é construir coletivos fortes e redes afetivas, redes quentes de amizade, que, como nos diz Agamben (2009, p. 92), tem estatuto ontológico e político: “A amizade é a divisão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida”. Tal micropolítica implica o fortalecimento dessa divisão, uma partilha sem objeto.

Arriscaríamos, aqui, uma hipótese: os coletivos que não *com-sentem* são efeitos dos laços que estão se desfazendo e se enfraquecendo, cedendo terreno para o esfriamento das redes afetivas que nos constituem como humanas normativas que não cessam de se esforçar para que a vida coletiva possa fluir, na contramão do isolamento que as políticas totalitárias imprimem. Esse caminho que estamos propondo, parceiras, implica ativar um exercício político que nos retira de uma pretensa estabilidade, lançando no laborioso trabalho de transformação do que está posto, que é a própria condição do viver.

É a partir de uma micropolítica ativa, tomando um certo desassossego como um alarme vital — alarme que surge sempre que a vida está sendo violentada —, é que podemos reverter uma nebulosa fascista (ECO, 2018) que nos tem tomado e resistir, criando coletivos,

fortalecendo redes de amizade que “condividem” e isso não se faz apenas no plano macropolítico de enfrentamento da máquina de Estado, o que é importantíssimo, mas não suficiente.

Esta carta é, portanto, uma carta-convocação para o empreendimento de algumas lutas, lembrando que nossas experiências implicam um paradoxo, uma vez que não pertencem a ninguém particularmente e, entretanto, cada uma é responsável por todas. Uma espécie de instituição com várias vidas simultâneas. Cada uma de nós tem responsabilidade nessa construção de formas de luta e, por isso, não há “solo” possível. É no “viver entre”, na motricidade das trocas que efetivamos um incessante jogo que se faz por conjugação — do contrário, podemos nos perder das nossas apostas éticas-políticas. Isso sempre me inquieta: ser mulher não pode desprezar uma dimensão transpessoal inerente aos gestos humanos, é um exercício jamais solitário.

Estar atentas aos acontecimentos, ao imprevisível, é se colocar numa postura de contemporaneidade, que implica sermos intempestivas, inconformadas com aquilo que há de inadmissível em nossa época, indagar setores conservadores que lutam pela hegemonia desse intolerável, muitas vezes, ameaçado. É necessário expor nossa insatisfação por meio de um impulso que desencadeie transformação, buscando sair de um estado de adormecimento e habitar um vácuo entre o inatual e o atual.

Fico pensando em como ser mulher hoje e como é necessário um gesto de suspensão do tempo, uma relação singular com ele, num movimento de aproximação e afastamento. Se ficarmos completamente imersas no nosso próprio tempo podemos não conseguir vê-lo. Estar plenamente aderidas à nossa época e não se posicionar criticamente significa não conseguir sermos críticas e apontar as feridas do presente.

Fitar nos olhos do tempo, no que dura, no que nos passa, é direcionar o olhar para o nosso tempo para além de suas luzes. É enxergar o escuro produzido pela luz, sendo que para aquelas que experimentam a contemporaneidade, todos os tempos são obscuros. Enxergar a escuridão, como pontua Agamben (2009), é uma atividade ativa que

envolve neutralizar a luz e ver as trevas para podermos identificar o que há de mais desprezível na atualidade e, para obtermos esse objetivo, é necessário esforço e determinação, exercício cotidiano, pois o que há de pior não se apresenta gratuitamente; muitas vezes, é ofuscado e encoberto pelo que há de mais sedutor. Enxergar o não vivido e dissociar o tempo cronológico, perceber as práticas que colocam em risco a beleza explosiva da vida. Penso que é indispensável uma relação com o tempo intempestivo e inconformadas com aquilo que há de doentio em nossa época. Nossa insatisfação é o impulso que pode desencadear a transformação e nos tirar de um estado de adormecimento e aceitação.

Como nos colocar nessa posição de contemporaneidade e pensar as atuais configurações sociais? Com o que nos interessa compor quando fazemos uma avaliação ética do que vivemos hoje como mulheres? Seria esse o momento em que poderemos alcançar efeitos e enfrentar aquilo que nos oprime e constrange marcado pelo neoliberalismo/fascismo contemporâneos? Como apostar em uma espécie de mutação permanente que se erigiria como resistência? Essas são muitas das questões que me faço e que dirijo a vocês.

É preciso mutação para resistir e gerir a vida coletiva, decidir os modos como vamos viver juntas, enfrentando toda sorte de arranjos normativos que nos atravessam como mulheres. Ora, é por entre as malhas que vamos tecendo possíveis para fazermos mundos diferentes daquele que o capitalismo vem contornando. Ansiamos por terra nova.

A luta deve ser pela vida e não contra as diferentes expressões de mortificação. A vida sempre se revolta contra os controles que sobre ela se busca impor. Se temos a vida como direção ético-política, precisamos formular a questão de outro modo: que lutas empreender para afirmar uma vida que não seja servidão voluntária? A felicidade não é uma espécie de obrigação. Não cabe aceitar receitas de felicidade; ao contrário, existe legitimidade numa sorte de sofrimento que não nos pacifica ou nos torna indiferentes aos acontecimentos. Um sofrimento que nos retira de um certo torpor e nos lança no trabalho incessante de criar possíveis para não sufocarmos, como nos indicou Deleuze (2010).

Nossa aposta-proposta? Acordar resistências, mesmo que camaleantes, que possam nos comunicar e nos ajudar a enfrentar juntas os desafios do real, modificando o modo de produzir e viver, contestando as conexões supostamente indispensáveis do sistema que tem governado nossas vidas. Estamos sendo forçadas a experimentar outros desafios, nossos corpos estão a viver situações-limite e trânsito de intensidades variadas e inéditas. Esta carta tem, portanto, um propósito: sermos contemporâneas para ficarmos atentas a esse tempo distópico e seus efeitos em nossa experiência mais singular, que é plural e de todas as mulheres do mundo. Quando nasce uma criança, nasce uma mãe, e uma avó, e uma bisavó, e...

Em tempos difíceis, exige-se uma delicadeza para enfrentar os desafios e isso só podemos fazer com amor e poesia, com encontros dignos de uma vida na sua imanência. Encontros que têm um efeito corporal e dizem respeito a perceptos e afectos, fazendo com que a inteligência seja convocada e intensificada em função de afecções, pois inteligência só é boa quando vem depois, lembra-nos Deleuze. Encontros como redes moventes, como fábricas criadoras e não reprodutoras. Apreendemos de Deleuze (1992), portanto, essa direção, segundo a qual a composição de nossa vida é uma composição de encontros. Encontros que nos atravessam por todos os lados, em todas as direções. Encontros nos passeios, nas reuniões, nos amores, mesmo vividos em solidão. Não cessamos de encontrar seres, coisas, ideias e com eles tecer relações sempre imprevisíveis. Mesmo na solidão podem proliferar encontros, solidões povoadas, conexões insuspeitas.

Ao desmontar os mecanismos que capturam a ação humana, nossa empreitada é, assim, deslanchar um movimento que se abra para um possível que vem, pois não nos basta alçar formas instituídas de ação. Perseguir meios de compartilhar em concerto as questões da vida comum das mulheres hoje, afirmando um tempo oportuno — *Kairós*. Investir na construção, implementação e consolidação de políticas de amizade sustentadas pelo plano coletivo que atravessa Estado, governos, movimentos sociais, a vida cotidiana, enfim. Pensar

um coletivo de mulheres como afirmação de direitos não apenas civis, mas, principalmente, subjetivos, para “qualquer uma”. Um plano comum que diga respeito à experiência concreta dos coletivos, construído a partir das experiências de cada mulher, de todas elas.

A proposta é a construção de uma experiência compartilhada em tempos nos quais a experiência⁶¹ se encontra em crise. O que nos inquieta? Diria com Hanah Arendt (2010) que é uma desresponsabilização pelo mundo como “mundo comum”. Em alguma medida, a construção do mundo comum fica, diante desse panorama, fragilizada e os sentidos tecidos pelo compartilhamento das experiências se diluem. É preciso nos jogar num exercício de produção incessante de um mundo comum, perspectivando enfrentar o colapso no contemporâneo como germes para a instituição de ações de transformação de tudo que apequena a vida.

Doravante, uma micropolítica ativa implica ir além do meramente provável; é acreditar na possibilidade de um novo começo, de um agir do qual pode se esperar o inesperado. Agenciar forças que possam criar condições de possibilidade para a produção de experiências a serem compartilhadas, bem como a construção de uma narratividade que a permita germinar, visando à profanação (AGAMBEN, 2009) dos dispositivos regulatórios que vão se hegemonizando nesses tempos.

É na experimentação da tessitura de mundos compartilhados que sugiro pensar o enfrentamento deste pandemônio político que temos vivido. E, retomando a questão *foucaultiana*, perguntamo-nos: é inútil revoltar-se? Foucault (2004) nos lembra que enxergar no fracasso político a inutilidade da revolta é desprezar o esforço de todos e todas que lutam, e até morrem, para a criação de outras possibilidades de vida. Ele nos convoca a uma atenção ao presente, uma interrogação sobre a atualidade. Ser inatual no contemporâneo.

61 Experiência, como compartilhamento público, tem caráter político da comunhão entre humanos. A transmissão, então, não se refere à troca de informações ou ao repasse delas a outro. Transmissão vinculada à ideia de que algo germina.

Minhas divagações são interrompidas por uma voz que retorna de caminhos do pensamento que foram se forjando aqui, quando me dirijo a vocês: o que aquelas que estão lendo esta carta estão pensando, dizendo? O que esta carta pode disparar?

Despeço-me reafirmando algumas propostas que endereço a todas as mulheres do mundo: fazer política, política da amizade, sem cair nos antigos e desgastados clichês. O convite é para que possamos exercitar uma micropolítica que se faz na rua, nas nossas casas, nos becos, ali onde possamos escapar dos poderes instituídos. Mulheres nascem órfãs! Não queremos pais ou pastores que orientem nossa caminhada. Vamos evitar tropeçar em pegadas que não fomos nós quem deixamos. Um devir-mulher, como devir revolucionário, encontra a figura da revolucionária para entrar em devir. Um devir revolucionário resiste e embarca em processos de diferenciação de todos os modelos, desinvestindo os falocentrismos. Devir revolucionário como máquina de guerra se constitui com os processos de singularização do devir-mulher. Um devir revolucionário é indiferente às questões de um futuro e de um passado da revolução, passa entre os dois e não se preocupa em tomar o poder; trata-se de uma experiência militante que almeja multiplicidade de existências. Este é o chamado: investir na produção de novos modos de ser mulher num movimento incessante de contágio.

Bem... Não perspectivou futuro no que falei nesta carta. Um silêncio a envolve, um silêncio que tem a ver com o fato de não esperar uma resposta. Um silêncio próprio de uma espera interminável. Afinal, escrevemos para sermos dignas desse silêncio. Aqui, lembro-me de Foucault (2011): um silêncio da amizade, uma amizade pautada na ausência de palavras, pois não é preciso comunicar nada, pois o principal propósito é estarmos juntas.

Deixo para vocês um poema de Conceição Evaristo (2017), intitulado “Na mulher, o tempo”:

A mulher mirou-se no espelho do tempo, mil ruas (só as visíveis) sorriram, perpendiculares às linhas das dores.

Amadurecidos sulcos atravessavam o opaco e o fulgor de seus olhos em que a íris, entre o temor e a coragem, se expunha ao incerto vaivém da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas – dos pingos lágrimas à plenitude da vazante. E no fluxo e refluxo de seu eu viu o tempo se render. Viu os dias gastos em momentos renovados desesperança nascitura. Viu seu ventre eterno grávido, salpicado de mil estrias (só as contáveis estrelas) em revitalizado brilho.

E viu que nos infintos filetes de sua pele desenhos-louvares nasciam do tempo de todas as eras em que a voz-mulher na rouquidão de seu silêncio de tanto gritar acordou o tempo.

E só, só ela, a mulher, alisou as rugas dos dias e sapiente adivinhou: não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos, ele se guardou de uma mulher a outra...

E só, não mais só, recolheu o só de outra, de outra... fazendo solidificar uma rede de infinitas jovens linhas cosidas por mãos ancestrais e rejubilou-se com o tempo guardado no templo de seu eternizado corpo.

PS: neste domingo, 14 de março, acabo de escrever esta carta. Exatamente hoje completam-se três anos sem respostas sobre o caso da Marielle Franco. Essa é uma data que precisa ser constrangedora para as autoridades brasileiras, passou da hora de darem as respostas que realmente importam. O assassinato de Marielle não pode cair no esquecimento. #JustiçaPorMarielleEAnderson. #3AnosSemRespostas. A violência contra as mulheres, nas suas diferentes expressões, não pode ser tolerada.

Um forte abraço a todas,

Beth Barros.

Marielle, Presente!!

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil platôs** – Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 3.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 219-226.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 10-18, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Sobre o teatro**: um manifesto de menos, o esgotado. Tradução de Fátima Saadi, Ovídio de Abreu, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. Festa Literária Internacional de Paraty – Flip. Em mesa emocionante, Conceição Evaristo é ovacionada na Flip.

por Sérgio Luz. **O Globo**, [s. l.], 30 mar. 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-mesa-emocionante-conceicao-evaristo-ovacionada-na-flip-21648252>. Acesso em: 24 mar. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2011.

ROLNIK, Suely. Para que serve pensar? *In*: ENCONTRO DO GRUPO DE TRABALHO SUBJETIVIDADE CONTEMPORÂNEA DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, 2019, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPEPP, 2019.

SAFATLE, Vladimir. O Estado do mal-estar social. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 mar. 2017. Seção Colunistas. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2017/03/1867082-o-estado-do-mal-estar-social.shtml>. Acesso em: 24 mar. 2021.

Sobre as mulheres-autoras

Adriana Ilha da Silva

Assistente social. Doutora em Política Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro dos grupos de pesquisa Estudos Críticos em processos sociais, NUSP, LabEpi, GEM-TES e Labic/UFES.

Adriely Clarindo

Psicóloga. Doutoranda em Antropologia Social na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestra em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Pesquisadora discente no Núcleo de Estudos de Gênero PAGU.

Alana Araujo Corrêa Simões

Apaixonada por hábitos, processos de criação e pesquisa. Psicóloga clínica, mestranda em Psicologia Institucional pela Ufes. Desenvolvedora do projeto em andamento, aprovado pelo edital da Secult/ES 034/2019, denominado “ENVIOS POSSÍVEIS”, que consiste em ateliês de livre expressão criativa para usuários do abrigo para pessoas

em situação de rua. Tem experiência nos campos da Psicologia e da Estética, atuando, principalmente, nos seguintes temas: loucura, tempo, inconsciente, arte e cidade.

Alexandra Tsallis

Professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e do Programa em Controladoria e Gestão Pública da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenadora do Laboratório afeTAR/UERJ. Mãe da Flora e da Sol. Mulher branca, casada com Marcelo. Sonha com mudar o mundo.

Ana Claudia Pinheiro Garcia

Cientista social. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc)

Ana Lucia Coelho Heckert

Professora aposentada da Ufes. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Ufes.

Ana Paula Figueiredo Louzada

Professora adjunta do curso de Psicologia e da pós-graduação em Psicologia Institucional da Ufes, com formação em Psicologia. Doutora em Educação (Ufes), com ênfase em práticas institucionalistas e grupelistas.

Ana Rita Vieira de Novaes

Doutora em Saúde Coletiva/Epidemiologia (Ufes, 2017), mestre em Saúde Coletiva/Políticas Públicas (Ufes, 2007), especialista em

Homeopatia, Acupuntura, Pediatria e Medicina Geral Comunitária e graduada em Medicina (1986).

Andreina del Rocio Saá Calle

Psicóloga (Ufes).

Bárbara Sthefany de Paula Lacerda

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Camila Marchiori Pereira

Psicóloga. Doutoranda em Psicologia e mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Camila Tobio Emmerich

Mestra em Psicologia Institucional (Ufes) e graduada em Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2018.

Carla de Souza Campos

Mulher, negra, ritmista, psicóloga, antifacista. Mestra em Psicologia Institucional pela Ufes.

Carmem Cristina Araújo de Souza

Graduanda em Direito pela Faculdade Nossa Senhora de Fátima. Jurista em escritório de advocacia especializado em Direito das Mulheres. Uma das Idealizadoras do projeto Lei Delas <https://www.>

[instagram.com/lei.delas/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/lei.delas/?hl=pt-br). Voluntária do Projeto Justiceiras <https://justiceiras.org.br/>, que possui atendimento multidisciplinar on-line para combater à violência contra mulher: jurídico, médico, psicológico, socioassistencial e rede de acolhimento.

Danielen Fernandes Brandão

Psicóloga, atriz, ativista feminista. Mestra em Psicologia Institucional (Ufes).

Denise Barbieri Biscotto

Socióloga. Especialista em Gestão do Desenvolvimento Local – Centro Internacional de Formação, da Organização Internacional do Trabalho CIF/OIT. Coordenadora de Projetos da Associação Ateliê de Ideias.

Eliane de Fátima Almeida Lima

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Erika Maria Sampaio Rocha

Médica. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Docente adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia-UFSB, campus Paulo Freire.

Eulália Stefânia Silva Veloso

Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia. Membro do Laboratório de Direitos Humanos e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Direito Internacional; integra o GEA Ufes, desde setembro de 2020. Ao longo da graduação, desenvolve estudos e pesquisas sobre gênero e direitos humanos.

Ethel Leonor Noia Maciel

Enfermeira. Doutora em Epidemiologia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutora em Epidemiologia na Johns Hopkins University – Baltimore, Maryland, Estados Unidos. Professora titular do Departamento de Enfermagem e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Laboratório de Epidemiologia (LabEpi).

Fernanda Có e Gomes Tardin

Médica. Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Giovana Xavier

Mãe do Peri. Doutora em História Social. professora na Faculdade de Educação UFRJ. Teórica feminista negra, ativista intelectual e autora dos livros *Você pode substituir Mulheres Negras como objeto de estudo por Mulheres Negras contando sua própria História* (Rio de Janeiro, Malê, 2019) e *Maria de Lourdes Vale Nascimento: uma intelectual negra do pós-abolição* (Niterói, Eduff, 2020). Líder apoiada pelo Programa

de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras Marielle Franco do Fundo Baobá pela Equidade Racial (2019-2021).

Heloísa Bárbara Cunha Moizéis

Psicóloga. Doutoranda pela UFPB e mestra em Psicologia Social. Colaboradora do Grupo de Pesquisa e Comportamento Político (GPCP), desenvolvendo pesquisas sobre sexismo e violência de gênero.

Ileana Wenez

Uma argentina que mora no Brasil, mãe de uma filha. Doutora e mestre em Ciências do Movimento Humano pela EsEF/UFRGS e licenciada em Educação Física pela Facultad de Educación y Salud (FES/IPEF) Argentina. Professora adjunta do Departamento Ginástica do Centro de Educação Física e Deportes e da Pós-graduação em Psicologia Institucional (Ufes). Participante do Laboratório de Estudos em Educação Física (LESEF) e participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidade (GEPSS).

Isabela Valverde Fonseca

Atualmente, é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, campus JF), com grande interesse nas áreas de saúde mental, psicologia da saúde, dentre outras. Compõe o GEA Ufes, desde outubro de 2020.

Ivana Carneiro Botelho

Psicóloga pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI - Ufes), com a temática de pesquisa em Saúde Mental Infantojuvenil. Psicanalista. Participante da instituição Psicanálise

& Cultura. Atuação profissional na Saúde Pública/Saúde Mental e em consultório.

Jamine Ronacher Passos Silva

Médica. Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Jeanine Pacheco Moreira Barbosa

Arte-educadora. Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora voluntária do Departamento de terapia Ocupacional da Universidade Federal do Espírito Santo. Membro do Grupo de Pesquisa Rizoma: Saúde Coletiva e Instituições e do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Jéssica Mariana Parrilha da Silva

Psicóloga clínica. Mestre em Psicologia Institucional e graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Joyce Maia Duval

Psicóloga. Especialista em Psicodrama pelo Instituto Mineiro de Psicodrama (IMPSI) e em Neuropsicologia (finalização) pela Universidade de Vila Velha (UVV) e graduada pela Faculdade Metropolitana de Belo Horizonte. Atualmente, atua em serviço de Média Complexidade (Creas), com atendimento e acompanhamento a pessoas com ameaças e/ou direitos violados.

Juliana Amaral Dias Cordeiro

Psicóloga (Ufes).

Juliana Aguilera Lobo

Bacharela em Relações Internacionais pela Unesp Franca (2010). É colaboradora do Ciência Pelos Olhos Delas, projeto de divulgação científica filiado à rede de Blogs de Ciência da Unicamp, e integra o GEA Ufes, desde julho de 2020. Dentre seus interesses de pesquisa estão movimentos sociais na América Latina e feminismos.

Ketle Silva

Psicóloga. Mestra em Psicologia Institucional (Ufes).

Layla Bolzan Lindoso

Bacharel em Direito (Faculdades Integradas de Vitória - FDV). Pós-graduada em Gestão, Educação e Segurança do Trânsito (Universidade Cândido Mendes - UCAM) e em Direito Penal e Processual Penal (Universidade Gama Filho - UGF). Curso de Advocacia em Direito das Mulheres (WELT CURSOS). Advogada autônoma especializada em Direito das Mulheres. Idealizadora do Projeto Lei Delas (<https://instagram.com/lei.delas?igshid=we28wkn6zc4y>). Membro da Comissão da Mulher Advogada da Subseção da OAB de Cariacica/ES.

Luiza Ruela Siqueira

Adolescente, estudante de Biotecnologia do Ifes, fã de Kpop e literatura. Filha da Lu.

Luizane Guedes Mateus

Mulher preta e filha de Iansã. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, com área de atuação em políticas públicas e relações étnico-raciais. Professora do Departamento de Psicologia da Ufes.

Zuziane de Assis Ruela Siqueira

Psicóloga. Doutora em Educação. Professora adjunta II do Departamento de Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Ufes. Coordenadora do Grupo de Estudos Infâmias Resistências. Membro do Grupo de Estudos Conectus. Mãe da Luiza, movida a afetos.

Manuella Ribeiro Lira Riquieri

Nutricionista. Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e mestra em Sociologia (UFPB). Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Marcia Roxana Cruces Cuevas

Psicóloga. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente, é professora do curso de Psicologia e da pós-graduação em Psicologia Institucional da Ufes. Desenvolve estudos e pesquisas voltadas à conexão entre políticas públicas e processos de formação, pesquisas no âmbito da educação e os processos formativos junto à Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial na perspectiva da Educação Popular.

Maria Ângelica Carvalho Andrade

Médica. Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública ENSP/Fiocruz. Professora adjunta do Departamento de Medicina Social e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

María Antonella Barone

Formada em Psicologia (UNC-Argentina). Doutoranda em Psicologia (Ufes) e mestra em Psicologia Institucional (Ufes). Pesquisadora pertencente ao Grupo de Estudos sobre Aborto (GEA), linha de pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades (NEPS) da Ufes.

Maria Cristina Silva Medeiros Corrêa

Enfermeira. Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Maria Elizabeth Barros de Barros

Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Ufes. Mãe de Flávia, Fernando e Renata e avó de João, Malu, Duda e Rafa.

Maria Elisabeth Bussular Franquini

Graduanda em Psicologia na Ufes.

Marina Francisqueto Bernabé

Psicóloga. Mestre em Psicologia Institucional pela Ufes e especialista em Análise Institucional, Esquizodrama e Esquizoanálise: Clínica de Indivíduos, Grupos e Organizações pelo Instituto Félix Guattari/MG. Lésbica, feminista interseccional, militante LGBTI+ e de Direitos Humanos. Professora universitária, psicóloga clínica, atua na Política Estadual de Diversidade Sexual e de Gênero da Secretaria de Estado de Direitos Humanos. Presidenta do Conselho Estadual LGBT+ no biênio 2019/2021.

Marina Jacobs

Bacharel em Psicologia, doutoranda e mestre em Saúde Coletiva. Estuda desigualdades sociais em saúde e o acesso ao aborto previsto em lei. Compõe o GEA Ufes, desde junho de 2020.

Marina Schuwarten Furbino de Pinho

Bacharel em Direito pela Estácio (2019). Pós-graduanda em Relações Internacionais com ênfase em Direito Internacional pela Faculdade IBMEC. Advogada especialista em Direito das Mulheres. Pesquisadora do GEA Ufes, desde 2019.

Marly Rodrigues Gabriel

Pedagoga e arte-educadora pela FAVI-ES. Técnica de Desenvolvimento Comunitário na empresa Ateliê de Ideias e agente de mobilização na empresa Instituto Ideias. Membro da Comissão Organizadora na empresa Fórum Bem Maior. Pesquisadora na empresa LabTec – Laboratório de Tecnologias Sociais e articuladora externa no Instituto Tamo Junto – Escola da Vida.

Mayara Ciciliotti da Silva

Psicóloga. Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Olindina Cirilo Nascimento Serafim

Quilombola e pedagoga. Doutoranda em Educação na Universidade Federal Fluminense-UFF, RJ, e mestre em Educação pela Ufes. Membro do Grupo de pesquisa Etnomatemática PPG/UFF. Membro do Coletivo nacional de educação quilombola (Conaq), integrante da Comissão Quilombola e do GT de Educação escolar quilombola do Sapê do Norte-ES. Membro do Conselho Estadual de defesa da Mulher e do Fórum de Mulheres do ES – Fomes.

Patrícia Duarte Deps

Professora titular (Dedicação Exclusiva) do Departamento de Medicina Social da Ufes, médica. Pós-doutorado na London School of Hygiene & Tropical Medicine (Reino Unido-2008) e na UVSQ (França-2018/2019), doutora em Medicina (Unifesp) e mestre em Doenças Infecciosas. Docente permanente da Pós-Graduação em Doenças Infecciosas da Ufes.

Rebeca Lyssa Ferrarez Gôlo

Graduanda em Psicologia na Ufes.

Renata Oliveira Bomfim

Arte-educadora. Doutora e mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Poeta e ensaísta.

Ambientalista e fundadora da Reserva Natural Reluz. Autora da Revista literária Letra e Fel.

Rita de Cássia Duarte Lima

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Ufes. Servidora Pública Federal, docente. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Sabrina Ribeiro Cordeiro

Psicóloga. Mestre em Psicologia Institucional pela Ufes e pós-graduada em Psicologia em Interface com a Justiça pelo Centro Universitário Salesiano de Vitória.

Sibelle Maria Martins de Barros

Psicóloga. Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) pela Ufes. Professora associada do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde (PPGPS/UEPB). Líder do grupo de pesquisa “Psicologia da Saúde” (UEPB/CNPq). Membro do GT “Família e Comunidade” da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP).

Shirley Vilhalva

Pedagoga. Doutoranda em Linguística Aplicada Unicamp/UFMS e mestre em Linguística pela Ufsc. Escritora surda. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Stéfani Martins Pereira

Psicóloga. Mestra em Psicologia Institucional (Ufes). Atua em consultório particular em Aracruz-ES.

Stephania Mendes Demarchi

Enfermeira. Doutoranda em Saúde Coletiva pela Ufes. Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc).

Thainá Pacheco Moreira Barbosa

Advogada. Especialista em Direito Público pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG). Assessora de Estado da Secretaria de Educação do Espírito Santo.

Thaís Gusmão Lima

Estudante de Terapia Ocupacional na Ufes. Poetisa.

Yumi

Cantora brasileira que sempre teve a música presente em sua vida desde a infância. Começou por estudar piano erudito e popular, mas encontrou no Rock a forma de expressar toda a sua fúria sonora.

Yvie Cristhine Sarmento Silva dos Santos

Bacharel em Serviço Social pela Faculdade Zacarias de Góes (2020). Faz parte do GEA Ufes, desde junho de 2020. Colaboradora do coletivo assistencial Dudendê.

SOBRE A MULHER-ILUSTRADORA

Raphaela Denin Rocha Marques

Designer formada na Ufes. Pós-graduada em Marketing pela FGV. Mãe de três em uma constante luta contra o patriarcado.

SOBRE AS MULHERES-ORGANIZADORAS

Temos certeza de que as cartas afetaram de algum modo. Para quem deseja fazer contato com alguma das autoras, é só enviar e-mail para as organizadoras do livro. Nós estaremos afirmativamente com disponibilidade para todes!

Luziane de Assis Ruela Siqueira

Psicóloga. Doutora em Educação pelo PPGE/UFES e mestre em Psicologia Institucional pelo PPGPSI/Ufes. Professora adjunta II do Departamento de Psicologia da Ufes e professora permanente do PPGPSI/Ufes. Grupo de Pesquisa Conectus/PPGPSI/Ufes e Grupo de Estudos Infâmias Resistências. Pesquisa políticas públicas, juventudes, medidas socioeducativas, narrativas, feminismos, epistemologias outras. Contato: luzianesiq@gmail.com

Maria Angélica Carvalho Andrade

Médica. Doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública ENSP/Fiocruz e mestre em Psicologia Social pela Ufes. Professora adjunta do Departamento de Medicina Social e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Ufes. Membro do Núcleo de Pesquisa em Política, Gestão e Avaliação em Saúde Coletiva (Nupgasc). Contato: gelibrade@gmail.com

Gilead Marchezi Tavares

Psicóloga. Pós-Doutora pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa e doutora em Psicologia pelo PPGP/Ufes. Professora Titular do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Ufes. Grupo de Pesquisa Conectus/PPGPSI/Ufes. Pesquisa práticas educacionais e performativas, processos de aprendizagem e de subjetivação, educação somática, práticas corporais, outras. Contato: gileadmt.2014@gmail.com

